



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências

Campus de Bauru

Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

Fabiana Aparecida Hencklein

**A interação social dentro de uma escola com perspectivas inclusivas: análise
do ensino de Ciências para alunos Surdos**

Bauru

2016

Fabiana Aparecida Hencklein

**A interação social dentro de uma escola com perspectivas inclusivas: análise
do ensino de ciências para alunos surdos**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, campus de Bauru, junto ao programa de Pós-
Graduação em Educação para a Ciência como
requisito à obtenção do título de Doutora em
Educação para a Ciência (área de concentração:
Ensino de Ciências) sob orientação do Prof. Dr. Eder
Pires de Camargo

Bauru

2016

H404i	Hencklein, Fabiana Aparecida A interação social dentro de uma escola com perspectivas inclusivas: análise do ensino de Ciências para alunos Surdos / Fabiana Aparecida Hencklein. -- Bauru, 2016 247 p. : tabs. + 1 CD-ROM Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientador: Eder Pires de Camargo 1. Teoria Histórico-Cultural. 2. Gêneros Discursivos. 3. Inclusão Escolar. 4. Surdez. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE FABIANA APARECIDA HENCKLEIN, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS.

Aos 02 dias do mês de setembro do ano de 2016, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. EDER PIRES DE CAMARGO - Orientador(a) do(a) Departamento de Física e Química / Faculdade de Engenharia - UNESP/Ilha Solteira, Prof. Dr. ESTÉFANO VIZCONDE VERASZTO do(a) Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Prof. Dr. DANIEL FERNANDO BOVOLENTA OVIGLI do(a) Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias / Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Dra. ELIANA MARQUES ZANATA do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, Profa. Dra. SILVIA REGINA QUIJADAS ARO ZULIANI do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de FABIANA APARECIDA HENCKLEIN, intitulada **A INTERAÇÃO SOCIAL DENTRO DE UMA ESCOLA COM PERSPECTIVAS INCLUSIVAS: ANÁLISE DO ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ALUNOS SURDOS**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. EDER PIRES DE CAMARGO

Prof. Dr. ESTÉFANO VIZCONDE VERASZTO

Prof. Dr. DANIEL FERNANDO BOVOLENTA OVIGLI

Dra. ELIANA MARQUES ZANATA

Profa. Dra. SILVIA REGINA QUIJADAS ARO ZULIANI

Dedico este trabalho a todos os profissionais da educação que de alguma forma lutam por uma escola verdadeiramente inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma me auxiliaram na realização deste trabalho.

Agradeço a minha mãe, que me inspira sempre a lutar por tornar-me melhor a cada dia e também a meu pai, que me incentivou a ser corajosa, mesmo quando o mundo a nossa volta parece desmoronar. Agradeço também a minha irmã, pelo carinho e dedicação que dedica a nossa família e a meu irmão pelos momentos de descontração.

Agradeço a meu orientador Prof. Dr. Eder Pires de Camargo, por ser essa pessoa tão inspiradora e um ser humano admirável, que me ensinou em todos os momentos, inclusive como ser uma melhor pesquisadora.

Agradeço a pós-graduação em Educação para Ciência, representada por seus excelentes profissionais, entre eles professores que me ensinaram a compreender como fazer pesquisa em Educação e também a como ser uma melhor professora e, também agradeço ao pessoal da secretaria, que me ajudaram não só com as particularidades burocráticas, mas também com incentivos a continuar da melhor forma possível. Vocês nem sabem a transformação que fizeram em mim!

Agradeço aos profissionais e estudantes da escola em que constitui os dados da pesquisa, local onde aprendi muito sobre educação.

Agradeço a amiga Vanessa Pedrancini, pois sem você talvez não tivesse entrado em contato com essa área maravilhosa.

Agradeço também aos meus amigos de Mundo Novo: da UEMS, universidade onde meus questionamentos e convicções sobre educação se consolidaram e onde aprendi a me apaixonar ainda mais por lecionar e, da cidade, onde constitui amizades para a vida toda.

Agradeço aos velhos amigos, aqueles que conheço a tempos, pela tolerância e indulgência que tiveram comigo, pois sei que muitas vezes me fiz pessoa intratável, mas vocês me mostraram que o amor verdadeiro é maior do que esses momentos.

Agradeço aos novos amigos que esse doutorado me trouxe, meus queridos, mais do que tudo, sem vocês, essa tese não teria graça nenhuma, pois compartilhamos risadas, conhecimentos, dúvidas, lágrimas, angústias e muita compaixão. Tomara que nos encontremos em muitos eventos por aí, saibam que sempre podem contar comigo!

Agradeço ao grupo de pesquisa ENCINE, aqueles que já passaram e seguem sua caminhada e que me ensinaram muito e também aqueles que chegam agora, deixo a mensagem da importância de se ter um grupo de pesquisa em que se possa ter liberdade e, cuja gestão seja realmente democrática, porque é isso que o grupo ENCINE é, um grupo de pesquisa democrático, por isso participem. Pretendo continuar minha ligação a esse grupo enquanto desejarem minha permanência.

Agradeço ao Grupo Espírita da Prece Maria de Narazeth, pois o aprendizado religioso que obtive com as companheiras e companheiros desse lugar me auxilia a encarar cada conjuntura com toda dedicação necessária antes de iniciar uma nova situação.

Agradeço a Marcela Satow, velha amiga, pois sem você, talvez não estaria aqui escrevendo esses agradecimentos.

Agradeço a meu parceiro de vida, amigo e companheiro, que estejamos somente no início de nossa jornada juntos.

A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana (VIGOTSKI, 2010, p. 486).

HENCKLEIN, F. A., **A INTERAÇÃO SOCIAL DENTRO DE UMA ESCOLA COM PERSPECTIVAS INCLUSIVAS: ANÁLISE DO ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ALUNOS SURDOS**, 2016. 247f. TESE (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2016.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo investigar as conjunturas que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social entre atores (alunos e profissionais da educação) e setores (administrativo e pedagógico) em uma escola pública de anos finais do ensino fundamental que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos surdos e ouvintes, tendo, portanto, perspectivas inclusivas. Além disso, mais do que buscar novas estratégias de aprendizagem, a área de ensino de Ciências necessita compreender também conceitos de deficiência, cultura Surda, inclusão escolar e educação especial. Assim, a pesquisa pautou-se na teoria histórico-cultural vigotskiana, a qual considera que o pensamento e a linguagem se formam por conexões condicionadas socialmente e que para uma aprendizagem efetiva é fundamental uma colaboração organizada entre professor e aluno e, para uma análise dos discursos o trabalho orientou-se pela teoria da enunciação e dos gêneros discursivos de Bakhtin e o círculo, buscando compreender como se dá a relação de sentido entre os enunciados das esferas de ação estudadas na escola, os gêneros de discurso, pois tudo que se diz, é dito a outrem e, portanto, os discursos estão repletos de conceitos relacionados as conjunturas vividas na instituição. A investigação é qualitativa, pois procurou averiguar no processo as características das realidades sociais presentes na escola, onde se fez entrevistas semiestruturadas com nove profissionais da educação, pertencentes a quatro esferas de ação, sendo eles: duas professoras da sala regular (Ciências), três professoras da equipe de gestão (diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica do ensino fundamental), dois professores da sala de recursos e duas intérpretes de Libras-Língua Portuguesa. Realizou-se um enquadramento contextual de cada resposta as perguntas realizadas para todos os entrevistados no qual considerou-se sua unidade temática, sua propriedade funcional e seu plano composicional, avaliando-se depois as possibilidades e dificuldades apresentadas por cada grupo de entrevistados, além das semelhanças e divergências em seus discursos. Um fato apresentado por todas as esferas sociais estudadas foi a falta de conhecimento da Libras pela maioria dos profissionais da educação presentes na escola, embora todos considerem importante entendê-la pela presença do aluno Surdo na instituição, assim, quase toda interação social com esse aluno fica atrelada a presença ou do intérprete ou de um professor da sala de recursos. No entanto oportunidades de aprendizagem da Libras são oferecidas de diferentes maneiras, como: o Coral de Libras, curso oferecido por aluno Surdo a alunos e professores, além da convivência com o intérprete. Assim considera-se que o fato de se incentivar a aprendizagem de Libras tem estimulado a interação social entre os sujeitos e, isso pode auxiliar a aprendizagem dos alunos Surdos, mesmo que nem todos sejam usuários da língua de sinais, portanto, os conflitos constantes na escola talvez possam se transformar na característica que possibilita a comunicação.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural. Gêneros de Discursivos. Inclusão Escolar. Surdez.

HENCKLEIN, F. A., **SOCIAL INTERACTION INSIDE A SCHOOL WITH INCLUSIVE PERSPECTIVE: SCIENCE TEACHING ANALYSIS FOR DEAF STUDENTS**, 2016, 247f. THESIS (PhD in Science Education). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2016.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the situations that enable and hinder the establishment of social interaction between actors (students and education professionals) and sectors (administrative and teaching) in a public school in the final years of elementary school aimed to access scientific content for deaf and listeners students, and, therefore, has inclusive perspectives. In addition, more than seeking new learning strategies the science teaching area also need to understand concepts of disability, deaf culture, school inclusion and special education. Thus, the Vygotsky's cultural-historical theory marked the research, which considers that thought and language are formed by socially conditioned connections and organized cooperation between teacher and student is fundamental for effective learning and for an analysis of speeches the work was guided by the theory of enunciation and speech genres of Bakhtin and the circle, trying to understand how is the sense of relationship between the statements of the action's spheres studied in school, the speech genres, because everything that is said, is said to others and therefore, the speeches are full of concepts related to the situations experienced in the institution. The research is qualitative, because it sought to examine the characteristics in the process of the social realities present in the school, where semi-structured interviews were made with nine professional education, belonging to four spheres of action, that were: two teachers of the regular room (Science), three management team of teachers (director, vice director, educational coordinator of elementary school), two teachers from the resource room and two interpreters of Libras-Portuguese. We conducted a contextual framework of each answer of the questions asked to all respondents in which it was considered a thematic unit, functional property and its compositional plan, and after we evaluated the possibilities and difficulties presented by each group of respondents, and the similarities and differences in their speeches. All the social spheres studied said that was lack of knowledge of Libras by most of the professional education presentes at school, although they consider important to understand it, because of the Deaf students presents in the institution, so almost every social interaction with these students is linked to the presence or the interpreter or a teacher from the resource room. However opportunities for learning Libras were offered in different ways, such as: the Coral, the course offered by a deaf student for students and teachers, as well as the living with the interpreter. Thus it is considered that the fact of encouraging the Libras's learning has stimulated the social interaction between the subjects and it can aid learning of the deaf students, even if not all were users of sign language, so the constant conflicts at school maybe can turn the feature that allows communication.

Key-words: Historical-Cultural Theory. Discursive Genres. School Inclusion. Deafness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – Resumo dos textos e documentos a respeito de pessoas com deficiência, com enfoque na Surdez, tratados no trabalho	30
Quadro 4.1 Trabalhos que continham os descritores “Ensino de ciências” e “surdo” em sua discussão (entre 2012 a fevereiro de 2015)	44
Quadro 4.2 – Pesquisas consideradas “estado da arte”	45
Quadro 4.3 – Trabalhos apresentados no ENPEC e em Revistas para o período de 2001 a 2012	46
Quadro 4.4 – Principais contribuições e dificuldades encontradas no artigo de Ferreira et al 2014)	48
Quadro 4.5 – Principais temáticas abordadas pelos trabalhos científicos encontrados nas pesquisas (período 2012 a 2015)	48
Quadro 7.1 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelas professoras da sala regular (Prof. 1 e Prof. 2)	72
Quadro 7.2 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo, apresentadas pelas professoras responsáveis pela gestão escolar (Prof. 3, Prof. 4 e Prof. 5)	77
Quadro 7.3 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelos professores das salas de recursos (Prof. 6 e Prof. 7)	83
Quadro 7.4 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelas Intérpretes Libras-Língua Portuguesa (Inter. 1 e Inter. 2)	89
Quadro 7.5 – Semelhanças e divergências entre as esferas de ação (professoras da sala regular, professoras responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa), quanto a possibilidade de interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo	94
Quadro 7.6 – Semelhanças e divergências entre as esferas de ação (professoras da sala regular, professoras responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa), quanto a dificuldade de interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo	100

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado
ATPC - Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
CAPE – Centro de Apoio Pedagógico Especializado
CBE – Câmara de Educação Básica
CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
CNE – Conselho Nacional de Educação
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
ENCINE - Ensino de Ciências e Inclusão Escolar
ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
EPEF - Encontro de Pesquisa em Ensino de Física
FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IISM – Instituto Imperial de Surdos Mudos
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
INSM – Instituto Nacional de Surdos Mudos
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
Libras – Língua brasileira de sinais
MEC – Ministério da Educação
ONU – Organização das Nações Unidas
PAEE – Público-Alvo da Educação Especial
PNE – Plano Nacional de Educação
SAPE – Serviço de Apoio Pedagógico Especializado
SE – Secretaria de Educação (estado de São Paulo)
SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade
Secadi - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SNEF - Simpósio Nacional de Ensino de Física

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Apresentação	13
1.2 A pesquisa	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.1.1 Objetivos Específicos	18
2 EDUCAÇÃO DE SURDOS	19
3 INCLUSÃO ESCOLAR	36
4 ENSINO DE CIÊNCIAS PARA SURDOS	43
5. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	51
5.1 Teoria histórico-cultural	51
5.2 Teoria dialógica da linguagem e a interação social (Teoria da enunciação e dos gêneros discursivos)	56
6. METODOLOGIA	62
6.1 A Pesquisa Qualitativa	62
6.2 Local de Pesquisa	63
6.3 Sujeitos da pesquisa	64
6.4 Metodologia da análise de dados	68
7 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	71
7.1 Aspectos que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social	71
7.1.1 Professoras da sala regular	71
7.1.2 Responsáveis pela gestão escolar	75
7.1.3 Professores das salas de recursos	81
7.1.4 Intérpretes de Libras-Língua Portuguesa	88
7.2 - Semelhanças e divergências entre as esferas sociais (Professoras da sala regular, responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa)	93
8 ANÁLISE DOS DADOS APRESENTADOS	105
8.1 Papéis desempenhados pelos profissionais da educação da instituição na comunicação de conceitos científicos	105

8.2 Papel das intérpretes de Libras-Língua Portuguesa, dos professores da sala de recursos e das Professoras de Ciências na comunicação dos indivíduos Surdos com os sujeitos ouvintes presentes em sala de aula e as relações sociais entre os alunos ouvintes e Surdos	108
8.3 Interpretação da conjuntura geral	109
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A - Produção científica encontrada no ano de 2012	119
APÊNDICE B - Produção científica encontrada no ano de 2013.	120
APÊNDICE C - Produção científica encontrada no ano de 2014 e 2015.	122
APÊNDICE D - Roteiro das entrevistas com os profissionais da educação	123
APÊNDICE E - Enquadramento dos enunciados da Professora 1, separados por assunto.	124
APÊNDICE F - Enquadramento dos enunciados da Professora 2, separados por assunto.	129
APÊNDICE G - Enquadramento dos enunciados da Professora 3, separados por assunto.	146
APÊNDICE H - Enquadramento dos enunciados da Professora 4, separados por assunto.	163
APÊNDICE I - Enquadramento dos enunciados da Professora 5, separados por assunto	184
APÊNDICE J - Enquadramento dos enunciados da Professor 6, separados por assunto	202
APÊNDICE K - Enquadramento dos enunciados da Professor 7, separados por assunto	214
APÊNDICE L - Enquadramento dos enunciados da Intérprete 1, separados por assunto	231
APÊNDICE M - Enquadramento dos enunciados da Intérprete 2, separados por assunto.	240

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O presente trabalho originou-se de uma inquietação da própria autora, pois minha mãe tem deficiência auditiva e necessita de um aparelho auditivo para colaborar com o processo de compreensão do mundo a sua volta. No entanto, ainda encontra dificuldade em se relacionar com o mundo. Mas a despeito de todos os contratempos que enfrentou e ainda enfrenta, sempre encarou os desafios de querer aprender, mesmo com dificuldade e, tendo que encontrar vias alternativas para chegar onde gostaria. Nunca a vi desistir.

Após formar-me e atuando como Professora de Ciências e Biologia acabei iniciando um mestrado em Microbiologia, que ocorreu sem muito questionamento, pois já realizava estágio no departamento junto ao qual a pós-graduação estava estabelecida. Entretanto, o meu desassossego somente cresceu e, entendendo-me como Professora, ainda queria poder ajudar aqueles que, como minha mãe, tinham deficiência auditiva e, embora quisessem aprender, encontravam muita dificuldade em conseguir.

Por esse motivo, minha busca iniciou-se nas leituras que fiz, enquanto Professora temporária em escolas e universidades. O caminho rumo a inclusão escolar começou a aparecer e os textos levavam-me a refletir sobre os motivos de não ter encontrado o tema nas disciplinas em que realizei durante a graduação. Afinal teria sido menos inquietante se pudesse saber a respeito da aprendizagem de sujeitos, que como minha mãe tinham alguma deficiência, mas isso não os fazia diferentes daqueles que podiam ver, ouvir, pensar ou andar sem dificuldade. Talvez fosse uma Professora mais preparada para lidar com situações como ter em minha sala de aula um aluno Surdo que usa a língua de sinais para se comunicar com o mundo.

Em decorrência dessas perturbações em meu íntimo e nas conversas com colegas, surge a possibilidade de conhecer o professor Eder Pires de Camargo, um profissional que poderia orientar-me nesse caminho novo que havia encontrado e, possivelmente auxiliar-me a amenizar as minhas inquietações apresentando-me a

área da inclusão escolar. Com a aprovação na seleção e o aceite da orientação iniciou-se a caminhada no ano de 2012.

O percurso foi penoso, não por falta de auxílio, mas porque minha compreensão das teorias educativas e sociais era bem superficial. Os motivos são claros, pois minha formação científica baseava-se quase exclusivamente, e isso descobri depois, nos conceitos positivistas e senti muita falta de não ter aproveitado melhor as aulas de filosofia da ciência durante a graduação. Sendo assim, precisei reaprender a ciência, buscando compreendê-la com outros sentidos e escolher os “óculos” que melhor me auxiliariam a explicar a realidade.

Sabia que as explicações deveriam ter um matiz crítico e, as primeiras leituras foram de autores da teoria crítica da escola de Frankfurt, como Habermas e Horkheimer. Se eu já tinha dificuldade em compreender o que significava o método para as ciências sociais, mal entendi o assunto sobre o qual esses autores falavam, porém após certo tempo, a clareza se fez e, decidimos, eu e professor Eder, nos embrenharmos por outros caminhos, porque esse não poderia responder as inquietações que possuía.

No fim de 2012, após algumas disciplinas realizadas na pós-graduação, alguns encontros com o grupo de pesquisa e, também aulas de metodologia de ensino ministradas como Professora bolsista didático, dispus de um material considerável e rico para meu estudo e, dessa maneira consegui esclarecer melhor o objeto para o meu estudo e o problema cuja resposta queria investigar. Assim, após o estabelecimento do grupo de pesquisa ENCINE, no interior do qual as discussões são democráticas e livres, pude submeter meu projeto de pesquisa a uma primeira apreciação de meus colegas de grupo. Durante as discussões dentro do grupo de pesquisa, percebemos que o melhor referencial para respondermos as inquietações seria a teoria histórico-cultural, a qual o grupo já fazia um estudo, utilizando o livro “A construção do pensamento e da linguagem” de L. S. Vigotski como principal via de acesso a essa teoria.

Com o tema já delimitado, a inclusão escolar de Surdos e, o método histórico-cultural sendo estudado e discutido, a formulação do problema a ser investigado foi realizada em conjunto com todo o grupo que sugeriu acréscimos e modificações, além

de estimular a reflexão sobre as diversas possibilidades de argumentações contrárias, fortalecendo assim a consistência e a coerência da investigação.

No início de 2013, tive a oportunidade de adentrar pela primeira vez na escola, objeto de estudo e de conviver com os sujeitos da pesquisa. Os primeiros contatos foram conflituosos, pois a presença de alguém desconhecido ao sistema causa certo desconforto, mas consegui de certa forma inserir-me na instituição com o auxílio indireto de pesquisadores do ENCINE que já haviam realizado sua pesquisa nesta escola. Assim, já devidamente apresentada aos sujeitos da pesquisa, participei de diversas aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPC), conversas em sala de professores e em corredores, auxiliei na elaboração de alguns projetos internos da escola e também apresentei pequenas palestras sobre temas escolhidos pelas coordenadoras. Inclusive, tornei-me mais próxima de uma das coordenadoras, que agora participa de meus círculos íntimos como amiga.

Desta forma, logo após a entrada na escola, com o tema, o método e o problema já estabelecidos, pude pensar nos objetivos e nas técnicas de constituição de dados e, novamente as discussões no grupo de pesquisa ENCINE auxiliaram-me, além dos livros sobre metodologia que me foram indicados por professores da pós-graduação.

Logo, esse trabalho é o primeiro fruto de uma longa caminhada que está sendo trilhada com muito esforço e dedicação, buscando uma transformação em minhas próprias concepções de realidade, portanto, acredito que a pesquisa se justifique pelo entendimento da necessidade em compreender o que significa ensinar os conteúdos científicos para um completo desenvolvimento dos sujeitos e que estabelecer uma relação de sentido para todos é o papel histórico e social da escola.

Desta forma, essa pesquisa buscou compreender que aspectos possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação em uma escola que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos. Assim, se na instrução de Surdos a Libras é fundamental e sem acesso a esta no ensino formal, o aluno Surdo fica prejudicado, pode-se supor que, no caso das Ciências, com seu ensino enfatizado nos anos finais do ensino fundamental, a situação torna-se ainda mais complexa, pois há pouco tempo de trabalho.

Uma discussão sobre a questão de pesquisa, a hipótese e os objetivos são apresentados na seção 1.2.

No capítulo 2 apresenta-se a educação de Surdos em um viés histórico, buscando apresentar como esses indivíduos foram educados desde o início da idade moderna até a contemporaneidade, abordando-se também a legislação sobre a educação de Surdos no Brasil e a necessidade da inserção de um novo profissional dentro da escola e da sala de aula, o intérprete de Libras-Língua Portuguesa.

A inclusão escolar do aluno Surdo é o tema do capítulo 3, no qual apresenta-se uma visão teórica e também estatística desse assunto para se compreender sob que circunstâncias e qual a situação em que essa questão está posta.

Um recorte do ensino de Ciências para Surdos encontrado nas principais revistas, eventos e trabalhos acadêmicos, que abordam o tema pode ser encontrado no capítulo 4.

Já no capítulo 5 apresenta-se os dois principais referenciais teóricos e metodológicos que atravessam toda a investigação, são eles Vigotski, Bakhtin e seus colaboradores.

O capítulo 6 trata da metodologia da pesquisa, com uma apresentação sobre a pesquisa qualitativa e suas nuances, além de detalhamento sobre o local de pesquisa os sujeitos de pesquisa com comentários sobre a organização da escola e de sua equipe e as conjunturas em que se localizam os Surdos nesta instituição. Além disso também é apresentada a metodologia de análise de dados que foi baseada na teoria da enunciação e dos gêneros discursivos de Bakhtin e seu círculo.

No capítulo 7 encontra-se a análise dos dados da resultados da pesquisa – síntese da coleta, no qual pode-se observar um maior detalhamento das entrevistas com os sujeitos da pesquisa que foram separados em quatro grupos para uma melhor compreensão de seu papel na interação social e no acesso aos conhecimentos científicos para os Surdos.

A discussão, presente no capítulo 8, busca uma análise interpretativa dos dados, se aprofundando nos papéis dos sujeitos e dos grupos na interação social da escola e completando com uma síntese das conjunturas encontradas.

O capítulo 9 apresenta as considerações finais, buscando apontar as possíveis condutas e práticas que auxiliariam na constituição de uma escola inclusiva.

Assim, o texto busca seguir com argumentações que visam compreender a possibilidade do acesso aos conteúdos científicos para Surdos na escola regular.

1.2 A pesquisa

Diante da compreensão da importância dos conteúdos científicos na aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos, do entendimento de que a escola tem papel primordial na instrução de conceitos mais elaborados e, que para se estabelecer uma relação dialógica é necessário existir uma relação de sentido (social e histórico), elaborou-se a seguinte questão de pesquisa:

Quais os aspectos que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social entre alunos (surdos e ouvintes) e profissionais da educação em uma escola que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos surdos?

Após uma observação prévia da instituição e discussões no grupo de pesquisa, pode-se perceber diversas possibilidades e dificuldades presentes nesta escola, principalmente com relação a participação dos alunos Surdos na interação social dentro do coletivo escolar.

A hipótese é de que parece que há uma contradição enfrentada pela escola, onde os alunos Surdos encontram uma boa inserção social, relacionando-se relativamente bem com os alunos ouvintes e os demais profissionais da educação partícipes da interação social, porém a relação de significado fica prejudicada na relação dialógica, pois os alunos Surdos e a maioria dos indivíduos ouvintes não falam a mesma língua.

Assim, com a questão de pesquisa e a hipótese já formadas, conseguiu-se elaborar o objetivo a ser atingido por meio da investigação.

1.2.1 Objetivo Geral

A compreensão de que só se adquiri um conceito formal e científico a partir de uma língua e que, os Surdos necessitam se comunicar e interagir em língua de sinais para aprender os conteúdos curriculares, elaborou-se o objetivo geral da pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa é investigar as conjunturas existentes entre atores (alunos e profissionais da educação) e setores (administrativo e pedagógico) de uma escola pública de anos finais do ensino fundamental que tem por objetivo possibilitar

o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos e ouvintes, tendo, portanto, perspectivas inclusivas.

1.2.1.1 Objetivos Específicos

Em face do objetivo geral, procurar investigar as conjunturas existentes entre atores (alunos e profissionais da educação) e setores (administrativo e pedagógico) de uma escola pública de anos finais do ensino fundamental que tem por objetivo possibilitar o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos e ouvintes, tendo, portanto, perspectivas inclusivas, delimitou-se passos a serem seguidos com o intuito de responder a questão problema e corroborar a hipótese apresentada.

Desta forma, enuncia-se abaixo os objetivos específicos do presente trabalho:

- Reconhecer os papéis desempenhados pelos profissionais da educação da instituição estudada na comunicação de conceitos científicos.

- Analisar o papel do intérprete de Libras-Língua Portuguesa, dos professores da sala de recursos e das Professoras de Ciências na comunicação entre Surdos e ouvintes presentes em sala de aula.

- Descrever as relações sociais entre os alunos ouvintes e Surdos presentes na sala de aula.

- Definir as relações comunicativas entre professor, intérprete de Libras-Língua Portuguesa, alunos Surdos e alunos ouvintes.

2 EDUCAÇÃO DE SURDOS

A educação de Surdos tem sua história contada por muitos autores, sendo assim, aqui faremos apenas uma pequena compilação de textos, buscando entender um pouco de como esse tema intrigou pesquisadores e educadores.

Durante muito tempo os Surdos foram considerados incapazes por não terem como expressar suas ideias, já que eram considerados mudos¹ e, portanto, difíceis de educar (SOARES, 1999). Em seu livro “O espírito das leis”, Montesquieu escreve sobre a considerada incapacidade dos surdos para fazer ou participar de testamentos na época do Império Romano

O surdo, o mudo e o pródigo não podiam fazer testamento: o surdo, porque não podia ouvir as palavras do comprador da família; o mudo, porque não podia pronunciar os termos da nomeação; o pródigo, porque toda gestão de negócios era-lhe proibida, e assim ele não podia vender sua família. [...] (MONTESQUIEU, 1996, p. 530)

Segundo Soares (1999) no início da Idade Moderna, a religião e a medicina voltaram seus olhares para os Surdos, seja porque a anomalia orgânica inspirasse piedade e auxiliar fazia parte das normas religiosas, ou porque a deficiência em si torna-se um desafio a ser melhor compreendido pela ciência médica.

No entanto, Gerolamo Cardano (1501-1576), mediante estudos da fisiologia da condução óssea do som, percebeu que “[...] a escrita poderia representar os sons da fala ou representar ideias do pensamento e, por isso, a mudez não se constituía em impedimento para que o surdo adquirisse conhecimento” (SOARES, 1999, p. 17).

Sendo assim, a escrita poderia cumprir um papel comunicativo e, desta forma, talvez os Surdos pudessem ter uma maior participação social. No entanto, a escrita necessita de intencionalidade e de um maior desenvolvimento da consciência, algo somente alcançado mediante a instrução deliberada.

Desta forma, a educação de surdos, na época de Cardano, se viu restrita a uma pequena parcela da população, somente àqueles que possuíam uma renda capaz de pagar por uma educação feita por preceptores, afinal o filho surdo deveria ter alguns conhecimentos para receber e administrar os bens da

¹ Mudez: comprometimento dos órgãos fonadores; Surdez: comprometimento auditivo, termo que não é mais utilizado nos dias atuais.

família (SILVA, 2006).

Na segunda metade do século XVIII um movimento liderado pelo Abade L'Epée, na França, passa a chamar a atenção de educadores e religiosos e, muitas escolas de mesmo modelo são fundadas na Europa e Estados Unidos. A metodologia do Abade consistia em utilizar as línguas de sinais locais conjuntamente com recursos visuais como apoio para uma pedagogia especializada na educação de indivíduos Surdos (LULKIN, 2010).

L'Epée, um ouvinte, havia criado junto com Surdos a primeira Escola Pública para Surdos em Paris

No convívio com os surdos, o abade L'Epée percebe que os gestos cumpriam as mesmas funções das línguas faladas e, portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre eles. E assim inicia-se o processo de reconhecimento da língua de sinais. Não apenas em discursos, mas em práticas metodológicas desenvolvidas por ele na primeira Escola Pública para Surdos em Paris. Além disso, para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois essa era a forma natural que possuíam para expressar suas idéias. A língua utilizada no processo educativo era a de sinais. É interessante realçar que, nessa época, a educação de surdos tinha os mesmos objetivos que a educação dos ouvintes, ou seja, o acesso à leitura. Para o abade, a comunicação em sala de aula se efetivava graças ao domínio que ambos, professores e alunos, tinham da língua de sinais. Portanto, não se justificava poucos alunos surdos nesse espaço, mas sim classes com a mesma arquitetura das escolas públicas para ouvintes. (SILVA, 2006, p. 23).

No entanto, em 1880 realiza-se, em Milão, o segundo Congresso Internacional de Surdos-Mudos, no qual os participantes decidem instituir o método oral puro como processo recomendado de ensino de língua para Surdos. Todos os eventos seguintes participantes dessa área seguiram a mesma linha de pensamento, entretanto

[...] nenhum deles demonstrou a preocupação em fazer com que o surdo pudesse adquirir a instrução, tal como era compreendida para os normais. Apesar dos diferentes pontos de vista, o saber escolar já começara a ter um significado mais relevante nas discussões a respeito da expansão do ensino para as camadas populares (SOARES, 1999, p. 35).

Ainda com relação ao método oral puro, Skliar (2015) aponta que essa sempre foi a ideologia dominante e ultrapassa os portões da escola.

Então, seria uma ingenuidade pensar que sua origem decorre de um decreto escrito em um momento preciso da história. Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, de 1880 – no qual os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada – não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas similares. Essa decisão já era aceita em grande parte do mundo inteiro. [...] o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial (SKLIAR, 2015, p. 16).

No Brasil o Instituto Imperial de Surdos Mudos (IISM), criado em 1857, com nome modificado para Instituto Nacional de Surdos Mudos (INSM)², recebeu influência francesa, pois já em 1862 o diretor que assume a instituição tem habilitação pelo Instituto de Paris. Segundo Sofiato e Reily (2011) a instituição atendia cerca de 13 alunos em 1870 e a população de surdos no Brasil, de acordo com recenseamento realizado em 1872, já contava com 11.595 indivíduos (IBGE, 1928), sendo assim parece que o INSM tinha ainda um atendimento deficitário. Em seu relatório de abril de 1874 o comissário do governo Manoel Francisco Corrêa comenta que o número de Surdos não era pequeno e lastima que o instituto seja tão pouco frequentado (CORRÊA, 1874), já que o INSM tinha financiamento privilegiado na época, pois estiveram ligados diretamente ao governo central até 1973 (JANUZZI, 2012).

O Brasil segue o instituído no congresso de Milão e busca ensinar os Surdos a falar, ler, escrever, fazer contas e realizar algumas orientações religiosas, mesmo fora do INSM, pois monges eram os principais responsáveis pela educação de Surdos que não estavam matriculados na instituição (JANUZZI, 2012). Embora, a vertente médico-pedagógica estivesse ligada ao ensino de surdos e sua educação voltada ao aprendizado da língua oral (falada), o referido instituto iniciou seus trabalhos com a utilização da língua de sinais e, mesmo após a proibição pelo congresso, os alunos Surdos continuavam a utilizá-la de forma oculta.

Com o uso da língua oral, a instrução do Surdo não poderia ultrapassar um conhecimento “necessário” para se viver em sociedade. Antônio Menezes Vieira e Tobias Rabelo Leite foram médicos brasileiros que atuaram na educação de Surdos durante o século XIX (Tobias Leite foi diretor do INSM até o ano de 1896, em que faleceu), e ambos concordavam que o ensino de Surdos deveria se ater a ensiná-los algo que pudesse ser útil.

² O INSM, torna-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pela lei no 3.198 de 6 de julho de 1957.

Tanto o Dr. Menezes Vieira quanto o Dr. Tobias Leite deixam claro nos seus Pareceres a expectativa que tinham em relação à educação dos surdos-mudos. Para o primeiro, falar e compreender a fala dos outros era mais necessário que aprender a escrever numa sociedade de analfabetos, pois, dessa maneira, teriam um instrumento mais eficaz para se relacionarem: a fala seria o “único meio de restituir o surdo-mudo a sociedade”. Para o Dr. Tobias Leite, a ênfase deveria ser dada no ensino profissional “não tanto porque os surdos aprendem facilmente, mas porque são fidelíssimos executores das instruções e ordens do patrão” (SOARES, 1999, p. 56).

Com isso, o Instituto inicia um patrocínio do ensino profissionalizante, e novamente o ensino curricular das matérias específicas, como as Ciências, fica em segundo plano, como afirmado por Souza (2008) o “ensino literário” não abrangia as ciências naturais, embora o relatório de Tobias Leite de 1874 dissesse que os Surdos que deixassem o instituto levariam noções de Ciências.

Neste momento deve-se considerar um esclarecimento sobre as diferentes ideias que se tem a respeito da surdez, portanto duas das principais percepções sobre a surdez serão apresentadas. Assim, a primeira e, mais antiga, é a concepção clínica-reabilitadora (ou médico-pedagógica como citado anteriormente), nessa linha de pensamento o indivíduo que não ouve tem uma perda auditiva, portanto é considerado deficiente auditivo. Nessa concepção a incapacidade de ouvir sons pode ser amenizada ou até mesmo corrigida com o uso de aparelhos de amplificação sonora, ou por prótese (aparelho auditivo digital), ou por órtese (implante coclear) e, após processos de habilitação e reabilitação auditiva o deficiente auditivo pode vir a se comunicar por via oral (oralização) e, assim ser integrado ao “mundo dos ouvintes” (ZANATA, 2004, p. 19)³. Diferentemente dessa concepção, a outra linha de pensamento, usa a definição de Surdo sendo entendido como partícipe de uma comunidade cultural específica minoritária, utilizando referenciais antropológicos e culturalistas. Os estudos culturais⁴ aliam os Surdos à uma educação específica para esses, visando compreendê-los dentro de um discurso em que sua condição linguística, social, comunitária e cultural seja considerada.

Assim, em nosso próprio cotidiano produzimos as maneiras como entendemos a surdez e para a transformação faz-se preciso dissolver as antigas concepções com relação ao Surdo.

³ Para maiores esclarecimentos sobre concepção clínica-reabilitadora sugere-se a leitura dos seguintes textos: Thoma e Klein, 2010; Moura, 2013; Beltrami e Moura, 2015 e Nogueira e Silva, 2008

⁴ Para compreender melhor a concepção antropológica e cultural sugere-se a leitura dos seguintes textos: Skliar, 2015; Lopes, 2011 e Bueno, 1998.

Rompendo com as interpretações e os usos fundados em bases clínicas e em bases que a declaram uma anormalidade, a surdez, vista como a presença de algo (e não a falta de algo), possibilita outras formas de significação e de representações de surdos. Tais representações podem colocar os surdos dentro de quadros e contextos sociais que acabam tomando, para si, traços identitários demarcados por diferenças culturais. Nesse caso, trata-se de traços que –diferentemente das representações médicas que demarcam a falta de audição – *frisam a surdez como a presença do olhar* (LOPES, 2011, p. 51-52, grifo da própria autora)

A educação de indivíduos Surdos está vinculada a uma crescente discussão sobre a participação plena das pessoas com deficiências na vida social. Assim, afim de se fazer uma breve compilação cronológica desse debate, coloca-se a seguir alguns textos e legislações sobre o tema, buscando expressar o contexto internacional, nacional e estadual sobre a deficiência e os Surdos.

No ano de 1975 a “Declaração Internacional dos direitos das pessoas com deficiência” foi aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), porém esse documento ainda não citava especificidades com relação às diversas deficiências e, portanto, ainda não havia indicações dos caminhos a seguir na educação das pessoas com deficiência.

Após as comemorações que aconteceram no ano de 1981, declarado pela ONU como “Ano internacional das pessoas deficientes”, a organização lança o “Programa de Ação Mundial para as pessoas com Deficiência”, que conta com a indicação de diversas medidas para se prevenir as deficiências e, também, oportunizar a essas pessoas com deficiência uma melhor qualidade de vida. No caso específico dos Surdos, esse documento apenas cita a provável utilização de equipamentos de comunicação para Surdos, no intuito de possibilitar a igualdade de oportunidades, na participação desses indivíduos na cultura local.

O Brasil não fica distante das discussões internacionais sobre o acesso educacional às pessoas com deficiência e, já na Constituição Brasileira de 1988, em seu capítulo II, seção 1 “da Educação”, artigo 208, inciso III estabelece a garantia e dever do estado com relação ao atendimento educacional especializado (AEE) aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. E em 1989 é sancionada a lei nº 7.853, que dispõe sobre diversos temas relativos a pessoas com deficiência, inclusive a inserção, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa

(BRASIL, 1989). Sendo assim, a partir desse momento os movimentos sociais que buscam a melhoria de vida de pessoas com deficiência tem bases legais para exigir leis que institucionalizariam suas rogativas, iniciando-se pela garantia do AEE, para crianças e adolescentes com deficiência presente no, Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] (BRASIL, 1990).

O tema da educação de pessoas com deficiência torna a ser foco das discussões internacionais na Declaração Mundial sobre Educação para Todos promulgada em Jomtien, no ano de 1990. Este documento afirma, o dever de uma educação básica proporcionando a todas as crianças, jovens e adultos, com e sem deficiência, as necessidades básicas de aprendizagem. Segundo o mesmo é preciso garantir medidas de igualdade de acesso, para esses indivíduos dentro do sistema educativo.

Sendo assim, em 1994 é realizada a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca, que gera a declaração “Princípios, políticas e Práticas na área das necessidades educativas especiais”. Essa declaração sugere, aos países signatários, a adoção de medidas que visem o desenvolvimento de estratégias no sentido de equalizar as oportunidades e, assim, proporcionar a participação de todos na educação. Dentro desse espírito, a declaração de Salamanca estimula a inclusão como política social, igualmente para o caso escolar, cujas experiências em vários países, segundo o documento, tem se mostrado positivas para alunos com deficiências (UNESCO, 1994). No que tange a educação de Surdos nesse momento a relevância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os Surdos é reconhecida e, propõe-se a determinação de políticas educacionais para que os Surdos tenham acesso à educação em sua língua nacional de sinais. Além disso a declaração ainda afirma que os Surdos e as pessoas surdo/cegas teriam sua educação mais adequadamente provida em escolas ou classes especiais, embora também se sugere unidades em escolas regulares.

Desta forma, quando foi promulgada a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)⁵, o AEE permaneceu como um direito e um dever do estado. A educação de pessoas com deficiência foi tratada de forma distinta no capítulo V, “Da Educação Especial” e a oferta feita preferencialmente na rede regular de ensino.

⁵ Esta lei foi posteriormente alterada pela lei nº 12.796/13 (BRASIL, 2013) e, no caso da modalidade citada, as modificações foram nas terminologias, pois atualmente o termo educandos com necessidades educacionais especiais foi substituído por “educandos com

Em 1999, na Guatemala, realizou-se a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as, na época denominadas: “Pessoas Portadoras de Deficiência”, que intencionou proporcionar a integração social, educacional e trabalhista das pessoas com deficiência.

No Brasil algo equivalente também ocorreu com a lei nº 7853 que foi regulamentada em 1999, pelo decreto nº 3.298, e que dispõe sobre a “Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência” (BRASIL, 1999) e em seu capítulo VII “Da Equiparação de Oportunidades”, seção II “Do Acesso à Educação” o referido documento dispõe sobre como deve ser realizado o atendimento à pessoa com deficiência, desde a educação infantil até o ensino superior, porém, no caso dos Surdos, esses são tratados apenas como possuidores de uma deficiência a ser mensurada pela perda bilateral, parcial ou total, em decibéis (dB), pela adoção do modelo clínico.

O estado de São Paulo, já no ano de 2000, a Secretaria da Educação (SE) sanciona a resolução nº 95, que regulamenta e especifica detalhes sobre o AEE, o qual é implementado mediante a criação do serviço de apoio pedagógico especializado (SAPE), cujo atendimento é feito com professor especializado na área de deficiência e também sobre situações a serem encaradas pelas escolas no tocante a Educação Especial, seguindo o disposto na Constituição Federal, na LDB e no ECA.

Em 2001, a lei nº 10.172 aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), que entre diversos objetivos e metas para a modalidade Educação Especial, tem como propósito implantar e generalizar o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para os alunos surdos, para seus familiares e para o pessoal da unidade escolar (UNESCO, 2001). Assim sendo, pode-se considerar uma primeira vitória para a comunidade surda, já que a legislação anterior não considerava a Libras como uma língua a ser ensinada no sistema regular de ensino. Após seis anos da declaração de Salamanca, em que a língua de sinais é destacada como uma importante via de aprendizagem para o Surdo, pode-se verificar a busca da institucionalização do ensino de uma língua de sinais brasileira.

deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”, pois a Constituição Federal de 1988 referia-se somente aos estudantes com deficiência, situação ampliada para todos os estudantes com necessidades educacionais especiais, ou seja, educandos com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, que são o público-alvo da educação especial (PAEE).

No mesmo tom, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) também destacam as condições específicas em que se encontram os Surdos, e a relevância dos sistemas de ensino organizarem-se para que as escolas possam receber esses alunos oferecendo circunstâncias favoráveis ao aprendizado da Libras. E, no estado de São Paulo, em 2001, aprova-se a lei nº. 10.958/01 que reconhece a Libras com língua oficial dos Surdos, fato que somente se expande para o âmbito federal em 2002 com a lei nº. 10.436/02, regulamentada somente em 2005 pelo decreto nº. 5.626/05, o qual reconhece a Libras como uma língua, com isso, pode-se exigir a formação de professores, intérpretes e tradutores na referida língua, garantindo o acesso dos Surdos à educação e, conseqüentemente, a uma melhor qualidade de vida.

Em São Paulo, em 2002, na resolução SE nº 61, resolve-se ainda sobre o Programa de Inclusão Escolar de alunos com deficiência, neste caso com enfoque para os deficientes visuais.

Seguindo o tema, em 2004, o Ministério da Educação (MEC) implementa o Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, visando desenvolver no país sistemas educacionais inclusivos e, assim garantir o acesso e permanência de alunos com deficiência (BRASIL, 2005).

Na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, realizada em 2007 e regulamentada no Brasil pelo Decreto nº. 6.949/09 (BRASIL, 2009), nota-se a atenção dada aos Surdos, quando leva-se em consideração sua identidade cultural e linguística, devendo estas serem reconhecidas e apoiadas. A mesma situação ocorrendo na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva quando se considera que devido “[...] à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular” (BRASIL, 2008, p. 17)

Com a mesma perspectiva, no Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, regulamentado pelo decreto nº 6.094/07 (BRASIL, 2007b) e também no Plano de Desenvolvimento da Educação ressalta-se a importância do fortalecimento da inclusão educacional de alunos com deficiência.

Em 2007, no estado de São Paulo, a resolução SE nº 32/07 defini que à Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) caberá coordenar as

ações necessárias à formação continuada de profissionais da rede estadual de ensino e, compete ao Centro de Apoio Pedagógico Especializado (CAPE) as atividades de apoio especializado referente ao Programa de Inclusão Escolar, e, em 2008 a Resolução SE nº 11/08 esclarece a localização e situação das salas SAPE e a SE nº 86/08 dispõe sobre ações, diretrizes e procedimentos para o atendimento de alunos com deficiência. Uma característica nos documentos anteriormente citados é a menção de alunos com transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação já na Resolução SE nº 11 de 31 de novembro de 2008, sendo que nos outros documentos citados, mesmo no âmbito federal, não se incluem esses estudantes.

A busca por assegurar condições, que aproximem os alunos público-alvo da educação especial (PAEE⁶), pode ser observada no parecer nº 13 e na resolução nº 4 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/ Câmara de Educação Básica, ambos homologados em 2009, pois os documentos buscam estabelecer diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. As notas técnicas da secretaria de Educação Especial nº 9 e nº11, promulgadas em 2010, orientam a institucionalização da oferta do AEE em salas de recursos multifuncionais, implantadas nas escolas regulares do sistema de ensino. De acordo com esses documentos o AEE deve ser ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de atendimento especializado (diferente das salas de recurso oferecidas em São Paulo com atendimento na área de deficiência), aos alunos PAEE. Desta forma, com o Decreto nº 6.253/07, modificado pelo Decreto nº 7.611/11, admite-se a dupla matrícula dos alunos da educação regular da rede pública que recebem atendimento educacional especializado, sendo assim disponibilizados recursos duplicados do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) para as instituições que atendem estes estudantes (BRASIL, 2011).

No estado de São Paulo, em 2009, a Resolução SE nº 38, dispõe sobre a admissão de docentes com qualificação na Língua Brasileira de Sinais - Libras, nas escolas da rede estadual de ensino e, em seu artigo 1º, parágrafo 1º, esse documento institui a contratação de um docente para atuar na condição de

⁶ Definição dada pela Resolução Federal no 4 de 2 de outubro de 2009 e incorporado pela Lei 12.796/13, a qual altera a LDB 9.394/96.

intérprete de Libras entre professores e alunos nas classes de ensino básico. Esse docente parece dever cumprir a função de intérprete e tradutor de Libras- Língua Portuguesa, profissão presente na legislação federal (decreto nº 5.626/05). As leis federais definem a função de intérprete e tradutor de Libras – Língua Portuguesa, que deve ter formação superior em Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa. A função de docente interlocutor de Libras, parece ter sido a forma como o governo estadual de São Paulo tenta resolver a necessidade da presença de um intérprete de Libras – Língua Portuguesa na sala de aula, acompanhando o aluno Surdo, mas esse profissional, definido no decreto nº 5626/05, deve ter formação em curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. No entanto, esse documento permite que durante 10 anos o tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa seja formado de outras formas, como em cursos de educação profissional ou de extensão universitária, o que acontece na maioria dos casos dos docentes que cumprem papel de intérprete de Libras – Língua Portuguesa no estado de São Paulo. Em janeiro de 2016 a Resolução nº 8 revoga a Resolução nº 38/2009 e mantém o professor interlocutor com função e atuação de intérprete de Libras-Língua Portuguesa.

Segundo dados do documento “Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa – Direito de todos e de cada uma das crianças e dos adolescentes” publicado em 2012 pela Unicef.

As crianças com deficiência também enfrentam graves problemas de exclusão e discriminação. Embora seja obrigação do Estado promover e garantir o respeito à igualdade de direitos a todos, muitos obstáculos impedem seu livre acesso à escola e à educação inclusiva. Segundo o pareamento de dados do Programa BPC (*Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social*) na Escola de 2010, fruto do cruzamento das informações do Cadastro do BPC e o Educacenso, entre os 409.202 beneficiários do BPC com deficiência, de até 18 anos, 192.312 (47%) estão fora da escola (UNICEF, 2012, p. 21, grifo meu)

Em 2012, o Decreto Federal nº 7.690/12 extingue a Secretaria de Educação Especial e une a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade (SECAD), que passou a ser denominada Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), sendo que à Diretoria de Políticas de Educação Especial compete:

- I - planejar, orientar e coordenar, em parceria com sistemas de ensino, a implementação da política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva;
- II - definir e implementar ações de apoio técnico e financeiro aos sistemas de ensino, visando a garantir a escolarização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado - AEE aos estudantes público-alvo da educação especial, em todos os níveis, etapas e modalidades;
- III - promover o desenvolvimento de ações para a formação continuada de professores, a disponibilização de materiais didáticos e pedagógicos e a acessibilidade nos ambientes escolares; e
- IV - promover a transversalidade e a intersetorialidade da educação especial, visando a assegurar o pleno acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial no ensino regular, em igualdade de condições com os demais alunos (BRASIL, 2012, Seção II, artigo 24)

Isto é, os alunos PAEE, têm sua educação cada vez mais distanciada do poder central, o que pode implicar em financiamentos cada vez mais inconsistentes e, por fim, escassos, pois as complexas burocracias comprometidas nas instâncias envolvidas para a liberação dos fundos dificulta o acesso a esses recursos.

E no estado de São Paulo, no ano de 2014, a Resolução nº 61 é sancionada, resolvendo principalmente sobre o papel dos professores das salas SAPE ou, mais conhecidas como sala de recursos. Esse documento torna precário o papel desses profissionais, pois restringe o número de 10 aulas semanais por turma de 5 alunos, diferente das 25 aulas por 10 alunos anteriormente executadas por eles, definido na Resolução SE nº 2/07, artigo 9, inciso I e na Resolução SE nº 11/08, artigo 10, inciso I. Isso obriga os professores especialistas em educação especial a terem que buscar aulas fora de sua especialização para cumprirem com o regime de trabalho de 40 aulas semanais.

Desta forma, ainda há muito pelo que reivindicar, já que no PNE (2014-2024), sancionado pela lei nº 13.005/14, o governo brasileiro coloca como uma das metas para redução das desigualdades e à valorização da diversidade

[...] universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014, p. 11).

No quadro a seguir tem-se uma síntese cronológica de documentos que tratam sobre pessoas com deficiência, com enfoque na Surdez.

Quadro 2.1 – Síntese dos textos e documentos a respeito de pessoas com deficiência, com enfoque na Surdez, tratados no trabalho.

Ano	Esfera	Documento	Síntese
1880	Internacional	Congresso de Milão	Instituição do Método oral puro para educação dos Surdos
1975	Internacional	Declaração Internacional do direito das pessoas com deficiência	Ainda não cita especificidades com relação as diversas deficiências
1981	Internacional	Programa de Ação Mundial para as pessoas com deficiência	Medidas para se prevenir as deficiências e oportunizar melhor qualidade de vida ao deficiente
1988	Nacional	Constituição da República	Garantia e dever do estado com relação ao AEE aos portadores de deficiência
1989	Nacional	Lei nº 7.853	Inserção no sistema educacional da modalidade educativa, Educação Especial
1990	Internacional	Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Jomtien)	Educação básica com atendimento as necessidades básicas de aprendizagem
1990	Nacional	Lei nº 8.069 (ECA)	Garantia do AEE para crianças e adolescentes
1994	Internacional	Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais (Salamanca)	Desenvolvimento de estratégias para equalizar as oportunidades para participação de todos na educação
1996	Nacional	Lei nº 9.394 (LDB)	Oferta da Educação Especial feita preferencialmente na rede regular de ensino
1999	Internacional	Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (Guatemala)	Integração social, educacional e trabalhista das pessoas com deficiência.
1999	Nacional	Lei nº 7.853	Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
2000	Estadual (SP)	Resolução SE nº 95	AEE e criação do SAPE com atendimento por professor especializado na área de deficiência
2001	Nacional	Lei nº 10.172 (PNE)	Implantar e generalizar o ensino de Libras
2001	Estadual (SP)	Lei nº 10.958	Libras como língua oficial dos Surdos
2002	Nacional	Lei nº 10.436	Libras como língua oficial dos Surdos (em âmbito federal)
2002	Estadual (SP)	Resolução SE nº 61	Programa de Inclusão Escolar de alunos com deficiência
2004	Nacional	Programa de Educação Inclusiva: Direito a Diversidade	Acesso e permanência de alunos com deficiência
2007	Internacional	Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência	Identidade cultural e linguística dos Surdos é reconhecida
2007	Nacional	Decreto nº 6.094 (Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação e PDE)	Fortalecimento da inclusão educacional
2007	Estadual (SP)	Resolução SE nº 32	CENP (p. 26) e CAPE (p. 27)
2008	Estadual (SP)	Resolução nº 11 e nº 86	SAPE e inclusão dos alunos com transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação
2009	Nacional	Parecer nº 13 e Resolução nº 4 do CNE/CBE	Diretrizes operacionais para o AEE
2009	Estadual (SP)	Resolução SE nº 38, revogada pela resolução nº8/2016	Admissão de docentes com qualificação na Língua Brasileira de Sinais - Libras, nas escolas da rede estadual de ensino
2010	Nacional	Notas técnicas SEE nº 9 e nº 11	Salas de recursos multifuncionais
2011	Nacional	Decreto nº 7.611	Dupla matrícula com duplo recurso FUNDEB
2012	Nacional	Decreto nº 7.690	Secadi e Diretoria de Políticas de Educação Especial
2014	Nacional	Lei nº 13.005	PNE (2014-2024)

Fonte: a autora

Desta forma, a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação torna-se um tema complexo por envolver em seu contexto não só os alunos público-alvo da educação especial, mas todo o sistema educacional, incluindo novos profissionais na escola regular e obrigando a discussões sobre políticas educacionais que considerem cada vez mais as diferenças entre os atores e setores que compõem todo o sistema.

O tema Educação Especial ainda necessita de discussões e suas políticas de ajustes, pois as especificidades dos atores inseridos neste campo carecem de maiores informações. Com respeito aos Surdos muito se têm discutido e o acesso aos debates não é difícil, porém a participação dos professores é ainda pequena, visto que esses profissionais acabam tendo que encarar situações bem diversas em sala de aula. Afinal com o sobrevir da inclusão escolar acabam enfrentando conjunturas distintas, como alunos PAEE, além de dificuldades internas à sala de aula, como violência escolar e outras externas à instituição, como a questão da precarização da docência.

Contreras (2002) ao abordar a autonomia dos professores, ressalta a importância de discussão e debates sobre as políticas educacionais, pois estas não podem tornar-se únicas e, sim, serem uma contribuição e a representação de nossa procura pelo ajustamento, mesmo que saibamos que existe parcialidade nas respostas e soluções encontradas.

[...] Embora possa parecer paradoxal, a autonomia está ligada à consciência de nossa insuficiência. Isso nos obriga a ampliar a nossa compreensão e busca de relação com os outros, de outras posições e outras parcialidades. A compreender outras parcelas e dimensões da vida humana que não foram reconhecidas, nem bem compreendidas, nem aceitas na definição do programa político e educacional. Aqui reside o reconhecimento e a aceitação das diferenças que dão lugar à marginalização, opressão e sofrimento. Um reconhecimento e aceitação que nos levam ao compromisso com as vítimas das diferenças não aceitas. Porém, esse processo de reconhecimento e de compromisso não é apenas cognitivo, mas conta, como terminou compreendendo Marcuse, com uma dimensão especialmente humana, como é o sentimento pela dor dos outros e, também poderíamos acrescentar, o sentimento pela nossa própria dor (CONTRERAS, 2002, p. 207)

Com isso, abordar o papel do professor na instrução de Surdos é partilhar a entrada de outro profissional na sala de aula, o intérprete de Libras-Língua

Portuguesa. Desta forma, esse profissional ainda encontra problemas em sua formação, pois sua atuação somente iniciou-se na escola após 2005, com o reconhecimento da Libras como língua oficial das comunidades surdas brasileiras, sendo, portanto, uma situação relativamente nova no âmbito educacional.

Quadros (2004) afirma que existem efeitos da diferença na modalidade da língua no processo de interpretação, ou seja, traduzir/interpretar de uma língua oral-auditiva (língua portuguesa falada) para outra visual-espacial (Libras) é algo complexo e, além disso, o produto da comunicação entre Surdos e seus intérpretes e tradutores de Libras-Língua Portuguesa muitas vezes ultrapassa a relação profissional e forma-se um vínculo afetivo de confiança, circunstância que pode influenciar a tradução.

[...] constatou-se que o domínio das línguas não garante a qualidade da interpretação, uma vez que os intérpretes selecionados são fluentes em ambas as línguas. Mais do que nunca, pensar no intérprete de língua de sinais na sala de aula para intermediar a interação professor-aluno em que se deve dar o processo de ensino-aprendizagem é uma responsabilidade enorme e exige qualificação específica na área da interpretação e nas áreas de conhecimento envolvidas (QUADROS, 2004, p. 72)

Sendo assim, quanto mais pondera-se sobre a atuação do intérprete e tradutor de Libras-Língua Portuguesa, mais se verifica que há muito ainda por conhecer e compreender. Perlin (2006, p. 144) indica que “o intérprete emerge de certas relações políticas de discursos referentes à cultura surda” e, portanto, sua atuação vai além da profissional participando muitas vezes das lutas e conquistas da comunidade surda.

Desta forma, ainda há muito o que se fazer, pois os próprios encarregados da transformação ainda incorrem em equívocos, como afirma Machado (2009) ao relatar sobre sua experiência como coordenadora de Educação Especial do município de Florianópolis/SC, uma vez que a autora coloca, em seu olhar para a educação de Surdos, uma concepção clínica-reabilitadora, pois visa, na maior parte das vezes, incentivar a oralização do indivíduo, caracterizando a surdez apenas como uma deficiência a ser corrigida pelas novas tecnologias.

Não se pretere a possibilidade de correção e uso das tecnologias cada vez melhores, no caso dos indivíduos que utilizam aparelhos de amplificação

sonora. No entanto, é preciso considerar que a condição de surdez, envolve também indivíduos que são diferentes não somente por não ouvir sons, mas porque todos somos diferentes quando comparados a outros, pois cada um possui sua identidade e, no caso dos Surdos, existe uma diferença cultural, originada pela língua que além de ser outra também tem características singulares, por ser visual e espacial.

Consequentemente, dentro de uma sala de aula em que há um aluno Surdo faz-se necessário a presença de um outro profissional e, esse fato pode causar certo constrangimento ao professor regente. Embora na maioria das vezes encare sem complicações a presença do intérprete de Libras-Língua Portuguesa na sala de aula, ainda pode-se encontrar diversos problemas, como relatado por Lacerda (2006):

O fluxo geral dos depoimentos aponta para a satisfação dos professores diante dos resultados dessa experiência, relatando que suas aulas transcorrem normalmente; que as presenças do aluno surdo e intérprete são facilmente assimiladas na rotina escolar; e que percebem um bom relacionamento entre os alunos e um bom rendimento geral do aluno surdo. Todavia, uma análise mais atenta do mesmo material revela paradoxalmente a falta de preparação para esta prática, desinformação geral acerca do argumento surdez e suas peculiaridades, ausência de planejamento de ações coordenadas que levem em conta a presença do intérprete e, talvez, o aspecto mais importante, a não consciência de que existem muitos problemas ocorrendo neste espaço, que mereceriam atenção e ações por parte dos professores. Os professores referem-se a uma experiência que transcorre bem, que não causa estranhamento e que, portanto, não demanda ajustes e pode ser mantida como está, porque os incômodos são mínimos e não merecem maior cuidado. A realidade é vista apenas parcialmente, esfumada, e isso parece garantir a tranquilidade para o trabalho (LACERDA, 2006, p. 171-172)

Sendo assim, o professor regente, ainda parece não compreender a complexidade da presença de um aluno Surdo em sua sala de aula e, também toda a escola não incentiva as transformações necessárias para a efetiva inclusão desse aluno no contexto escolar, embora não sejam apenas esses os agentes transformadores e, também porque esses talvez não possam realizar grandes prodígios, pois precisa-se modificar a forma como compreendemos a surdez.

As políticas públicas com relação a educação no Brasil, têm indicado um caminho que busca a inclusão dos Surdos, mas ainda há muito a compreender

sobre as peculiaridades dessas tendências, pois simplesmente garantir a presença na escola regular, não pode significar inclusão, pois isso somente fragmenta a diferença na suposta igualdade abstrata existente na sala de aula.

Lodi (2013) ao abordar a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ressalta sobre a importância da educação bilíngue no ensino dentro da escola regular e que o sistema educacional necessita se adequar para poder contemplar essa educação. Desse modo, a presença do intérprete de Libras-Língua Portuguesa se torna imprescindível, visto que a Libras, definida como primeira língua do Surdo, tem que ter seu espaço conquistado na sala de aula e esses profissionais tem a responsabilidade de estabelecer o alicerce para que o êxito seja alcançado. No entanto, a função de tradutor e intérprete educacional ainda não está muito bem definida nesse documento sobre Educação Inclusiva. Sendo assim Lodi (2013) continua sua argumentação dizendo:

A partir do discurso que constitui a Política, apreende-se que a relação professor-aluno e, portanto, a construção dos conhecimentos escolares pelos alunos no período regular de escolarização ganham menor importância, já que os processos envolvendo a Libras (língua que possibilitaria a participação e a aprendizagem dos alunos surdos) acabam sendo de responsabilidade dos tradutores e intérpretes (com papel e formação não definidos), e seu uso como (possível) língua de instrução é deslocado para os espaços de atendimento educacional especializado (AEE). (LODI, 2013, p.56)

Portanto, uma reflexão sobre as causas das dificuldades de se entender a educação de Surdos passa pelo insucesso que tem tido esse ensino, visto que os profissionais que deveriam auxiliar na comunicação do Surdo, os intérpretes e tradutores de Libras-Língua Portuguesa, não têm sua condição profissional bem definida e isso também dificulta a participação efetiva dos Surdos na escola regular. Segundo Skliar,

A falta de compreensão e de produção dos significados da língua oral, o analfabetismo massivo, a mínima proporção de surdos que têm acesso a estudos de Ensino Superior, a falta de qualificação profissional para o trabalho, etc., foram e são motivos para três tipos de justificações impróprias sobre o fracasso na educação de surdos. Em primeiro lugar, está a atribuição aos surdos do fracasso – fracasso, então, da surdez, dos dons biológicos naturais. Em segundo lugar, está a culpabilização aos professores ouvintes por esse fracasso. E, em terceiro lugar, está a localização do fracasso nas limitações dos

métodos de ensino – o que reforça a necessidade de purifica-los, de sistematizá-los ainda mais, de torna-los mais rigorosos e impiedosos com relação aos surdos (SKLIAR, 2015, p. 18).

As justificativas para o malogro do ensino de Surdos não podem se assentar apenas nos atores (alunos Surdos e profissionais da educação) ou nos métodos de ensino, pois estes pouco modificam a instituição-escola. Afinal, o insucesso é apenas resultado de uma educação que visa atingir uma certa quantidade ideal em números de alunos que estão presentes na escola regular. O que o ensino necessita é uma transformação nas políticas educacionais e que o Estado, ao assumir sua responsabilidade, possa criar meios para efetivamente realizar as alterações essenciais. O Surdo é um sujeito que vive em uma cultura ouvinte, mas possui sua própria cultura (Surda) e a escola inclusiva precisa romper os laços com a escola tradicional para conseguir auxiliar na aprendizagem do aluno Surdo.

Assim, no próximo capítulo busca-se compreender se o rompimento está ocorrendo e como ele acontece dentro da escola, realizando-se uma discussão acerca da inclusão escolar e suas contradições no acesso aos conteúdos curriculares pelos alunos Surdos no ensino regular.

3 INCLUSÃO ESCOLAR

Ao se falar sobre inclusão educacional de alunos com deficiência não se pode olvidar sua qualidade de vida e, a inserção do AEE na Constituição da República Federativa do Brasil em 1988 indica isso. Sendo assim, a Constituição já se embasa nos dois princípios fundamentais da inclusão, ou seja, o trabalho com a igualdade e a diferença, afinal neste ambiente educacional do AEE as atividades que se realizam devem ser aquelas específicas do estudante com necessidades educacionais especiais (NEE), possibilitando a estes terem acesso ao currículo comum (MANTOAN, 2003).

Desta forma, um tema recente e recorrente como esse precisa ser discutido para que suas ações sejam avaliadas e se consiga de fato alcançar o princípio de igualdade, presente explicitamente no caput do artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil: “Todos somos iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, [...]” (BRASIL, 1988).

A inclusão escolar no início dos anos 2000 é colocada como um movimento de superação do processo de integração escolar que foi realizado no início das discussões sobre a educação de alunos com deficiência. A integração pressupõe que esses alunos devem adaptar-se às condições oferecidas nas escolas quando nelas adentrarem, não tendo a instituição uma obrigação real de modificar-se integralmente para receber esse aluno, podendo oferecer serviços educacionais segregados (classes especiais), ou mesmo o sistema educacional disponibilizar o acesso a escolas especiais com programas, currículos, avaliações e objetivos educacionais adaptados para “compensar as dificuldades de aprender” (MANTOAN, 2003, p. 15).

Na inclusão há um movimento inverso ao da integração, pois a adaptação vem das instituições com relação as pessoas com deficiência. Segundo Sassaki (2010, p. 39) pode-se conceituar a “[...] inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

Sendo assim, o entendimento sobre a inclusão escolar perpassa a ideia de adaptação do meio social para receber pessoas com deficiência, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, mas essas não estão isentas de responsabilidade de adequação (CAMARGO, 2012). Ou seja, para que o aluno PAEE possa realmente estar incluído na escola deve-se levar em conta sua participação efetiva.

A participação efetiva é entendida em razão da constituição de uma dada atividade escolar que dá ao aluno com deficiência plenas condições de atuação. A participação efetiva pode, portanto, servir como parâmetro sobre a ocorrência ou não de inclusão, além de explicitar as reais necessidades educacionais do aluno com deficiência (CAMARGO, 2012, p. 18).

Com o envolvimento efetivo dos alunos PAEE talvez o processo de inclusão tenha maiores chances de ocorrer, afinal sua participação é central e o aluno tem que ser o protagonista no desenvolvimento e evolução dos programas, pois são os alunos com apoio do professor especialista quem dirão quais modificações do sistema são necessárias, para que ajustes sejam feitos e, assim, esses alunos possam se sentir verdadeiramente incluídos. No entanto, é necessário um olhar amplo sobre o processo, pois ainda há predominância do paradigma da integração, o qual algumas vezes se firma sob a bandeira da inclusão.

Desta forma, a real instrução de alunos PAEE deve considerar a busca pelo princípio de equidade mediante a inclusão, e por isso esbarramos em conceitos complexos, como identidade, diferença e diversidade, tornando-se necessário pensar estratégias que possibilitem uma discussão sadia sobre os temas. Assim,

Uma estratégia que simplesmente admita e reconheça o fato da diversidade tornar-se incapaz de fornecer os instrumentos para questionar precisamente os mecanismos e as instituições que fixam as pessoas em determinadas identidades culturais e que as separam por meio da diferença cultural. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida. A diversidade biológica pode ser um produto da natureza; o mesmo não se pode dizer da diversidade cultural. A diversidade cultural não é, nunca, um ponto de origem; ela é, em vez disso, o ponto final de um processo conduzido por operações de diferenciação. Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para a

diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e identidade, mas questioná-las (SILVA, 2009, p. 99-100).

Isto posto, para realizar a inclusão escolar torna-se necessário entender que a escola sempre cumpriu desde seus primórdios a consolidar determinado projeto de sociedade, afinal sempre buscou-se formar pessoas para cumprirem papéis produtivos já determinados socialmente. No entanto, a pessoa com deficiência não atende as prerrogativas de auto sustentação e produtividade para o coletivo, principalmente em sociedades capitalistas e neoliberais. Percebe-se que,

Independente da ideologia subjacente a esse projeto (conservadora ou revolucionária), há uma tendência à aceitação de uma cultura de enquadramento, da uniformização das formas de ação e reação diante das exigências sociais. Na verdade a escola sempre negou a existência de diferentes saberes, como modo de consolidar sociedades cada vez mais reguladoras, por meio de uma suposta neutralidade, imparcialidade (DORZIAT, 2008, p. 26).

Assim, o aparecimento da inclusão escolar, como algo vindo do estado e de uma sociedade ainda conservadora, trouxe mais complexidade para a escola, fato que muitas vezes é rejeitado e causa conflitos internos. Não que a escola, por si só, fosse homogênea e pacífica, mas a educação inclusiva carrega consigo uma necessidade de transformação, não só de técnicas e métodos, mas também de conceitos. Estas constatações indicam que:

Em relação às escolas, há necessidade de discutir currículo, alinhar materiais pedagógicos e programas de avaliação escolar; adotar educação para todos, desde a Educação Infantil, com materiais e métodos testados; compreender o real significado do termo “necessidades educacionais especiais”, principalmente em relação à aprendizagem; mapear fatores de inovação nas escolas face aos desafios de incluir efetivamente; refletir sobre a gestão das escolas, com autonomia e responsabilidade pelos resultados (BAUMEL, 2012, p. 28).

Com certeza a escola é reflexo das exigências expressas nas políticas educacionais, que geram um conjunto de normas e essas também necessitam se modificar, se adequando às reivindicações dos próprios alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Quanto aos sistemas educacionais, é preciso: aclaramento nas políticas sociais, sem planos grandiosos e metas genéricas; investimentos materiais, físicos, financeiros e humanos para obter sistemas inclusivos, principalmente, na revisão de planos da formação, desenvolvimento profissional e carreiras de professores, gestores, funcionários, operacionais; investir em redes de apoio, saúde, trabalho, assistência social, justiça, para escolas, famílias, comunidades e sociedade em geral (BAUMEL, 2012, p.28)

Logo, uma escola inclusiva exige melhores ajustes e uma maior organização, além de investimentos expressivos, visto o aumento no número de professores e funcionários, melhoras na infraestrutura e transporte e desenvolvimento de políticas públicas para auxiliar na gestão, incluindo o AEE.

Segundo a UNICEF (2014) o Brasil ainda apresenta problemas para a efetiva implantação de uma “escola para todos”, pois possui estabelecimentos que estão em locais de difícil acesso, onde não há rede de transporte adequada e, além disso, outro problema apresentado “é que a maior parte das escolas brasileiras não oferece acessibilidade para alunos. [...] são poucas as salas multifuncionais com equipamentos e materiais didáticos adequados” (UNICEF, 2014, p. 37), ou seja, segundo o órgão, os alunos PAEE não encontram condições adaptadas as suas necessidades dentro das escolas brasileiras. Em outro documento de 2013 sobre a “Situação Mundial da Infância: crianças com deficiência”, a instituição alerta que:

Estudos nacionais guardam forte conexão entre pobreza e deficiência – que, por sua vez, está associada a questões de gênero, saúde e emprego. Frequentemente, crianças com deficiência são apanhadas em um ciclo de pobreza e exclusão – por exemplo, em vez de frequentar a escola, meninas tornam-se cuidadoras de seus irmãos –, ou toda a família pode ser estigmatizada, o que leva à relutância em relatar que um filho tem deficiência ou a levar a criança a locais públicos. No entanto, a educação das crianças excluídas ou marginalizadas resulta em redução da pobreza (UNICEF, 2013, p. 29)

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) relata que houve uma evolução positiva (38,6%) no número de escolas brasileiras com sala de AEE entre os anos de 2010 e 2011 (de 10.397 para 14.410 salas, respectivamente) e admite que o número ainda é reduzido, posto que toda criança tem o direito de frequentar a escola regular mais próxima de sua casa e, sem acesso ao AEE,

fica muito difícil para um aluno PAEE estar presente de fato em uma escola regular (IPEA, 2013).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) relativos ao Censo Escolar entre os anos de 2010 e 2014 mostram que o número de matrículas para alunos PAEE (em escolas especiais, classes especiais e incluídos) aumentou em 26,22% nos últimos 5 anos, pois em 2010 havia 702.603 alunos matriculados nestas condições e em 2014 esse número cresceu para 886.815 matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação matriculados nas redes pública e privada. Nas classes comuns o aumento foi de 44,27% (de 484.332 em 2010 para 698.768 em 2014), porém esse número pode refletir a dupla matrícula, apesar de não entrarem no cálculo as matrículas no AEE, se o mesmo aluno tem duas matrículas de escolarização, ele será contabilizado duas vezes. Infelizmente o Censo Escolar não oferece uma discriminação das matrículas por série/ano dos alunos PAEE, assim somente é possível ter os números totais de matrículas na modalidade Educação Especial. Um dado interessante, segundo o INPE, é que as matrículas totais no ensino básico caíram 3,45% para o mesmo período citado (2010-2014).

Desta forma, parece que o aumento do AEE é mais do que necessário, já que esse número parece refletir a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, pois quando se observam os dados estatísticos do INEP para as matrículas em Escolas Exclusivamente Especializadas e em Classes Especiais, o número de matrículas é diminuído em 13,85%, passando de 218.271 em 2010 para 188.047 em 2014.

No entanto, segundo dados do Observatório do Plano Nacional de Educação (PNE), não se pode ter uma porcentagem de alunos PAEE matriculados na rede regular de ensino, porque o IBGE (Censo Demográfico) e o INEP (Censo Escolar) adotam critérios significativamente diferentes para a caracterização da deficiência e o Censo Demográfico não faz nenhuma referência à população com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Já os dados oferecidos pelo Observatório Nacional de Educação Especial, coordenado pela Profa. Dra. Enicéia Gonçalves Mendes,

que realiza um estudo em rede nacional sobre as salas de recursos multifuncionais nas escolas comuns, apontam que a busca por uma padronização da política de inclusão escolar pelo MEC não tem alcançado o êxito esperado, pois os diferentes municípios do país fazem interpretações variadas dos documentos e, assim a política acaba revelando diferentes desenhos e sua efetividade enfrenta graves desafios.

Consequentemente, pode-se constatar que o AEE envolve diversas instâncias de políticas públicas, afinal para que todos esses novos alunos que ingressam na escola regular com perspectivas inclusivas sejam de fato partícipes de seu processo, existe a necessidade de garantir-lhes a aproximação com o currículo escolar.

Todavia, quando se trata de garantir-lhes os meios necessários de acesso pleno ao currículo escolar, isto pode requerer a inserção de equipamentos, materiais, formas diversas de ensino, de organização do espaço e do tempo escolar, bem como a introdução de outros profissionais na sala de aula e/ou na escola (intérprete, guia-intérprete, 'cuidador' para lhes atender em relação aos cuidados de higiene, alimentação e locomoção, como exemplos). Essas diferenciações reforçam a necessidade de caracterização cada vez mais precisa desse alunado para que o planejamento das políticas-públicas se baseie nessas informações, com vistas a alcançar maior aproximação entre a oferta de programas de atendimento escolar, de saúde, assistência social, etc., e a demanda evidenciada por essa população (PRIETO, 2010, p. 71).

Assim, ao se conseguir um contato maior com os conteúdos e conceitos presentes no currículo escolar espera-se um envolvimento real e efetivo dos alunos PAEE, para que entendam a necessidade desses conhecimentos em sua emancipação enquanto sujeitos. E, no caso dos Surdos, o acesso aos conteúdos científicos muitas vezes necessita da presença de um profissional que realize a mediação entre sua língua natural de sinais (viso-espacial) e a língua falada (oral-auditiva). No Brasil esse é papel desempenhado pelo intérprete e tradutor de Libras-Língua Portuguesa.

Com o exposto pretendeu-se evidenciar a complexidade que envolve o ensino do aluno PAEE e em especial o ensino de Surdos, partindo de sua história enquanto reconhecimento de sua língua e de seu aspecto cultural, passando pelos aspectos legais voltados para sua educação, que precisa ser diferenciada, discutindo-se sobre a entrada de um novo profissional na sala de aula e na

conjuntura escolar, sendo que as novas diretrizes educacionais brasileiras, seguindo uma tendência mundial, cada vez mais incentivam a inclusão dos Surdos na escola regular. No entanto, o custo de uma inclusão escolar em detrimento de uma escola especial para Surdos ainda precisa ser mais bem discutido, pois por utilizarem uma outra língua, seu ensino tem peculiaridades que merecem ser melhor elucidadas, principalmente quanto ao acesso aos conteúdos escolares.

Desta forma, no próximo capítulo propomos uma reflexão acerca das possibilidades e dificuldades de acesso aos conteúdos científicos por alunos Surdos, buscando subsidiar a compreensão sobre esse assunto, realizaremos uma busca dentro das pesquisas sobre ensino de ciências para Surdos.

4 ENSINO DE CIÊNCIAS PARA SURDOS

Ao se tentar delimitar um recorte dentro de um nível (ensino) em uma modalidade (Educação Especial) já contida dentro de um ramo da Educação, corre-se o risco de desconsiderar o seu isolamento da Educação como um todo. Seria ignorar o elemento principal do objeto que se está propondo conhecer, pois o ensino de ciências por si só já carrega inúmeros conhecimentos específicos dos diversos campos de pesquisa científica (como na Biologia, Física, Química, etc.) e somar a essa compreensão já instituída, um elemento distinto, como o é a educação especial e, mais especificamente, o ensino de Surdos, torna tudo ainda mais complexo.

Nesta percepção, a busca entre o que é essencial e o que pode ser considerado secundário compele a uma conduta de suplantação da segmentação, ou seja, reconhecer que a adjetivação como a expressão do caráter fragmentário do ensino e, ao mesmo tempo admitir que conhecimentos científicos garantem ao ensino de ciências sua substantivação própria, portanto podem ser compreendidos globalmente. Assim, ensino de ciências para Surdos faz todo sentido, já que a educação de Surdos, dentro da Educação Especial, está apreendida e, o ensino de ciências, dentro da Educação, admitido como concreto.

Desta forma, na Educação de Surdos, a Libras é essencial e sem acesso a esta na sala de aula, o aluno Surdo fica prejudicado e, no caso das Ciências, que, geralmente tem seu ensino realçado nos anos finais do Ensino Fundamental. Aqui a distinção das disciplinas torna-se mais evidente e, depois especifica-se ainda mais durante o Ensino Médio e a educação profissional, pode-se dizer que: sem a Libras o aluno Surdo não tem acesso ao conteúdo curricular. Afinal, diante das peculiaridades do ensino de ciências, das singularidades da educação de Surdos e das exigências das políticas públicas educacionais, a questão premente seria entender quais aspectos possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social entre alunos (surdos e ouvintes) e profissionais da educação em uma escola que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos.

Logo para compreender como as pesquisas em ensino de ciências têm encarado o desafio de abranger a educação de Surdos se faz necessário buscar respostas nos trabalhos publicados sobre o tema. A avaliação dos trabalhos se deu a partir de referencial da análise de conteúdo, pois agrupou-se os textos que continham as categorias previamente selecionadas (BARDIN, 1977; CAREGNATO e MUTTI, 2006)

Assim, a seleção dos trabalhos se deu frente àqueles que continham os seguintes descritores: “Ensino de ciências” e “Surdo”. A busca foi realizada pelo site de pesquisa google acadêmico. Além da presença, verificou-se se os referidos termos participavam da discussão nos trabalhos encontrados (Quadro 4.1). A pesquisa abrangeu os anos de 2012 a 2015, sendo que para o ano de 2015, a busca foi realizada até a data de 24 de fevereiro.

Quadro 4.1 Trabalhos que continham os descritores “Ensino de ciências” e “surdo” em sua discussão (entre 2012 a fevereiro de 2015).

Área de Pesquisa (Ensino de)	Trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias)	Resumos expandidos apresentados em eventos	Artigos de revistas	Quantidade total de trabalhos
Ciências	4	5	12	19
Física	5	6	3	14
Química	1	6	2	09
Biologia	2	1	4	07
Total	12	18	22	49

Fonte: a autora

Dentre os trabalhos encontrados pode-se citar aqueles considerados “estado da arte” para o ensino de ciências de alunos Surdos, pois abrangem um período determinado e analisam trabalhos produzidos durante esse intervalo de tempo. Nas pesquisas encontradas, temos: cinco na área de ensino de ciências, um no ensino de física e um no ensino de química (Quadro 4.2).

Os trabalhos localizados a partir desse critério de busca estão publicados em meios diversificados, pois encontra-se trabalhos deste tipo em revistas, trabalhos acadêmicos e também em um evento, o ENPEC (Quadro 4.2). Os dois trabalhos publicados neste evento tratam a questão do ensino de ciências para Surdos de forma diferente, pois seus termos de busca são distintos. A pesquisa realizada por Basso e Campos (2013) realiza um exame utilizando como ênfase a expressão “educação inclusiva” e faz uma recapitulação das oito edições do ENPEC já realizadas. O trabalho de Silva e colaboradores (2013) tem seu foco

voltado para o termo “educação especial” e realizou a averiguação pelos mesmos eventos das pesquisadoras anteriores, mas adicionam uma busca nas seguintes revistas brasileiras: Ensaio, Investigação em Ensino de Ciências, Ciência e Educação, Caderno Brasileiro de Física, Química Nova na Escola, Revista Brasileira de Física, Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências para o período de 2000 a 2013.

Com relação ao ensino de ciências para Surdos o Quadro 4.3 traz um resumo da quantidade de trabalhos sobre esse tema que foram apresentados pelas duas pesquisas mencionadas anteriormente (BASSO e CAMPOS, 2013; SILVA et al, 2013).

Quadro 4.2 – Pesquisas consideradas “estado da arte”.

Área de Pesquisa (Ensino de)	Ano	Revista/Evento/trabalho acadêmico	Autor(es)	Título
Ciências	2013	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)	Basso, S. P. S.; Campos, L. M. L.	A Educação Inclusiva nos anais do ENPEC: 1997 – 2011
		Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)	Silva, L. D. S.; Santos, I. M.; Dias, V. B.; Siqueira, M.; Massena, E. P.; França, S. S.; Santos, A. S.; Melo, J. S.; Costa, M. R.; Cotias, V. L.	Tendências das pesquisas em Educação Especial no Ensino de Ciências: o que o ENPEC e os periódicos nos indicam?
	2013	Dissertação Mestrado	Ramos, D. M.	Análise da produção acadêmica constante no banco de teses da CAPES segundo o assunto Educação de surdos (2005-2009)
	2014	Educar em Revista,	Pagnez, K. S.; Sofiato, C. G.	O estado da arte de pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil de 2007 a 2011
		Revista Brasileira de Educação Especial	Ramos, D. M.; Zaniolo, L. O.	Tendências e Perspectivas da Produção Acadêmica Sobre a Temática Educação de Surdos: Mapeamento da Produção
Física	2014	Monografia	Gasparin, C.	Educação Inclusiva: elementos a serem considerados no ensino de física para surdos
Química	2014	Química Nova na Escola	Ferreira, W. M.; Nascimento, S. P. F.; Pitanga, A. F.	Dez Anos da Lei da Libras: Um Conspecto dos Estudos Publicados nos Últimos 10 Anos nos Anais das Reuniões da Sociedade Brasileira de Química

Fonte: a autora

Quadro 4.3 – Trabalhos apresentados no ENPEC e em Revistas para o período de 2001 a 2012.

Revista/Evento	Ano	Quantidade	Área de conhecimento/Revista
ENPEC	2001	01	Ensino de Biologia
	2003	02	Ensino de Física
	2005	00	
	2007	03	Ensino de Física, Química e Biologia
ENPEC	2009	01	Ensino de Ciências e Química
	2011	08	Ensino de Ciências, Física e Biologia
Revistas (2000 a 2013)	2006	01	Ensino de Física/Rev. Bras. de Pesq. em Ed. em Cien ^o
	2010	01	Ensino de Ciências/Ciência & Educação
	2011	02	Ensino de Química/Química Nova na Escola
	2012	01	Ensino de Ciências/Ciência & Educação

Fonte: BASSO e CAMPOS, 2013; SILVA et al, 2013

Silva e colaboradores (2013, p.5) ainda comentam que, nos ENPECs, se “considerarmos a quantidade de trabalhos de acordo com as Necessidades Educacionais Especiais abordadas, a deficiência visual corresponde a 61% dos trabalhos, enquanto a deficiência auditiva 27% das publicações.” E ao interpretarem os dados oferecidos pelos periódicos, esses autores dizem que “60% dos artigos abordam a deficiência visual, 20% a deficiência auditiva e 20% abordam a Educação Especial de maneira abrangente sem as especificações das Necessidades Educacionais Especiais”.

Em outro trabalho, Ramos (2013) apresenta um estudo sobre a produção acadêmica no período de 2005 a 2009 e comenta sobre as tendências na “educação de Surdos”. Nesta pesquisa o ensino de ciências estava classificado dentro da categoria “processos educativos”, na subcategoria “Matemática e Ciências Naturais” com 14 produções totais, entretanto, não há informações suficientes para uma separação das produções por instituição ou por regiões. A autora comenta ainda que as tendências para esta subcategoria são nas áreas de ensino, como: educação sexual; educação ambiental; ensino de ciências; ensino de matemática; proposta de ensino de física e ensino de arte e geometria básica. A autora publica posteriormente um artigo, fazendo um recorte de sua dissertação, na Revista Brasileira de Educação Especial (RAMOS e ZANIOLO, 2014).

Pagnez e Sofiato (2014) expõem o resultado de uma pesquisa realizada no intervalo entre 2007 a 2011, sobre os resumos das produções acadêmicas disponíveis no banco de teses da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como palavras-chave: educação

de Surdos e Libras. A referência feita ao ensino de ciências neste trabalho diz respeito à quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos por ano no período estudado, somando um total de doze, distribuídos pelos anos de 2007, 2008, 2009 e 2010, com dois, três, quatro e três trabalhos, respectivamente. O ano de 2011 não teve produções nesta área de concentração, segundo as autoras. No entanto, ao se observar os anexos deste trabalho encontra-se um número diferente de trabalhos na área de ensino de ciências, pois as autoras fazem uma separação mais abrangente desta área de concentração. Sendo assim, se reunirmos as áreas: educação ambiental, educação para a ciência e ensino de matemática, ensino de ciências da saúde e do ambiente junto com ensino de ciências e matemática teremos um total de 18 publicações em todo o período estudado pelas autoras (inclusive com 3 publicações no ano de 2011). Além disso, as temáticas: ensino de ciências, ensino de física e ensino de química são citadas como tendo uma perspectiva de aumento para as pesquisas com o ensino para Surdos.

Em sua monografia, a autora Gasparin (2014) faz um levantamento da produção científica na educação de Surdos em eventos da área de ensino de Física e de trabalhos acadêmicos sobre o tema (ensino de Física para alunos Surdos) para o período de 2007 a 2013. Além disso, a autora menciona que sua seleção foi apenas de pesquisas que ocorressem em escolas, pois sua procura foi por métodos de ensino. No total a autora encontra 3 trabalhos no ENPEC, 2 no Encontro de Pesquisa em Ensino de Física (EPEF), 15 no Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF), 2 monografias e 3 dissertações de mestrado no intervalo estudado. A autora finaliza indicando os elementos que acredita sejam necessários para o ensino de Física para alunos Surdos e, possivelmente interessantes para o ensino de ciências como um todo, como por exemplo: trabalhar com objetos concretos que possam ser vistos e tocados; uso de elementos visuais, como gráficos e disposição de carteiras de forma a garantir o contato visual entre aluno Surdo, intérprete e tradutor de Libras-Língua Portuguesa e professor.

No artigo da revista Química Nova na Escola dos autores Ferreira e colaboradores (2014) encontra-se uma análise dos artigos publicados nas Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira de Química no período de 2002 a

2012. Os autores revelam que 11 artigos se apresentam dentro do objetivo da pesquisa, que era encontrar as principais contribuições e dificuldades relacionadas ao ensino de química para os alunos Surdos e dentre elas podemos citar algumas, encontradas no Quadro 4.4.

Quadro 4.4 – Principais contribuições e dificuldades encontradas no artigo de Ferreira et al (2014).

Características	Contribuição	Dificuldade
Método bilíngue	Reflexão para uma melhor compreensão do método e da Libras	Da forma como é desenvolvido mostra-se ineficiente, trazendo entraves à compreensão de conceitos científicos
Intérpretes e tradutores de Libras – Língua Portuguesa	Garantida por lei e um facilitador do ensino com o uso de sinais específicos	Faltam profissionais e os alunos Surdos acabam buscando escolas de Surdos, ou param de estudar
Materiais didáticos específicos	Motivação de docentes a adaptarem ou confeccionarem materiais	Quando os materiais são inadequados
Atividades lúdicas	Motivação dos alunos a participarem do processo de ensino	Não distinção entre alunos ouvintes e Surdos
Sala de aula inclusiva	Reflexão sobre a inclusão escolar	O modelo utilizado até o momento não passa de mera inserção de alunos com deficiência

Fonte: a autora

No quadro 4.5, é possível observar as principais temáticas pesquisadas atualmente (entre 2012 a 2015) e encontradas nas publicações presentes nos Apêndices A, B e C.

Quadro 4.5 – Principais temáticas abordadas pelos trabalhos científicos encontrados nas pesquisas (período 2012 a 2015).

Temáticas	Ciências	Física	Química	Biologia	Total
Processos de aprendizagem	07	11	05	04	27
Concepções de professores	05	00	01	03	09
Relação professor-intérprete de Libras	01	01	02	00	04
Termos científicos	01	01	00	00	02
Estado da arte	05	01	01	00	07
Total	19	14	09	07	49

Fonte: a autora

Os trabalhos reunidos no tema “processos de aprendizagem” contém em suas pesquisas assuntos relativos a materiais, recursos e instrumentos didáticos

produzidos e/ou avaliados, ferramentas didáticas, técnicas e estratégias de ensino observadas e/ou testadas.

Para a temática “concepções de professores” englobou-se os trabalhos que observam a formação inicial e continuada de professores, além daquelas que recolhem as opiniões desses profissionais.

Em “relação professor-intérprete de Libras” buscou-se agrupar as investigações que abordavam como o professor da sala de aula regular está lidando com a presença de um outro profissional em sua classe.

As pesquisas, reunidas na temática “termos científicos”, foram aquelas que buscaram apresentar novos sinais em Libras para conceitos científicos específicos.

A produção científica na área de ensino de ciências para alunos Surdos apoia-se em entender os processos de aprendizagem desses alunos, buscando novos métodos de ensino que colaborem com os professores e os ajudem a enfrentar o desafio que as novas políticas públicas educacionais atualmente apregoam.

A relevância da compreensão de como o ensino de ciências para alunos Surdos ocorre parece estar evidente, tanto pelas exigências da legislação, quanto pela presença, cada vez maior, desses estudantes nas escolas regulares. Desta forma, é importante que pesquisas como as apresentadas continuem ocorrendo e se diversificando, pois embora o número de publicações esteja crescendo, percebemos que o foco dos trabalhos é bastante homogêneo, isto é, encontram-se concentrados principalmente em entender os processos de ensino e aprendizagem.

O domínio de pesquisa em Ensino de Ciências para alunos Surdos como proposta de Educação bilíngue ainda é recente e muitos termos precisam ser mais bem compreendidos e explanados para não haver uma dispersão nas pesquisas. Uma vez para a consolidação da temática ensino de ciências para alunos Surdos faz-se necessária uma homogeneização da linguagem utilizada dentro da pesquisa realizada, sabendo a diferença, por exemplo, entre os termos “aluno Surdo” e “aluno com deficiência auditiva”, que tem significados filosóficos e culturais diferentes.

Além de reconhecermos que houve avanços nos últimos dez anos na legislação para a educação de surdos no Brasil, como o decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), vários aspectos da prática educacional precisam ser adequados aos novos contextos de ensino de ciências para alunos Surdos. Sendo assim, existe uma necessidade de aprimoramento da compreensão da legislação, para que alterações em âmbito educacional possam ser realizadas com um respaldo científico adequado.

Sendo assim, ainda com o propósito de continuar a investigação por uma resposta sobre o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos, busca-se no capítulo 5 discorrer sobre os principais referenciais teóricos e metodológicos utilizados nesta pesquisa, que são a teoria histórico-cultural de Vigotski e a Teoria da enunciação e dos gêneros de discurso de Bakhtin e seu círculo. A questão que permeia o conteúdo que será abordada se restringe um pouco mais, pois a principal indagação tenta responder quais os aspectos que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social entre alunos (surdos e ouvintes) e profissionais da educação em uma escola que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos. Desta forma, o principal contexto investigado é a interação social.

5. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

5.1 Teoria histórico-cultural

Vigotski (2010), ao estudar as raízes genéticas do pensamento e da linguagem, percebeu algumas características que auxiliam a compreender como o uso da língua influencia no pensamento, pois para esse autor, além de terem raízes genéticas diferentes, o pensamento e a linguagem percorrem caminhos distintos e independentes e, portanto, seus desenvolvimentos ocorrem inicialmente de forma separada. Sendo assim, durante o processo de desenvolvimento do ser humano sucede uma modificação de tipo de desenvolvimento, passando do biológico para o histórico-social.

O desenvolvimento e a aprendizagem estão intimamente relacionados na teoria histórico-cultural, por isso ao se estudar o processo de aprendizagem da criança, pode-se compreender também seu desenvolvimento. Sendo assim, para Vigotski, a aprendizagem passa por três estágios principais, se iniciando com agregações sincréticas, ou seja, combinações de palavras que podem ter sentidos diferentes. Com isso, a criança pode experimentar e pode até ser que, algumas palavras coincidam com aquelas utilizadas pelos adultos à sua volta, levando ao segundo estágio, no qual as palavras coincidentes são então reunidas de acordo com a associação entre elas e, posteriormente agrupadas em coleções que se montam e desmontam até que atinjam ligações intermediárias (complexo em cadeia). Quando os elos vão se tornando difusos (complexos difusos) e temos uma generalização inicial da palavra, estamos diante de pseudoconceitos, esses são bem semelhantes ao conceito empregado pelos adultos, porém ainda diferentes porque não coincidem exatamente com a definição socialmente utilizada, afinal o significado dos conceitos (palavras) dentro da língua é algo localizado externamente a criança e já está estabelecido nos discursos dos adultos. Portanto, por não ter sido traçado pela própria pessoa, esta ainda utiliza a generalização com base no conceito, porém ainda não o alcançou completamente. Desta forma o pensamento por complexos possibilita uma futura generalização, dando princípio às ligações e relações,

reunindo impressões dispersas e estruturando os elementos que a pessoa retira de suas experiências na interação em grupos.

Logo, para Vigotski (2010), na última fase do pensamento por complexos, os pseudoconceitos representam “uma forma transitória na qual se detém também o nosso pensamento habitual, baseado na nossa experiência cotidiana” (VIGOTSKI, 2010, p. 219). Assim, para realmente compreendermos um conceito é preciso continuar no processo de desenvolvimento rumo ao terceiro estágio que é a formação do conceito onde o sujeito é capaz de decompor, analisar e abstrair uma palavra e, para isso, faz-se necessário buscar semelhanças e discriminar as diferenças, formando os conceitos potenciais, que ainda não são conceitos propriamente ditos, mas podem vir a sê-lo. Desta forma, esse conceito potencial tem uma definição ainda funcional e, para se tornar conceito real, precisa ter seus atributos sintetizados depois de ter sido abstraídos, conseqüentemente, o conceito que é palavra, se torna signo e pode ser utilizado de diversas maneiras, nas mais variadas situações. No entanto, ainda é possível aplicar a palavra como conceito e a definir como complexo, pois “a transição do concreto para o abstrato não é menos difícil do que foi outrora a transição do abstrato para o concreto” (VIGOTSKI, 2010, p. 231). Sendo assim, os diferentes estágios de formação de conceitos coexistem e, enquanto uma palavra já é um conceito, outras podem ainda ser pseudoconceitos.

Na teoria histórico-cultural os conceitos científicos, adquiridos na escola, têm características peculiares de aprendizagem, o que os diferem dos conceitos espontâneos adquiridos nas atividades cotidianas. Desta forma, os conceitos científicos se formam na colaboração organizada entre o professor e o aprendiz e, o amadurecimento das funções psicológicas do aluno ocorre “com o auxílio e participação do adulto” (VIGOTSKI, 2010, p. 244). A tomada de consciência do conceito significa transferir do plano de ação para o plano de linguagem, ou seja, partir do uso que se faz da palavra, para sua definição. No entanto, os conceitos científicos assumem um caminho inverso, a apreensão de seu sentido surge antes de sua utilização como palavra, portanto para que um aluno possa compreender um determinado conceito científico é necessário que a evolução de um conceito espontâneo relacionado já tenha alcançado um nível determinado de desenvolvimento, como exemplo, pode-se citar a necessidade

da compreensão de que existem seres invisíveis a olho nu, que podem produzir alguns alimentos que ingerimos ou até mesmo causar doenças, antes de se comentar sobre o conceito de microrganismo. Desta forma, o conceito espontâneo depura o caminho para o conceito científico, criando estruturas que auxiliam na trajetória descendente que o conceito científico faz em direção ao conceito cotidiano e este de forma ascendente ao científico.

Vigotski comenta sobre a escrita e sua diferença com relação a fala, pois a primeira necessita de um desenvolvimento maior que requer a fala. A escrita é “uma linguagem de pensamento, de representação, mas uma linguagem desprovida do traço mais substancial da fala – o som material” (VIGOTSKI, 2010, p. 312-313). Desta forma, a criança precisa utilizar a abstração traduzindo as palavras para símbolos e “é exatamente este lado abstrato da escrita, o fato de que esta linguagem é apenas pensada e não pronunciada que constitui uma das maiores dificuldades com que se defronta a criança no processo de apreensão da escrita” (VIGOTSKI, 2010, p. 313). Além disso, a escrita para a criança não precede de motivação diferentemente da fala que surge a partir de motivações, como questões ou mesmo comentários a respeito de situações ordinárias. No entanto, ao adentrar na escola a criança utiliza a escrita para aprender e tomar consciência de novos conceitos, assim “suas próprias habilidades se transferem do plano inconsciente e automático para o plano arbitrário, intencional e consciente” (VIGOTSKI, 2010, p. 320-321). Todavia não se pode dizer que o aprendizado e o desenvolvimento são coincidentes, pois quando algum conceito científico é assimilado, o seu desenvolvimento está apenas se iniciando.

Daí a importância do trabalho em colaboração, ou mesmo da imitação, que para Vigotski tem valor significativo na aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento. É na escola que esse trabalho está melhor representado pelo papel do professor, que ensina à criança o novo, mediante atividades realizadas em colaboração e sob a orientação, pois é necessário entender que a criança somente aprende o que for capaz e, quando ainda conseguir imitar. Desta forma, “só é boa aquela aprendizagem que passa à frente do desenvolvimento e o conduz” (VIGOTSKI, 2010, p. 331-332)

Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha, projeta-se ao nível das dificuldades intelectuais

que ela resolve, mas sempre existe uma distância rigorosamente determinada por lei, que condiciona a divergência entre sua inteligência ocupada no trabalho que ela realiza sozinha e a sua inteligência no trabalho em colaboração. As nossas investigações mostraram que pela imitação a criança não resolve todos os testes até então não resolvidos. Ela chega até um certo limite, que é diferente para crianças diferentes. [...] A possibilidade maior ou menor de que a criança passe do que sabe fazer sozinha para o que sabe fazer em colaboração é o sintoma mais sensível que caracteriza a dinâmica do desenvolvimento e o êxito da criança. Tal possibilidade coincide perfeitamente com a sua zona de desenvolvimento imediato (VIGOTSKI, 2010, p. 329).

Para Vigotski, os conceitos científicos não repetem o caminho realizado pelos conceitos espontâneos, pois os primeiros são conscientes e voluntários se tornando posteriormente concretos e pessoais, já os cotidianos partem do empírico para se tornarem, posteriormente conscientes e arbitrários. Desta forma, os dois tipos de conceitos parecem tomar caminhos inversos se auxiliando mutuamente.

Desde o início do seu surgimento, os conceitos científicos da mesma criança revelam outros traços que testemunham outra natureza. Ao surgirem de cima, das entranhas de outros conceitos, eles nascem com a ajuda das relações de generalidade entre os conceitos estabelecidos no processo de ensino. Pela própria natureza, eles trazem em si alguma coisa dessas relações, alguma coisa do sistema. A disciplina formal desses conceitos científicos reflete-se na reconstrução de todo o campo dos conceitos espontâneos da criança. Nisto consiste a sua importância grandiosa na história do desenvolvimento intelectual da criança. (VIGOTSKI, 2010, p. 383).

Sendo assim, no ensino de Ciências para surdos, levando-se em consideração a teoria histórico-cultural, podemos ressaltar a importância do professor na aprendizagem e consequente desenvolvimento do aluno, já que os conceitos científicos, ensinados na escola em colaboração com um profissional especializado, cumprem papel fundamental no progresso individual de qualquer criança. Desta forma, a presença do aluno Surdo na escola e seu contato com os conceitos científicos são de primordial importância para seu desenvolvimento, no entanto, necessita-se uma participação efetiva deste em colaboração com um parceiro mais capaz em uma interação social real, ou seja, com a utilização de uma língua compreensível ao aluno Surdo, a saber o uso da Libras.

Se a importância da interação social (aluno-professor) é tão ressaltada para a aprendizagem de qualquer criança, então com o acesso a Libras o aluno

Surdo pode compreender os conceitos e assim seguir o curso do desenvolvimento histórico-social. Porém não é tão simples, pois segundo Vigotski ressalta no Tomo V das *Obras Escogidas*, embora para os Surdos sua surdez seja natural, eles acabam compreendendo sua deficiência indiretamente na experiência social (VIGOTSKI, 1997a, p. 116). Assim a interação social entre Surdos e ouvintes na escola é complexa e envolve nuances e contradições que necessitam ser explicitadas para a superação e melhoria da aprendizagem desses alunos.

A cada etapa determinada en el dominio de las fuerzas de la naturaleza corresponde siempre una determinada etapa en el dominio de la conducta, en la supeditación de los procesos psíquicos al poder del hombre. [...] El hombre introduce estímulos artificiales, confiere significado a su conducta y crea con ayuda de los signos, actuando desde fuera, nuevas conexiones en el cerebro. [...]

El segundo momento que contribuye a explicar la posibilidad de que se forme un nuevo principio regulador de la conducta es la vida social y la interacción de los seres humanos. En el proceso de la vida social, el hombre creó y desarrolló sistemas complejíssimos de relación psicológica, sin los cuales serían imposibles la actividad laboral y toda la vida social. Los medios de la conexión psicológicas son, por su propia naturaleza función, signos, es decir, estímulos artificialmente creados, destinados a influir en la conducta y a formar nuevas conexiones condicionadas en el cerebro humano (VIGOTSKI, 1997b, p. 85).

Desta forma, a convivência com outros é que nos torna o que somos e forma novas conexões condicionadas em nosso cérebro, assim, embora as capacidades de aprendizagem dos Surdos sejam idênticas a dos indivíduos sem deficiência, os Surdos necessitam de substituições de algumas vias de acesso ao conhecimento por outras para a formação das conexões condicionadas, além de se considerar seus conceitos cotidianos, ou seja, deve-se ponderar sobre o que o aluno é capaz de aprender, quando ainda é capaz de imitar (VIGOTSKI, 1997a, p. 117-118).

Deve-se considerar também que a cultura escolar está adaptada a um ser humano típico, com todas as suas funções orgânicas funcionais e, portanto, se acomoda a essa situação. Dessa forma, qualquer desenvolvimento atípico, condicionado pela deficiência, não vai se instalar direta e imediatamente na escola (Vigotski, 1997b), faz-se necessário trabalhar com vias colaterais de desenvolvimento cultural.

Assim, como a escola pode contribuir na constituição dessas vias colaterais que auxiliam na aprendizagem e desenvolvimento das crianças Surdas, mediante a interação social dentro desta instituição? Quais as possibilidades e dificuldades dessa interação entre alunos (Surdos e ouvintes) e os profissionais da educação em uma escola, que visa o acesso aos conteúdos científicos? Que contradições emergem da inclusão escolar de alunos Surdos?

A discussão das questões listadas será realizada no próximo tópico ao expormos a teoria dialógica da linguagem que foi apresentada pelo círculo de Bakhtin^o

5.2 Teoria dialógica da linguagem e a interação social (Teoria da enunciação e dos gêneros discursivos)

Uma teoria dialógica da linguagem passa por um conhecimento prévio dos autores que a discutem, sendo assim podemos denominar Mikhail Bakhtin como o mais expressivo, além dos autores que participaram de seu círculo, como Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev.

Toda a história que ronda as discussões e obras originadas no Círculo apontam para escritas em conjunto dos autores anteriormente citados e, que Voloshinov e Medvedev contribuíram muito nas discussões. Além disso, Brandist (2012) ressalta que o Círculo se pautava mais na filosofia neokantiana, enquanto Vigotski utilizava outras fontes, porém outros trabalhos buscam encontrar a interface entre Vigotski e o Círculo (FREITAS, 2006; MAGALHÃES E OLIVEIRA, 2011; BARROS, 2012; COUTO E ARENA, 2012; FERNANDES e colaboradores, 2012; ROTH, 2014), portanto sem entrar em pormenores sobre esse assunto, o presente capítulo busca apresentar a teoria dialógica da linguagem em sua correspondência com a teoria histórico-cultural, no empenho de responder sobre o papel do diálogo na interação social dos indivíduos Surdos dentro de uma escola com perspectivas inclusivas.

Nas discussões do Círculo de Bakhtin a relação com a linguagem aparece em sua categoria básica de pensamento, o dialogismo, compreendido “como uma das formas composicionais do discurso (discurso monológico ou dialógico)” [BAKHTIN, 1997, p. 395]. Se durante a comunicação verbal se estabelecer uma

relação de sentido entre os enunciados, então esses dois enunciados estabelecem uma relação dialógica. Sendo assim, não basta apenas entender o significado dicionarizado, o ouvinte precisa compreender o sentido do enunciado que, para Bakhtin e seu círculo, envolve ir além da decodificação e relacionar o que é dito com o que se presume dizer (FREITAS, 2006). Nas palavras do autor,

A compreensão estreita do dialogismo concebido como discussão, polêmica, paródia. Estas são formas externas, visíveis, embora rudimentares, do dialogismo. O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a concordância, com suas infinitas graduações e matizes (sem restrições de ordem lógica ou reticências de ordem puramente factual), a estratificação de um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, o fortalecimento pela fusão (mas não a identificação), a compreensão que completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida, etc. Estas relações específicas não podem ser resumidas a uma relação puramente lógica, ou a uma relação puramente factual. É aqui que se encontram, em toda a sua integridade, posições, pessoas (a pessoa prescinde de revelação extensiva: pode manifestar-se por um único som, revelar-se por uma única palavra), justamente vozes (BAKHTIN, 1997, p. 349)

Desta forma, para Bakhtin e seu círculo, a interação verbal é a melhor forma de apreensão totalizante da linguagem, para ele o ato individual da fala (enunciação) não diz respeito apenas ao indivíduo falante e também não pode apartar-se dele (FREITAS, 2006). Assim, a enunciação, por seu caráter social, sempre ocorre em uma interação com o outro e, na condição humana com sua realidade histórica, também tem a linguagem cunho histórico e social, portanto a natureza da língua é coletiva. Bakhtin e seu círculo formulam algumas proposições sobre esse assunto que vale a pena citar.

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.
2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.
3. As leis da evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente leis sociológicas.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam.

A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega⁷ de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.

5. A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 130, grifo dos autores)

O dialogismo, portanto, é o conceito unificador, já que a língua tem a propriedade de ser dialógica, conseqüentemente tudo o que se diz está sempre direcionado para os outros discursos que o rodeiam. Fiorin (2006) apresenta três conceitos de dialogismo, o primeiro seria o dialogismo constitutivo que diz respeito a como funciona a linguagem, ou seja, todos os enunciados constituem-se a partir de outros.

O segundo conceito, proposto por Fiorin, é o dialogismo composicional, no qual existe a incorporação “pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado” (FIORIN, 2006, p. 32). Assim, embora os enunciados sejam constituídos em relação ao outro, há sempre uma subjetividade estabelecida no “conjunto de relações sociais de que participa o sujeito” (FIORIN, 2006, p. 55), portanto no terceiro conceito de dialogismo considera-se, segundo o autor, que o externo está sempre em mutação.

No entanto, segundo condições e finalidades específicas associadas às atividades humanas podemos ter enunciados relativamente constantes, os gêneros de discurso, que são característicos de cada esfera de ação, ou seja, com linguagem própria a determinada atividade humana.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.

⁷O termo cega utilizado por Bakhtin e Voloshinov para designar algo sem reflexão, sem critério ou sem observação sistemática parece ser inadequado, já que a cegueira não implica em aspectos negativos como socialmente se apregoa. Sugere-se revisão de tradução, com a substituição da palavra.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997 p. 280)

Os enunciados são sempre produzidos dentro de esferas de ação, então esses são determinados pelas circunstâncias específicas e pelos objetivos de cada esfera. Desta forma, os gêneros do discurso não são inalteráveis, pois assim como o sujeito está submetido às relações sociais e essas estão em constante movimento, por serem históricas e sociais, constituídas no confronto, na oposição e na contradição, os gêneros do discurso podem se diferenciar e ganhar novos sentidos (RODRIGUES, 2004).

Assim, os sujeitos se apresentam conforme seu mundo interior, que de certa forma possui um público social próprio já bem estabelecido dentro de sua esfera de atividade, portanto quanto mais sistematizada e diferenciada for a coletividade em que o indivíduo se guia, mais distinto e complexo será seu mundo interior, que se forma com a utilização da palavra como seu material flexível, veiculado pelo seu próprio corpo. Assim, para Bakhtin e seu círculo, a palavra cumpre um papel ideológico e representa de forma autêntica a relação social.

Numa escola com perspectivas inclusivas, que se constitui como uma esfera de ação específica e, portanto, com gêneros discursivos peculiares, existe a presença do diálogo entre ouvintes (os que falam) e Surdos (os que sinalizam), porém a interação verbal pode não ocorrer, se durante o diálogo a enunciação afastar-se do Surdo, pela não utilização de palavras em sua língua natural, a Libras.

Se a palavra, a frase e a língua sempre pertencem tanto àquele que fala quanto ao que ouve e se desenvolve no enunciado, que tipo de diálogo pode existir com o Surdo na interação social dentro de uma escola com perspectivas inclusivas, se a Libras não for utilizada por todos? Se os gêneros do discurso característicos dessa instituição não forem traduzidos em Libras haverá mais dificuldades do que diálogo na interação social. E os conteúdos científicos podem ser deixados em segundo plano nessa esfera de ação em mudança. Assim na escola com perspectivas inclusivas, as contradições emergem da

necessidade de uma interação verbal e o impedimento desta acontecer, visto que os sujeitos do diálogo não utilizam a mesma língua.

Assim, na história da educação de Surdos, os aspectos legais aparecem tardiamente, porém cumprem papel fundamental na realização da inclusão escolar desses indivíduos, pois sua complexidade causa diversos conflitos e rejeições, tanto de aspecto instrucional, pela utilização de uma outra língua concomitante – a Libras-, como na óptica profissional, devido à inserção de um novo profissional no sistema, o intérprete e tradutor de Libras – Língua Portuguesa.

Destarte, pela teoria histórico-cultural os conceitos científicos são assimilados pela criança dentro de um desassossego causado pela incompleta explicação dada pelos conceitos espontâneos, mais práticos e individuais primeiramente, mas que caminham para uma conceitualização, tornando-se mais arbitrários, ou seja, se aproximando dos conceitos científicos e, por fim, formando o conceito. Desta forma, o ensino de Ciências para Surdos auxilia no desenvolvimento do indivíduo, já que apresenta os conceitos científicos sistematizados e problematiza os conceitos cotidianos, estimulando e motivando a aprendizagem. Agora, se o conceito é representado na palavra e essa concentra o conjunto das relações sociais e, tudo o que se diz é dito a outrem, então a relação dialógica entre ouvintes e Surdos precisa necessariamente passar pelo uso da Libras para que exista de fato a interação verbal.

Assim, sem a Libras não há interação verbal e sem essa a aprendizagem também fica prejudicada, visto que, para a teoria histórico-cultural novos conceitos são assimilados com o auxílio do outro, dentro de uma interação social, que ocorre de forma deficitária entre alunos Surdos e professores ouvintes (falantes). Portanto, mesmo se o professor utilizar o discurso monológico para explicar os conceitos ao aluno, segundo a teoria dialógica da linguagem, mesmo nesse tipo de enunciação existe a expectativa de resposta do outro, porém no caso dos Surdos, que pouco entendem o que é explicado, a perspectiva da vinda de uma resposta está sempre atrelada a uma tradução do intérprete e tradutor de Libras-Língua Portuguesa, que pode também pouco compreender o assunto tratado pelo professor ou ainda não dispôs de sinais e descritores da LIBRAS para tais conceitos.

Desta forma, uma investigação mais profunda da escola de ensino regular que tem pretensões de ser inclusiva se faz necessário para entender como se lida com a complexidade do acesso aos conteúdos científicos pelos alunos Surdos.

6. METODOLOGIA

6.1 A Pesquisa Qualitativa

O presente trabalho teve como metodologia a pesquisa qualitativa, que pode ser entendida, entre diversas definições, como a busca por uma compreensão mais profunda de certos fenômenos sociais apoiando-se no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas e organizações sociais, enfatizando as especificidades e funcionamento de um fenômeno complexo (HAGUETE, 2013).

Segundo Chizzotti (2011) a pesquisa qualitativa adota “multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles” (CHIZZOTTI, 2011, p. 28)

Esse trabalho teve um enfoque crítico-estruturalista com visão histórico-estrutural, pois buscou-se a “dialética da realidade social que parte da necessidade de conhecer (por meio de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos” (TRIVIÑOS, 1987, p. 117). Desta forma, com o modelo dialético investigou-se a contradição presente no local de pesquisa, entendendo que os sujeitos são sociais e históricos e, portanto, criadores e transformadores das condições em que se inserem.

Assim, entende-se que para compreender o fenômeno educacional a ciência clássica necessita reconstituir alguns de seus pressupostos, já elencados por Ghedin e Franco (2011, p. 43-45), portanto especifica-se abaixo uma versão resumida das conjecturas comentadas por esses autores:

- Incorporação da subjetividade construtora do real;
- Compreensão da complexidade e a dialética da realidade social;
- Consideração das múltiplas referências que configuram e organizam o fenômeno humano;
- Integração do não quantificável, do aleatório, do imprevisível e do desconhecido;
- Adequação de pressupostos que consideram a realidade social à luz da totalidade e da contradição.
- Revisão dos conceitos de rigor científico;

-Reconhecimento e esclarecimento da dimensão ética da ciência.

O entendimento de pesquisa qualitativa neste trabalho compreende, portanto, a assumir que os fenômenos humanos têm características específicas, complexas e contraditórias, que exigem uma atenção sensível buscando sentido nas realidades sociais e, conseqüentemente investigar o processo e não somente o produto. Assim a pesquisa tem características etnográficas no período que antecede a coleta de dados pelas entrevistas (áudio gravadas e transcritas) e de observação participante.

6.2 Local de Pesquisa

A constituição de dados da pesquisa foi realizada durante o ano de 2013 em uma escola pública estadual de ensino regular, localizada em um município do interior do estado de São Paulo. A referida instituição atende estudantes de diversas regiões do município por ocupar uma posição central e também por possuir duas salas de recursos para o atendimento pedagógico especializado em deficiência auditiva, que em São Paulo atende todos os alunos Surdos e deficiente auditivos do município que estudam em escolas públicas estaduais. Além das duas salas de recursos, a escola conta com vinte salas de aulas distribuídas em dois andares, uma sala de diretoria, duas salas de coordenação, uma sala de professores, uma sala para estudo e leitura, uma sala de secretaria, uma sala de vídeo, um laboratório de ciências, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma cozinha com refeitório, quatro banheiros (dois para alunos e dois para funcionários), um auditório com mezanino e cadeiras para 150 pessoas aproximadamente, estacionamento interno para funcionários, um pátio coberto e duas quadras de esporte, sendo uma delas com cobertura.

A escola atende a dois níveis de ensino, os anos finais do ensino fundamental (de 6º ao 9º ano) e também ao médio (1º ao 3º ano), sendo que o ensino fundamental apresenta os turnos matutinos e vespertinos e o ensino médio atende nos turnos matutino e noturno. Existem alunos Surdos nos dois níveis de ensino e eles estão presentes em sua maior parte no turno matutino, sendo que apenas um aluno do ensino médio estuda no período noturno. Todos os alunos têm intérpretes de Libras-Língua Portuguesa presentes durante todas as aulas de todas as disciplinas, porém não durante todo o ano, pois havia uma

aluna que somente passou a ser acompanhada de um intérprete no mês de maio daquele ano.

A observação participante realizada na escola se baseou nos conceitos de “observador como participante” de Ludke e André (2014), pois a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo foram revelados a todo o grupo durante o primeiro encontro de professores e equipe escolar (reunião de planejamento) do ano de 2013. Entendendo-se que o observador neste caso está inserido no grupo, mas os participantes da pesquisa podem escolher o que vai ser utilizado na pesquisa, portanto todos os esboços e anotações foram realizados na frente dos participantes, inclusive em alguns momentos os pesquisados acabavam sugerindo questões que poderiam ser discutidas posteriormente, como o fato da necessidade de um maior debate sobre a inclusão escolar com os professores.

6.3 Sujeitos da pesquisa

No intuito de complementar as observações, realizou-se também entrevistas semiestruturadas com os sujeitos de pesquisa. A entrevista foi realizada buscando-se utilizar as questões prévias elaboradas apenas como guia (Apêndice D), por isso incentivou-se uma interação com o entrevistado, sem muita imposição de forma correta de resposta, tentando estimular o diálogo. Segundo Ludke e André (2014) a entrevista semiestruturada, embora ocorra a partir de um esquema básico, este não é aplicado rigidamente, desta forma o pesquisador pode realizar as adaptações que acreditar necessárias.

A escola contava na época da constituição de dados da pesquisa com duas Professoras de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, foco da pesquisa, uma leciona nos sextos e sétimos anos e a outra nos oitavos e nonos anos do ensino fundamental. As duas Professoras tinham uma boa convivência, pois não parecia haver animosidades entre elas.

A instituição tinha duas coordenadoras, uma para o ensino fundamental e outra para o médio. As aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPCs) organizadas pelas coordenadoras acontecem em horários e momentos diferentes e, os intérpretes Libras-Língua Portuguesa e os professores das salas

de recursos participam de apenas uma das aulas, sendo que a maioria está presente na ATPC oferecida pela coordenadora do ensino médio, mesmo se o aluno atendido pelo intérprete pertença ao ensino fundamental. As ATPCs oferecidas pela coordenadora do ensino fundamental ocorriam as segundas e quartas-feiras sempre no período noturno, iniciando-se por volta das 19 horas e 30 minutos com duração de uma hora e meia na segunda-feira e de uma hora na quarta-feira. As ATPCs organizadas pela coordenadora do ensino médio ocorriam também às segundas e quartas-feiras, porém em horários diferentes, as segundas-feiras se iniciavam às 18 horas e 30 minutos, com duração de uma hora e meia e, na quarta-feira tinha início às 12 horas e 30 minutos com duração de uma hora. A pesquisadora observou duas reuniões de planejamento e 55 ATPCs oferecidos pelas duas coordenadoras durante o ano de 2013.

No ensino fundamental oferecido pela escola havia dois alunos Surdos de anos diferentes, um menino que cursava o sexto ano e uma menina que estava no oitavo ano, que contavam cada um com uma intérprete de Libras-Língua Portuguesa para todas as disciplinas.

Aqui cabe uma justificativa sobre a escolha em se utilizar o termo intérprete de Libras-Língua Portuguesa para se denominar o profissional que acompanha o Surdo durante as aulas na escola de ensino regular, visto que a SE do estado de São Paulo, na resolução nº 8/2016, atribui o nome de docente interlocutor de Libras⁸ para esse profissional. A primeira explicação diz respeito ao fato de que todos os professores interlocutores cumprem a função e atuam como intérpretes, mesmo não tendo formação acadêmica na área, por isso, considera-se neste trabalho que o vocábulo utilizado para se referir ao profissional deve ser aquele que melhor ilustra sua condição perante o objetivo da investigação. A segunda explicação diz respeito à teoria do círculo bakhtiniano, que é referencial nesta pesquisa, afinal na interação verbal o interlocutor representa uma função importante, que é a de receber o enunciado, pois é a ele que se encaminha o que foi dito, assim utilizar o termo interlocutor para aquele que interpreta a língua de sinais para o aluno Surdo poderia causar

8 Os intérpretes Libras-Língua Portuguesa são contratados como docentes temporários e tem seus contratos renovados todo ano, passando por novas seleções. Eles têm seus vencimentos básicos dentro da faixa 1 de professores da educação básica I (PEB I), embora possam ser formados em licenciatura para disciplinas específicas, o que os enquadraria em PEB II, que possui vencimentos em valores maiores, porém, a resolução SE 38/2009 também aceita professores de nível médio com magistério, desde que tenham comprovação de habilitação ou qualificação na Libras.

certa confusão quanto aos conceitos durante a análise dos dados.

As salas de recursos, atendem estudantes Surdos em dois períodos, matutino e vespertino, e conta com três professores especialistas em deficiência auditiva, com domínio da Libras⁹.

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa foram, portanto: as duas Professoras de Ciências, as responsáveis pela gestão escolar, os dois professores das salas de recurso do período vespertino e as duas intérpretes Libras-Língua Portuguesa que trabalhavam com os alunos do ensino fundamental.

Nomearam-se os profissionais por função e um número que corresponde à ordem de entrevista, assim as Professoras de Ciências foram chamadas Professora 1 e Professora 2. As responsáveis pela gestão escolar entrevistadas foram: a diretora, a vice-diretora e a coordenadora pedagógica dos anos finais do ensino fundamental, que foram denominadas respectivamente: Professora 3, Professora 4 e Professora 5. Os dois professores da sala de recursos foram entrevistados posteriormente e designados: Professor 6 e Professor 7. Já as duas intérpretes Libras-Língua Portuguesa entrevistadas foram nomeadas: Intérprete 1 e Intérprete 2.

A entrevista com a Professora 1 realizou-se na sala de professores da instituição durante horário vago da referida Professora; no entanto, durante a realização da entrevista, o intervalo de aulas da escola inicia-se, o que prejudica o diálogo, pois suas respostas se tornam menos precisas. A referida Professora tem formação em Biologia, Pedagogia e Turismo, sendo que o curso de Biologia foi realizado na Unesp no ano de 1986, o de pedagogia realizado em 1992 e o de turismo em 2000 pelo SENAC, segundo informações dadas pela própria profissional, que atua na rede pública há 32 anos e estava aguardando sua aposentadoria.

A entrevista com a Professora 2 realizou-se também na sala de professores da instituição durante horário vago da referida profissional. Na entrevista a Professora relata que tem 37 anos de experiência no magistério e que não pretendia se aposentar, pois tem apreço por seu ofício. Tem formação

⁹ Os professores da sala de recursos trabalhavam exclusivamente nestas até o ano de 2013, mas em 2014 a resolução nº 61 acaba obrigando esses professores a complementarem sua carga horária para a manutenção do regime de trabalho de 40 aulas semanais.

em Licenciatura plena em Ciências pela Unesp em 1981, além disso, realizou apenas cursos de aperfeiçoamento, inclusive em Língua Brasileira de Sinais, porém diz que somente o curso não foi suficiente para que aprendesse a língua.

A Professora 3, que é diretora da escola, foi entrevistada no período vespertino na sala da direção durante seu horário de trabalho (matutino e vespertino), por isso, a entrevista foi interrompida por diversas vezes. Ela relata que possui formação em cinco cursos. Os cursos foram citados na ordem em que se formou, são eles: Educação Física, Pedagogia, Letras, Educação Artística e Direito, porém só lembra do local onde se formou no primeiro curso (Educação Física) que foi no Instituto Toledo de Ensino em 1973. Ela também informa que fez pós-graduação em Gestão Escolar, organizado pelo Governo do Estado de São Paulo e como isso tornou-se diretora da escola estudada em 1989.

A entrevista da Professora 4, que tem o cargo de vice-diretora na instituição, também ocorreu na sala da direção e durante seu horário de expediente (vespertino e noturno), assim a conversa aconteceu no início da noite, sendo interrompida em alguns momentos. Ela relata que se formou em Licenciatura em Matemática pela Unesp em 1997 e em Pedagogia e que possui especialização em história da matemática. Além da vice-diretoria também exerce o cargo de Professora de matemática em instituição particular.

A Professora 5, que exerce o cargo de coordenadora pedagógica dos anos finais do ensino fundamental, foi entrevistada em sua sala durante o período vespertino em seu horário de trabalho (matutino e vespertino), portanto ocorreram interrupções durante a entrevista. Ela relata que é Professora há treze anos e antes de ser coordenadora pedagógica na instituição, atuou como Professora de Língua Portuguesa. Sua formação é em Letras pela Unesp em 2000, com pós-graduação em Psicopedagogia e está como coordenadora há dois anos.

O Professor 6 tem o cargo de professor de sala de recursos na área de deficiência auditiva e atua nesta área há três anos. A entrevista ocorreu na sala de recursos sob sua responsabilidade, durante um período de pausa em suas atividades. Ele relata que sua formação é em pedagogia com habilitação em deficiência auditiva pela Unesp em 2001 e possui pós-graduação em

psicopedagogia. Além do cargo na escola estudada, ele atua em uma instituição particular de educação especial.

O Professor 7 relata que seu cargo se chama professor especialista da sala de recursos e que também é docente em uma instituição particular de ensino superior. Toda a entrevista transcorreu na sala sob sua atribuição. Ele relata que tem magistério (2004), além do curso de Letras (2009) e a especialização em Educação Especial com ênfase em deficiência auditiva e em Educação Inclusiva. Ele ressalta ainda que realizou o exame proficiência em libras (PROLibras) e que tem 6 anos de experiência no ensino de Libras.

A intérprete 1 foi entrevistada na sala dos professores no dia destinado à reunião com os pais, portanto a profissional estava disponível naquele momento. Ela relata que não possui formação pedagógica, pois formou-se em Estética e que ainda cursa o primeiro ano em Letras. Sua compreensão da língua de sinais parte da própria experiência com o contato com amigos Surdos. É o primeiro ano que atua como intérprete de Libras-Língua Portuguesa na escola.

A entrevista da Intérprete 2 ocorreu no mesmo dia e local da Intérprete 1. E esta relata que possui formação em pedagogia com habilitação em educação especial para deficientes mentais e auditivos pela Faculdade de Agudos no ano de 2008 e que cursa no momento especialização em tradução e interpretação de Libras. Além do cargo na escola, ela informa que trabalha como Professora da Educação Especial com alunos deficientes intelectuais em uma instituição particular.

Após esse breve detalhamento do local e sujeitos da pesquisa, necessita-se um esclarecimento da metodologia da análise de dados realizada neste trabalho, o que será efetuado na próxima seção.

6.4 Metodologia da análise de dados

A análise de dados pautou-se na teoria da enunciação e dos gêneros do discurso de Bakhtin e o círculo com uma investigação pormenorizada de entrevistas realizadas com profissionais da educação que realizam diferentes funções dentro da escola alvo da pesquisa, sendo eles: as duas Professoras de Ciências (Professoras 1 e 2); a equipe gestora, formada pela diretora, a vice-

diretora e a coordenadora pedagógica do ensino fundamental (Professoras 3, 4 e 5); os dois professores da sala de recursos (Professores 6 e 7) e; as duas intérpretes de Libras-Língua Portuguesa responsáveis pelos alunos Surdos do ensino fundamental (Intérpretes 1 e 2). Além das entrevistas, a pesquisadora também utiliza algumas observações realizadas para fazer elucidações mais precisas sobre os comentários dos entrevistados.

A análise é realizada levando-se em conta as respostas dos profissionais da educação aos questionamentos feitos pela pesquisadora, sendo que foi utilizada uma lista de questões com a função apenas de servir de guia para o diálogo (APÊNDICE D).

O detalhamento da análise das entrevistas de cada entrevistado pode ser observado nos quadros em anexo (APÊNDICES E a M). O enquadramento contextual foi realizado para cada resposta as perguntas realizadas para todos os entrevistados e os aspectos utilizados nesta análise foram: unidade temática, propriedade funcional e plano composicional. Estes aspectos foram selecionados levando-se em conta a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e seu círculo. Sendo assim, a unidade temática diz respeito a própria enunciação, que é individual e não reiterável, assim como o tema é para Bakhtin “a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 131). Nesta análise considera-se também a propriedade funcional da resposta dada pela Professora, pois para teoria dialógica da linguagem a palavra dirige-se a alguém e, portanto, “é função da pessoa desse interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 114). Além disso, observa-se o plano composicional de elaboração da resposta, ou seja, o acabamento, a disposição e a combinação das palavras utilizadas.

Desta forma, para uma melhor elucidação de como foi realizada a análise das entrevistas de cada entrevistado, pode-se dizer que durante a avaliação de cada resposta a toda questão feita durante a entrevista, questionou-se “Do que se fala?” para encontrar a unidade temática. No caso da propriedade funcional a pergunta feita é sobre qual a função da resposta dada pelo entrevistado e para avaliar o plano composicional o questionamento é a respeito da forma como foi planejada a resposta do entrevistado. Essa análise foi feita por entrevista de

cada sujeito da pesquisa e o resultado detalhado se encontra em quadros apresentados nos Apêndices E a M.

No capítulo a seguir pode-se verificar a análise descritiva dos resultados dos dados avaliados nesta pesquisa, baseada na teoria dos enunciados e dos gêneros do discurso de Bakhtin e colaboradores, no qual também se apresentam quadros com resumo das possibilidades e dificuldades apresentadas por cada grupo de entrevistados, as esferas de ação. Além disso também são analisadas as semelhanças e divergências apresentadas por cada esfera social.

Após a análise descritiva faz-se uma discussão desta no capítulo 8, no qual busca-se realizar uma interpretação da análise utilizando tanto a teoria de Bakhtin e seu círculo quanto a teoria histórico-cultural de Vigotski, abrangendo assim os dois referenciais teórico-metodológicos.

7 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

A seguir realiza-se uma síntese da análise dos enunciados e dos discursos dos entrevistados, apresentando exemplos e comentando os enquadramentos contextuais de cada esfera de ação, sendo elas: Professoras da sala regular (Professoras de Ciências), responsáveis pela gestão escolar (diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica do ensino fundamental), professores das salas de recursos e intérpretes Libras-Língua Portuguesa (atuantes como intérpretes dos dois alunos Surdos do ensino fundamental).

Além disso foram elaborados quadros (Quadros 7.1 a 7.4) contendo um resumo dos aspectos que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social apresentados pelas quatro diferentes esferas de atividade da escola pesquisada, sendo estas: Professoras da sala regular, responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recurso e intérpretes Libras-Português. Desta forma, buscou-se agrupar os enunciados relativamente constantes, que formam os gêneros de discurso característicos de cada esfera social, segundo Bakhtin e seu círculo. Essa investigação possibilitou o estabelecimento de outros dois quadros (Quadros 7.5 e 7.6) contendo as semelhanças e divergências das possibilidades e dificuldades de interação social entre as esferas de ação no ambiente escolar.

7.1 Aspectos que possibilitam e dificultam o estabelecimento da interação social

7.1.1 Professoras da sala regular

As entrevistas realizadas com as Professoras de Ciências que atuam na escola estudada proporcionaram um entendimento de suas percepções a respeito das interações sociais que ocorrem na sala de aula e na escola como um todo. A síntese das possibilidades e dificuldades por elas apontadas pode ser observado no Quadro 7.1.

Quadro 7.1 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelas Professoras da sala regular (Prof. 1 e Prof. 2)

Aspecto relatado	Possibilidades		Dificuldades	
	Prof. 1	Prof. 2	Prof. 1	Prof. 2
Instituição	Interação entre os profissionais da educação	Compartilhamento de ideias e comparecimento quando requisitada uma posição	Falta diálogo entre os profissionais, pois há bastante individualismo	Contradições consideradas normais
Relação professor-aluno (geral)	Cumprimento do dever	Interação e atualizações constantes de conteúdo	Atuação apenas como instrutora quando questionada	O comportamento dos alunos na atualidade
Relação professor-aluno (Surdos)	-	Tem interesse em aprender a Libras e apresenta propostas para tornar o aprendizado constante	Não sabe Libras e não tem interesse em aprender	Não sabe Libras e a acha uma língua difícil
Relação professor-intérprete	Auxilia	Apresenta proposta de maior interação dentro da sala de aula, com perguntas feitas pela intérprete ao professor da sala	Necessidade de uma interação maior para diminuir a discriminação	Falta maior interação fora e dentro da sala de aula
Relação intérprete-aluno Surdo	Auxilia na comunicação com o professor	Ensina alunos ouvintes a se comunicar com os alunos Surdos	Ainda é pouco	A intérprete não faz perguntas
Relação alunos Surdos e ouvintes	Entre eles não há discriminação	Boa interação, inclusive alguns ouvintes aprendem Libras para interagir melhor	Interação quase que inteiramente só entre os alunos	Fala comprometida dos Surdos ou falta de convivência com os Surdos
Comunicação e aprendizado	Compreende que a interação com a Ciência é importante para se entender o mundo	Sugestão de prática constante de Libras nos ATPCs, ressaltando a importância da comunicação	Comunicação e aprendizado não tem relação entre si e o ensino das ciências fica somente a cargo do professor	Cada um tem sua disposição em aprender
Comunicação e conhecimento	Ciência está em tudo e não se pode distanciar dela, correndo o risco de desconhecer o que ocorre com o mundo	Aprendizado facilitado pela comunicação, pois há muitas mudanças nas Ciências	Pouca interação	Muita interação, no entanto, não tem proximidade com a Libras

Fonte: a autora

Segundo a Professora 1, a instituição apresenta problemas na troca e expedição de informações a respeito da rotina escolar, porém esses

contratempos não prejudicam a interação entre alunos e professores. A Professora 2 também relata que entre os colegas o compartilhamento de informações também é mínimo, embora existam pessoas que contribuam no diálogo.

“Um grande problema dessa escola é a... como é que fala... dificuldade em passar recado. Então o recado não chega realmente [...]” (Professora 1)

“Então existem pessoas que não compartilham com essa mesma ideia, tem pessoas que não entram nessa ideia de jeito nenhum e tem aquelas que entram de boa vontade [...]” (Professora 2)

Os discursos mostram o aspecto contraditório da escola, no qual o diálogo, que poderia ser um aspecto unificador, ocorre de forma fragmentada, pois não há uma apreensão totalizante do que é dito pelo outro enunciador.

Seguindo a análise do setor “Professoras da sala regular”, pode-se notar que no papel desempenhado por elas na interação social predomina a intenção de mínima interferência, buscando evitar conflitos com seus pares e com outros setores da escola, embora a Professora 2 relate que a escola tem bastante interação, mas somente entre os professores.

“Eu me dou bem com todos, né? Procuo ajudar naquilo que eu posso. Só que eu não me envolvo assim com os problemas individual de cada um, então eu faço, o meu... assim... o meu social.” (Professora 1)

“Cada um pensa de um jeito. Acho que a diretora tem que pensar na escola, no coletivo da escola, que é o papel dela. Cada um usando sua posição. E nós aqui na escola como professores. Acho que é uma das escolas que mais existe interação entre os professores.” (Professora 2)

A “interação entre os professores” citada pela Professora 2 aparenta ser superficial, visto que a Professora 1, que também leciona Ciências relata que os profissionais na escola são individualistas, atuando no âmbito profissional estrito, pois elas afirma, seus vencimentos justificam a escassa interação entre seus pares.

“É, é... Eu faço o meu papel. Eu ganho para isso... Eu procuro fazer o meu papel e ponto.” (Professora 1)

“Compartilhamos também com outro, o corpo discente, o diretor, os funcionários, mas é mais com os professores, né?” (Professora 2)

As duas docentes de Ciências entrevistadas relatam que a presença de alunos Surdos na sala de aula é uma conjuntura que causa desassossego, pois elas dizem não se sentirem preparadas para lidar com a situação. Além disso, relatam que, mesmo com momentos de discussão, cursos disponibilizados a respeito e até a presença do intérprete Libras-Língua Portuguesa do aluno Surdo, ainda existem muitos problemas, pois a vinda desses novos elementos para a sala de aula causa obstáculos para sua atuação profissional, visto que é necessário, mas ela reconhece que não faz uma adaptação de estratégias de ensino que muitas vezes podem até perturbar a aprendizagem dos alunos ouvintes, como citado abaixo pela Professora 2.

“[...] mas eu peço muito, porque eu não fico totalmente de frente para ele, eu falo muito rápido, eu tenho que me policiar quanto a isso. Eu ando na sala, que é pedagogicamente, isso é correto, mas não para os surdos, então eu também tenho dificuldade [...]” (Professora 2)

A Professora 2 até sugere uma maior participação da intérprete do aluno Surdo na aula, mediante questionamentos a respeito de dúvidas sobre a matéria ensinada no momento.

“[...] só uma chamativa, perguntar se ele entendeu, mas não toda hora eu falo isso pra ela a Professora interlocutora, ele entendeu. Ela tem que perguntar para ele se ele entendeu, o que é que ela explica de novo, então eu acho que tem que ter mais. [...]” (Professora 2)

Quanto a convivência dos alunos Surdos dentro da escola, as duas docentes descrevem um bom relacionamento, inclusive com alguns alunos ouvintes aprendendo a língua de sinais para se comunicar melhor com seus colegas Surdos.

“Eles se dão muito bem, eles se sentem como iguais, e tem coleguinha que aprendeu a linguagem de libras com eles, sabe, então entre eles eu acho que existe uma relação muito legal [...]” (Professora 2)

Essa boa convivência parece ser estimulada com as ações realizadas na escola e citadas pelas duas docentes, que são o coral de Libras e as peças de teatro realizadas pelas Professoras do projeto sala de leitura. No coral de Libras participam alunos Surdos, alunos ouvintes e também alguns professores e todos os intérpretes Libras-Língua Portuguesa dos alunos Surdos presentes na escola.

Além de estimular um maior contato entre Surdos e ouvintes as ações, segundo as docentes, também auxiliam na aprendizagem da Libras pelos participantes. O uso da língua de sinais é indicado como uma condição bastante importante na comunicação com os alunos Surdos, embora as duas Professoras relatem ter dificuldades com essa língua, necessitando, portanto, de auxílio, oferecido, principalmente, pelo intérprete de Libras-Língua Portuguesa do aluno Surdo, para poder ter um contato mais próximo com o aluno Surdo.

Assim, foi questionado às Professoras sobre a importância da interação e da comunicação na aprendizagem de Ciências e ambas confirmaram a relevância do diálogo e da troca de experiências para se compreender de uma forma mais efetiva as Ciências.

“Se o aluno não interagir, se ele não souber conceitos, se ele não buscar explicações, ele ficará um ser humano a parte do mundo.”
(Professora 1)

“Com perguntas, trazendo aquilo que ele tem de vivência. E você sempre acrescentando, ele traz uma vivência e de repente é uma vivência interessante pra você também. Então é uma coisa que Ele viveu, né, então isso acrescenta pra você também. Então isso vai tendo o momento de conteúdo, e quando você vai falar sobre esse mesmo assunto, você tem que ter o conteúdo e todas as vivências que você colheu [...]” (Professora 2)

No entanto, essa comunicação em sala de aula tem carências e fragilidades consideráveis, visto que as docentes não têm conhecimento da língua de sinais e se comunicam ou tentando a utilização da leitura labial ou por intermédio do intérprete Libras-Língua Portuguesa do aluno Surdo, que tem uma formação diferente e também apresenta dificuldades na assimilação de conteúdo da disciplina. Toda essa conjuntura presente na sala de aula demonstra a precariedade do sistema que ainda precisa de muitas discussões para um aprimoramento.

7.1.2 Responsáveis pela gestão escolar

Quanto à equipe gestora, considerou-se apenas aquelas integrantes que também possuíam um papel pedagógico com os alunos dos anos finais do ensino fundamental, sendo elas: a diretora, a vice-diretora e a coordenadora

pedagógica do ensino fundamental, da escola estudada. Uma síntese das possibilidades e dificuldades por elas apontadas pode ser observado no Quadro 7.2.

Com relação à interação social e à comunicação entre todos os integrantes da escola (alunos, professores e funcionários), as Professora 3 e Professora 4 dizem que há bastante interação entre todos na escola, porém essa informação não é corroborada pela Professora 5, que admite uma fragmentação no convívio desde a equipe gestora, visto que não há pouco diálogo entre o grupo de trabalho que gerencia o andamento escolar. Cabe mencionar que a Professora 3 ressalta o fato de uma funcionária ter realizado um curso de Libras oferecido por um aluno Surdo do ensino médio do período matutino.

“[...] todos que quiseram fazer eu permiti, dava a hora mais sei lá dava hora de ATPC, HTPC que era antigamente, vai fazer vai até que os professores fizeram o curso. Aquele inicial de Libras para entender um pouco melhor né. Os professores se interessaram os funcionários se interessaram e essa menina tá fazendo [...]” (Professora 3)

“[...] são poucos os professores que cria uma barreira a maioria eu vejo que é legal, que tem essa interação, assim de conversar as coisas às vezes particulares, sabe de querer conversar, de querer trocar ideia mesmo que não seja coisa da aula isso aí também é interessante [...]” (Professora 4)

“Fragmentada porque ela já acontece sendo fragmentada pelo corpo gestor, né? [...] Seria uma fala principalmente no corpo gestor você tem que saber ouvir e não falar e quando falar, falar na hora certa e do jeito certo. Às vezes você tem que mudar o termo para falar para outra pessoa, sabe?” (Professora 5)

A Professora 4 diz que vê uma boa relação entre os alunos e os professores, no entanto a Professora 5 diz que esses estão desmotivados e que existe uma certa dificuldade em se implantar novos projetos na escola.

“[...] eu não sinto mesmo com o corpo docente eu não sinto. Eu sinto eles muitas vezes desmotivados, mas eu tentei erguê-los.” (Professora 5)

Quadro 7.2 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo, apresentadas pelas Professoras responsáveis pela gestão escolar (Prof. 3, Prof. 4 e Prof. 5).

Aspecto relatado	Possibilidades			Dificuldades		
	Prof. 3	Prof. 4	Prof. 5	Prof. 3	Prof. 4	Prof. 5
Instituição	Oportunidade para aprender Libras	Interação é grande	Estratégias para melhorar o relacionamento	Antigamente escola era melhor	O aumento no desrespeito dos alunos	Interação fragmentada
Relação professor-aluno (geral)	Flexibilidade para realizar orientações	Conciliação de conflitos	Desenvolvimento de novas estratégias	-	Dificuldade de entendimentos entre as partes	Práticas autoritárias da diretora
Relação professor-aluno (Surdos)	Houve uma evolução positiva nos financiamentos para a sala de recursos	Participação mais ativa dos alunos Surdos na escola	Necessidade de limites aos alunos Surdos	No início os deficientes estavam na escola somente para socialização	Não saber a língua de sinais	Regalias desnecessárias
Relação professor-intérprete	Professores da sala de recursos são bons	Intérpretes auxiliam na comunicação	Auxilia na comunicação	-	-	Defendem o Surdo excessivamente
Relação intérprete-aluno Surdo	Intérprete não é só tradutor, mas também deve tirar a dúvida do aluno e ajudá-lo a aprender	Intérpretes ajudam na mediação de conflitos	Coral de Libras	-	-	Muitas atividades extraclasse
Relação alunos Surdos e ouvintes	Coral de Libras, participação conjunta de Surdos, deficientes auditivos e ouvintes	Alunos Surdos interagem bastante	Alunos ouvintes querem aprender Libras	-	Faltas frequentes dos alunos Surdos	-
Comunicação e aprendizado	As ações da escola auxiliaram a socialização dos alunos Surdos	-	Comunicação motiva o aprendizado	-	Falta de comunicação por não saber Libras	Falta comunicação na escola
Comunicação e conhecimento	A socialização dos Surdos auxiliou sua escrita	Uso de diferentes estratégias	Feira de Ciências	-	Falta atualização	-

Fonte: a autora

Quanto à atuação profissional das Professoras, estas acreditam que seus papéis sejam de: orientação, conciliação e formação de elos entre as pessoas. As três Professoras responsáveis pela gestão escolar e que foram entrevistadas indicam ter papéis diferentes e compreendem sua função de formas distintas.

“É de tudo, eu tenho que ser assim. Eu tenho que ser a hora que precisou de mim naquele tipo de coisa eu tenho que estar ali pra pelo menos dar um né, um caminho, um norte pra pessoa [...]” (Professora 3)

“A gente tem que ter, fazer de uma certa maneira, assim que não tenha, quanto menos atrito eles têm não, melhor né, para não ter assim por exemplo um começa a xingar o outro, o outro xingar também e assim não, né. Você tem que apaziguar a situação [...]” (Professora 4)

“Como papel eu acho que de... é... de fazer uma ponte de relação entre as pessoas talvez acho que seria isso eu acho que nem estou na função de coordenadora, acho que é minha função aqui realmente talvez seja essa de assistente social [...]” (Professora 5)

Quanto à presença dos alunos Surdos, a Professora 3 relata que antes de se instalarem as salas de recurso na escola, já havia alunos Surdos ou com outra deficiência, porém como não havia muita assistência eles acabavam interagindo muito pouco com a comunidade escolar. Após a vinda das salas de recursos com material pedagógico e estrutura próprios para o atendimento ao Surdo e aos deficientes auditivos a situação se modificou, e os alunos Surdos e deficientes auditivos passaram a ter mais apoio com os intérpretes de Libras-Língua Portuguesa e os professores das salas de recursos, com apoio pedagógico especializado.

“Também fora a sala de recursos. Aí ficou esse apoio para eles importantíssimo que ele vem duas vezes por semana né na sala de recursos. E os professores são ótimos, né.” (Professora 3 sobre a sala de recursos para deficientes auditivos e os seus professores)

“Então eles, eles às vezes ficavam assim (gesto olhando para cima). O que ele vai entender daquilo ele tem que olhar para o intérprete e olhar na mão e ele mesmo faz a pergunta o intérprete já tira tudo a dúvida dele eu acho isso revolucionário [...]” (Professora 3 sobre a atuação do intérprete na sala de aula)

A participação mais ativa dos Surdos e deficientes auditivos na escola é igualmente ressaltada pela Professora 4, que destaca também quase ausência de funcionários usuários de Libras existentes na instituição e que isso é um

empecilho na comunicação com o Surdo, pois sem a língua de sinais o entendimento mútuo é precário e rudimentar. Desta forma, a presença do intérprete de Libras-Língua Portuguesa é fundamental para auxiliar na administração dos conflitos na escola.

“[...] eu vejo que tem uma melhora crescente, assim sabe... É bem legal assim... Como eles estão, né? E tem também os meninos (professores da sala de recurso) aí, mas... Eu acho de uma maneira geral, a escola lida muito bem com isso. Todos os professores, os intérpretes são... Interação com escola, com os professores [...]” (Professora 4)

Essa presença notória dos Surdos na escola parece também possibilitar a esses alunos um tratamento privilegiado e que muitas vezes viabiliza saídas desproporcionais da sala de aula, tanto para participar de atividades extraclasse, como teatro ou coral, quanto por motivos banais, como idas frequentes ao sanitário. A Professora 5 relata que existe seguramente uma aceitação quanto a comportamentos que seriam repreensíveis dos alunos Surdos na escola, até pela presença do intérprete, que acompanha apenas o aluno Surdo e pode até acobertar algumas condutas inapropriadas, como chegar atrasado para a aula.

“E muitas vezes tiram os alunos da sala de aula e daquele aprendizado pra fazer determinadas coisas e depois aquela aula vai fazer falta para ele, então primeiro tem que... E eles gostam de sair da aula [...]” (Professora 5 ao comentar sobre as saídas exageradas da sala de aula dos alunos Surdos)

“[...] ele chega atrasado na sala de recursos, ele entra hora que ele quer, eu falei aqui não, se você chegou atrasado pode ir embora você tem horário a cumprir ou então ele vem assim fora de hora não, agora é hora aula do outro você tem que respeitar, então não é porque ele tem uma diferença que ele pode usar isso pra ele se beneficiar então ele é dos que têm muito [...]” (Professora 5 ao relatar o comportamento de um aluno Surdo na escola)

Assim, o fato de diversos alunos Surdos estarem presentes na escola se não for bem administrado pode fazer com que esses alunos tenham um tratamento privilegiado e que excede suas necessidades diferenciadas. Além disso, as frequentes saídas da sala de aula também atrapalham o andamento da rotina escolar dos alunos Surdos e deficientes auditivos que, muitas vezes, já necessitam de uma maior atenção ao conteúdo por terem menos acesso aos conceitos espontâneos disponíveis via auditiva.

Dentre as ações realizadas pela escola para realçar a importância da Libras e também proporcionar um maior contato e aprendizado da língua de sinais pelos ouvintes, destaca-se o coral, pois este é formado tanto por Surdos e deficientes auditivos quanto por ouvintes (alunos e professores). A Professora 3 e a Professora 4 ressaltam que o coral permite uma maior interação dos Surdos e deficientes auditivos com os ouvintes da escola, além de promover aos ouvintes um convívio com o uso da língua de sinais, também aumentam a autoestima dos Surdos, auxiliando na sua permanência na escola. No entanto, segundo a Professora 5, o coral parece ser supervalorizado na escola, pois os ensaios ocorrem durante o período regular das aulas, fazendo com que os alunos percam a matéria que está sendo explicada pelo professor, o que pode ocasionar uma carência no aprendizado dos conteúdos curriculares.

Outra atividade realizada pela escola que busca promover a aprendizagem de Libras na instituição foi um curso oferecido por um aluno Surdo, usuário de Libras, que frequenta o ensino médio da escola no período matutino e, portanto, ministrava as aulas no período vespertino. Esse curso ocorreu durante um curto período de tempo, entre um ou dois meses e foi oferecido a todos os ouvintes da escola, tanto alunos quanto professores e funcionários, porém apenas uma funcionária frequentava as aulas, pois foi liberada pela diretora, mas os alunos ouvintes participaram bastante, inclusive do ensino fundamental. No entanto, o curso se encerrou sem aviso prévio, ocasionando alguns contratempos, como discentes do período matutino que ficaram perdidos no pátio da escola à tarde, pois haviam permanecido na instituição para a aula de Libras que já havia sido cancelada.

O mesmo aluno Surdo do ensino médio, com a ajuda de alguns intérpretes, ministrava aulas de Libras em alguns ATPCs para os professores do ensino médio apenas. O fato dos professores do ensino fundamental não terem as mesmas aulas foi questionado pela pesquisadora, mas não houve um esclarecimento que elucidasse a situação.

A Professora 4 faz um comentário sobre a importância do conhecimento de Libras pelo professor responsável pela disciplina, pois para ela, o fato do professor aprender a língua de sinais, mostra ao aluno Surdo um maior interesse

em sua aprendizagem, estimulando-o e motivando-o a estudar o assunto que lhe é ensinado.

“Então quer dizer você imagina para um aluno surdo ver que uma Professora tá interessada em aprender a língua de sinais deve ser né, super legal, porque pra eles, pra eles aquilo lá né é tudo né.” (Professora 4)

As três docentes responsáveis pela gestão na escola concordam com a importância da comunicação para a aprendizagem tanto no comportamento cotidiano visando uma maior sociabilidade, quanto para os conteúdos científicos ensinados na sala de aula. Assim, tanto o uso de diferentes estratégias de ensino quanto um bom entrosamento entre professor e aluno auxiliam na motivação por aprender.

“É muito difícil. Ciências eu acho mais difícil ainda por isso eu acho que é assim, em Ciências eu quero que vai pro laboratório, Biologia também vai pro laboratório mostrar porque tem que mostrar, porque tem um campo muito fértil nisso daí né.” (Professora 3 sobre o uso de diferentes metodologias no ensino de Ciências).

“Então ao mesmo tempo que eu sou brava e gosto de respeito eu interajo com eles eu dou risada a gente brinca a gente conversa, então eu vejo assim que aqui tem professor que sabe muito e, tem professores excelentes só que o que acontece muitas vezes, eles não conseguem... eles não têm um relacionamento bom com a sala, aí já perdeu 50% dá chance de eles aprenderem.” (Professora 4 sobre a importância do bom relacionamento professor-aluno)

“Se isso acontece dentro da escola com certeza porque você vai poder motivar a criança.” (Professora 5 sobre o fato da troca de informações auxiliar na aprendizagem)

No caso do conhecimento sobre Ciências, as três docentes participantes da gestão escolar tiveram dificuldades em compreender o significado da questão, mas todas disseram que ensinar Ciências é um desafio e que o conteúdo é bastante complexo necessitando de constante atualização e transformações na forma de ensinar e de compreender o mundo.

7.1.3 Professores das salas de recursos

Os dois professores da sala de recursos, que realizam um apoio pedagógico especializado aos alunos Surdos e aos deficientes auditivos, foram entrevistados em suas respectivas salas. Ao todo são três professores de sala de recursos que trabalham na escola, uma Professora para o período matutino e dois professores no período vespertino, porém a docente da manhã trabalha apenas com alunos Surdos e deficientes auditivos procedentes de outras instituições públicas de ensino, sendo assim, como o objetivo da pesquisa é investigar a escola e não a sala de recursos, entrevistou-se somente os dois professores que trabalham à tarde e que atendem em sua maioria os alunos Surdos e deficientes auditivos provindos do período matutino da escola foco do estudo. Um resumo das possibilidades e dificuldades por eles apontados pode ser observado no Quadro 7.3.

Quanto à interação social entre todos os integrantes da comunidade escolar, tanto para o Professor 6, quanto para o Professor 7 essa interação é estritamente profissional e ocorre somente em momentos indispensáveis. Além disso, a gestão escolar não explicita as funções dos integrantes da instituição, fato que dificulta a compreensão das responsabilidades cabíveis a cada um, portanto seria necessário uma maior sistematização e organização das atribuições para que exista um gerenciamento logístico eficiente.

“Essa interação é aqui, eu acho que essa interação é só aqui. Assim na escola só a nível profissional.” (Professor 6)

“Eu acho assim onde os professores e os alunos... Nem eles sabem quais são os papéis que são definidos dentro de um processo escolar ou acadêmico e que eles entendam dentro desse processo que existe uma... Como que se fala não é função, mas tipo assim uma ação que tem que ser desempenhada tanto pelo professor quanto pelo aluno [...]” (Professor 6)

“[...] tá a gente não tem uma organização em relação à carga horária, aos horários de atividades, se vai ter atividade, ou não convocação olha às vezes a gente tem uma convocação, que vem da diretoria que a gente tem, o que a gente sabe só em cima da hora às vezes nem soube, e perde a convocação então assim tem muito problema de comunicação devido a escola ser grande, a gente faz um monte de coisa e muitas vezes a gente não faz nada [...]” (Professor 7)

“Eu percebo que as pessoas não fazem o papel delas e não há diálogo entre elas, essas pessoas não há sabem assim não tem distribuição por funções. Não se exige, por que então se você distribuiu então cobre de quem foi dada a função, a função que é dele não a função que não é dele [...]” (Professor 7)

Quadro 7.3 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelos professores das salas de recursos (Prof. 6 e Prof. 7)

Aspecto relatado	Possibilidades		Dificuldades	
	Prof. 6	Prof. 7	Prof. 6	Prof. 7
Instituição	Interação estritamente profissional	-	Falta de ações da gestão escolar para melhorar a interação	Relação desorganizada entre a equipe escolar
Relação professor-aluno (geral)	Cumprimento das atribuições	Boa relação	Alunos não se identificam com a escola	As funções não são cumpridas de forma eficiente
Relação professor-aluno (Surdos)	Visibilidade tem aumentado	Mediada pelo intérprete e pelo professor da sala de recursos	Professores não sabem Libras	Professor não sabe Libras
Relação professor-intérprete	Interação no Coral de Libras	Escola mais familiarizada com os Surdos	Somente em momentos festivos	Professor depende do intérprete
Relação intérprete-aluno Surdo	Oferece os conhecimentos prévios ao aluno Surdo	O intérprete medeia a interação na escola	-	O intérprete precisa estar sempre presente para que a interação aconteça
Relação alunos Surdos e ouvintes	Boa aceitação dos alunos Surdos	Números significativo de alunos Surdos na escola e alunos ouvintes usando Libras	Alunos Surdos precisam se adaptar ao meio	-
Comunicação e aprendizado	Atuação dos intérpretes	Curso de Libras dado por um aluno Surdo do ensino médio	Sem a Libras aumenta a dificuldade de abstração do aluno Surdo	O curso não foi bem sistematizado
Comunicação e conhecimento	Sala de recursos	A língua de sinais consegue ser utilizada com qualquer conhecimento	Necessidade de estímulos visuais	Falta de trabalho conjunto professor da sala regular e professor da sala de recursos

Fonte: a autora

Desta forma, mesmo com as dificuldades administrativas, o Professor 6 e o Professor 7 ressaltam que, apesar do que diz a legislação, o principal papel deles é a mediação entre os profissionais da educação na escola, os alunos Surdos, os alunos ouvintes e os pais dos alunos buscando uma escola mais inclusiva, embora muitos colegas de trabalho não saibam ao certo qual a função da sala de recursos na escola.

“Embora tenha legislação e tudo mais eu entendo meu papel como de mediação. A mediação da educação especial nessa escola, a educação especial é a modalidade de ensino, então ela está presente na escola, mas ela não é um serviço à parte, ela vem para apoiar e trabalhar com essa escola inclusiva, mas ela só vai ser inclusiva se ela tiver a educação especial atuante, não é isso aqui.” (Professor 7)

“[...] ao ponto até de vierem me perguntar o que eu fazia aqui, né, então pra você ver... Vai fazer três anos que eu estou aqui. São professores que eu cruzo no corredor todos os dias. Que eu entro na sala deles.” (Professor 6)

Com relação aos alunos Surdos presentes na escola, o Professor 6 e o Professor 7 evidenciam que embora a instituição esteja mais familiarizada com os Surdos, estes ainda enfrentam algumas adversidades e a maior delas é a língua, pois são poucos os profissionais da educação atuantes na escola que interagem de uma maneira efetiva com eles, e não se relacionam porque não usam a Libras nessa interação. Sendo assim, a comunicação genuína ocorre somente entre os alunos Surdos e seus intérpretes Libras-Língua Portuguesa ou com os professores das salas de recurso, que são usuários da língua de sinais.

“[...] eu acho assim que se fosse realmente o ambiente de inclusão não precisaria ser assim (pedir ajuda a ele) qualquer pessoa falaria com eles (Surdos), desde o diretor até a faxineira poderia falar com eles, usar a forma de comunicação que eles utilizam [...] (Professor 6, sobre a necessidade de precisar sair da sala de recursos para auxiliar na comunicação de um aluno Surdo)

“Aí muitos funcionários não sabem se comunicar com surdos, inclusive nossa coordenação pedagógica não conversa com os alunos surdos em língua de sinais, a nossa direção tanto a vice quanto a própria diretora, também não conversam em língua de sinais [...]” (Professor 7)

O Professor 6 também relata que alguns ainda compreendem a educação especial como uma atuação filantrópica com funções ainda amadoras e não capacitadas.

“[...] mas o lado da filantropia eu acho assim que a gente não trabalha com deficiência porque nós temos uma alma muito boa né [...] eu faço o meu trabalho, não estou aqui fazendo caridade. Não é um trabalho voluntário. Então a gente tem que deixar isso bem claro [...]” (Professor 6)

O Professor 6 e o Professor 7 comentam ainda sobre a aprendizagem do aluno Surdo e quais as diferenças na aquisição de conceitos, pois os ouvintes adquirem muitos conceitos por via auditiva e esses conceitos prévios os ajudam a estabelecer relações com os novos conceitos que são apresentados na sala de aula. No entanto o Surdo, que vive numa comunidade ouvinte, tem um acesso limitado aos conceitos prévios e por isso necessita que seja oferecido a eles um conhecimento introdutório anterior ao conceito científico que será discutido em sala de aula e quem vai disponibilizar esses conhecimentos prévios é o intérprete de Libras-Língua Portuguesa. Afinal a língua de sinais é a ferramenta de comunicação que auxilia o Surdo a perceber e a assimilar o seu entorno e a interagir com as pessoas a sua volta, portanto sem a língua de sinais o desenvolvimento do Surdo é muito tênue. No entanto, o intérprete de Libras-Língua Portuguesa não é especialista no assunto abordado, portanto não está capacitado para suprir o aluno Surdo com os conhecimentos prévios sobre aquele assunto, pois isso cabe ao professor responsável pela disciplina.

“[...] geralmente professor começa levantando os conhecimentos prévios dos alunos né, então os alunos ouvintes e eles vão ter conhecimentos prévios e o mínimo de informações via auditiva. E os surdos eles precisam de pré-requisitos que geralmente eles não têm [...]” (Professor 6)

“[...] você está falando o desenvolvimento no sentido pleno, linguístico, cognitivo do aluno se desenvolver em todos os aspectos sociais de visão de mundo, você não tem isso no surdo sem a língua de sinais [...]” (Professor 7)

Sendo assim, o fato de os alunos Surdos terem se tornado mais ativos na escola pode dever-se ao seu maior convívio com os colegas Surdos e os ouvintes que aprenderam a língua de sinais, afinal na interação a língua é apreendida e incorporada com mais facilidade ao cotidiano do aluno, que também se sente mais seguro para compartilhar suas experiências. No entanto, o que se percebe, segundo o Professor 6 e o Professor 7, é que existe algo muito mais próximo a uma integração do que a uma inclusão, visto que os Surdos tiveram que se adaptar às condições que lhes foram oferecidas e não houve um preparo adequado para recebê-los.

“A gente trabalha com interação (no sentido de integração) não trabalha com inclusão, eu acredito assim eu vejo dessa forma. Eu vejo que inclusão é você preparar o ambiente é você tornar o ambiente mais acessível, possível para o surdo ou cego ou pro cadeirante e tudo mais as outras deficiências, então não, a pessoa chega e ter que se adaptar ao ambiente é muito mais complicado, então eu acredito que essa realidade que a nossa realidade é essa, né.” (Professor 6)

“[...] o aluno (Surdo) ele tem que se esforçar bem mais do que ele é para alcançar o mínimo do conhecimento da sala e atingir um nível satisfatório de entendimento das coisas que poderia ser facilitado por algumas ações, principalmente pelo professor, porque existem algumas ações que são possíveis de serem feitas, mas só que não se está aberto pra isso.” (Professor 6)

“Aqui nessa escola eu percebo mesmo que de forma tímida os alunos aqui têm uma certa liberdade aqui nessa escola, porque é uma escola que tem mais surdos, não é porque é uma escola que é um exemplo de escola de surdos [...]” (Professor 7)

“De um modo geral eu vejo que a interação é melhor aí em relação por exemplo se fosse com os funcionários ou com os professores. A interação com os alunos mesmo ouvintes e surdos a interação é mais tranquila. Nós temos vários alunos surdos aqui e, ou melhor, alunos ouvintes, perdão, que falam em Libras e tal e que já conversam em sinais e já tem um certo domínio dos sinais pra conversar e entender o surdo.” (Professor 7)

Logo, se é por meio da língua de sinais que o Surdo vai compreender melhor o mundo à sua volta, se esperaria que existissem ações que contribuíssem na aprendizagem de Libras por toda a comunidade escolar, visto que a escola apresenta um número expressivo de alunos Surdos. Porém ao se analisar as ações realizadas pela escola para que os integrantes da comunidade escolar aprendam Libras, os dois professores da sala de recursos citam apenas as aulas que foram oferecidas por um aluno Surdo do ensino médio, situação já mencionada anteriormente. Ambos questionam o gerenciamento deste curso, pois, além de ter tido uma curta duração, não houve uma sistematização apropriada, já que faltou uma reunião com os profissionais envolvidos com educação especial da instituição (intérpretes Libras-Língua Portuguesa dos alunos Surdos e professores das salas de recursos), a fim de discutir técnicas a serem utilizadas na atividade que se estava desenvolvendo, pois sua prática não incluiu as particularidades do ensino da língua de sinais.

Assim, ao serem questionados se a comunicação auxilia na aprendizagem, os dois professores das salas de recursos concordam que o

diálogo atua de forma positiva na aprendizagem, tanto na estruturação do pensamento quanto na motivação.

“[...] Porque assim ali na comunicação, ele vai estruturar o pensamento também né. Ele vai estudar o pensamento ele vai, ele vai ter conceito de abstração das coisas, ele vai ter o entendimento maior do mundo, porque geralmente o surdo ele tem um conhecimento daquilo que ele, ele vive [...]” (Professor 6)

“[...] porque mesmo que ele sinta que a pessoa está disposta a ensiná-lo quem tem língua parece que ele fala, opa, estou no lugar certo, nem tão a língua importante, para isso primeiro emocional, segundo reflete-se de forma significativa na aprendizagem [...]” (Professor 7)

Sendo assim, a compreensão e a utilização da língua de sinais são importantes para que o aluno Surdo aprenda os conceitos mais elaborados oferecidos nas disciplinas do ensino regular nas escolas, pois eles tem plena capacidade cognitiva para a aprendizagem, porém necessitam de conhecimentos prévios que só obtêm mediante a utilização da Libras, por isso a importância de um trabalho conjunto entre professor regente da sala regular, intérprete Libras-Língua Portuguesa do aluno Surdo e professor especialista em educação especial da sala de recursos. Logo, mesmo os conceitos que ainda não possuem sinais com significado próprio em Libras podem ser discutidos utilizando-se classificadores¹⁰, portanto a versatilidade da língua de sinais possibilita compreender mesmo concepções que necessitam de muita abstração.

“[...] não que eles não têm a capacidade eles têm plena capacidade de abstração viu, mas assim eu acho que pelos modelos, porque para a abstração tem que ter um conceito pré-definido para eu poder estabelecer outro né, então assim, é um pouco mais pontual, essa coisa então não é impossível não, eles fazem [...]” (Professor 6)

“[...] primeiro que assim, as pessoas geralmente reclamam que na área de ciências biológicas ou outra coisa não tem sinal ou sinais específicos [...] então esses vocabulários precisam ser elaborados precisam ser pensados na comunidade surda, porque não é só com surdo que a gente elabora sinais e com a comunidade surda, então quando as comunidades surdas do Brasil começam a usar esses sinais e sinais se tornam da língua [...] mesmo sem sinais o surdo da conta de compreender a maioria ou, praticamente todos os conceitos em língua de sinais desde que a gente use os classificadores e, uma estrutura de língua de sinais e não de português feito com as mãos [...]” (Professor 7)

¹⁰ Segundo Bernardino (2012), classificadores são morfemas (elementos primitivos de linguagem), nos quais mãos e corpo seriam articuladores para indicar o nome do referente, ou o agente da ação.

Quanto à opinião do Professor 6 e do Professor 7 sobre a Ciência ambos concordam que essa é um ramo do conhecimento e para o Professor 7 a Ciência contribui com uma estruturação das discussões auxiliando na produção de estratégias que tornem nosso cotidiano mais prático.

7.1.4 Intérpretes de Libras-Língua Portuguesa

A escola possui seis intérpretes de Libras-Língua Portuguesa dos alunos Surdos presentes no ensino fundamental e médio. A pesquisa objetiva investigar os anos finais do ensino fundamental da escola e neste nível de ensino estão presentes um aluno Surdo usuário de Libras e uma aluna deficiente auditiva usuária eventual de Libras, pois utiliza aparelho amplificador sonora individual. As duas intérpretes de Libras-Língua Portuguesa que acompanham esses alunos foram entrevistadas, utilizando-se o mesmo roteiro de perguntas que foi aplicado a todos os entrevistados. Uma síntese das possibilidades e dificuldades por elas apontadas pode ser observado no Quadro 7.4.

A Intérprete 1 e a Intérprete 2 relatam que a interação dos alunos Surdos é maior entre seus colegas Surdos e deficientes auditivos e que os professores e funcionários da escola ainda têm muita dificuldade em se comunicar com os alunos Surdos, procurando ajuda dos intérpretes de Libras-Língua Portuguesa para ter um contato mais próximo com os alunos Surdos e esses também buscam os mesmos profissionais usuários de Libras para se fazerem compreendidos nos diversos setores da instituição, como por exemplo na secretaria ou na cantina. Agora a convivência com os alunos ouvintes é mais espontânea e elementar, pois existe tentativas de algumas trocas de experiências utilizando a língua de sinais.

“Assim normal. Até parece que eles se entendem. Eu acho que eles se entendem. Mesmo sem saber Libras de um jeito ou de outro tentam se comunicar.” (Intérprete 1)

“Com os alunos a interação, eu vejo que é maior né, assim, os alunos ouvintes eles tentam se aproximar né. Os surdos como aqui têm uma comunidade surda mesmo na escola, eles se sentem mais à vontade.” (Intérprete 2)

Quadro 7.4 – Possibilidades e dificuldades na interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo apresentadas pelas Intérpretes Libras-Língua Portuguesa (Inter. 1 e Inter. 2)

Aspecto relatado	Possibilidades		Dificuldades	
	Inter. 1	Inter. 2	Inter. 1	Inter. 2
Instituição	Interação social na escola ocorre com boa convivência	A existência de uma comunidade de Surdos na escola	A maioria dos profissionais da educação da escola não sabem Libras	Alguns profissionais da educação da escola não conseguem interagir com os Surdos
Relação professor-aluno (geral)	Boa convivência	Participação mais ativa dos alunos Surdos	-	Professores não sabem Libras
Relação professor-aluno (Surdos)	Necessita do auxílio da intérprete	Busca de uma maior autonomia do aluno Surdo	Sem a intérprete não há entendimento mútuo	Necessita da mediação da intérprete
Relação professor-intérprete	Intérprete faz a ligação entre o aluno Surdo e o professor	Diferentes estratégias de ensino realizadas pelos professores foi um pedido da intérprete	Demanda pela ajuda da intérprete é grande	Intérprete atua na mediação somente com o aluno Surdo que acompanha
Relação intérprete-aluno Surdo	Auxilia nas situações complexas com os ouvintes	Intérprete auxilia o aluno Surdo em momentos diversos	As vezes tem que interferir para auxiliar o Surdo	-
Relação alunos Surdos e ouvintes	Se relacionam em atividades triviais	Alunos ouvintes aprendendo a língua de sinais	Necessitam da intérprete quando querem se comunicar	-
Comunicação e aprendizado	Curso de Libras para os ouvintes	O uso da Libras auxiliou o aluno Surdo a ser compreendido de uma melhor maneira	Sem Libras o Surdo não consegue interagir com o mundo	Os alunos Surdos tem um certo constrangimento em utilizar a Libras
Comunicação e conhecimento	A aprendizagem de qualquer conteúdo necessita de comunicação	A comunicação auxilia a ser compreendido pelo outro em um diálogo.	Contradições entre Ciência e crença religiosa	Nem todos os professores pedem auxílio para elaborar estratégias de ensino que auxiliem o aluno Surdo

Fonte: a autora

Assim, segundo as Intérprete1 e Intérprete 2 a função que elas cumprem dentro da escola é de mediação da interação entre o aluno Surdo e os outros

ouvintes que não conhecem a língua de sinais, porém a Intérprete 2 comenta que o seu papel também seria o compromisso de criar situações de maior liberdade para que o Surdo possa agir com autonomia no ambiente escolar, diminuindo sua dependência com o intérprete.

“As nossas mãos falam por eles. Nós somos a ligação, da fala deles para outras pessoas. Então o que eles falam realmente é o que nós passamos para outras pessoas, porque eles tentam se entender com outras pessoas, mas o real o que eles falam é o que nós passamos, a interpretação é o que nós passamos para outras pessoas.” (Intérprete 1)

“[...] eu acho que a gente precisa mediar, mas também criando situações pra ele ter essa autonomia em procurar o professor, procurar os colegas no momento em que ele quiser perguntar alguma coisa ou tirar alguma dúvida né, independente da presença do intérprete.” (Intérprete 2)

Embora bastante requisitados na escola, as Intérprete 1 e Intérprete 2 relatam que sua atuação está relacionada ao aluno Surdo que acompanha e as interferências na sala de aula são mínimas, pois o professor da disciplina é o responsável pela sala.

“Com certeza dentro da sala de aula isso acontece, porque às vezes o aluno ele, porque a responsabilidade é do professor numa sala de aula não nossa, a nossa responsabilidade é traduzir, interpretar o que está acontecendo.” (Intérprete 1)

Segundo a Intérprete 2 a participação dos alunos Surdos têm se tornado cada vez mais ativa e a justificativa seria a maior participação deles nas atividades extraclasse, como o teatro, sob a organização das Professoras do projeto sala de leitura. A Intérprete 2 cita ainda que o aluno Surdo que acompanha aumentou o domínio da língua de sinais ao utilizá-la mais frequentemente com seus colegas Surdos e também melhorou seu comportamento ao conviver com os alunos ouvintes.

“Eu acho que a cada ano assim vem crescendo, vem aumentando, mas assim melhorando, porque tem as atividades culturais e esse ano também começou a atividade do teatro, também foi uma atividade diferente que eles nunca tinham feito. E aí isso acabou promovendo a interação com as Professoras da sala de leitura que também ainda não tinha quando aconteceu.” (Intérprete 2)

“[...] ele pede desculpas se vem reclamar e falou olha hoje ele fez isso daí ele vai pedir desculpas sabe se tiver alguma situação de conflito eles comentam também.” (Intérprete 2)

“[...] no caso desse aluno mais novo, que ele não tem o domínio tão grande quanto os outros, mas o fato de ele estar aqui na escola onde tem outros surdos também fez com que ele crescesse e o vocabulário dele também melhorasse.” (Intérprete 2)

As duas intérpretes mencionam as aulas de Libras que foram oferecidas pelo aluno Surdo do ensino médio e ressaltam a importância que projetos como esse continuem acontecendo na escola, pois utilizar somente a linguagem oral com os alunos Surdos não consegue abranger todas as peculiaridades que o conhecimento oferecido na língua de sinais pode proporcionar. A Libras oportuniza ao aluno Surdo uma melhor compreensão do mundo.

“É grande viu, porque quando o aluno Surdo não sabe a Libras, a nossa... Nós temos a obrigação de ensiná-lo, a gente tem que ensinar Libras para ele, porque ele vai ter que interagir no mundo e se ele não souber Libras ele também vai ficar perdido no mundo [...]” (Intérprete 1)

“Então, a língua de sinais é a primeira língua da pessoa surda né, então assim é uma língua que precisa ser respeitada, é uma língua que já foi reconhecida, então é a forma que eles se sentem melhor, se sentem mais à vontade para se comunicar, ou para se expressar bem, então é importante por isso, porque o oralismo, ele não dá conta de passar tudo isso [...]” (Intérprete 2)

Em vista disso, comunicação e aprendizagem são enfatizadas pelas duas Intérpretes como intimamente relacionadas, pois como seria possível informar a outra pessoa sua compreensão do que é dito sem exprimir seu entendimento sobre o assunto.

“Sim, a gente só aprende se comunicando, ou melhor, a maior parte é se comunicando. Eu aprendi Libras com surdos [...]” (Intérprete 1)

Ademais, o uso de estratégias de ensino que priorizem o estímulo visual ou o tato, com a manipulação de materiais, na sala de aula, ou fora dela, auxiliam na aprendizagem do conteúdo pelo aluno Surdo, pois proporcionam a possibilidade de discutir os conceitos e, portanto, estimulam o uso da língua de sinais. A Intérprete 2 comenta sobre dois momentos em que as estratégias foram utilizadas nas aulas de Ciências.

“As ciências também que tem muitas coisas que ela desenha na lousa então ele olha ele fala e ele está observando ali também aquela imagem.” (Intérprete 2 comentando sobre o uso do estímulo visual da Professora de Ciências em sala de aula)

“[...] em ciências eu posso relatar uma experiência que o professor fez a do feijão né, a de plantar o feijão, então eles foram no laboratório foi uma coisa que eles viram e, eles tinham que relatar o que eles estavam vendo se mudou a cor, se cresceu e, se morreu, então cada aula que eles iam, eles iam relatando por escrito e também falando o que eles estavam vendo de mudança e, ele também fez isso através da Libras né, então o professor perguntava para ver o que ele achava, se está igual se a cor mudou e, ele ia explicando que tinha que colocar água [...]” (Intérprete 2 ao descrever uma aula com discussões sobre experimentos com manipulação de material)

Assim, parece que mesmo com o uso de diferentes metodologias de ensino, o uso da Libras é imprescindível para uma participação ativa dos alunos Surdos e essa atuação é fundamental para sua efetiva aprendizagem.

Desta forma, anteriormente apresentamos sistematicamente as quatro esferas de ação existentes na escola objeto de estudo, sendo elas: as Professoras da sala regular, as responsáveis pela gestão escolar, os professores das salas de recursos e as Intérpretes Libras-Língua Portuguesa que acompanham os alunos Surdos.

A partir dos quadros de possibilidades e dificuldades elaborados para cada esfera de atividade, pode-se observar mais atentamente o papel destas na instituição estudada, examinar a situação de interação e as concepções que possuem acerca dos aspectos relacionados à interação social dos ouvintes com os alunos Surdos presentes na escola.

Assim, a fim de compreender o modo de funcionamento dos gêneros de discurso apresentados nos enunciados, procurou-se aproximar as falas que se assemelhavam e que se divergiam, tentando compreender a regularidade das mensagens e assim distinguir o que parece ser mais estável.

7.2 - Semelhanças e divergências entre as esferas sociais (Professoras da sala regular, responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa)

Dentro de uma escola com características tão complexas, onde os sujeitos integrantes desse estabelecimento precisam lidar com situações que problematizam a cultura escolar anteriormente aceita, ou seja, a instituição necessita adaptar-se a seres humanos que não possuem todas as funções orgânicas funcionais, pois, no caso do foco da pesquisa, alguns alunos não ouvem. Estes discentes precisam que ajustes na rotina sejam realizados de acordo com a sua deficiência. No entanto, as adequações não são aceitas com tranquilidade, existe um embate que gera contradições entre o que deve ser feito e o que pode ser realizado.

Consequentemente, a investigação da forma como atuam os sujeitos dentro desse novo cenário precisa ter características bem sintetizadas e esclarecidas para uma compreensão consolidada dos fatos. Assim, uma análise interpretativa das semelhanças e divergências entre os discursos dos integrantes desta recente situação presente na escola pode ser observada nos Quadro 7.5 e Quadro 7.6.

Quadro 7.5 – Semelhanças e divergências entre as esferas de ação (Professoras da sala regular, Professoras responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa), quanto a possibilidade de interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo.

Aspecto relatado	Semelhanças				Divergências			
	S. Regular	Gestão	S. Recursos	Intérprete	S. Regular	Gestão	S. Recursos	Intérprete
Instituição	Existe interação com compartilhamento de ideias quando requisitadas	Estratégias para melhorar a interação pode passar pela oportunidade para aprender Libras	Interação estritamente profissional	A interação ocorre com boa convivência devido a existência de uma comunidade surda na escola	-	-	-	-
Relação professor-aluno (geral)	Cumprimento do dever	Flexibilidade para orientação e desenvolvimento de novas estratégias	Cumprimento das atribuições	-	Interação e atualizações constantes de conteúdo	Conciliação de conflitos	Boa relação	Boa relação com participação mais ativa dos alunos Surdos
Relação professor-aluno (Surdos)	-	-	-	-	Tem interesse em aprender a Libras e apresenta propostas para tornar o aprendizado constante	Evolução dos recursos, participação ativa dos Surdos e necessidade de limites para estes	Embora a visibilidade tenha aumentado, a interação continua mediada pelo intérprete e pelo professor da sala de recursos	Necessita do auxílio do intérprete e busca de uma maior autonomia do aluno Surdo
Relação professor-intérprete	Auxilia	Intérpretes e professores da sala de recursos auxiliam na comunicação com os Surdos	-	Intérprete faz a ligação com o aluno Surdo e auxilia nas estratégias de ensino dos professores	Apresenta proposta de maior interação dentro da sala de aula, com perguntas feitas pela intérprete ao professor da sala	-	Interação no coral de Libras e escola mais familiarizada com os Surdos	-

Relação intérprete-aluno Surdo	Auxilia na comunicação e ensina alunos ouvintes a se comunicarem com os alunos Surdos	Auxilia na tradução, para tirar dúvidas do aluno e mediar conflitos	O intérprete medeia a interação oferecendo conhecimentos prévios ao aluno Surdo	Auxilia o Surdo em situações diversos, inclusive nas complexas	-	Coral de Libras	-	-
Relação alunos Surdos e ouvintes	Interagem sem discriminação, inclusive ouvintes tem aprendido Libras	Alunos ouvintes aprendem Libras, participam do coral e interagem bastante com os Surdos	Boa aceitação dos alunos Surdos com alunos ouvintes usando Libras	Se relacionam em atividades triviais e alunos ouvintes tem aprendido Libras	-	-	-	-
Comunicação e aprendizado	Sugestão de prática constante de Libras nos ATPCs, ressaltando a importância da comunicação	Comunicação motiva o aprendizado	-	O uso da Libras deve ser incentivado com cursos, pois auxilia o Surdo a ser compreendido de uma melhor maneira	Compreende que a interação com a Ciência é importante para se entender o mundo	As ações da escola auxiliaram a socialização dos alunos Surdos	Atuação dos intérpretes e curso de Libras oferecido por aluno Surdo do ensino médio	-
Comunicação e conhecimento	Aprendizado facilitado pela comunicação, pois há muitas mudanças nas Ciências	Uso de diferentes estratégias e uma feira de Ciências na escola	A língua de sinais pode ser utilizada em qualquer conhecimento, por isso a sala de recursos é importante	O diálogo auxilia na aprendizagem de qualquer conteúdo	Ciência está em tudo e não se pode distanciar dela, correndo o risco de desconhecer o que ocorre com o mundo	-	-	-

Fonte: a autora

No quadro 7.5, os discursos que defendem a possibilidade de interação social dentro da instituição são semelhantes, portanto se aproximam, ou seja, as quatro esferas de atividade analisadas concordam que existem oportunidades de interação dentro da comunidade escolar. Assim pode-se citar alguns enunciados sobre esse aspecto.

“E é uma escola onde não falta diálogo, há bastante interação entre os professores, os alunos e os funcionários.” (Professora 1)

“Eu vejo com bons olhos. A gente tem que interagir. O aluno tem que... Você tem que compartilhar com ele pra ele compartilhar com você aquilo que ele também já sabe.” (Professora 2)

“Eu tenho tanto professor tanto funcionário que vem aqui conversar comigo e pedir, então essa interação pra mim ela é crucial. Se não existir com os outros eu não vou conseguir quase nada.” (Professora 3)

“[...] o bom daqui eu achei é assim que os funcionários, qualquer tipo de funcionário, tanto da limpeza como da secretaria, todos fazem parte, pois a diretora nunca deixou ficar separado os funcionários [...]” (Professora 4)

“Esses sim eu recebo carinho deles o respeito deles, eu acho que são difíceis os alunos que não gostam de mim aqui na escola.” (Professora 5)

“Essa interação é aqui eu acho que essa interação é só aqui. Assim na escola só a nível profissional.” (Professor 6)

“Com relação a professores e alunos, eu percebo que a interação é tranquila, nós temos uma boa interação na questão de respeito de um modo geral [...]” (Professor 7)

“Hoje eu vejo como algo bem normal eu não achava que isso poderia existir. Foi aqui que eu vi essa coisa mais normal.” (Intérprete 1)

“Com os alunos a interação, eu vejo que é maior né, assim, os alunos ouvintes eles tentam se aproximar né. Os surdos como aqui têm uma comunidade surda mesmo na escola, eles se sentem mais à vontade. Alguns professores ainda mantêm uma certa distância não tem tanto contato assim com os alunos, mas também já tem sido quebrado isso daí, a maioria tenta se comunicar tenta se aproximar deles e os funcionários também [...]” (Intérprete 2)

Quanto a relação professor-aluno, alguns discursos divergem sobre a possibilidade da interação, porém o afastamento entre eles não é muito grande e chegam até mesmo a se complementarem, visto que todos os sujeitos reconhecem de alguma forma a utilidade e necessidade da língua de sinais para

uma interação efetiva dentro da instituição, como pode ser verificado nos enunciados citados a seguir.

“É o interlocutor (intérprete), ele ajuda, mas eu acho que teria que ter feito uma coisa assim mais profunda com relação aos professores [...]” (Professora 1)

“Como eu disse eu não sei libras. Eu já fiz curso de libras, mas eu não pratico então eu tenho (faz gestos com as mãos) é que praticar mais [...]” (Professora 2)

“Ela (agente escolar) está assistindo e se capacitando para entender melhor o surdo-mudo e todos que quiseram fazer eu permiti, dava a hora mais sei lá, dava hora de ATPC, HTPC que era antigamente vai fazer vai até que os professores fizeram o curso. Aquele inicial de Libras para entender um pouco melhor né, os professores se interessaram os funcionários se interessaram [...]” (Professora 3)

“Então seria bom se eu soubesse né. Se eu soubesse os sinais seria melhor pra mim né para eu me comunicar com eles [...]” (Professora 4)

“A é muito importante porque muitas vezes eu quero conversar com ele, se eu não sei, as vezes eu tento alguns sinais, mas eu tenho muita dificuldade [...]” (Professora 5)

“Eu acho que aumentou a visibilidade. Na verdade, só a visibilidade é que ficou melhor, só a visibilidade, mas eu não acho que tenha assim melhorado por tantas melhoras eu acho que poderia ter mais, porque assim pelos recursos que a gente tem pelo trabalho que a gente faz [...]” (Professor 6)

“[...] todos os profissionais que atuam indiretamente que não seja um professor da sala de recursos ou interlocutores ou intérpretes eles não sabem os sinais somente os intérpretes ou os professores da sala de recurso, os professores especialistas, que vão ter conhecimento da língua de sinais [...]” (Professor 7)

“Eu vejo uma relação. Fica um pouco difícil, geralmente eles chamam a gente (intérpretes). É a primeira coisa que eles (profissionais da educação) fazem.” (Intérprete 1)

“[...] o Surdo pode falar que só quando o intérprete está presente que essa interação vai acontecer, eu vejo de uma forma diferente, pois eu acho que a gente precisa mediar, mas também criando situações pra ele ter essa autonomia em procurar o professor, procurar os colegas no momento em que ele quiser perguntar alguma coisa ou tirar alguma dúvida né, independente da presença do intérprete [...]” (Intérprete 2)

Os intérpretes de Libras-Língua Portuguesa dos alunos Surdos presentes na escola, parecem ocupar uma posição bastante relevante na possibilidade de interação social dentro da instituição, pois os discursos dos sujeitos apontam muitas semelhanças. Entre elas pode-se citar o auxílio na comunicação de diversos assuntos com os alunos Surdos, desde a relação com os profissionais

da educação que trabalham no estabelecimento de ensino, até na convivência com os colegas ouvintes.

Outro aspecto com muitas semelhanças nos enunciados com respeito a possibilidade de interação social, diz respeito a relação entre os alunos Surdos e os discentes ouvintes que estudam na instituição. Parece ser ponto pacífico o convívio harmônico entre eles, como pode-se observar nos enunciados seguintes.

“[...] eles interagem muito bem. Inclusive os alunos ouvintes as vezes procuram dar uma atenção especial, sabe. Acho que tem uma interação boa entre eles, mesmo porque eles são da mesma idade.”
(Professora 1)

“Eu acho que é uma interação bacana, porque todos os dias eles estão em contato. Eles se dão muito bem, eles se sentem como iguais, e tem coleguinha que aprendeu a linguagem de libras com eles [...]”
(Professora 2)

“Tem ótima. E tem sim. Você viu que o coral é misto né. Ele é misto. E eles estão sempre se entendendo, tão, tão sempre... [...] E eles os que sabem, os oralistas que sabem (Libras). Se entendendo com eles [...]”
(Professora 3)

“A vejo eles conversando com os outros. Os da tarde são ótimos. Os da tarde que são os da manhã ou os que são de outra escola, não eles conhecem todo mundo, brinca com todo mundo, não da tarde, que são da manhã, à tarde eles, vixe, é tudo sem problema. Eles interagem com as crianças da tarde, sim.” (Professora 4)

“[...] eu acredito que existe uma grande harmonia nesta questão, existe um grande respeito os alunos ajudam uns aos outros colaboram eles querem aprender libras, os alunos oralistas querem aprender libras, aí as vezes eu estava brigando com um aluno falando, e ele falou assim para de falar brava com ele, ele não ouve, ele não ouve [...]”
(Professora 5)

“Aí é tranquilo, aí pra mim eu acho eu vejo com tranquilidade sabe, assim eles se dão bem. Nossa se dão muito bem até mais do que deveriam.” (Professor 6)

“[...] esse momento de interação a gente vê no corredor a gente vê em outros momentos, por exemplo, no recreio a gente vê os alunos saindo na hora da saída conversando em língua de sinais, ouvintes, então nós temos não é muito grande não é o número assim tão significativo, mas por exemplo, a gente percebe que há, e que alguns alunos se destacam e alguns alunos têm vontade de saber sobre a língua. Acho que a questão do preconceito acaba sendo assim com esses alunos, tendo o contato, começa assim a diminuir esse preconceito essa ideia de que o surdo não interage, que o surdo é nervoso [...]” (Professor 7)

“Interagem. Eles procuram brincar conversar, mas assim daquele jeito quase nenhum sinal, mas eles vêm falar comigo e falam com a aluna e assim vai passando e vão tentando.” (Intérprete 1)

“Ele acabou assim, tendo muitos laços e, assim de amizade e aí eles brincam na hora do intervalo até às vezes brincadeiras que as vezes são ofensiva aí, ele pede desculpas se vem reclamar [...]” (Intérprete 2)

Nas questões relacionadas ao papel da interação social na aprendizagem e aquisição de conhecimento os discursos a respeito dessa possibilidade são contraditórios, pois, embora a Libras seja uma língua completa que contempla e abrange qualquer conhecimento e as opiniões se assemelhem mais do que divergem, parece que a preocupação dos sujeitos está mais voltada à forma como ocorre a interação do que a qualidade dessa comunicação, se ela é bem-sucedida ou não. Além disso, cabe ressaltar que sem um questionamento da qualidade não se consegue alcançar a compreensão dos motivos de êxito ou insucesso na aprendizagem e na aquisição de conhecimento.

No quadro 7.6 a seguir, avaliam-se as semelhanças e divergências quanto às dificuldades citadas pelos sujeitos das quatro esferas de ação da escola investigada e que participam da pesquisa.

Os discursos quanto à dificuldade de interação social dentro da instituição investigada têm mais semelhanças que divergências, porém pode-se ressaltar que os enunciados discordantes provêm de três sujeitos que pertencem a duas esferas de ação, uma Professora de Ciências (Professora 2), a diretora (Professora 3) e a vice-diretora (Professora 4). Portanto a maioria dos participantes da pesquisa concordam que os obstáculos para uma interação efetiva na escola é a falta de diálogo com ações melhor coordenadas e profissionais que conseguissem interagir com os alunos Surdos, utilizando a Libras. Os enunciados semelhantes são apresentados a seguir.

“Sinto... é... a interação. Um grande problema dessa escola é a... como é que fala... dificuldade em passar recado. Então o recado não chega realmente [...]” (Professora 1)

“É extremamente fragmentada. Ela é extremamente celetista, fragmentada o que prejudica muito o andamento da escola. Com os alunos eu acho que é uma falta de respeito, algumas coisas que acontecem aqui [...]” (Professora 5)

“Eu acho bem complicado assim eu acho que não se faz muito para que isso venha ocorrer de uma forma mais tranquila entendeu, então por mais que se reconheça o problema. Eu acho que eu não vejo ações voltadas para esse, para amenizar esse tipo de relação que é importante dentro da escola.” (Professor 6)

Quadro 7.6 – Semelhanças e divergências entre as esferas de ação (Professoras da sala regular, Professoras responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa), quanto a dificuldade de interação social entre alunos (Surdos e ouvintes) e profissionais da educação na escola objeto de estudo.

Aspecto relatado	Semelhanças				Divergências			
	S. Regular	Gestão	S. Recursos	Intérprete	S. Regular	Gestão	S. Recursos	Intérprete
Instituição	Falta diálogo entre os profissionais, pois há bastante individualismo	Interação fragmentada	Falta de ações organizadas para melhorar a interação	Profissionais de educação da escola não conseguem interagir com os Surdos por não saberem Libras	Contradições consideradas normais	Antigamente a escola era melhor e hoje há muito desrespeito dos alunos	-	-
Relação professor-aluno (geral)	Atuação apenas como instrutora quando questionada	Dificuldade de entendimentos entre as partes	Os alunos não se identificam com a escola e as funções não são cumpridas	Professores não sabem Libras	O comportamento dos alunos na atualidade	Práticas autoritárias da diretora	-	-
Relação professor-aluno (Surdos)	Não sabe Libras e tem pouco interesse em aprender, talvez por acharem ser uma língua difícil	Não saber a língua de sinais	Professor não sabe Libras	Sem a intérprete não há entendimento mútuo	-	No início os deficientes estavam na escola somente para socialização e hoje possuem regalias desnecessárias	-	-
Relação professor-intérprete	Falta maior interação fora e dentro da sala de aula	-	Professor depende do intérprete	-	Necessidade de uma interação maior para diminuir a discriminação	Defendem o Surdo excessivamente	Somente em momentos festivos	A demanda pela ajuda da intérprete é grande, mas atuam mais com os alunos Surdos que acompanham

Relação intérprete-aluno Surdo	-	-	-	-	A ação do intérprete é pequena, pois não faz perguntas	Muitas atividades extraclasse	O intérprete precisa estar sempre presente para que a interação aconteça	As vezes tem que interferir para auxiliar o Surdo
Relação alunos Surdos e ouvintes	-	-	-	-	Interação maior entre os alunos e a língua oral comprometida dos Surdos ou falta de convivência	Faltas frequentes dos alunos Surdos	Alunos Surdos precisam se adaptar ao meio	Necessitam da intérprete quando querem se comunicar
Comunicação e aprendizado	Cada um tem sua disposição em aprender	Falta de comunicação na escola por não saber Libras	Sem a Libras aumenta a dificuldade de abstração do aluno Surdo	Sem Libras o Surdo não consegue interagir com o mundo	Comunicação e aprendizado não tem relação entre si e o ensino das ciências fica somente a cargo do professor	-	O curso de Libras não foi bem sistematizado	Os alunos Surdos tem um certo constrangimento em utilizar a Libras
Comunicação e conhecimento	Pouca interação	-	Falta de trabalho conjunto professor da sala regular e professor da sala de recursos	Nem todos os professores pedem auxílio para elaborar estratégias de ensino que auxiliem o aluno Surdo	Muita interação, no entanto, não tem proximidade com a Libras	Falta atualização	Necessidade de estímulos visuais	Contradições entre Ciência e crença religiosa

Fonte: a autora

“Agora em relação à equipe escolar eu não fico contente com a relação aqui entre os funcionários e os professores da gestão, porque assim como é uma escola grande, eu percebo assim que não tem ou melhor as pessoas não se conhecem e não assim, uma informação aqui é muito complicado né. Você tem problemas de comunicação nessa escola, problemas sérios de comunicação então a gente não fica sabendo de eventos [...]” (Professor 7)
“Fica um pouco difícil, geralmente eles chamam a gente. E a primeira coisa que eles fazem. Socorro ele sai correndo atrás do primeiro que aparece.” (Intérprete 1)

“É mais no começo foi mais difícil né, até aceitar e te entender e até ver a inclusão de uma forma diferente [...]” (Intérprete 2)

Na relação professor-aluno todas as esferas de ação investigadas tiveram discursos que se assemelharam, apontando dificuldades na interação, principalmente quanto ao fato dos profissionais da educação não saberem a língua de sinais e, por isso, dependerem dos intérpretes de Libras-Língua Portuguesa presentes na instituição. Além disso, duas Professoras da mesma esfera de atividade (Professora 4 e Professora 5) comentaram que os comportamentos dos alunos atualmente têm sido impróprios e também a diretora toma atitudes às vezes arbitrárias, os enunciados divergentes seguem abaixo.

“[...] existe também um aumento de alguns alunos com falta de respeito, entendeu? Falta de respeito com funcionário ou assim não admite que seja chamado atenção, então também por um lado tem isso que é bom de interação entre professor e o aluno e o funcionário e tudo, mas tem também o aumento de falta de respeito de alguns alunos, o que prejudica bastante [...]” (Professora 4)

“Eu acho que a maior dificuldade entre os pares é a pessoa que tem mais autoridade dentro do corpo gestor né, que ela é inconstante. E ela não apoia o corpo gestor. Então se existe uma opinião e uma atitude dos outros, ela não dá o respaldo. E aí todo mundo fica né e como, ninguém tem segurança para trabalhar, então você não tem uma segurança que é a última palavra tem que vir ou tem que ser a dela e ponto, não existe uma, vamos fazer um acordo [...]” (Professora 5)

“[...] aí eu acho ele folgados quando dizem para sala de recursos eu falo você é um folgado dava muito bem para você ter feito isso em sala de aula e dava. Ou eles querem... E certas vezes eu percebo eles querendo tirar vantagem né, porque eles são surdos [...]” (Professora 5)

A presença do intérprete Libras-Língua Portuguesa do aluno Surdo parece ainda necessitar de alguns ajustes, pois observam-se muitas divergências nos discursos que apresentam as dificuldades de interação social ao relatarem esse aspecto. Assim, os enunciados divergentes são apresentados a seguir.

“Sem dúvida. Daqui pra frente eu que... quem não souber a língua dos sinais, vai ser discriminado. Isso teria que ser um pré-requisito para ser professor. Só que pra isso o governo teria que dar um espaço, teria que dar condições para que o professor pudesse fazer isso [...]” (Professora 1)

“Porque eles (Surdos) se sentem com algumas regalias por exemplo eu tenho professor intérprete na sala entendeu? E é só meu então eu pego e dou para ele fazer o quê não é para ele fazer o que é para eu fazer [...]” (Professora 5)

“Ele tem períodos de situações sabe quando o coral de surdos vai cantar aí tem aquele período que aparece o surdo, que ele destaca. Aí no dia dos surdos vai e acontece coloca cartaz do dia do surdo, e eu acho isso um problema.” (Professor 6)

“[...] hoje ele dividiu o lanche comigo, esse tipo de interação acontece.” (Intérprete 2, e quando questionada se ela interage apenas com o aluno que acompanha, ela responde que é assim mesmo)

Algumas divergências encontradas nos discursos sobre a dificuldade de interação social entre os alunos Surdos e ouvintes, são questões já apresentadas como a necessidade da presença de um intérprete Libras-Língua Portuguesa para que a comunicação ocorra de forma eficiente e a grande interação entre os discentes, porém a Professora 4 relata que os alunos Surdos costumam faltar com mais frequência, e o Professor 6 menciona a necessidade do aluno Surdo precisar se adaptar ao ambiente escolar, pois esse ainda não se encontra totalmente preparado para recebe-lo.

Os aspectos que relacionam a comunicação e a aprendizagem de conhecimentos elaborados na escola com a interação social tiveram, tanto semelhanças quanto divergências relacionadas a dificuldade da abordagem destas questões na instituição investigada. O fato de existir um pequeno número de profissionais que são usuários de Libras e também a pouca interação entre os integrantes da equipe escolar com os intérpretes de Libras-Língua Portuguesa e os professores das salas de recurso são os assuntos mais semelhantes e abordados pelos sujeitos entrevistados. Quanto às divergências nos discursos, estas perpassam argumentos até contraditórios como o constrangimento dos Surdos em utilizar a Libras e o fato da comunicação não ter relação com aprendizado. Os enunciados divergentes são apresentados a seguir.

“É, porque a comunicação é assim uma coisa mais cotidiana, não é uma coisa profunda, então [...] É mais totalmente dedicada ao professor essa parte, por que funcionário ou a parte administrativa, não ajuda em nada. Eu acho que o profe... Fica tudo a cargo do professor mesmo. Mesmo porque tem essa falha de comunicação.” (Professora 1, quando questionada a respeito da comunicação auxiliar na aprendizagem de Ciências)

“Porque ele chegou assim aqui com a Libras difícil, ele não gostava de fazer soletração em alguma atividade que precisasse, ele não gostava muito de sinalizar ele tinha vergonha [...]” (Intérprete 2)

Além disso, existem as opiniões controversas sobre a participação do intérprete de Libras-Língua Portuguesa na sala de aula, colocadas pela Professora 2 e a Intérprete 2, que acompanha o aluno Surdo, que tem aulas de Ciências com a Professora 2.

“A gente fala que a gente tem dificuldade. Sabe porque nossa formação não foi pra isso, mas eu acho que tirando essa dificuldade pontual que eu falei, (sobre a intérprete não levantar questões na sala de aula) acho que todo mundo tá se dando bem com o aluno surdo, inclusive Tem certas provas que são melhores dos surdos do que do ouvinte.” (Professora 2)

“Sim eu percebo, alguns comentam, ah eu vou dar prova e eu vou trabalhar daí ela fala os tópicos que vão ser avaliados. E como eu posso fazer para ele, o que você acha tem algum material que eu posso trazer para ajudar. Isso é ainda não são todos os professores.” (Intérprete 2)

“É uma das disciplinas assim, que eu mais encontro esse apoio, e ela vem assim falando diretamente com ele. As ciências também que tem muitas coisas que ela desenha na lousa então ele olha ele fala e ele está observando ali também aquela imagem.” (Intérprete 2)

Assim, após a análise descritiva dos discursos contidos nos atos de fala dos participantes da pesquisa, pode-se seguir a uma discussão a respeito das conjunturas da escola pública que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos.

8 ANÁLISE DOS DADOS APRESENTADOS

Neste capítulo discute-se de forma interpretativa os resultados da análise de dados realizada no capítulo anterior, utilizando para isso conceitos da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e da teoria histórico-cultural de Vigotski. Neste momento procura-se compreender as conjunturas existentes entre os sujeitos que compõem as esferas sociais (Professoras da sala regular, Professora responsáveis pela gestão escolar, professores das salas de recursos e intérpretes Libras-Língua Portuguesa) da escola pública de anos finais do ensino fundamental que pretende possibilitar o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos.

Essa análise interpretativa pautou-se na teoria histórico-cultural vigotskiana, na qual as conexões psicológicas são estimuladas pelo uso de signos, portanto quando o homem introduz estímulos artificiais, conferindo significado à sua conduta, estes signos formam novas conexões condicionadas. Assim, o referencial de Bakhtin e seu círculo auxilia a compreender a estabilidade nos comportamentos dos sujeitos que compõem as esferas de ação da escola, facilitando o entendimento das vias colaterais que estão formando as novas conexões psicológicas e sociais presentes na interação social entre os sujeitos da pesquisa.

Desta forma, a fim de sistematizar a análise, o capítulo foi dividido em três seções que buscam contemplar todos os objetivos da pesquisa.

8.1 - Papéis desempenhados pelos profissionais da educação da instituição na comunicação de conceitos científicos

Na busca por reconhecer os papéis desempenhados pelos profissionais da educação da instituição estudada na comunicação dos conceitos científicos, escolheu-se iniciar pelas Professoras da sala regular, as docentes de Ciências dos anos finais do ensino fundamental.

As Professoras do ensino regular cumprem um papel importante na comunicação dos conceitos científicos, mas que ainda carece de adequações complexas que envolvem uma maior compreensão dos conceitos de deficiência e educação especial, pois a educação de Surdos não consiste apenas na modificação de estratégias de ensino, mas também em compreender as nuances e interfaces da língua de sinais e do desenvolvimento cognitivo do aluno Surdo, que vive entre

ouvintes, cujo acesso ao mundo externo sempre foi fragmentado e incompleto e, portanto, necessita de novas conexões condicionadas à sua deficiência e, para tanto, as Professoras precisam conhecer um nível básico da Libras para poder estabelecer um contato maior com o aluno Surdo.

Outra característica apresentada pelas Professoras de Ciências é a irregularidade nos enunciados, o que caracteriza uma fraca interação verbal entre as interlocutoras, mas com valores ideológicos similares, pois, ambas acreditam em uma Ciência que está à parte das mudanças sociais e que se transforma por si só. Assim ambas possuem uma visão de homem condicionado ao mundo e não transformador deste. O fato de estarem ocupando o mesmo papel na esfera social (Professoras da sala regular) lhes dá o mesmo gênero de discurso, pois embora tenham conteúdos diferenciados em determinadas proposições, as suas convicções ideológicas e o cumprimento de condutas profissionais são similares.

No caso das Professoras responsáveis pela gestão escolar, o seu papel na comunicação de conceitos científicos é mínimo, mas não inexistente, pois a atuação das profissionais está ligada a um gerenciamento de conflitos e a conservação da estrutura, o que pode facilitar a aprendizagem. Assim, sua cooperação na motivação dos alunos é evidente, pois estimulam o diálogo e preocupam-se com a constituição e situação dos outros profissionais que formam a instituição.

Desta forma, deve-se levar em conta a interpretação de suas noções a respeito de deficiência, cultura surda, inclusão escolar e educação especial, pois relatam que nenhuma delas utiliza a língua de sinais e que seu contato com os Surdos ocorre de maneira fragmentada ou com a ajuda de algum aluno usuário de Libras ou um dos intérpretes de Libras-Língua Portuguesa, ou um dos professores das salas de recursos. Portanto, tal como as Professoras de Ciências, as responsáveis pela gestão escolar também precisam compreender melhor como funciona o processo de aprendizagem dos alunos Surdos, pois esses necessitam que as vias colaterais criadas pelo sistema, que no caso é a vinda dos intérpretes Libras-Língua Portuguesa para a escola e a estruturação das salas de recurso, não se tornem apenas esteio e realmente possam funcionar como um auxílio no desenvolvimento cognitivo dos alunos Surdos.

Quanto aos tipos de enunciados, esses são instáveis e destoantes entre si, portanto a situação social de interação tem complicações como por exemplo os relatos de descontentamento da Professora 5, quanto às imposições autoritárias da

Professora 3 ou mesmo as dificuldades de relacionamento com a Professora 4, porém todas têm valores ideológicos semelhantes, porque supõem que pequenas mudanças locais podem trazer alternativas positivas para a instituição e que uma transformação sistêmica cabe mais aos indivíduos do que ao conjunto. Assim, pode-se dizer que a esfera de atividade “Professoras responsáveis pela gestão escolar” tem seus enunciados relativamente estáveis, constituindo, portanto, um gênero de discurso.

No caso dos professores das salas de recursos fica evidente o papel cumprido por eles na comunicação de conceitos científicos para os alunos Surdos, pois é mediante sua atuação que os conceitos conseguem ser melhor trabalhados e, inclusive, os conhecimentos prévios apresentados aos alunos Surdos. O relato do Professor 7 sobre o uso dos classificadores em Libras para suprir a falta de sinais em alguns conceitos das ciências naturais e a fala do Professor 6 a respeito da necessidade de se apresentar conhecimentos prévios sobre o conteúdo para o aluno Surdo atestam o conhecimento destes profissionais a respeito da deficiência e suas nuances e contradições.

Além disso, os valores ideológicos dos professores das salas de recursos estão consolidados na convicção do trabalho em conjunto e na necessidade de atualização constante, assim a situação social desses profissionais é bem típica, pois ambos têm o pleno discernimento de sua condição sócio histórica no processo de constituição da educação especial na escola de ensino regular e, também, possuem uma visível regularidade na comunicação verbal, caracterizando seus enunciados como relativamente estáveis formando a esfera de social “professores da sala de recurso” e evidenciando o seu gênero de discurso.

Na esfera de ação “intérprete de Libras-Língua Portuguesa” pode-se notar algo similar à interação social dos professores da sala de recursos, pois ambas possuem um entendimento claro dos conceitos de deficiência, cultura Surda, inclusão escolar e educação especial e, portanto, das necessidades que os alunos Surdos possuem para a compreensão dos conceitos científicos, consequentemente sua atuação como mediadoras na comunicação entre os Surdos e os ouvintes é bem assimilada, afinal qualquer diálogo sem o uso da Libras torna-se fragmentado e parcialmente apreendido pelo Surdo.

No entanto, existem algumas questões a serem citadas com relação as intérpretes Libras-Língua Portuguesa, a primeira é que a formação da Intérprete 1 não é na área pedagógica e isso pode implicar em algumas atitudes contraditórias, como

a interferência em situações visando o auxílio da aluna deficiente auditiva que acompanha em detrimento da aprendizagem, porém como a relação com os outros intérpretes é bem ativa, sua atuação acaba sendo direcionada a condutas similares a de seus pares. A segunda questão diz respeito ao relato da Intérprete 2 sobre a busca por uma maior autonomia do aluno Surdo que acompanha, pois embora seja interessante que o aluno Surdo realize atividades sem a intervenção constante da intérprete, em seu discurso não há uma preocupação com a socialização e, sim, com a eventual necessidade de ausências da profissional, assim pode-se notar que não há uma articulação na instituição que vise a solução deste tipo de contingência.

Desta forma, mesmo com as questões comentadas anteriormente, um simples olhar para a dimensão social das intérpretes dentro da instituição já anuncia um nítido conhecimento de sua posição dentro da escola, pois o cargo que ocupam, mesmo não sendo bem elucidado na legislação, é recente e singular, com seu modo de funcionamento bem esclarecido e isso reflete em seus valores ideológicos que incidem sobre princípios coletivos de trabalho, por essa razão a esfera de atividade “intérprete de Libras-Língua Portuguesa” tem um espaço *sui generis* na instituição. Sendo assim, denota-se que seus enunciados têm regularidade visível com interações verbais bem entrelaçadas às condições concretas em que se realizam, caracterizando um gênero de discurso distinto.

8.2 – Papel das intérpretes de Libras-Língua Portuguesa, dos professores da sala de recursos e das Professoras de Ciências na comunicação dos indivíduos Surdos com os sujeitos ouvintes presentes em sala de aula e as relações sociais entre os alunos ouvintes e Surdos.

A interação social entre os alunos Surdos e ouvintes presentes na escola ocorre de forma considerada espontânea por todos os entrevistados, que ressaltam a existência de alunos ouvintes que se tornaram usuários de língua de sinais e outros colegas que aprenderam alguns sinais para se comunicar de uma maneira mais constante e segura com os Surdos que frequentam a instituição.

Sendo assim, o papel das intérpretes Libras-Língua Portuguesa na comunicação entre os alunos Surdos e ouvintes se torna importante tanto ao ensinar alguns sinais para os alunos ouvintes que interagem com os Surdos quanto para estimular essa interação. O que as intérpretes relatam que ocorre com frequência.

Os alunos Surdos tornaram-se mais motivados e interessados em aprender tanto a Libras quanto outros conteúdos quando tinham a possibilidade de interagir com seus colegas. Esse fato foi relatado pelas duas intérpretes entrevistadas e pelos professores das salas de recursos, sendo que esses últimos não citam situações em que eles tenham feito alguma intervenção para um melhor convívio entre alunos Surdos e ouvintes.

Já as Professoras de Ciências têm uma atuação relevante na comunicação entre os alunos, pois podem problematizar os conceitos espontâneos estimulando os discentes a discutirem os conteúdos e assim conduzir o caminho do desenvolvimento cognitivo com a aproximação entre os conceitos científicos e os espontâneos, porém por não usarem Libras, elas necessitam do auxílio das intérpretes de Libras-Língua Portuguesa nesta interação verbal, pois sem essa a aprendizagem fica prejudicada.

Enfim, ao estimular os alunos ouvintes a usarem a Libras com seus colegas Surdos pode-se ter encontrado uma forma do discurso dialógico acontecer e talvez essa seja uma via colateral que auxilie os indivíduos Surdos a formarem novas conexões psicológicas, já que os princípios reguladores da conduta social são a vida em sociedade na interação com o outro.

8.3 Interpretação da conjuntura geral

O presente estudo realizou uma investigação de quatro esferas de ação dentro de uma escola que visa o acesso aos conteúdos científicos para alunos Surdos. Assim, observou-se que os alunos Surdos presentes nesta instituição de ensino regular mantêm uma forte interação com os outros discentes ouvintes e que o fato de se incentivar, mesmo de forma tímida, a aprendizagem de Libras tem estimulado a interação social entre os sujeitos e isso pode auxiliar a aprendizagem dos alunos Surdos, mesmo que nem todos sejam usuários da língua de sinais.

Outra consideração a ser feita é que as esferas de ação analisadas mantêm gêneros de discurso próprios e, embora as esferas de atividade tenham valores ideológicos diferentes, a regularidade nos enunciados dos sujeitos mostra uma estabilidade nas situações sociais, portanto as conjunturas de interação estão consolidadas e a comunicação verbal ocorre, mesmo que seja fragmentada.

Assim, aquilo que dificulta a interação social entre os sujeitos, que é o conflito e o debate constantes, talvez possa se transformar na característica que possibilita a

comunicação, pois em ambientes onde o enfrentamento não ocorre a quebra de paradigmas também não se manifesta. Desta forma, ainda que a relação de significado do aluno Surdo, que é usuário de Libras, esteja prejudicada na relação dialógica, os embates constantes parecem apontar para um fortalecimento da inclusão escolar.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas diretrizes emergem da pesquisa para auxiliar na reorganização das estruturas dos sistemas de ensino que se pretendem realmente inclusivos, seguem-se elas:

- a) Uma maior interação verbal e social entre as esferas de ação (professores da sala regular, professores da sala de recursos, gestores, etc) em torno do planejamento das atividades científicas presentes na escola;
- b) Uma gestão escolar realmente democrática, na qual todos os profissionais da educação integrantes da instituição participem e opinem, passando a se configurar como equipe;
- c) Uma diretoria de ensino atuante com dirigentes dedicados a estimular não só a aprendizagem e uso da Libras, mas também o conhecimento a respeito dos principais conceitos de educação especial;
- d) Resoluções legais que visem a autonomia e maior profissionalização dos professores e dos outros profissionais da educação atuantes na escola.

Assim, compreende-se que ainda há uma longa caminhada a ser realizada pela inclusão escolar do aluno Surdo e parece que a estrada ainda não se fez, portanto, cabe àqueles que marcham a definição da rota. Não há batalha fácil, mas existem possibilidades, como vontade de transformar as dificuldades em elos sólidos da corrente. O aluno Surdo já está presente na escola de ensino regular, portanto, algo precisa ser feito para que sua formação seja a mais próxima possível de uma tomada de consciência efetiva e consistente, afinal o aluno Surdo somente aprender se houver o uso da LIBRAS.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006 [1929].
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BARROS, Constituição de “sentidos” e “subjetividades”: aproximações entre Vygotsky e Bakhtin^o **Estudos Contemporâneos da Subjetividade (ECOS)**. Campos dos Goytacazes, v. 2, nº 1, p. 133-146. 2012.
- BASSO, S. P. S.; CAMPOS, L. M. L. A Educação Inclusiva nos anais do ENPEC: 1997 –2011. In: **Encontro Nacional De Pesquisa Em Educação Em Ciências**, IX, 2013, Águas de Lindóia. Anais... Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2013. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/trabalhos.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- BAUMEL, R. C. R. C. Sobre educação inclusiva e inclusão. In: RIBEIRO, M. J. L. **Educação Especial e Inclusiva: teoria e prática sobre o atendimento à pessoa com necessidades especiais**. Maringá: Eduem, 2012. p. 19-29.
- BELTRAMI, C. M.; MOURA, M. C. A educação do surdo no processo de inclusão no Brasil nos último 50 anos (1961-2011). **Revista Eletrônica da Biologia**, São Paulo, v. 8, nº 1, p. 146-161, 2015. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/article/view/19930>>. Acesso em: mai. 2015.
- BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVel**, v. 10, nº 19, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>>. Acesso em: jul. 2016.
- BRANDIST, C. **Repensando o círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRASIL. Senado Federal. **Constituição Da República Federativa Do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.
- _____. **Lei nº 7.853** de 24 de outubro de 1989. Brasília, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L7853.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.
- _____. **Lei nº 8.069** de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 3.298**, de 20 de dezembro de 1999. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/decreto/D3298.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial. MEC:SEESP, 2001. 79p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. MEC:SEESP, 2007a. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 6.094**, de 24 de abril de 2007. Brasília, 2007b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. MEC:SEESP, 2008. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm> Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 7.690**, de 2 de março de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7690.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm>. Acesso em: 04 mar. 2015.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 junho de 2014. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125099097/lei-13005-14>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

BUENO, J.G.S. Surdez, linguagem e cultura. **Caderno CEDES**, v.19, nº46, set. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em mai. 2015.

CAMARGO, E. P. **Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de Física**. São Paulo: Editora Unesp, 2012. 274 p.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, nº4, p. 679-684, Out/Dez. 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. Trad. Valenzuela, S. T. São Paulo: Cortez, 2002.

CORRÊA, M. F. Instituto dos Surdos-Mudos: relatório do comissário do governo, apresentado em Abril de 1874: Transcrição Diário de Minas 2 de julho de 1874. In: **Biblioteca Nacional Digital Brasil**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=376523&pagfis=2868&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso em: 10 de maio de 2015.

COUTO, N° S.; ARENA, D. B. Jogo de papéis e linguagem: diálogos possíveis entre Vigotski e Bakhtin° In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Educadores Sociais, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200014&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 12 junº 2015.

DORZIAT, A. Educação Especial e Inclusão Escolar: prática e/ou teoria. In: DECHICHI, C. e SILVA, L. C. e colaboradores. **Inclusão escolar e educação especial: teoria e prática na diversidade**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

FERNANDES, J. F. F.; CARVALHO, M. G.; CAMPOS, E. N° Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, nº 2, p. 95-108, Jul./Dez. 2012.

FERREIRA, W. M.; NASCIMENTO, S. P. F.; PITANGA, A. F. Dez Anos da Lei da Libras: Um Conspecto dos Estudos Publicados nos Últimos 10 Anos nos Anais das Reuniões da Sociedade Brasileira de Química. **Química Nova Na Escola**. São Paulo. v. 36, nº 3, ago. 2014. p. 185-193. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc36_3/05-EA-36-13.pdf> Acesso em: 24 fev. 2015.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin°** 4ª reimp. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto**. 4ª ed., 6ª imp. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GASPARIN, C. **Educação Inclusiva: elementos a serem considerados no ensino de física para surdos**. 2014. 54f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/124097>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

IPEA, **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, v. 1, junº 2000-2013. Brasília:Ipea, 2013.

IBGE **Recenseamento do Brasil**: realizado em 1 de setembro de 1920: população/Directoria Geral de Estatística. Vol. IV. 3ª. parte. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística. 1928. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26464> Acesso em: 10 de maio de 2015.

JANNUZZI, G. S. M. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 26, nº 69, p. 163-184, maio/ago, 2006.

LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, nº 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto no 5.626/05. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 39, nº 1. 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/53042>>. Acesso em: 23 janº 2015.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. 2ª ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**, São Paulo, SP:E.P.U., 2014.

LULKIN, S. A. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: Skliar, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 33-49. p. 14-37.

MACHADO, R. M. **Educação especial na escola inclusiva**: políticas, paradigmas e práticas. São Paulo: Cortez, 2009.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, nº5, p.103-115, 2011.

MANTOAN M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna. 2003. — (Coleção cotidiano escolar).

MONTESQUIEU, C. S. B. **O espírito das leis**. Trad. Murachco, C. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Paidéia).

MOURA, M. C. Uma história cíclica: o Surdo e as imposições sociais. In: Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará Deputado Pontes Neto. **Cadernos tramas da memória**. Fortaleza: INESP, 2013. p. 109-135.

NOGUEIRA, A. S.; SILVA, I. R. A construção das identidades surdas no contexto da clínica fonoaudiológica. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XVII, p. 69-82, 2008.

PAGNEZ, K. S.; SOFIATO, C. G. O estado da arte de pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil de 2007 a 2011. **Educar em Revista**. Curitiba. Nº 52. Abr./junº 2014. Disponível em: <
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/viewFile/33394/22823>> Acesso em: 24 fev. 2015.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 7, nº 2, p. 136-147, junº 2006.

PRIETO, R. G. Políticas de inclusão escolar no Brasil: sobre novos/velhos significados para educação especial. In: MENDES, E. G., ALMEIDA, M. A.(orgs.) **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara/SP:Junqueira&Marin, 2010, p. 61 a 78.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

RAMOS, D. M. **Análise da produção acadêmica constante no banco de teses da CAPES segundo o assunto Educação de surdos (2005-2009)**. 2013. 81f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. Disponível em: < <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/90121>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

RAMOS, D. M. e ZANIOLO, L. O. Tendências e Perspectivas da Produção Acadêmica Sobre a Temática Educação de Surdos: Mapeamento da Produção. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília. V. 20, nº 2. Abr./junº 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/11.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros de discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, nº2, p. 415-440, jan-junº 2004.

ROTH, W-M. Science LanguageWanted Alive: Through the Dialectical/Dialogical Lens of Vygotsky and the Bakhtin Circle. **Journal of Research in Science Teaching**. v. 51, nº 8, p. 1049–1083, 2014.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: Quadros R. M (org.). **Estudo surdos I** Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2006. P. 73-102.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

SILVA, L. D. S.; SANTOS, I. M.; DIAS, V. B.; SIQUEIRA, M.; MASSENA, E. P.; FRANÇA, S. S.; SANTOS, A. S.; MELO, J. S.; COSTA, M. R.; COTIAS, V. L. Tendências das pesquisas em Educação Especial no Ensino de Ciências: o que o ENPEC e os periódicos nos indicam? In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, IX, 2013, Águas de Lindóia. Anais... Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2013. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/trabalhos.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas/SP: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 1999. 125p.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. H. “Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. **Revista Brasileira de Educação**. V. 16. Nº 48 set-dez. 2011.

SOUZA, V. R. M. A Educação de Surdos no século XIX. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 1, p. 49-56 jul./dez. 2008

THOMA, A. S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surda como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**. Pelotas, nº 36, p. 107-131, maio/agosto. 2010.

TRIVIÑOS, A. N.º S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO & MEC-Espanha. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação**. Brasília: CORDE, 1994.

BRASIL **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Senado Federal. 2001. 186p.

UNICEF, **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa**: Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes /Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília: UNICEF, 2012.

UNICEF **Situação Mundial da Infância**: Crianças com Deficiência. Brasília: UNICEF, 2013.

UNICEF **O enfrentamento da exclusão escolar no Brasil**. Brasília/DF: UNICEF, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas V**: Fundamentos de defectologia. Visor Dis.: Madrid, 1997a.

_____. **Obras Escogidas III**: Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Visor Dis.: Madrid, 1997b.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ZANATA, E. M. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

APÊNDICE A - Produção científica encontrada no ano de 2012.

Área de conhecimento	Local	Temática	Autor(es)	Título
Ciências	SP	Concepções de professores	Reis E. S.; Silva L. P.	O ensino das ciências naturais para alunos surdos: concepções e dificuldades dos professores da escola Aloysio Chaves – Concórdia/PA
Ciências	GO	Relação professor-intérprete de Libras	Oliveira, W. D.	Estudos sobre a relação entre intérprete de libras e o professor: implicações para o ensino de ciências
Ciências	AM	Processos de aprendizagem	Pinto, M. A. S.; Gomes, A. M. S.; Nicot, Y. E.	A experiência visual como elemento facilitador na educação em Ciências para alunos surdos
Ciências	RS	Concepções de professores	Pereira, L. L. S.; Benite, A. M. C.	Redes sociais como espaço de interações discursivas sobre formação de professores de ciências para a educação inclusiva
Ciências	RJ	Termos científicos	Barral, J.; Eduardo, F.; Rumjanek, V. M.	Comunicando ciência com as mãos
Ciências	RS	Processos de aprendizagem	Felicetti, S. A.; Oliveira, D. G.; Voltolini, C. H.; Santos, J. M. T.	Atividades demonstrativas e interativas como apoio a licenciatura em ciências e a educação básica
Física	SP	Processos de aprendizagem	ALVES, F. S.	Ensino de física para pessoas surdas: o processo educacional do surdo no ensino médio e suas relações no ambiente escolar
Física	MT	Processos de aprendizagem	BOTAN E.	Ensino de física para surdos: três estudos de casos da implementação de uma ferramenta didática para o ensino de cinemática
Física	PR	Processos de aprendizagem	Almeida, L. C.; Assis, L. S.; Braz, R. M. M.; Nascimento, G. M. S.	Videos didáticos: instrumento de ensino na perspectiva da inclusão de alunos surdos em aulas de física do ensino médio
Física	RJ	Processos de aprendizagem	Nascimento Neto, M. C.	O ensino de acústica para alunos surdos e ouvintes a partir dos livros didáticos
Física	SP	Processos de aprendizagem	ALVES, F. S.; Peixoto, D. E.; Lippe, E. M. O.	Ensino de astronomia para surdos nas séries iniciais: dificuldades e possibilidades no espaço escolar
Química	BA	Processos de aprendizagem	Beltramin, F. S.; Góis, J.	Materiais didáticos para alunos cegos e surdos no ensino de química
Química	BA	Relação professor-intérprete de Libras	Pereira, L. L. S.; Benite, A. M. C.	Química e surdez: reflexões acerca das relações intérprete-aluno
Química	BA	Relação professor-intérprete de Libras	Silva Pinto, E. S.; Oliveira, A. C. G.	Ensino de Química para surdos na perspectiva de alunos surdos, professor, intérprete e coordenação
Biologia	SP	Processos de aprendizagem	Queiroz, T. G. B.; Diego França Silva, D. F.; Macedo, K. G.; Benite, A. M. C.	Estudo de planejamento e design de um módulo instrucional sobre o sistema respiratório: o ensino de ciências para surdos
Biologia (Educação Ambiental)	RS	Concepções de professores	Hübner, M.	A educação ambiental no contexto da interculturalidade e da cultura surda

APÊNDICE B - Produção científica encontrada no ano de 2013.

Área de conhecimento	Local	Temática	Autor(es)	Título
Ciências	SC	Processos de aprendizagem	Machado, P. C.	Interações discursivas no ensino de Ciências do PROEJA fundamental bilíngue (Libras-Português)
Ciências	SP	Estado da arte	Basso, S. P. S.; Campos, L. M. L.	A Educação Inclusiva nos anais do ENPEC: 1997 –2011
Ciências	SP	Concepções de professores	Pereira, G. A.; Rizzatti, I. M.	A educação inclusiva segundo os graduandos do curso de Licenciatura em Física, Matemática e Química da Universidade Estadual de Roraima
Ciências	SP	Estado da arte	Silva, L. D. S.; Santos, I. M.; Dias, V. B.; Siqueira, M.; Massena, E. P.; França, S. S.; Santos, A. S.; Melo, J. S.; Costa, M. R.; Cotias, V. L.	Tendências das pesquisas em Educação Especial no Ensino de Ciências: o que o ENPEC e os periódicos nos indicam?
Ciências	VIGO/ Portugal	Concepções de professores	Pereira, L. L. S.; Benite, C. R. M.; Benite, A. M. C.	Análise da comunicação verbal produzida na formação em rede de professores de ciências para a educação inclusiva
Ciências	DF	Processos de aprendizagem	Lopes, A. L.	As dificuldades encontradas por professores no ensino de ciências a alunos com deficiência
Ciências	SP	Processos de aprendizagem	Corrêa, L. P.	Ensino de Ciências para alunos surdos nos anos finais do Ensino Fundamental: focalizando a formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais-Língua portuguesa e seu papel no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos
Ciências	SP	Estado da arte	Ramos, D. M.	Análise da produção acadêmica constante no banco de teses da CAPES segundo o assunto Educação de surdos (2005-2009)
Física	SP	Processos de aprendizagem	Rocha, D. M.; Cozendey, S. G.; Pessanha, M.	O trabalho do Intérprete de Libras na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso das aulas de Física
Física	SP	Termos científicos	Vargas, J. S.; Gobara, S. T.;	Sinais dos conceitos de massa, aceleração e força para surdos na literatura nacional e internacional
Física	SP	Processos de aprendizagem	Cozendey, S. G., Pessanha, M. C. R., Costa, M. P. R.	Vídeos didáticos bilíngues no ensino de leis de Newton
Física	SP	Processos de aprendizagem	Ramos D. P.	O ensino de Ciências em Libras para surdos - energia potencial e cinética em vídeos on-line
Física	SP	Processos de aprendizagem	Silva, J. F. C.	O ensino de Física com as mãos: Libras, bilinguismo e inclusão
Física	SP	Relação professor-intérprete de Libras	ALMEIDA T. J. B.	Uma investigação sobre o papel do intérprete de libras como mediador em aulas de física para alunos com deficiência auditiva
Química	GIRONA/ Espanha	Concepções de professores	Benite, C. R. M.; Castro, I. P.; Benite, A. M. C.	A formação de professores de química pela pesquisa: estudos sobre a inclusão escolar de alunos surdos
Química	GO	Processos de aprendizagem	Costa, A. L. F.; Marques, L. P.; Aguiar, T. C.	A educação inclusiva no ensino de química: a elaboração e utilização de materiais didáticos no processo de

				ensino-aprendizagem de surdos e ouvintes
Química	SP	Processos de aprendizagem	Stadler, J. P.; Filietaz, M. R. P.; Hussein, F. R. G. S.	Três Cenários do Ensino Bilíngue de Química para Alunos Surdos no Ensino Médio
Química	PR	Processos de aprendizagem	Stadler, J. P.	Ensino bilíngue libras/português para alunos surdos: Investigação dos Cenários da Educação Bilíngue de Química e de Sinais Específicos em Sala de Aula
Biologia	CE	Concepções de professores	Paulo-Filho, I. R.	As dificuldades encontradas por professores de biologia na inclusão de alunos surdos no ensino médio

APÊNDICE C - Produção científica encontrada no ano de 2014 e 2015.

Área de conhecimento	Local	Temática	Autor(es)	Título
Ciências	PR	Estado da arte	Pagnez, K. S.; Sofiato, C. G.	O estado da arte de pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil de 2007 a 2011
Ciências	MA	Processos de aprendizagem	Sousa, D. Y. C. S.; Oliveira, A. C. M.	Glossário dinâmico de Libras para apoio ao ensino não presencial
Ciências	SP	Estado da arte	Ramos, D. M.; Zaniolo, L. O.	Tendências e Perspectivas da Produção Acadêmica Sobre a Temática Educação de Surdos: Mapeamento da Produção
Ciências	RJ	Concepções de professores	Silva, G. J.; Santos, A. C. G. G.; Ramos, F. Z.	O estágio supervisionado na formação docente: um relato de limites e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem de ciências para surdos
Ciências	RS	Processos de aprendizagem	Benite, A. M. C.; Benite, C. R. M.; Vilela-Ribeiro, E. B.	Educação inclusiva, ensino de Ciências e linguagem científica: possíveis relações
Física	RJ	Processos de aprendizagem	Almeida, L. C.; Mota, V. M. T.; Abreu, J. A.; Mariani, R.	Física e surdez: estratégias e recursos didáticos para o ensino da primeira lei de Newton
Física	MT	Processos de aprendizagem	Bota, E.; Paulo, I. J. C.	Ensino de Física para surdos: três estudos de casos da implementação de uma ferramenta didática para o ensino de cinemática
Física	SC	Estado da arte	Gasparin, C.	Educação inclusiva: elementos a serem considerados no ensino de física para surdos
Química	SP	Estado da arte	Ferreira, W. M.; Nascimento, S. P. F.; Pitanga, A. F.	Dez Anos da Lei da Libras: Um Conspecto dos Estudos Publicados nos Últimos 10 Anos nos Anais das Reuniões da Sociedade Brasileira de Química
Química	SP	Processos de aprendizagem	Ferreira, W. M.; Nascimento, S. P. F.	Utilização do jogo de tabuleiro - ludo - no processo de avaliação da aprendizagem de alunos surdos
Biologia	SP	Concepções de professores	Gomes P. C. Basso S. P. S.	O ensino de biologia mediado por libras: perspectivas de licenciandos em ciências biológicas
Biologia	MT	Processos de aprendizagem	Figueiredo, M. C. O.; Chaves, A. A.; Saraiva, I. S.; Barros, M. D. M.	A construção do jogo didático “casinha dos animais”: uma possibilidade para o ensino de zoologia a alunos com necessidades educacionais especiais
Biologia	RS	Processos de aprendizagem	Rizzo, R. S.; Pantoja, L. D. M.; Medeiros, J. B. L. P.; Paixão, G. C.	O ensino de doenças microbianas para o aluno com surdez: um diálogo possível com a utilização de material acessível
Biologia	AM	Processos de aprendizagem	Oliveira, V. F. S.; Silva, I. A.	Proposta de construção de modelo didático “aprendendo zoologia em alto relevo” para ensino de ciências na educação inclusiva de jovens e adultos

APÊNDICE D - Roteiro das entrevistas com os profissionais da educação

Nome:

Disciplina/Cargo – Anos de profissão:

Formação (ano de conclusão, curso(s) de graduação, local(is) onde cursou, possui especialização – qual?)

Exerce outro cargo, qual?

1- Como é a interação social entre alunos, professores e funcionários da escola?

2- Que papel você desempenha nesta interação dentro da escola?

3- Quais as relações existentes entre professores/funcionários e alunos Surdos? E entre alunos ouvintes e Surdos?

4- Você poderia comentar sobre algumas ações que a escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais? Qual a importância que a língua de sinais tem na comunicação dos alunos surdos com você?

5- Você acredita que a comunicação dentro da escola auxilia na aprendizagem? E com relação a aprendizagem de Ciências?

6- Como é a Ciência para você? Que relação você tem com os conhecimentos científicos?

APÊNDICE E - Enquadramento dos enunciados da Professora 1, separados por assunto.

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da Professora 1 a primeira questão sobre a interação social na instituição.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Qual é a relação/interação entre os alunos, entre os alunos e professores, entre os funcionários?	Essa escola é uma escola atípica, porque ela é flutuante, porque quem estuda aqui são alunos que moram em toda cidade e que vem para a escola por ser central, então não tem uma comunidade essa escola. E é uma escola onde não falta diálogo, há bastante interação entre os professores, os alunos e os funcionários.	Aspectos da instituição	Descrição da instituição como explicação para a falta de uma comunidade	Inicia-se descrevendo a característica central da escola para depois afirmar que há diálogo.
Você sente essa comunicação na escola? Com os funcionários? Se sente bem informada?	Sinto... é... a interação. Um grande problema dessa escola é a... como é que fala... dificuldade em passar recado. Então o recado não chega realmente, mas a interação, conversa, peculiar entre professor e aluno.	Aspectos da interação	Apresentação de problemas, mas que parecem não se refletir na interação com os alunos	A informação não chega adequadamente, mas há diálogo com os alunos
Você acha que tem troca de experiências?	Não, aqui o povo é mais individualista (risos)	Individualismo dos colegas de trabalho	Apresentar a certeza de que não há troca de experiências	Expressa opinião concreta sobre a falta de diálogo

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da Professora 1 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que papel que a Professora acha que desempenha dentro dessa interação? Qual o seu papel principal aí dentro	Olha... Eu estou aqui a 23 anos nessa escola especificamente. Eu procuro... Eu me dou bem com todos, né? Procuro ajudar naquilo que eu posso. Só que eu não me envolvo assim com os problemas individual	Ação individual e restrita	Descrição de sua posição unilateral	Demonstra sua preocupação em evitar conflitos

dessa interação social na escola?	de cada um, então eu faço, o meu... assim... o meu social... O que a pessoa precisar, mas eu não me envolvo assim com os problemas particulares de... nem de aluno e nem de funcionários. Acho que é uma forma de... Eu falo isso, porque eu... É uma forma assim de você não se envolver e... nem em intrigas e nem de se envolver em fofoca. Eu odeio isso, então eu procuro fazer só... quando me procura e me pede ajuda, eu... tudo bem, mas me inteirar do problema da pessoa sem ela me procurar, eu num vou atrás.			
-----------------------------------	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da Professora 1 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E com relação ao ensino, você sabe, quando outro tem dúvida, outro professor vem tirar dúvidas com a Professora sobre aspectos de conteúdo...	Essa, essa... estou sempre aberta. Se é aquilo que eu souber a resposta e puder ajudar.	Abertura para auxílio	Demonstrar sua disposição em ajudar o outro quando requisitada	Convicção e segurança
Então a Professora acha, que seu papel em si, é o papel de Professora e da instrução...	É, é... Eu faço o meu papel. Eu ganho para isso... Eu procuro fazer o meu papel e ponto.	Cumprimento de dever	Justificativa para cumprir seu papel é o recebimento do salário	Os vencimentos justificam sua atuação como Professora

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da Professora 1 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Quais as relações existentes entre os professores e funcionários e os alunos Surdos? Aí, mais especificamente. Então no caso da Professora, e o aluno surdo, como é essa interação?	Infelizmente, é... nós professores, nós não fomos preparados para receber os alunos surdos. Eu tenho muita dificuldade, né? E... Eles também. Os poucos alunos surdos que eu tive, eu percebo que eles também... Eles não querem ser ajudados. Então é muito difícil assim a interação. É... o... como chama... a...	Interação restrita	Apresentar justificativas para o diálogo mínimo realizado com os Surdos	Falta de preparo, dificuldades pessoais e pouca participação dos próprios alunos Surdos
O interlocutor?	É o interlocutor, ele ajuda, mas eu acho que teria que ter feito uma coisa assim mais profunda com relação aos professores. Eu me sinto totalmente	Falta de treinamento dos professores	Demonstrar o despreparo dos professores e a discriminação sofrida pelos	Auxílio mínimo da intérprete, pois os professores deveriam ser mais bem preparados para uma menor

	despreparada, eu acho que esses alunos são na verdade discriminados.		Surdos na escola	segregação dos alunos Surdos
A Professora acha que o interlocutor tem então um papel de auxílio, apenas, mas que...	Tem, tem... Ele ajuda bastante, mas tem muito que melhorar. Não está nem engatinhando ainda esse projeto	A inclusão escolar é ainda incipiente	Encerrar o assunto sobre o papel da intérprete	A intérprete auxilia, mas ainda há problemas com relação a seu papel na sala de aula.

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da Professora 1 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E entre os alunos ouvintes e os surdos? A senhora percebe alguma coisa na sala de aula, nos corredores?	Não, eles interagem muito bem. Inclusive os alunos ouvintes as vezes procuram dar uma atenção especial, sabe. Acho que tem uma interação boa entre eles, mesmo porque eles são da mesma idade. E, de repente, por ser da mesma idade, as vezes eles nem percebem que o outro é surdo, ou... Então não tem essa discriminação, é. É uma coisa própria dos jovens, né?	Alunos Surdos possuem boa interação com colegas	Apresentar motivos para a presença dos Surdos na escola	Interação social dos alunos Surdos com ouvintes tem relação com a faixa etária
A senhora sente isso também com relação a você enquanto Professora, ou não?	Não, só entre os alunos.	Não há ações no auxílio aos professores de alunos Surdos	Comprova que ainda há muito a ser discutido com relação a inclusão	Convicção e segurança

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da Professora 1 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
A senhora acha que essa língua ela tem uma importância na comunicação dos surdos com você?	Sem dúvida. Daqui pra frente eu que... quem não souber a língua dos sinais, vai ser discriminado. Isso teria que ser um pré-requisito para ser professor. Só que pra isso o governo teria que dar um espaço, teria que dar condições para que o professor pudesse fazer isso. Porque a nossa carga já é uma... São 32 aulas semanais, fora ATPCs, então nossa carga é... e fora que todos os professores que dão aula aqui, dão aula no particular ou tem uma ou... em paralelo, porque infelizmente com o nosso salário a gente não consegue	Precarização do trabalho do professor	Apresentar as dificuldades para que os professores consigam aprender a Libras	A evidente importância da Libras para se tornar professor e os problemas e impedimentos para se buscar a aprendizagem dessa língua

	se manter, então fica muito difícil. Eu sou totalmente a favor do professor em período total na escola e em uma única escola. Daí daria para fazer... ter uma dedicação especial... Agora do jeito que nós estamos correndo de um lado para outro, é complicado.			
Ah, você poderia comentar algumas ações que a escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais? A senhora lembra alguma coisa que a escola faz?	A tem o teatro, tem peças de teatro. Tem o... o coral. A escola nessa parte ela está bastante socializada com os alunos, então...	Ações oferecidas pela escola	Descrever e justificar ações institucionais	Apresentar as ações e legitimar o papel da escola com relação aos alunos Surdos

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da Professora 1 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você acredita que a comunicação dentro da escola auxilia na aprendizagem? Essa comunicação auxilia no aprender do aluno...	É, porque a comunicação é assim uma coisa mais cotidiana, não é uma coisa profunda, então... (toca o sinal do intervalo...)	Interpretação pessoal sobre a comunicação	Comunicação cumpre apenas um papel no diálogo cotidiano sem importância na aprendizagem	Comunicação como algo superficial
e na aprendizagem de Ciências?	É mais totalmente dedicada ao professor essa parte, por que funcionário ou a parte administrativa, não ajuda em nada. Eu acho que o profe... Fica tudo a cargo do professor mesmo. Mesmo porque tem essa falha de comunicação.	Comunicação no ensino é somente papel do professor	Apresentar justificativa para a pouca participação da área administrativa na comunicação com os alunos em geral	A aprendizagem de Ciência fica somente a cargo do professor, sem participação do pessoal da área administrativa, por falta de organização e sistematização.
E na sala de aula então a Professora fala. O professor e o aluno na sala de aula.	Sim, na sala de aula. Eu digo, fora da sala de aula não existe muito essa preocupação com relação ao aluno.	Falta de preocupação com o aluno fora da sala de aula	Explicar os motivos da comunicação ficar restrita a sala de aula.	Convicção e segurança

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da Professora 1 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
A senhora poderia (só para terminar) dizer como é a Ciência para você?	Se você não interagir com a Ciência você não consegue é... entender o mundo. Então tudo que se passa hoje é Ciência,	Ciência como meio de compreender o mundo	Explicar sobre grande relevância que a Ciência tem para	Ciência está em tudo e não se pode distanciar dela, correndo o risco de

Que relação você tem com esses conhecimentos científicos?	faz parte da Ciência. Então o aluno que não, é, despertar seu interesse, né, pra assuntos científicos, ele vai estar a parte do mundo, porque tudo a ciência está relacionada, com alimentação, com o tempo, com as mudanças que estão ocorrendo no universo, então a ciência faz parte da vida como um todo. Se o aluno não interagir, se ele não souber conceitos, se ele não buscar explicações, ele ficará um ser humano a parte do mundo. Então as ciências ela tá assim, ela tá envolvida em tudo que acontece na vida de uma pessoa e no ambiente onde ela vive.		o ser humano e sua relação com o mundo	desconhecer o que ocorre com o mundo
---	---	--	--	--------------------------------------

Fonte: a autora

APÊNDICE F - Enquadramento dos enunciados da Professora 2, separados por assunto.

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da Professora 2 a primeira questão sobre a interação social na instituição.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como a Professora vê, já que a Professora tem um tempo já de escola, toda essa ideia de interação social entre professores, funcionários e alunos, como um todo, não só os surdos, tá? Então, como é a interação social dentro da escola? Como a Professora vê isso?	Eu vejo com bons olhos. A gente tem que interagir. O aluno tem que... Você tem que compartilhar com ele pra ele compartilhar com você aquilo que ele também já sabe. Por que se for uma máquina de transmitir conhecimento e não ter ?? é ruim, então essa, essa, esse compartilhamento de ideias é saudável dos dois lados. Então eu vejo com bons olhos sempre.	A interação em si	Descrição de sua compreensão sobre o tema	Ela relata que a interação ocorre e que há troca de conhecimento.
Mas aí a Professora acha que é tranquilo essa relação dos funcionários e dos professores com os alunos, como é tudo isso? Essa interação ela ocorre bem?. Tem algum momento que a Professora gostaria de citar...	Então, aos meus olhos, eu sempre vejo com bons... Eu sempre vi bem, entendeu? Agora as pessoas não são... São diferentes umas das outras, né? Então existem pessoas que não compartilham com essa mesma ideia, tem pessoas que não entram nessa ideia de jeito nenhum e tem aquelas que entram de boa vontade. É... Mas acho que isso é uma coisa super saudável, então... Pode ser que entre os próprios colegas não existem compartilhamento, mas eu acho que é uma posição saudável.	Compartilhamento de ideias	Mostrar a contradição	A docente relata que as contradições existem, mas encara como saudáveis, embora entre os colegas a interação possa não existir.
E os alunos, eles é... são respeitosos com os professores como profissionais?	Nem sempre, existe de tudo, as pessoas são diferentes. Também existe aquele aluno que vem com uma educação básica de casa e ele te respeita. Você pode falar até com ele num nível mais alto. Ele não ergue a voz para você, né? Você pode tá certo ou tá errada e depois você pode se retratar ou ele se retratar,	Da relação professor-aluno	Apresentar os problemas dessa relação	Mostra seu ponto de vista com respeito a atuação da adolescência de hoje

	também existe essa... correspondência, mas nem todos os alunos são iguais, então existem aqueles alunos que te respondem na altura ou mais alto que você e você se sente até constrangida por um aluno te enfrentar. Sabe já sai da classe de aula, magoada. Sabe, precisei me acalmar fora, porque aluno me enfrentou e ele não estava com a razão, a razão estava comigo. Não porque eu sou a Professora e tenho razão sobre ele, mas no fato eu tinha razão, mas o aluno não aceita. Esse é o... essa é a marca da adolescência de hoje. O aluno, ele não sabe ouvir um não, ele não sabe respeitar um não. Isso não só na nossa sala de aula... Em qualquer momento da vida dele. Se ele é contrariado, ele luta contra, mesmo que ele estão com ou sem razão, sabe, então ele não aceita um não. É uma falha da... acho que da adolescência dos dias atuais.			
E a Professora recebe um respaldo da escola, quando aconteceu isso?	Eu recebi. Recebi, a diretora neste momento que aconteceu isso, a diretora foi na sala, chamou a atenção dos alunos, existia a coordenadora pedagógica que também foi, a mediadora, então eu tive um bom respaldo do, do... do corpo discente. Tive, não posso falar nada, mas é... o aluno no outro dia é outro dia e se ele não aprendeu ele volta a fazer de novo e... Como já aconteceu de novo.	Apoio institucional	Explicar como ocorreu esse apoio	Apresenta o apoio e retornar ao problema geral (adolescência problemática)
Mas o mesmo aluno?	Não, não, não. Em classes diferentes, outros anos	Negação	Relatar outros problemas	Reitera a reincidência do problema
Ah, tá. Esse mesmo aluno nunca depois... Depois ele se tranquiliza... Ele recebe punições fora...?	É, ele cria uma situação assim meio de indiferença, entendeu? Como houve um embate entre eu e ele. Ele fica na dele e eu fico na minha, mas pra mim, assim, no	Relação professor-aluno	Informar a situação da relação	Apresenta o problema de forma profissional

	outro dia é um dia diferente, eu já esqueci, eu volto a ser a Professora dele de novo, sem nenhum problema, sabe. Agora, parece que existe uma certa animosidade da parte dele, entendeu?			
Mas a Professora não acha interessante que ele recebesse uma punição administrativa, ou alguma outra...	Então, isso é aí. Eu sou como diz, minha formação é de Professora, não sou vingativa. Então, eu acho que a diretora chamando a atenção e eu falando as razões pelas quais eu chamava a atenção dele, sintonizou, ou seja, fazendo ele entender em que ele tava errado, pra mim já é o suficiente. Agora, o amadurecimento é uma coisa importante neste caso. Nesta fase de adolescência, eles não tem o amadurecimento completo para entender a dimensão do que ele fez, mas eu acho que com o tempo ele vai pensando, porque ele é um ser pensante, espero que ele consiga entender, mas aí só a vida e eu como sou uma pessoa mais amadurecida, outro dia eu estava aberta de novo pra novas, novos desafios e tratava todo mundo igual, inclusive ele, entendeu? Nenhum problema quanto a mim, mas é porque a minha formação é assim, entendeu? A minha formação é mansa, sou Professora.	Relação professor-aluno	Apresentar a dificuldades desse relacionamento e o papel da instituição neste	Apresenta o papel da instituição e o resultado da relação professor-aluno com relação ao amadurecimento emocional
Será que é a experiência também ajudou, Professora?	A experiência, do tempo de magistério e o amadurecimento, né? Tudo isso é importante.	Experiência e amadurecimento	Registrar a importância do amadurecimento	Ressaltar a importância do amadurecimento
Por que não é fácil, volta pra casa depois de uma...	É não é fácil, a gente fica abalada, a pressão altera, você respira, você chora, e na hora que você se acalma, acalmou de uma vez. Isso aí ajuda bastante. O amadurecimento, né?	Experiência e amadurecimento	Registrar a importância do amadurecimento	Ressaltar a importância do amadurecimento
Tenho que fazer mais esse exercício...	Mas a gente não é de ferro, a gente sente.	Como é ser humano	Amenizar o papel do amadurecimento	Apaziguar a situação

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da Professora 2 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que papel a Professora desempenha aqui dentro da escola nessa interação?	Nessa interação professor-aluno?	-	-	-
É professor aluno, Professor funcionário também. Qual o seu papel dentro disso tudo?	Olha eu sou uma pessoa que costumo olhar para os olhos das outras entendeu? Então eu sei que eu tenho problemas e a pessoa também tem. Não é porque vim para escola que deixei meus problemas todos em casa, sabe. Eu tenho e carrego meus problemas e ela também, então eu acho que quando essa interação para mim é fácil de administrar porque eu consigo entender os problemas das pessoas. Quando ela fica exaltada ou quando está assim sorridente e a gente compartilha tudo isso. Então eu sou uma pessoa assim que eu consigo olhar nos olhos das pessoas e ir vendo ela como uma igual, entendeu? Com problemas e com felicidades momentâneas como eu tenho ela também tem, então pra mim é fácil ter essa interação. Por isso que eu fiquei tão magoada quando o aluno respondeu feio para mim, porque eu não sou uma pessoa que olha para ele como outra pessoa. Eu sou que tem um ser aprendente que precisa de amadurecimento, mas ele é uma pessoa, sabe? Então isso magoou bastante.	Ação individual e irrestrita	Descrição de sua posição interativa	Demonstrar preocupação em compreender o outro e tentar interagir sem contratempos
E entre os pares? Com seus colegas de trabalho? A diretora, a coordenadora, a vice-diretora? Como é essa relação?	Existem as diferenças individuais. Cada um pensa de um jeito. Acho que a diretora tem que pensar na escola, no coletivo da escola, que é o papel dela. Cada um usando sua posição. E nós aqui na escola como professores. Acho que é uma das escolas que mais existe interação entre os professores. Já dei aula em várias escolas, mas eu acho que é aqui a coisa é diferente, então com meus pares a gente se dá muito bem. Existem também as diferenças individuais, de repente eu não compartilho da mesma opinião da outra, mas todo mundo aqui sabe se aceitar, e às vezes também não, mas é uma coisa que a natural do mundo. Então eu não tenho assim dificuldade de me relacionar com ninguém e sempre com a escola que eu vou eu costumo me dar bem com todo mundo. Acho que aqui tá igual com as outras, mas talvez um pouco melhor.	Papel da instituição	Ressaltar os pontos positivos da escola	A escola apresenta problemas, mas a contradição é considerada aceitável

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da Professora 2 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
A Professora gosta de dar aula?	Eu gosto de dar aula eu gosto daqui eu sou mais sedentária mesmo em relação às escolas. eu gosto de ficar num lugar e criar laços mais fortes de amizade. como a gente tem aqui.	Sua atuação profissional	Apresentar como se relaciona profissionalmente	Relatar como se comporta e como aprecia sua atuação profissional
Tem amigos de muitos anos aqui?	Muitos anos né. É cada um fala de seus problemas e a gente compartilha você fala dos seus, então existe essa coisa interessante entre os professores principalmente que fica mais entre nós entre os pares. Compartilhamos também com outro, o corpo discente, o diretor os funcionários, mas é mais com os professores, né. Então eu acho que aqui é espetacular.	Da relação com seus pares	Apresentar sua boa relação profissional e pessoal com seus pares	Relatar que o compartilhamento é maior entre os professores do que entre professores e gestores

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da Professora 2 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que legal. Então como é essa relação dos professores e funcionários com os alunos surdos especificamente agora, olhando para os alunos surdos?	Então porque eu não fui treinada sinceramente para dar aula para aluno surdo, porque quando eu fiz faculdade não tinha nenhuma matéria específica sobre isso, então para mim é difícil, inclusive hoje, é falar como me relacionar com aluno surdo, porque, porque	Interação entre professor-aluno Surdo-intérprete de Libras	Apresentar sua dificuldade na relação com o aluno Surdo e o auxílio dado pelo intérprete de Libras	Inicia falando sobre sua não formação inicial sobre o ensino de Surdos, depois relata sua dificuldade em se adaptar a tal situação para posteriormente ressaltar a importância da vinda do intérprete para a sala de aula.

	eu, eu gosto de andar na sala, argumentando falando, apontando aluno e para o surdo eu tenho que ficar sempre de frente para ele e eu muitas vezes esqueço disso. Eu tô fazendo aquilo que eu sempre fiz e para ele, ele não compartilha com isso comigo, porque é de frente que ele vê eu falando, a linguagem labial, a linguagem de libras, né? E eu não sei muito falar a linguagem de libras e a labial não sei se ele vai me entender porque eu falo um pouco rápido, então pra mim isso é difícil. Ainda bem que tem o professor interlocutor, né? Que me ajuda nesse sentido e eu também faço perguntas para os surdos, ela interpretando, para eu poder esclarecer ele também, mas eu peço muito, porque eu não fico totalmente de frente para ele, eu falo muito rápido, eu tenho que me policiar quanto a isso. Eu ando na sala, que é pedagogicamente isso é correto mas não para os surdos, então eu também tenho dificuldade e essa vinda do professor interlocutor, para mim foi muito bom e deve continuar porque tem que ter essa interação do Surdo com esse ambiente escolar normal, né, que nós todos chamamos de normal e só que eu tenho essa dificuldade, mas é ajudado pelo professor interlocutor.			
--	--	--	--	--

E como a Professora acha que deveria ser além do professor interlocutor tem alguma sugestão para sala de aula de diferente?	Eu acho que o professor interlocutor ele tem que perguntar não só transmitir o que eu falo para o aluno, mas perguntar se ele entendeu, porque muitas vezes eu saio da sala de aula e o professor interlocutor não faz nenhuma pergunta para mim. então eu estou achando que ele entendeu tudo, como o outro o ouvinte não entendeu também é normal o surdo também não entender, mas muitas vezes eu acho que eu saio da sala e o professor interlocutor não fez nenhuma pergunta para mim, quer dizer inquerindo o surdo: você entendeu tudo o que ela falou, preciso explicar de novo, daí eu voltaria explicar normalmente, entendeu mas muitas vezes eu sinto que não existe isso, então ele transmite aquilo que eu falo e eu não sinto uma recíproca. Será que o aluno mesmo entendeu ou eu posso explicar de uma outra maneira.	Relação entre o professor e a intérprete de Libras	Apresentar sua principal dificuldade nesta relação	Relatar que a intérprete apenas traduz o que o professor diz, mas que deveria existir uma situação intermediária em que a intérprete inquirisse o professor a respeito do conteúdo
Essa interação. Então ela fica deficitária, por causa disso?	Deficitária quanto a isso, eu acho que tem que ter um, só uma chamativa, perguntar se ele entendeu, mas não toda hora eu falo isso pra ela a Professora interlocutora, ele entendeu. Ela tem que perguntar para ele se ele entendeu, o que é que ela explica de novo, então eu acho que tem que ter mais.	Relação entre o professor e a intérprete de Libras	Ressaltar a proposta feita anteriormente	Explica melhor sua proposta, demonstrando interesse que ela seja realizada

Já houve uma conversa sobre isso?	Não eu que sinto essa deficiência.	Relação entre o professor e a intérprete de Libras	Negativa sobre a proposta já ter sido colocada	Explica que há uma falta da proposta ocorrer
Em algum momento assim, porque faz muito tempo que a escola recebe interlocutores já né? Houve alguma conversa no início quando eles chegaram que contou como seria essa interação do professor com ele. Houve alguma conversa?	Eu acho que houve sim. Porque como era uma novidade né, nós fizemos reunião pedagógica para explicar inclusive para falar de frente para o aluno, devagar e tal e tal. fazer bastante esquemas na lousa, porque a leitura visual também é importante para ele, então Houve essa preparação, também toda essa preparação Eu ainda acho que sou deficitária porque como eu disse para você eu ainda incorro em alguns errinhos que também é bom para os outros, né para os ouvintes, eu circular na sala, eu apontar alguma coisa, então ouvir. Sim essa preparação, agora esse ponto que eu estou dizendo de, a interlocutora perguntar para mim que o aluno não entendeu determinado ponto para eu voltar explicar, aí eu poderia ficar de frente para ele explicar melhor tal e tal, mas eu sinto uma deficiência sabe consertinho simples que...	Como deve ser e como é a interação do professor com o aluno Surdo	Demonstrar que houve um certo preparo para receber os alunos Surdos, mas não foi suficiente	Inicia falando que houve uma conversa sobre como deveria ser a interação do professor com o aluno Surdo, mas que sente problemas, pois ainda realiza atitudes que dificultam a interação do aluno Surdo, mas que seria bom para os alunos ouvintes, depois volta a proposta de que questões sobre o conteúdo devem ser feitas pela intérprete
Não houve conversa com relação a isso posteriormente?	Pode ser que tenha havido, né. Em alguns htpc que a gente, nem todos os htpc você comparece, por exemplo no médio eu nunca assisto nenhum, porque eu sou do fundamental, de repente saiu essa conversa lá no médio, que eu não participei,	Apresentação de novas propostas para a interação professor-aluno Surdo	Ressaltar que as conversas sobre o assunto acontecem nos ATPCs	Sugere que uma conversa sobre novas propostas pode ter ocorrido, mas que não participou

	entendeu? Então deve ter havido isso, porque não essa dúvida minha não é só uma dificuldade minha é dos outros também.			
Seus colegas falam também sobre isso?	Então pode ter havido sim, mas é, não senti, assim não recebi essa resposta.	Apresentação de novas propostas para a interação professor-aluno Surdo	Apresentar seu sentimento de falta de retorno	Sugere que uma conversa sobre novas propostas pode ter ocorrido, mas que não participou
Seus colegas falam sobre isso também Professora?	Se meus colegas falam?	-	-	-
Isso	A gente fala que a gente tem dificuldade. Sabe porque nossa formação não foi pra isso, mas eu acho que tirando essa dificuldade pontual que eu falei, acho que todo mundo tá se dando bem com o aluno surdo, inclusive Tem certas provas que são melhores dos surdos do que do ouvinte. Sabe então eu acho que o interlocutor tá fazendo bem o seu papel só que deveria melhorar nesse ponto, sabe?	Conversas entre pares sobre o ensino de alunos Surdos	Reiterar as dificuldades e o auxílio do intérprete	Diz que tem dificuldades, mas depois ressalta que todos se relacionam bem com os alunos Surdos e que para só falta arrumar alguns pontos

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da Professora 2 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Sim. E com relação aos alunos ouvintes e os alunos surdos? Como a Professora vê essa interação?	Entre eles? Eu acho que é uma interação bacana, porque todos os dias eles estão em contato. Eles se dão muito bem, eles se sentem como iguais, e tem coleguinha que aprendeu a linguagem de libras com eles, sabe, então entre eles eu acho que existe uma relação muito legal, sabe, entre eles, eu acho que é bacana.	Interação entre alunos Surdos e ouvintes	Apresentar sua visão da interação entre os alunos	Apresentar sua observação sobre a boa interação entre os alunos, inclusive com o aprendizado de Libras apresentado pelos alunos ouvintes

A Professora já viu uma situação assim que...	Já vi várias, várias situações. O coleguinha ouvinte falando para mim, né, algumas coisas que o surdo falou pra ele, entendeu. Daí ele não entendeu por causa disso alguma coisa, o próprio ouvinte falando pra mim. e são amiguinhos, eles se sentam até próximo, fazem trabalhinhos juntos. Então entre eles eu acho uma interação muito lega	Interação entre alunos Surdos e ouvintes	Relatar comentários feitos por alunos ouvintes sobre seu relacionamento com os colegas Surdos	Apresenta situações em que alunos ouvintes comentaram sobre compreender ou não o aluno Surdo e sua interação com este em atividades em sala de aula
A senhora sentiu que houve O aceite do aluno surdo dentro da sala de aula pelos colegas?	Eu acho que sim, desde o princípio. Eles não se sentem diferentes não.	Presença do aluno Surdo na sala de aula	Reiterar a ideia que não há diferença entre os alunos	Ressalta que desde o início os alunos Surdos foram acolhidos pelos ouvintes
Há preconceito?	Eu não sinto preconceito não. Não sei, pode ser que haja, por que são pessoas que não tem audição e por isso mesmo a fala fica meio comprometida, mas eu acho que, entre eles coleguinhas, eu acho que não tem essa barreira, como uma pessoa adulta sente. Eu acho que a pessoa adulta sente mais essa dificuldade de interação do que os próprios coleguinhas da mesma idade.	Preconceito em sala de aula	Ressaltar que não há preconceito entre os discentes	Inicia falando que não há preconceito, mas apresenta uma característica dos Surdos (falta de audição e fala comprometida) como potenciais problemas para a interação
E a senhora acha que é por conta da escola ser uma escola polo e ter uma grande quantidade de surdos. Será que é por conta disso? Porque não tem só um aluno surdo, temos vários né. A Professora acha que é por conta disso? Essa característica de evitar preconceito?	E que você está em contato com aluno surdo. Uma outra escola que não tenha que, não seja polo então pode ser que que você ache depois uma discriminação entre aquele aluno com um surdo porque ele não está em contato ele não sente o coleguinha como um igual, aí porque ele é igual, tá. Então se a pessoa não tem contato com surdo, ela pode até ter preconceito, porque ela não convive. Agora quando ele convive acho que tira o preconceito, porque eles se sentem como iguais. Eu tenho a impressão que é assim que funciona.	A convivência leva a aceitação	Ressaltar que a convivência diminui o preconceito com relação aos alunos Surdos	Coloca em evidência o fato da escola receber diversos Surdos auxilia numa menor discriminação destes por sua condição de falta de audição e termina ressaltando que a convivência aproxima mais os alunos Surdos dos ouvintes
Ele convive com vários, né?	Tem que conviver para sentir que ele é um igual só tem audição que ele não consegue.	A importância da convivência	O sentimento de pertencimento do Surdo	Ressaltar a importância da convivência para que o Surdo se sinta igual aos ouvintes

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da Professora 2 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que bom. Professora a senhora poderia comentar algumas ações que a escola realiza para que os alunos aprendam a linguagem de sinais ou melhor a língua de sinais?	ações?	-	-	-
Alguma coisa que a escola faça em que os alunos aprendam a língua de sinais?	Olha aqui tem Coral na escola. coralzinho dos alunos surdos que toda a escola presencia, então teatrinho, na própria sala de aula, então eu acho que essas coisinhas faz com que o coleguinha da sala Se interesse em aprender a linguagem de libras, Tá certo? Porque não só na sala de aula ele convive, mas ele convive também com a harmonia na escola toda, através de teatrinho, através de coral, sabe eu acho que isso aí é uma interação que ajuda acabar com a discriminação, né, com eles. Acho que a escola participa também bastante com isso.	Das ações realizadas pela escola e seu papel na discriminação	Apresentar as atividades realizadas pela escola e a importância delas para a boa convivência com os alunos Surdos	Primeiramente apresenta as atividades realizadas pela escola (coral e teatro) e depois ressalta a importância dessa interação para diminuir a discriminação e melhorar a convivência com os alunos Surdos
Você acha que eles aprendem mas a língua de sinais por conta disso?	Tem aluno que aprende e alunos que passam a vida inteira do lado de um surdo e não quer aprender, como eu disse tem as diferenças individuais, né, mas aquela pessoa que ela é um pouco mais a frente, o pézinho mais na frente, ela procura olhar do lado e se interagir com... e tem aquele que, que não quer saber, que passa o tempo todo do lado do colega e não quer saber de nada, não é? Então é isso aí. Não só em relação ao surdo, mas em relação à sociedade de uma forma geral. Tem aquela pessoa que o cara tá fazendo mil coisas erradas no país e a pessoa passa pela vida sem se inteirar E et cetera	Da disposição em aprender	Apresentar uma explicação para o fato de alguns alunos aprenderem a Libras e outros não	Começa dizendo que o aprendizado depende do aluno e que o aluno ouvinte que não aprende é porque não se interessa, expandindo isso a toda a sociedade. Além disso ressalta que devido a existência daqueles alunos que querem aprender então a interação entre os alunos Surdos e os ouvintes existe e, portanto o preconceito e o bullying não existe

	e tal. Mas isso em todos os setores, né, mas a pessoa que se presta atenção essa que tem um passo na frente e tem muitos que seu coleguinha surdo compartilha com ele a mesma classe, eu acho que então ele tá um passo na frente, então essa interação existe e o preconceito ou bullying passa a não existir.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da Professora 2 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Qual a importância que é língua de sinais tem na comunicação dos alunos surdos com você?	Como eu disse eu não sei libras. Eu já fiz curso de libras, mas eu não pratico então eu tenho (faz gestos com as mãos) é que praticar mais, eu tenho, outro dia teve uma interação, outro dia teve uma palestra de um professor interlocutor para ensinar de novo alfabeto pra gente, foi bacana, nós aprendemos e falamos nosso nome etcetera e tal. Só que eu acho que deveria ser mais deveria ser assim todo htpc ter uns 15 minutos para a gente voltar para o vocabulário, pra gente aprender por osmose, entendeu, já que você não tem aquele tempo livre pra você se dedicar aquilo, mas todo o htpc falando um pouquinho daqui a pouco você está fazendo alguns sinaizinhos, e se comunicando melhor com eles. Como é o meu caso, olha tem professores aqui que são mais interessados, eles procuram aprender a língua e tal e tal e se comunicam melhor. Não é o meu caso, eu, por falta de tempo e por causa dessa dificuldade de não ter esses 15 minutos que eu gostaria que tivesse e não ter eu acho que eu tenho um pouco mais de dificuldade com essa língua, sabe, mas eu gostaria de aprender mais.	Dificuldade em assimilar a Libras	Justificar seu pouco aprendizado da Libras	Inicia dizendo que houve cursos de Libras para professores, mas que tem dificuldades em fazer os sinais e que há pouca oportunidade de treinamento, assim oferece uma sugestão de prática nos ATPCs
A Professora acha que é língua de sinais é difícil	Tem que ter habilidade com as mãos. Eu não tenho habilidade com as mãos para fazer os	Falta de habilidade como uma	Apresentar a falta de treino com um	Inicia dizendo que é necessária uma habilidade com as

assim o que Professora acha?	sinais, por isso que eu acho difícil. Tem pessoas que tem essa habilidade eu não tenho então as pessoas que tem habilidade acho que aprendem mais facilmente. Eu não tenho habilidade de ficar trocando os dedos, assim, sabe por mais que o T é de um jeito e que é fácil fazer um t, tal tal. de repente na, eu não tenho treino, eu acho que tudo depende do treino, né, para você aprender uma língua diferente seja libras ou inglês, tem que ter treino, senão você não vai aprender nunca, né, E você tem que ficar assim com uma pessoa presente para ele estar interagindo, igual um professor de inglês tá presente com você e o surdo tá presente com você se comunicando então, você tem que aprender assim pela convivência e pela repetição do fato, né, e eu sinto dificuldade porque eu não tenho habilidade com as mãos, né, para aprender os sinais e dificuldade também porque não tem esses 15 minutos de treino. Eu acho que se houvesse isso, através do treino você aprenderia como mais facilidade.	dificuldade no aprendizado da Libras	professor Surdo para justificar sua dificuldade	mãos, que não possui, para se aprender Libras, e que a falta de treinos periódicos dificulta ainda mais o aprendizado.
É uma boa ideia Professora. Eu gostei.	Eu não sei talvez né. Uns 15 minutinhos da aula de htpc pra começar no vocabulário e depois de tanto, pela repetição e assim que a gente aprende. O cérebro aprende assim pela repetição, até o cerebelo gravar, entendeu, então é isso daí, pela repetição você grava e aprende. e não esquece mais, mas tem que ter essa repetição sempre, que nós não temos.	Ideia para um aumento no treinamento com Libras	Ressaltar que aprendizagem ocorre por repetição	Faz a proposta de treino de 15 minutos em ATPCs e demonstra a importância em se repetir um conceito para que a aprendizagem ocorra

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da Professora 2 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Ok, Professora agora mudando um pouco de assunto, a Professora acredita que se comunicar é importante para	Eu acho que é lógico, porque uma pessoa que é comunicativa ela passa a ser mais simpática, tá certo, esses fatores ajuda o aluno a gostar mais do professor	Comunicar-se demonstra simpatia	Ressaltar que quando o professor é simpático e comunicativo o aprendizado	Faz uma relação entre a comunicação e a simpatia e que esses são fatores que auxiliam numa aproximação maior

aprender? a comunicação é importante na aprendizagem?	e se interessar mais pela matéria, às vezes é uma matéria depende que o aluno às vezes não gosta, tem uns que gostam de matemática, outros que não gostam. Uns que gostam de ciências e outros que não gostam, são as diferenças, mas se você aliar, se sua cabeça se comunicar bem e mudar o vocabulário, pedagogicamente falando você tem que fazer isso, mas aluno não entende daquele jeito muda né. E você ser simpático, aquele cara na sala de aula e deixar o aluno também a vontade, colher primeiro aquilo que ele já traz de casa, de vivência, e você acrescentar, então eu acho que ocasiona o aluno aprender. uma comunicação, ser simpático, ser agradável, ser alegre, e também ser enérgico, isso tudo faz parte da Educação. acho que isso faz o aluno gostar da tua matéria e aprender.		ocorre mais facilmente	do professor com o aluno e, portanto, a matéria é mais facilmente assimilada
Quando pergunta? ele	Com perguntas, trazendo aquilo que ele tem de vivência. E você sempre acrescentando, ele traz uma vivência e de repente é uma vivência interessante pra você também. Então é uma coisa que Ele viveu, né então isso acrescenta pra você também. Então isso vai tendo o momento de conteúdo, e quando você vai falar sobre esse mesmo assunto, você tem que ter o conteúdo e todas as vivências que você colheu, então isso é interessante.	A comunicação ajuda a saber das vivências do aluno	Entender que as vivências do aluno são importantes na sala de aula	Comenta que as falas dos alunos acrescentam e auxiliam no ensino do conteúdo
E agora falando mais especificamente da nossa área. a Professora acha que se comunicar ajuda a aprender ciências, especificamente?	Eu acho né, lógico. eu acho que sim.	-	-	-
Porque? O que tem de diferente na ciências que a comunicação ajuda?	A ciência é uma coisa assim não é igual matemática né, na matemática é uma coisa assim lógica, né, duas vezes dois são quatro. E ciências, duas vezes 2,	Como é a Ciência	Situar a Ciência no aprendizado	Comparação entre Ciências e Matemática, dizendo que a primeira se modifica no decorrer do tempo

	nem sempre é quatro. Porque, o que hoje é verdade amanhã é substituído por uma outra verdade, aprimorando, sempre aprimorando, então, você falou da comunicação né?			
E se a comunicação é importante para aprender ciências?	Então eu acho que também é comunicação nesse caso é relevante, porque é, eu não estou conseguindo fechar o raciocínio nesse sentido. Eu preciso pensar um pouco mais.	-	-	-
Eu vou dar um pause aqui então. (a pausa não é realizada)	Isso pausa um pouco. A comunicação é importante, porque primeiro a gente não pode ficar parada, né com um certo conteúdo e aquilo lá você vai passar os 20 anos da sua vida. Você tem que ler, tem que acessar a internet, para ver o que está acontecendo de novo. Pegar livros novos, lições novas, porque tem coisa que são didáticas, tem textos importantes, que você, tá acontecendo no mundo e que é colocado nos livros, né, aluno hoje tem acesso fácil à internet. Ele vira e pergunta lá, ele vê um fato lá, e ele vem te questionar aqui, tá. Tudo isso é comunicação. E comunicação da internet, e comunicação dele que faz com você, como curiosidades natural, ou para te testar, se você está atenta aquilo lá, então tudo isso eu acho que é uma comunicação, sabe então tem que haver em ciências muito mais porque hoje, aquilo que eu falei no começo o que é hoje uma verdade amanhã não é. então a comunicação é importante nas ciências nos dois lados.	Importância de diversos tipos de comunicação para o aprendizado de Ciências	Apresentar a necessidade de atualização constante para ensinar Ciências	Começa dizendo que a comunicação é importante e que há necessidade de se atualizar devido ao acesso dos estudantes à internet e suas constantes perguntas sobre o mundo natural
E como é a ciência para Professora?	Pra mim a ciência é uma paixão, principalmente quando fala assim você, a ciência muito ampla, né mas tem certas partes que você gosta mais de entender do que outras. No meu caso eu gosto muito de corpo humano, então para aprender o corpo humano, eu vou primeiro na	Como ensinar Ciências	Apresentar os conteúdos importantes para se aprender Ciências	Relata as partes do conteúdo que gosta mais e como ensina esse conteúdo (compreender bastante para transmitir)

	célula, porque se você aprender a célula e tudo que ela tem, como ela funciona, você aprende o corpo humano inteiro. Então às vezes um livro, ou um livrinho de ciências, ou uma apostilinha, não começam com célula, mas eu vou e monto uma célula, porque se ele não entender a célula ele não entende aparelho digestivo, ele não entende o cérebro, ele não entende nada. Você pode dar certinho, redondinho a matéria, mas a célula você não viu e é por causa da célula que ele tem que entender o mecanismo do órgão. Então tem essa parte da matéria eu gosto muito. Então é isso tem certas partes da matéria que você gosta mais que outros mas você tem que saber todas muito bem para poder transmitir bem para o seu aluno, mas tem coisas que você gosta mais. e no meu caso é isso.			
Então a Professora tem um bom relacionamento com os conhecimentos científicos?	Tenho, mas mesmo assim eu também questiono, né, porque às vezes, é que não é, nem tudo que falam para mim é uma verdade. Eu questiono, né, então pra mim isso é interessante. Estou sempre lendo livros, sempre lendo artigos, meu marido é médico e ele me fala algumas coisas eu também pergunto Ele também me fala. Isso tudo é importante para o meu, para minha formação.	O questionamento para uma boa ação profissional	Apresentar suas atitudes como Professora e como adquirir os conhecimentos para depois ensiná-los	Inicia dizendo que sempre questiona o que lê e também discute com outra pessoa os conhecimentos adquiridos, termina dizendo que tudo isso faz parte de sua formação profissional
Então a Professora tem o apoio de outras vias também?	Outras vias né. Outras vias. Não ficar só academicamente aquilo que eu estudei a vida inteira e dei a 20 anos atrás ou a 25 anos atrás. Tem que fazer uma inovação como existe inovação em ciências. Porque é uma área assim que é diferente da matemática, como eu te falei, é uma área que fica sempre mudando, até porque existe essa busca pelo saber. Existe as novas descobertas novas vacinas, os novos, mas tudo porque por causa que ele entendeu a célula e	Da necessidade de atualização para se ensinar Ciências	Ressaltar a importância de uma leitura e aprendizado constantes	Inicia dizendo que não se pode ficar estacionado em um conteúdo antigo, pois novas descobertas sempre surgem e termina com um exemplo sobre a relação de novas descobertas e um conteúdo fundamental no ensino de Ciências

	como ela funciona, porque a célula que tá doente Se você souber porque ela está doente, você sabe como é que você vai tratar, com os novos medicamentos, com os novos veneninhos, né, que eles tiram das plantas e dos animais para curar alguma coisa, e é a célula que vai ser curada.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

APÊNDICE G - Enquadramento dos enunciados da Professora 3, separados por assunto.

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da Professora 3 sobre a interação social na instituição.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como a Professora vê essa interação social de todo o mundo dos Professores dos Funcionários com os alunos e os alunos entre os alunos? Como a Professora vê toda essa interação? É bem positiva?	A Maravilha veja o vídeo e eu incentivo você a ver eu tenho essa moça que veio agora a pouco aqui falar que ia almoçar. Vou almoçar tá o nome da funcionária. Ela um dia ela fica lá na aula de Libras com eles na terça-feira e até sem trabalhar aqui embaixo e todo mundo ficou me cobrando no começo, pô ela não vai ficar na entrada eu falei não ela hoje não. Ela está assistindo e se capacitando para entender melhor o surdo-mudo e todos que quiseram fazer eu permiti, dava a hora mais sei lá dava hora de ATPC, HTPC que era antigamente vai fazer vai até que os professores fizeram o curso. Aquele inicial de Libras para entender um pouco melhor né os professores se interessaram os funcionários se interessaram e essa menina tá fazendo com o (nome do aluno) que é um aluno de 20 anos vai fazer 20 anos que tá dando aula de Libras lá em cima você já viu?	A oferta de oportunidade para aprender Libras	Oferecer a informação de que oportunidades de aprender são oferecidas regularmente a todos	Inicia ressaltando a relevância da oportunidade dada e posteriormente esclarece como é realizada a adequação para o fato
Já, eu assisti uma aula dele.	Então ela tá fazendo lá (nome da funcionária)	-	-	-

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da Professora 3 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então o seu papel é de incentivo?	Não ia ajudar e per... Ajudar a pessoa a deslanchar	Generosidade	Demonstrar a sua atitude bem-intencionada	Procurar aparentar uma atuação profissional democrática
Esse é seu papel?	Se a pessoa tá maltratando eu. Eu chamo, agora eu não quero que maltrate também o aluno	Desprendimento	Asseverar sua prática altruísta	No início conta sobre sua prática de impedimento de

	normal, que eles acham assim ah não é isso não interessa... gente tudo que eu estudei na minha vida eu transfiro para cá, pra qualquer pessoa pra qualquer pessoa que esteja precisando. Eu tenho tanto professor tanto funcionário que vem aqui conversar comigo e pedir, então essa interação pra mim ela é crucial. Se não existir com os outros eu não vou conseguir quase nada.			injustiças e depois salienta suas atitudes filantrópicas
Então a Professora vê o papel da senhora... É um papel de orientação...	É de tudo, eu tenho que ser assim. Eu tenho que ser a hora que precisou de mim naquele tipo de coisa eu tenho que estar ali pra pelo menos dar um né, um caminho, um norte pra pessoa, ou um né, então eu acho assim, se eu não te fizer maleável que é que eu vou fazer com os outros eu tenho que estar sempre vendo o que que é que está acontecendo entre um e outro porque às vezes eles enfiar os pés pelas mãos.	A forma de orientação	Descrever quais são as diretrizes	Estar sempre a disposição e flexível para realizar a orientação
Mas aí a Professora diz entre os funcionários e os alunos?	Não entre todo mundo.	-	-	-
Entre aluno e aluno também?	Sim entre todo mundo, eu tenho monitorado bastante.	Confirmação de sua presença constante	Ratificar que as ações são tomadas regularmente	Apresenta uma tentativa de demonstrar preocupação e dedicação ao trabalho.

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da Professora 3 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Professora, eu gostaria só que a senhora falasse um pouco sobre como essa escola se tornou uma escola inclusiva, da recepção dos surdos. a senhora lembra como foi?	lembro, quando eu cheguei aqui eu já encontrei as turmas de recursos	Sala de recursos	Demonstrar que as turmas de recursos já existiam antes de sua chegada a instituição	Ao entrar na instituição as salas já existiam
A 25 anos atrás então	Isso. Eu encontrei, tinha eu acho que duas salas de surdo mudo. É uma que chamava ainda naquele	A presença de deficientes na escola	Relatar sua impressão sobre o fato	Explicar como era e sua opinião sobre a presença de alunos

	tempo de... não era intelectual né? Chamava de mental. E aí eu, já me dediquei bastante que eu achava uma coisa assim muito quase que revolucionária, porque eu nunca tinha trabalhado em uma escola que dava atenção pra esse tipo de deficiência, nenhuma, nunca, nunca trabalhei e nem conhecia porque no meu tempo de menina não tinha nem em sonhos, né. O surdo mudo ficava escondidinho em casa			deficientes na escola regular
Ou em outra escola uma escola especializada	Isso, aí, tudo eu corria atrás sabe, dos joguinhos, porque não tinha essa facilidade que tem agora que você pede por ser sala de recurso vem rapidinho. Eu tinha que ir atrás, eu tinha que pedir doação, mas eu ia. A gente precisou uma vez por um espelho como eu vou por agora vou por um espelho. Tô comparando esse espelho, eu fico assim, eu sofri pra arrumar um espelho assim de uma pessoa se enxergar inteira, nem até quase aqui no joelho, e agora eu tô pondo nessa sala que eu vou fazer aqui sala de pilates para deficiente eu comprei 4 metros por 1,80m de espelho, que são duas placas de 2 metros para emendar e ficar a parede toda para todos os alunos se enxergarem, como eles estão fazendo e o que eles estão fazendo, e lá era pra ele falar na frente sabe, fazer o sinal e falar e eu já achei assim uma coisa né e eu tô comparando agora que eu colocar um espelho desse, eu paguei 1350 o espelho tudo com verba do estado. Não precisei fazer nada. Não precisei fazer uma festinha, vender um sonho, nada. Então eu tô comparando a evolução nessa área e todo mundo tá falando que não teve evolução nenhuma que tá pior, as pessoas não sabem separar.	Sobre as mudanças no tratamento dos deficientes em épocas distintas	Mostrar uma evolução positiva na obtenção de recursos para auxiliar o deficiente	Inicia falando que anteriormente, no começo de sua trajetória como diretora da escola, precisava realizar eventos para obtenção de recursos e, agora, esses são obtidos com mais facilidade mediante pedidos feitos ao estado.
A Professora não concorda com isso?	Não	-	-	-
Tá melhor agora?	E as Professoras eram especialistas né as únicas que tinham na região, mas era aqui. Aí quando começou aquela história lá daquela secretária de educação... que ela veio.	Mudanças na escola	Mostrar as características das mudanças	Inicia dizendo que a escola tinha características boas que depois foram retiradas

	Ela inventou de tirar, eu tinha um pré, que era coisa mais linda, eu tinha essa salas tudo naquela ala lá que tá a Etec. e eu tenho Ensino Fundamental na primeira a quarta e o ensino médio.			
Nossa então tinha do infantil ao médio.	Tinha eu tinha tudo. Aqui é uma escola, eu falo de boca cheia que era melhor escola que eu já vi, inclusive minhas filhas estudaram aqui. As duas se formaram no terceiro aqui. Porque eu não pude, eu tirei a minha filha da escola particular, quando eu vim pra cá, pra por aqui, porque eu falei não, a escola que eu vou é central perto da minha casa eu não vou levar minha filha, vou. Ela tá na idade então eu trouxe, e todo mundo chorando, porque tava tirando, ninguém queria. Tirou primeiro essas classes	Mudanças na escola	Mostrar que a escola era boa	A escola era tão boa que coloca até as filhas para estudarem ali.
As classes do infantil?	Centralizou, não essas do, que você falou da inclusão	-	-	-
Ah, as da inclusão, tiraram?	Só que aquilo não era bem inclusão, né. Era sim um apoio para o aluno, não é aluno né, e não era meu aluno por exemplo, ele só fazia aqui, ele não aprende a ler e escrever, ele aprendia a se socializar, ele aprendia a se interagir, com os outros, isso que ele aprendia, só que aí não fazia a ligação, quando fazia ligação com os outros, saía briga, saía soco, saía unhada, então os alunos de lá eram tidos como é assim os diferentes e os problemáticos, aí não mistura não, não, não deixa, não deixa não. Tudo deles era separado.	Tratamento dos deficientes no início de seu trabalho	Explicar como era a abordagem com os deficientes na sua entrada como diretora da escola	Esclarece que no início os deficientes estavam na escola somente para socialização
Os professores não queriam?	Ninguém queria, né ninguém, então era separado também a merenda. Porque o menino que não sabia falar e me escutava ele era meio esquisito né. E tinha um que fazia, que batia na Professora, batia na parede, até teve a Professora vai fazer BO	Da situação dos alunos deficientes na escola	Explicar a condição dos alunos deficientes antes e depois do retorno da sala de recursos para deficientes auditivos	Começa detalhando a situação de um aluno deficiente, antes das salas com deficientes serem retiradas da escola e depois comenta sobre o pedido da diretoria de ensino para que o retorno da sala de

	contra ele, mas não é porque ele queria maltratar ele não estava satisfeito com a vida dele, ele não estava aprendendo nada. Ele não tava, aí ele falava tal coisa, e mostrava, tal coisa e ele avançava, tinha um que era assim. Até o pai dele trabalhou na Funai um tempão eu tenho amizade com pai dele até hoje, preciso perguntar aonde anda aquele menino. E aí depois tiraram o prédio e tudo e foi aquela choradeira. Ninguém queria sair, mas quando tiraram foi embora daqui, que a minha ideia era trabalhar mais isso, trabalhar a nível de fazer mesmo a inclusão. Quando eu fiz esse curso lá que eu falei pra você na Unicamp, que eu voltei interessada de continuar foi bem quando me chamaram na diretoria de ensino e falaram assim, você já teve classe de recurso lá né? já porquê? Você não pegaria de novo? Eu falei, jura, na hora eu falei já. Cheguei aqui falei para os professores, gente de novo vai voltar para nós a sala de recursos, de DA, a senhora tá ficando louca, levei o maior pega do corpo docente, é porque aqueles meninos são problema, mas aí eu falei não aí a proposta é outra, por que vem e vem também o aluno.			recursos para deficientes auditivos
A senhora lembra o ano?	Deixa eu ver nós estamos aqui com 5 ou 6 anos. É por aí 2005, depois de 2005. Não posso precisar bem quando que foi, porque, mas foi por por aí, foi anos 2000, vai começo dos anos 2000.	-	-	-
Não fazem 10 anos então?	Não, não faz. Aí eles voltaram, e voltaram, e a gente começou a verificar por conta própria, onde tinha aluno que era problemático assim que ele não era alfabetizado, que tava tentando entrar ou estava já estudando e precisava dessa sala de recursos E aí nós fomos	-	-	-

	catalogando todos e fomos chamando pra vir estudar aqui, também na classe comum.			
Na classe comum também além da sala de recursos?	Também fora a sala de recursos. Aí ficou esse apoio para eles importantíssimo que ele vem duas vezes por semana né na sala de recursos. E os professores são ótimos né. Eu tenho três assim ó, que eu falo olha eu tiro o chapéu para eles, que é a mulher de manhã e os dois rapazes à tarde. Nossa gente eles são assim eles garimpam o que que o menino tem que ele pode usar para ele ser melhor. Então os alunos foram melhorando a olhos vistos e eu fui, fui me incentivando e chamando mais e mais, e o que que aconteceu, eu não quis mais aposentar (risos), eu falei se eu consegui falar que é inclusão, falar que nós estamos pelo menos começando a inclusão, eu já estou satisfeita, aí eu já, mas aí eu quero mais, eu quero o coralzinho deles eu quero agora teatro. Você viu que eles apresentaram uma peça de teatro. Porque uma coisa assim que eu não achava que eu ia assistir, e eu tô assistindo. Quando eu vi aqueles meninos brigando que o pai, e tinha um pai que que trabalhou aí na Funai. Nossa que homem não sair daqui, porque a Professora ligava pra ele todo dia, porque ele não quer porque ele chuta, aí vinha o pai e ia arrastando o moleque. Então eu falei, Será que eu não vou ver um aluno um aluno disse um dia rindo ou assim como a cara de entendido, tipo você fala e ele (faz gestos). Eu falei assim será que eu nunca, nunca vou ver. falei vou ver. Aí quando veio essa oportunidade, e todo mundo me criticou, minhas amigas diretores disseram você é louca e pegar a isso na sua escola de novo. Já não tem lá EJA, você quer	Sala de recursos	Comentar sobre sua opinião sobre a sala de recursos	Inicia com elogios aos professores da sala de recursos, seguindo com suas expectativas sobre o ensino para alunos deficientes diante da condição anterior e termina comentando que os recursos e estrutura são muito bons

	o que mais você vai querer. Eu falei eu quero eu já trabalhei. Gostei e eu vou gostar. E aí vem vem um monte de vem até cortininha pra sala. Você já viu a sala deles?			
Sim eu vi é uma graça.	Vem tudo bem. Você pede o governo manda. Eu falei meu eu tenho que eu não tinha, o que eu não tinha eu perdi né eu não tinha outra coisa também que é o recurso. Os recursos humanos e os recursos financeiros, né. E agora eu tenho, vou ter os recursos humanos inclusive a clientela necessitada de viver feliz e vou ter tudo eu falei a meu é agora. É agora ou nunca (risos), mas eu não pensei que a gente fosse sair na primeira página do Diário Oficial aquele Diário Oficial online que o ano atrasado nós saímos, falando da inclusão a escola que pretende ser bilíngue, que a outra língua, saiu assim. Aí agora você viu aquela reportagem que saiu desse aniversário agora de 79 anos da escola, falando do tradicionalismo a inclusão a escola. Eles puseram esse apelido na reportagem. Não fui eu que dei, pelo que eles fizeram comigo a entrevista eles puseram isso. Aí eu fui me animando porque eu vejo um negócio desse e tem uma menina não sei se você já viu essa menina, ela chama nome da menina, Você já viu, Ela namorou um outro surdo mudo que é da noite que ela tem o rosto todo deformado quando essa menina chegou aqui ela quase não me olhava né E ela não falava muito comigo, mas ela conversava com as meninas mas sempre com o cabelo aqui, sempre com cabelo aqui, eu fui pegando amizade dela porque eles no começo eles são difíceis mesmo, né eles ficam tímidos né, olhando será. e eu fui me entendendo com ela e	Situação de destaque da escola	Mostrar a notoriedade que a escola dirigida por ela teve após o aceite das salas de recursos e da entrada de alunos Surdos e com deficiência auditiva na escola.	Inicia comentando sobre os recursos governamentais e depois comenta sobre o destaque da escola na mídia e sobre a mudança de comportamento de uma aluna deficiente que parece ter adquirido mais confiança com o passar do tempo.

	fui pedindo sabe um dia abri o Face e a menina tava ela tinha mudado a foto de capa a foto do perfil que eu olho ela estava com o rosto aberto e daquele jeito defeituoso tadinha. Porque ela fez várias cirurgias e ainda não tá bom ela vai fazer mais então ela tem né ela teve aquele palato todo aberto ela nasceu sem nada tudo aberto abertão, e foi fazendo com cirurgias.eu não sei que deu problema dela eu nunca perguntei. Agora ela arrumou namorado e ela se sente assim feliz e aí as amiguinhas dela chama ela de linda. Porque aí eu colocava assim as vezes pra ela, ela fala comigo no Face, e eu falo ou ela fala dele eu falo lindos né que os dois são lindos porque eles adoram falar que eles são lindos. E as amigas também as amigas oralistas que já estão. Então eu fui percebendo que era um pessoalzinho assim amarguradinho que veio e que tão feliz e ninguém rejeita e quer brincar com ela e ninguém fala nada do rosto dela isso é o mais importante pra mim. Eu pelo menos não, não sei de ninguém que fez igual o bullying que fizeram aqui hoje você viu?			
Não não vi	Que a gente tava aqui resolvendo. Acho que você foi almoçar, não sei. Ah então aqui tava cheio de gente veio a mãe era bullying que tava acontecendo no segundo colegial. Aí eu comecei. Eu falei isso até o dia que eu fui ali no Senac sabe eu falei olha pra mim, isso aí foi uma glória eu abri o Face e vê a menina mostrando o rosto. Eu achei que nunca ia mostrar nunca porque o cabelo dela pegava até aqui ó que é o lugar torto. Aí ela parece que a família dela tem até um pouquinho de posses sabe ela namora um menino que é outro né que é o nome do menino	-	-	-

	que é outro exemplo de superação ele começou com a gente aqui agora ele está no terceiro tá trabalhando acho que na Volvo, o emprego que nossa, não sei se na Volvo ou outra que é muito boa ganha melhor que a mãe dele o pai dele e é surdo mudo.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da Professora 3 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
(A comunicação é importante para a aprendizagem...). Até nas ciências? A Professora acha que é importante nas ciências também?	Tudo eu acho, nossa, e outra tendo intérprete na sala, o intérprete vai fazer o quê, justamente ele tá interpretando o que é aquela criatura que está abrindo a boca e fechando lá pra eles é só isso, né. Raríssimos tem pouca ou um pouquinho de audição. Então eles, eles às vezes ficavam assim (gesto olhando para cima). O que ele vai entender daquilo ele tem que olhar para o intérprete e olhar na mão e ele mesmo faz a pergunta o intérprete já tira tudo a dúvida dele eu acho isso revolucionário você não acha maravilha eu acho assim porque eles não aprendiam nada antigamente eles ficaram sempre na mesma série.	Importância do intérprete	Dizer que o intérprete é importante para que o aluno entenda a aula	Importância do intérprete está não só em traduzir da língua portuguesa para a Libras, mas também em tirar a dúvida do aluno e ajuda-lo a aprender

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da Professora 3 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E os outros e entre os alunos ouvintes e os alunos surdos. Tem uma relação...	Tem ótima. E tem sim. Você viu que o coral é misto né. Ele é misto. E eles estão sempre se entendendo, tão, tão sempre... eu acho maravilhoso quando eu fico olhando aqui na porta do salão eles estão esperando para ir embora né, que é condução deles de manhã fica todos aí é um faz barulho o outro não e	Características dos Surdos e deficientes auditivos	Explicar que os Surdos e deficientes auditivos comportam-se de forma diferente	Inicia comentando sobre o fato do coral ter Surdos, deficientes auditivos e ouvintes, depois descreve algumas características dos Surdos e deficientes auditivos e termina dizendo que ver os alunos deficientes na escola é surpreendente

	aquele que é surdo completo ele faz (barulhos estranhos) e fica fazendo barulhos assim né. Aí a gente faz assim (gesto com as mãos para representar silêncio). Agora tem gente que já, Ah esse menino tá gritando. E ele nem sabe que tá falando com ele mas faz cara feia para ele e ele já fica, porque ele está fazendo cara feia pra mim. E eles os que sabem, os oralistas que sabem. Se entendendo com eles. Eu fico assistindo. Eu acho assim lindo porque, eu não sonhei que ia acontecer isso, sabe assim eu achei que eu não ia ver essa parte, então eu estou vendo aqui dentro.			
Então os alunos ouvintes ficam fazendo os...	E ficam conversando fazendo a parte da música oral e eles fazendo a outra. pra mim isso aí é assim tipo a glória então como eu tô feliz aqui eu não quero saber se eu tô cansada ou se eu não tou. Eu vou fazendo não costuma faltar, se você procurar lá você não vai achar uma falta na minha ficha. Não falto.	A presença dos Surdos e deficientes auditivos é sua motivação	Mostrar que fica motivada por ter alunos Surdos e deficientes auditivos na escola	Se entusiasma com a participação conjunta de Surdos, deficientes auditivos e ouvintes e isso a motiva a continuar na escola

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da Professora 3 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E além do coral de libras que eu acho que fica bem claro pra gente essa ação da escola. que outras ações que escola também realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais?	A língua de sinais? Deixa eu ver aqui o que pode ser?	-	-	-
Os alunos como um todo não só os surdos, mas os alunos ouvintes também. Que ação que a escola desenvolve, o que ajuda eles...	Esse curso mesmo é para alunos oralistas. Aí pode participar funcionários também. Aí eu nem forço nem nada porque pode falar às vezes que eu estou desviando da função porque tem uns aqui que eram com essa filosofia sabe de vem falar comigo então eu não	Curso de Libras	Mostrar sua complacência para que funcionários aprendam Libras	Comenta de um curso de Libras oferecido por aluno da escola e sua flexibilidade em aceitar que a funcionária faça o curso no horário de trabalho

	forço, mas aí a pessoa vem me pedir E aí claro que eu vou deixar. Aí pra mim é mais importante ela tá lá fazendo o curso do que ela estar aqui pondo Aluno pra dentro, porque tem 2 ou 3 colocando aluno pra dentro e tem ela fazendo libras, e ela tá fazendo já sinais comigo. Você tá entendendo.			
Eu vi ela fazendo porque com a mão	Então eles, agora se algum outro me procurar também vai, eu tive uma outra que que fez e já foi embora já.	-	-	-
Ah que pena. e que importância que é Professora acha que essa língua de sinais tem na comunicação dos surdos com você?	comigo?	-	-	-
É com você. Assim que importância essa língua tem nessa comunicação dos surdos?	então muito importância porque?	-	-	-
Você acha que dar uma liberdade maior para eles?	E eles falam e eles são sinceros. Eles são bem sinceros (risos). Então sabe esse japoneizinho também pequenininho não sei se você sabe qual é, quando ele chegou aqui, meu, ele era tão bravo, mas tão bravo que eu falava não vou conseguir domar nunca, porque ele fazia não, não, e ele não enxergava nada e fazia bem pequenininho olhinho, não enxergava não, não escutava nada. O (a surdez) dele é bem profundo né. E aí de repente pela sociabilidade que ele tava desenvolvendo com todos. Ele foi mudando, o perfil dele foi mudando. Quando nós fizemos um ano retrasado o primeiro filminho que eu fiz aqui. Assim precariamente né, mas que o enredo foi feito pra surdo mudo. e eles participaram, ele quis participar, eu assustei porque no coral no começo ele disse não, a gente punha e ele lá na frente e ele sentava na beirada assim do palco e ficava balançando as perninhas porque ele é bem curtinho e bravo e não cantava e não fazia gestos. Agora ele faz é	Socialização de um aluno Surdo	Mostrar a evolução na sociabilidade de um aluno Surdo	Inicia contando como era o comportamento do aluno antes das ações da escola (teatro, filminho e coral) e depois sua sociabilidade melhora e ele passa a participar. Não consegue responder sobre o papel da Libras na comunicação com ela.

	meu porque que eu não tô lá. Não a gente já ia chamar aí ele vai lá e já quer e já faz todo sinal bonitinho e ele fez o filminho ele foi o ator principal e depois uma hora vou passar o filminho pra você ver. Gente ele desabrochou, desabrochou. Então essa comunicação eu preciso saber o que a pessoa tá sentindo eles têm que ter a liberdade pra falar alguma coisa pra mim se for pra fazer um sinal e que eles sejam entendidos. Agora o mais impor...assim o mais importante pra mim e os alunos entender os alunos é o mais importante.			
Então a Professora acha que...	Eu mesma. Eu sempre me virei com eles mesmo antes dessas coisas aí eu sempre me virei.	Sua postura com os Surdos	Mostrar que interage com os Surdos	Sua interação com os Surdos é de forma precária

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da Professora 3 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então a Professora acha que a comunicação é importante para aprendizagem?	Nossa é muito.	-	-	-
A senhora acha que eles aprenderam mais com isso?	Foi, nossa. Você ver que na compara, comparando é uma coisa bonita, Ele estão, você pode ver que eles têm os defeitos deles. Eles, como você se você abrir o Face e tenho um aluno surdo mudo você vai ver que ele vai falar igual a um americano que tá passeando aqui. Uma hora ele põe você mamãe, em vez de falar sua mãe, eles não têm essa, esse jogo assim, às vezes eles não fazem plural nada, escrevendo...	Comunicação dos Surdos	Mostrar como os Surdos se comunicam	Apresenta um exemplo de como os Surdos usam a Libras e escrevem de forma diferente da norma culta da língua portuguesa
Na escrita?	Mas eles, a gente entende que ele fala, e tem uns que estão fazendo a frase perfeita. Cada vez que eu vejo uma frase perfeita eu falo muito bem. Eu não saio do Face depois que eu sair	Comunicação dos Surdos	Mesmo que os Surdos escrevam errado eles podem ser entendidos	Comentam sobre a escrita dos Surdos, pois se comunica com eles por rede social

	aqui da escola eu fico no Face.			
Então a Professora acha assim não só na aprendizagem de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas?	Em todas as disciplinas, em tudo é bom.	-	-	-
Eu me preocupo principalmente porque eu sou Professora de ciências. É que a ciências ela tem uma especificidade que às vezes a gente tem dificuldade para passar para o aluno que ouve imagina para o aluno que não ouve.	É muito difícil. Ciências eu acho mais difícil ainda por isso eu acho que é assim em ciências eu quero que vai pro laboratório, biologia também vai pro laboratório mostrar porque tem que mostrar, porque tem um campo muito fértil nisso daí né. Agora se eles não tiverem essa linguagem que eles estão com ela assim como se fosse a muletinha deles. Então que eles vão fazer. Como era antigamente assim, eu assisti uma vez no filme de um surdo mudo nem lembro o nome não sei o que lá do silêncio sons do silêncio. Sei lá que o menino, ele foi internado como deficiente mental e parecia assim quando ele ouvia todo mundo falando, falando, falando, ele ficava assim ó (arregala os olhos) mexendo a cabeça dele e ele começava a gritar. Como era triste a vida deles sem uma, sem nada. Sem ninguém que tivesse pesquisando dentro do campo deles o que que poderia fazer para que ele entendesse que aquilo ali era pra comer ou pra beber ou aquilo ali era para ele rabiscar ou não. Olha e agora temos isso nossa a gente tem que dar Graças aos céus. Então essa língua é muito importante muito importante.	Importância da Libras	A língua Libras é uma muleta para os Surdos	Começa dizendo que em Ciências tem-se que ir ao laboratório para depois citar a importância da Libras baseada em um filme que mostra a dificuldade de Surdo que não tem a língua de sinais para se comunicar

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da Professora 3 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pesquisadora	Professora 3	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional

Agora já tô terminando entrevista. Como a pós-graduação que eu faço em educação para ciências eu gostaria de saber como que a senhora entende a Ciência. Qual a relação que a Professora tem com conhecimento científico. Vale falar o que a senhora quiser. O que a senhora entende. O que é Ciências para Professora. Como é ciências para Professora.	Mas no sentido a fim de qualificar as ciências?	-	-	-
É... mais ou menos, pra você a ciência é o quê? Qual a importância, a relação que você tem com conhecimento científico? Se você consulta ou não consulta.	Porque pra mim ciência é como as econômicas ou ciências eu não tô. É muito abrangente assim esse termo.	-	-	-
As ciências assim vamos pensar química, física, biologia. Essas ciências. Qual a relação que a Professora tem?	Na realidade tem muita abstração e eu acho assim as ciências e ciência caminha muito junto com muita coisa com a artes com muita coisa então a ciência ela tem que ser assim na realidade é o que move né. Porque ela é difícil de entender muito difícil eu acho. Porque o aluno que não é surdo mudo ele já tem dificuldade. Você já pensou outro e abrangência dela porque eu não estou entendendo assim. Onde você quer que eu chegue assim o que que você pra mim pra mim é uma coisa assim de suma importância.	Compreensão de Ciência	Mostra uma certa dificuldade com o termo	Inicia dizendo que a Ciência é abstrata e que é difícil de entender para todos, inclusive os Surdos, mas acha o termo muito abrangente.
No nosso cotidiano. No dia a dia? A	Em tudo em tudo porque eu acho assim	-	-	-

ciência é importante no dia a dia	que você tem alguma coisa mais específica assim pra falar o que que você quer			
A minha intenção é entender o que é Ciência pra você para que eu possa depois compreender essa relação da aprendizagem de ciências com a comunicação. A importância de comunicar e aprender ciências	Porque o início você falou comunicação eu posso citar assim a ciência da comunicação eu tô juntando as duas então por isso que eu falo pra você que na realidade é um termo que você pode usar em tudo né porque olha só científico eu tô ciente, eu tô ciente, não tô ciente então ciente é o quê, eu tô sabendo de tudo	Confusão com o termo Ciência	Usa o termo ciente para significar Ciência	Usa adjetivos e outros termos para entender o que é Ciência
Eu falo das ciências naturais Professora	Porque pra mim ciências é intrinsecamente o saber, porque o que você faz sem o saber, então se você, eu estou ciente disso, eu tô sabendo, eu tenho que saber, eu sei tem a ver com sabedoria. Então eu acho que ciências é tudo, e pra, tem que ter muito preparo, muito eu penso muito. Quando eu pego um professor de ciências, porque muitas outras. Você pode até ir levando assim tipo nos livros com bons textos, mas a ciência não, porque uma coisa mais elaborada, uma coisa mais abstrata, que você tem que e, rodeado, rodeando, pra você chegar e a pessoa entender aquilo e, essa parte que você falou, da abordagem dele aí, do que você acabou de falar agora, que eu queria saber o que você entende por ciência pra...	Conceito de Ciência	Tentar entender o termo Ciência	Inicia buscando o significado da palavra Ciência e depois comenta sobre a necessidade de preparo de um professor de Ciências

Pra aprendizagem do conhecimento pelos alunos surdos	Então eu na realidade a ciência pra mim é quase que o conhecimento em si porque senão. E é bem abrangente é bem. Eu fiquei pensando o que você estava querendo porque o que é Ciência para mim	-	-	-
Eu penso em ciências naturais. Se eu falar assim o que é Ciências Naturais. Como a senhora ver as ciências naturais?	A própria vida, a própria vida. Então eu acho assim, isso tem que ser isso não tem, a gente tem que ter um jeito de enfiar na cabeça do aluno isso. E tem professor que não está conseguindo enfiar nem na cabeça do normal e vai conseguir enfiar na cabeça do outro coitadinho (Surdo). Então tem que ter eu acho que tem que ralar porque é uma coisa assim rica né. Você vê que o aluno tanto essa parte científica de coisas assim principalmente científica que eu tenho, que você ver um dia lá o que eu montei de filmes sobre isso, cada coisa maravilhosa que eu levava até a minha casa e ficava assistindo no fim de semana as descobertas da ciência com as coisas maravilhosas e, agora eu tô tentando passar para DVD, porque tá perdendo todas minhas fitas e olha cada coisa linda que eu tenho. Então eu sou apaixonada por isso e eu acho assim se você não que ele estão perdendo, porque eu não vejo você pega uma prova de ciências de um nível que os alunos estão não sabe	Conceito de Ciências	Explicar o conceito de Ciência diante de momentos cotidianos que remetem ao termo	Inicia dizendo que Ciência é a própria vida, depois diz que os todos os alunos têm dificuldade, inclusive os Surdos (coitadinhos), em seguida associa a Ciência aos documentários que já assistiu.

	nem falar, não sabe nem falar assim o que que é, não sabe falar nada do corpo humano, nada das plantas é tudo a vida como que a gente vai fazer? Tem que passar mais filmes tinha que falar mais agora nós não estamos mais passando mais filme, porque a gente tá pobre, mas se eu conseguir passar esses daí para... Eu acho que assim... Se eu tivesse que escolher também o que tiver que fazer mais uma faculdade agora eu escolheria essa daí, agora que eu vi que a gente eu não sei se eu pesquiso muito né? Antigamente eu comprava demais era coisa de arte e de ciências, coleções maravilhosas coisas pra passar para o aluno, mas ninguém ligava é igual assim você tem que ter um aficionado na coisa pra ele pegar né? Porque senão fica perdido. Você fez estágio aqui nessa área com a gente			
Não, não fiz	Eu queria saber umas coisas para aula de ciências. Ciências qualquer tipo de ciências porque tudo é rico tudo é maravilhoso então eu não posso perguntar pra você porque você não fez aqui nem foi visitar nenhuma classe.	Desvia do assunto	Mostrar que sabe algo	Diz que tudo é Ciência e tenta direcionar a pergunta para a entrevistadora
Ah quando eu fiz a graduação, a senhora está me perguntando?	É	-	-	-
É que a minha graduação eu fiz em Rio Claro. A	É... Eu acho assim que tá bem fraco viu principalmente na	-	-	-

graduação. Agora a pós que eu tô fazendo aqui.	ciências vocês pesquisam isso.			
Sim o estágio que eu fiz o professor obrigou a gente a dar aula na escola. Todas as aulas tinham que ser práticas.	Aí Maravilha. Cê tá vendo que em ciências a pior prova e a prática né aquilo você.	-	-	-

Fonte: a autora

APÊNDICE H - Enquadramento dos enunciados da Professora 4, separados por assunto.

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da Professora 4 sobre a interação social na instituição.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas
--------------	--------------	-----------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Eu queria que você falasse um pouco como você vê essa interação social nos alunos aqui, entre os alunos, os professores e os funcionários daqui? Como você vê a interação social entre eles?	Olha eu tô aqui desde muito tempo, então já vi passar muita gente. Eu posso dizer para você que no começo quando eu vim pra cá, o bom daqui eu achei é assim que os funcionários, qualquer tipo de funcionário, tanto da limpeza como da secretaria, todos fazem parte, pois a diretora nunca deixou ficar separado os funcionários, então por exemplo tem uma festa, alguma coisa, alguma comemoração, sempre os funcionários participam. Ela escuta os funcionários, assim a diretora faz eles participarem do processo da escola, por exemplo, assim que fala, desde a merendeira até as meninas da limpeza, todo mundo tem que conversar com o aluno, faz parte da integração do aluno, assim de... ou se tem que conversar com ele, falar alguma coisa, pode (interrompida a entrevista), tem que fazer parte da escola e conviver com todo o mundo em geral, não é só ficar no mundinho isolado, aí eu vi assim os professores com eles também não tem isso. Então é assim antigamente tinha funcionários que não eram terceirizadas. Então tinha... nossa... A gente sente muita falta porque era funcionária de anos daqui, então era um amigo, a gente saía, é... as pessoas na minha opinião antigamente gostava mais de ficar no ambiente da escola por exemplo hoje Bateu o sinal da escola acabou a sua aula pega suas coisas e vai embora, ninguém fica cinco minutos fora do horário, antigamente não antigamente batia o sinal, você ficava aqui conversando, com funcionário eu ficava conversando com outro, ou vou assistir televisão, Ou conversando outro	Interação entre atores e setores da escola	Mostrar que há uma grande interação entre todos	Inicia dizendo que está presente na escola desde muito tempo e que tem possibilidade de dizer que a interação na escola é grande entre todos. Entre os funcionários há interação até em sentidos não profissionais, mas alguns profissionais de hoje não estão dispostos a trabalharem além de seu horário. Entre os funcionários e alunos o exemplo dado é dos professores que, segundo a gestora, interagem bastante com seus alunos, no entanto essa interação parece deixar os alunos mais desrespeitosos, embora a gestora se mostre confiante em uma melhora.

	trocando ideia com colega, hoje as pessoas estão mais preocupadas em bater o sinal quer ir embora para casa, porque tem outra coisa pra fazer é difícil você ver um professor aqui fora do horário dele entendeu. Eles estão... Eles só ficam aqui dentro do horário deles, e se você pede para ele fazer alguma coisa, ele fala assim: A mais ou dentro do meu horário? Entendeu? Então mudou muito essa... relação dos professores com escola, mas com funcionários não, agora com os alunos eu vejo assim, muitos professores têm uma ligação muito grande com os alunos assim... dos alunos assim conversarem, sabe os alunos trocam ideias com professor conversa, então isso é importante não tem aquele distanciamento são poucos os professores que cria uma barreira a maioria eu vejo que é legal, que tem essa interação, assim de conversar coisas às vezes particulares, sabe de querer conversar, de querer trocar ideia mesmo que não seja coisa da aula isso aí também é interessante, mas ao mesmo tempo que existe isso, existe também um aumento de alguns alunos com falta de respeito, entendeu? Falta de respeito com funcionário ou assim não admite que seja chamado atenção, então também por um lado tem isso que é bom de interação entre professor e o aluno e o funcionário e tudo, mas tem também o aumento de falta de respeito de alguns alunos, o que prejudica bastante, mas tudo isso é remediado. A gente tenta contornar, né, assim... Uma conversa alguma coisa, mas não é fácil, porque os jovens deve tá difícil essa parte tá difícil, mas a gente vai tentando, né, não pode desistir.			
--	---	--	--	--

Você acredita ainda?	Tem que acreditar, senão a gente não consegue vir trabalhar.	-	-	-
----------------------	--	---	---	---

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da Professora 4 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que papel você acredita que desempenha nessa interação aqui dentro da escola? Seu papel dentro dessa interação?	A gente tenta assim por exemplo quando tem algum problema entre professor e aluno, assim no caso que a gente mais sente. A gente tenta não aumentar isso, ou seja, fazer com que tanto de ambas as partes, não ocorra essa... Esse distanciamento né, deles de ficar assim um briga outro grita e o outro quer gritar também, né? A gente tem que ter, fazer de uma certa maneira, assim que não tenha, quanto menos atrito eles têm não, melhor né, para não ter assim por exemplo um começa a xingar o outro, o outro xingar também e assim não né. Você tem que apaziguar a situação, tal então por exemplo quando o professor põe pra fora eu falo assim você pediu com jeitinho, você foi lá, mas você com toda educação, pedir de novo com educação, conversa eu falo pra ele assim, você criou problema com professor, então agora você vai lá você vai resolver você vai pedir com educação você vai conversar, entendeu pra ele sentir que ele tem que ter essa... Esse diálogo com professor que não é porque ele tem razão ou outro tem razão mas eles têm que ter um certo, uma certa forma de comunicação e uma... pelo menos assim um bem querer porque professor e aluno tem que conviver né. Eu falo para os meus alunos de manhã eu falo assim você já imaginou que ruim, você me lembra cedo e falam assim: ahhh, hoje tem aula com aquela Professora chata de matemática. Ai credo não sei o quê. Tem classe que eu vou todo dia assim e daí não	Exemplos de abordagem para minimizar conflitos	Mostrar como atua em sua função	Inicia exemplificando sua atuação como gestora, buscando conciliação entre as partes envolvidas em conflitos ocorridos na escola. Comenta que incentiva o diálogo e a iniciativa do aluno para resolver seus problemas com o professor, mas que muitas vezes as partes não querem se resolver

	vai ter jeito, vocês vão ter que vir todo dia né? Porque vocês vão me ver todo dia. Aí eu falo assim: Você já pensou né eu também falar assim não eu tenho aula com aquela classe chata. Ah, hoje eu não vou aguentar, hoje vai ser difícil, então quer dizer a gente tem que ver de um jeito que não seja ruim para ambos os lados né? Então a gente tem que fazer de um... mas tem professor que... que já não... que já não aceita. Tem aluno também que não aceita. Daí a gente vai tentando.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da Professora 4 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você tem que ter a fibra para poder incentivar a conversa e o diálogo?	É isso. Ou as vezes tem problema com as meninas da limpeza. Por que uma faz mais que a outra. Aí é que faz mais acha que é prejudicada do que é que faz menos aí você também tem que contornar para não dar problemas porque é assim... São todas... fazem parte da escola. Aí você não quer que briga você não quer que tenha atrito, entendeu? Então toda esse... até professor, aí esse professor falou daquele outro, aí você tem todo jeito para falar, para não criar uma coisa aumentada. Não é fácil, não.	Gestão de conflitos	Mostrar que sempre age na pacificação dos conflitos	Dá exemplo de conflito entre funcionárias da limpeza e como incentiva o diálogo para buscar apaziguar os ânimos

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da Professora 4 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom agora falando um pouco sobre os alunos surdos. Que relação que você ver entre professores e funcionários e os alunos surdos aqui na escola?	Olha quando eu entrei não tinha os alunos surdos né? No começo, daí quando começou eu achei assim... Escola ficou mais assim... Humanizada como eu posso dizer para você. Os alunos surdos eles são... Eles são vistos de uma maneira assim normal de uma maneira assim... é... Não tem aquele preconceito, não	A dificuldade de comunicação com Surdos sem intérprete	Mostrar os obstáculos e contratempos encontrados na comunicação com os Surdos antes do aparecimento de intérpretes	Inicia dizendo que anteriormente não tinha Surdos na escola e que a escola se modificou com a chegada deles e que os Surdos têm modificado seu comportamento desde sua entrada na escola, tornando-se mais participativos com as pessoas. Ela também relata que sem o intérprete o ensino fica muito comprometido, visto que

	tem nada eu vejo assim a tarde, nós temos... Porque eu não... A maior parte é de manhã... Então eu não tenho contato com os da manhã, né? E aí o que eu tenho contato é com os da tarde que vem e que são de manhã e vem à tarde na sala de recursos, então eu vejo assim nossa... Hoje eu estava comentando que... Nós estávamos conversando com os dois da tarde, (fala o nome dos alunos) como eles melhoraram, aqui nós estávamos comentando como eles estão assim... diferentes, eles estão mais, assim... mais receptivos, conversa e querem trocar ideia, sabe ele já entendem já falam, assim com a gente do jeito deles, mas que a gente consegue se entender, porque quando eu comecei eu ficava desesperada porque tinha... eu dava aula para uma, a noite... E eu ficava desesperada quando eu descobri que aquela menina era surda eu não sabia, ela não tinha intérprete nenhum ainda, me deu um desespero, que eu falei assim: meu Deus do céu, a menina não entendeu nada do que eu falei, não ouviu nada. Aí eu tentava explicar pra ela escrevendo até chegar em intérprete, eu ficava em um nervoso porque eu tentava me relacionar com ela e me comunicar e não conseguia aí vem o intérprete e tal, e acalmou. Aí teve um outro menino que também vem com intérprete e ele não foi meu aluno, mas... ele era da noite... então assim às vezes eu quero falar alguma			sem saber a língua de sinais não há comunicação, mesmo através da escrita.
--	---	--	--	--

	coisa pra ele e eu falo do meu jeito algum sinal que eu pense que é que ele vai entender, né? Aí, é legal quando ele consegue entender assim... mas ele também tem intérprete, mas quando não tinha.			
Ele consegue te entender?	Não assim, às vezes eu falo assim pra ele, por exemplo chegou atrasado Ou o que aconteceu, eu pergunto alguma coisa assim pra ele e ele tenta falar, ele ver que eu não vou entender a linguagem, porque eu não sei, mas a gente se comunica, assim de uma maneira, eu vejo assim ele entende, eu também entendo ele, mas ele também como ele vê que eu não sei ele não usa a linguagem dele ele usa um jeito de acho que para lidar com uma pessoa leiga, sei lá. Se eles têm isso, mas eu sei que a gente se entende, mas não é assim perfeito mas eu converso com ele e a gente se entende sim porque de alguma maneira, né? Agora tem um intérprete tudo bem, então por exemplo ele falta muito que é o aluno da noite, ele falta demais, ele chega eu falo assim: Mostra assim o relógio, mostra pra ele o que aconteceu (faz uma cara com os olhos arregalados), daí ele fala assim estava trabalhando, daí não sei o quê, daí eu entendo o que ele está falando, né? Aí, mas dá um desespero porque você quer se relacionar mais e não consegue. Eu não tenho esse coiso. Então à noite é só ele, os da tarde que estão na sala de recurso, eu vejo que tem uma melhora crescente, assim sabe... É bem legal assim... Como eles estão, né? E tem também os meninos aí, mas... Eu	Comunicação da gestora com os Surdos	Mostrar que apesar das dificuldades de comunicação existem tentativas de interação.	Inicia contando da precariedade e simplicidade em que ocorre a comunicação entre a gestora e os alunos surdos, pois ela não conhece a Libras e que a presença do intérprete modifica essa situação. Até influenciando em presença sem conflitos dos Surdos na escola.

	acho de uma maneira geral, a escola lida muito bem com isso. Todos os professores, os intérpretes são... Interagem com escola, com os professores, não tem assim... Diferença nenhuma nesse ponto eu acho assim bem positivo a nossa aqui é nossa, nosso o andamento, mesmo de manhã com as... Quando tem as aulas né E a tarde quando tem a sala de recurso.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da Professora 4 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como você vê essa interação entre os alunos ouvintes e os alunos surdos?	Então eu não tenho. Eu não vejo muito porque a tarde não tem eu só vejo a noite e tenho o menino da noite, esse menino ele tinha namorada dele que também era surda, daí ela foi para amanhã, aí ele fica sozinho, aí no começo ele ficava sozinho e ele queria ficar na sala dos professores, junto com o intérprete, aí pouco eu vejo ele com os outros alunos e na sala de aula ele só fica junto com o intérprete, então eu não vejo ele andar nos corredores com outros.	Interação do Surdo apenas com o intérprete	Mostrar que a interação do Surdo é pequena	Inicia se justificando e dizendo que acompanha de fato apenas o aluno Surdo que estuda a noite e que esse por ser sozinho anda sempre acompanhado do interprete.
Com outros ouvintes?	É isso, eu acho que ele é o mais que fica... É o mais que fica isolado. Que eu sei da manhã não é assim. Agora a única pessoa que é mais isolada da manhã e a menina cega, agora os surdos de manhã são... Que eu sei, que eu já ouvi falar, que eles interagem mais. Agora o meu menino da noite, eu não vejo muito não eu não percebo muito interação dele com outros. Não sei se é eu que não vi, mas na sala de aula que eu entro ele está sempre	Pouca interação do aluno Surdo da noite	Mostrar que sua observação do único aluno Surdo da noite é grande	Inicia dizendo que o aluno Surdo que estuda a noite não interage muito com seus colegas ouvintes e que sua interação é quase exclusiva com o interprete diferente do que a gestora ouve do período matutino da escola.

	com intérprete só o intérprete, e nos corredores parece que eu não vejo muito ele com os outros alunos não.			
E a tarde? Quando os alunos vem na sala de recursos? Você não vê?	A vejo eles conversando com os outros. Os da tarde são ótimos. Os da tarde que são os da manhã ou os que são de outra escola, não eles conhecem todo mundo, brinca com todo mundo, não da tarde, que são da manhã, à tarde eles, vixe, é tudo sem problema. Eles interagem com as crianças da tarde, sim.	Interação entre os alunos Surdos do período matutino/vespertino	Mostrar que não há problemas entre os alunos que interagem mais	A gestora comenta que os alunos que vem a sala de recursos a tarde são interativos inclusive com os alunos ouvintes que frequentam o período vespertino.

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da Professora 4 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom você poderia comentar Professora, um pouco sobre as ações escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais?	Olha, eu sei o que eu fico sabendo e os e-mails que eu leio da diretoria e essas coisas. Eu sei que tem assim, tem o coral né. Que já foi apresentado para a escola para fazer com que as outras crianças... se... Então assim... Tem curiosidade de aprender e tal. Aí os professores estavam aprendendo também, aí os professores estavam aprendendo e sem querer vai estimulando os alunos a ter curiosidade para querer aprender também né. Aí depois teve uma... Um aluno... Que me parece que de manhã... tava ensinando os professores e os outros alunos também, eu não sei como é que tá se já terminou ou se fizeram. Eu já vi também o curso à noite, À noite eu já vi... é.... Outros... Vir médico... Ter curso aqui à noite para professor também.	Cursos de Libras oferecidos	Mostrar que existem diversas ações para que se aprenda Libras	Inicia dizendo que vê pouco e as informações chegam por meio das mensagens eletrônicas que recebe, comenta que o coral existe para que as outras crianças tenham curiosidade para aprender Libras, também fala de um curso que foi oferecido por um aluno para ensinar Libras aos colegas.
De libras?	E já veio, porque teve até curso de libras aqui à noite. Pago pela diretoria. Já teve...	Cursos oferecidos pela diretoria	Mostrar que a escola recebe cursos da	Comenta que a diretoria de ensino utiliza o espaço da escola nos cursos que

	Curso de libras... Já teve... Junto com curso de libras... Também teve um outro, que falava de TDH e disfunção de não sei o quê também teve, então quer dizer assim, já teve assim bastante... Fornecido pela diretoria e pela escola também né. a diretoria querendo... Dando o curso pra rede estadual e o curso foi aqui. Acho que toda quarta parece tinha aqui, aí acabou, e daí tinha também... Vinha médico e vinha especialista em libras.		diretoria de ensino	oferece, inclusive de Libras.
Você lembra a data?	Foi o ano passado, é a coordenadora fazia também e vinha também a supervisora da Educação Especial da diretoria. Aí vinha, aí teve esse outro curso que era de, que já pegava mais abrange a mais outras não era só os alunos surdos. Depois disse que era, que foi direcionado pela diretoria teve o que foi feito pela escola né com menino que parece que foi o menino da manhã do terceiro ano que parece que sabe mais e que também era... Foi ensinando os professores não a ATPC, dando aula e depois teve uma aula também para os alunos, um cursinho rápido para aluno. Isso é o que eu não vi nada eu só ouvi falar e acompanhei assim de perguntar, porque de manhã eu não tô aqui né.	Ações para aprender Libras oferecidos pela escola	Mostrar que existem ações realizadas pela escola visando a aprendizagem de Libras	Inicia dizendo que até a coordenadora do ensino médio participou do curso de Libras oferecido pela diretoria de ensino com presença da supervisora de ensino. E que a escola também ofereceu um curso rápido de Libras para os alunos e também para os professores durante os ATPCs do ensino médio.
Bom, que importância você dá.. Ou qual é a importância que você considera que tem língua de sinais na comunicação dos alunos surdos com você?	Ah, eu não consigo me comunicar com eles eu falo do meu jeito e aí eu fico nervosa e não sei o que eu faço com a mão, não sei o que eu faço com a boca aí eu quero conversar com assim... ah porque os que eu converso que nenhum menino da noite, ele eu falo com ele se falar devagar ele entende,	O desconhecimento da Libras	Mostrar que sua comunicação com os Surdos é frágil e insuficiente	Inicia dizendo que não consegue se comunicar com os Surdos da escola porque não tem conhecimento da Libras e que sua comunicação é bastante limitada, embora exista tentativas de interação, elas são bem singelas. Comenta também que os alunos Surdos tem tido uma boa evolução em sua

	então ele fala devagar e ele entende, então quer dizer comigo e com ele é fácil, porque pra mim né? Os da manhã que vem à tarde (nome dos alunos surdos) e tem mais uns outros meninos, eles também entende, mas assim já é mais difícil o (nome do menino surdo) é fácil e o outro menor melhorou demais. Esse ano ele teve um crescimento que eu achei assim muito bom agora a... Então eu não tenho assim contato com aluno surdo assim que não sabe nada nem a leitura de lábios, sabe nada. Então seria bom se eu soubesse né. Se eu soubesse os sinais seria melhor pra mim né para eu me comunicar com eles mas a gente se vira bem não tenho assim... A gente se vira bem, o que eu posso falar assim como ele eu consigo mas se tivesse, porque eu não tenho esse contato com os severos (surdos) mesmo, né. Com o surdo que não tem capacidade assim, que não entenda nem uma linguagem que eu faço com eles qualquer que não tem nome e nem a leitura de lábio né. Mas seria melhor se eu tivesse né, porque eu...			sociabilidade, mas que a gestora não consegue interagir com aqueles que não compreendem a linguagem labial.
Você tem interesse em fazer?	Olha interesse eu tive quando teve aqui tudo. Como eu tava aqui na na vice-direção eu não podia porque era a noite e eu de manhã do aula e a tarde a noite estou aqui então daí fica complicado, mas é uma coisa assim que... Estaria nos meus planos porque eu acho assim que hoje em dia precisa ter uma... Alguma coisa, um... Porque a gente tá percebendo que eles não estão mais isolados, né. Você encontra, tem que nem de manhã eu dou aula para uma menina quem enxerga	O pouco tempo para realizar um curso de Libras	Mostrar que existe um interesse e sabe da importância de se saber utilizar a Libras	Inicia dizendo que embora a diretoria tenha oferecido o curso de Libras dentro da escola que trabalha, ela não pode comparecer, pois estava trabalhando e conta uma história sobre sua experiência com uma deficiente visual e uma deficiente física que sentiram a empatia das Professoras ao ver os seus interesses em oferecer melhores condições de participação e aprendizagem a elas, chegando a conclusão que ao aprender Libras o professor mostra ao aluno que tem interesse em sua aprendizagem o que pode

	super pouco e ela tá cada vez mais perdendo mas a visão e mais e mais e mais... Então de repente aí outro dia eu fui dar uma prova pra ela e ela não conseguiu enxergar, aí eu tive que aumentar a letra e ela não conseguiu, daí eu aumentei a letra de novo, daí eu falei assim você conseguiu agora, e ela falou assim agora eu consegui, e a felicidade de ver que você fez aquilo para ela, só pra ela, ela é a única diferente e você fez aquilo para ela, pensando nela, como eles gostam, sabe? Então eu acho assim que então o surdo ver que uma Professora tá tentando aprender, né? Uma Professora tá tentando aprender pra falar com ele, acho que deve ser super legal pra ele, né? Até hoje aconteceu uma coisa que não tem nada a ver mais... Uma Professora foi passar vídeo lá em cima, não sei se a coordenadora te contou, o professor vai passar vídeo lá em cima e ela falou assim, mas e a menina cadeirante. a Professora mandou a Laura subir no colo do colega de sala. Aí, a coordenadora chegou lá na sala dos... Na secretaria e disse vice-diretora pelo amor de Deus, desesperada, branca. Ela falou assim, a Professora passou vídeo lá em cima, passou o vídeo lá em cima é (entrevista interrompida) passou o vídeo lá em cima, e subiu com cadeirante, e eu falei minha nossa senhora pelo amor de Deus, a mãe vai ficar desesperada, já tô vendo sair no jornal, já tô vendo reclamação porque a mãe não sei o quê, e eu e a coordenadora desesperados, e agora			motivar o aluno Surdo a aprender mais.
--	---	--	--	---

	essa mãe é terrível. bom, chegou... Deixa eu ir lá ver como é que está e no que Ela desceu ela disse pra mim, vice-diretora, não tinha nem como eu falar nada porque a menina virou pra mim e eu pensando e daí ela falou pra mim que ia dar, que menina ia falar isso pra mãe imagina né? A mãe reclamou da menina subir dois degrausinhos, na frente da escola, imagina subir tudo isso aí. a menina virou pra ela e falou assim, coordenadora eu conhecia a parte de cima da escola. Feliz da vida, olha eu e a coordenadora enchemos até os olhos de lágrimas se você quer saber. A coordenadora encher os olhos de lágrimas de lá e eu e seus olhos de lágrima daqui, porque nós ficamos tão emocionadas, porque nós desesperadas que a mãe da menina é assim, cuida dela sim com aquela garra. A coordenadora falou assim, vice-diretora na hora que ela falou isso me desmontou porque eu fiquei emocionada e eu também não sabia que falar. Aí nós duas porque com certeza ela vai contar pra mãe, né? Lógico e a mãe vai vir aqui né? Não que ela foi emocionada que ela conheceu o andar de cima da escola, imagina curiosidade dela acho né? De ver o corredor lá de cima e hoje ela foi assistir ao filme quietinha subiu e deu tudo certo. Aí a coordenadora falou assim, vice-diretora ainda bem que deu tudo certo, se não já estava pensando que eu estava perdida. Ela saiu.... Então quer dizer você imagina para um aluno surdo você ver que uma Professora tá			
--	--	--	--	--

	interessada em aprender a língua de sinais deve ser né? super legal porque pra eles pra eles aquilo lá né é tudo né. Então aí infelizmente eu não tenho assim esse jeito esse coiso, né? Eu não sei mas eu acho que um professor que nem os professores estavam fazendo no ATPC deveria ser legal porquê e os professores também eu acho que perguntar pra eles né como que é isso como que aquilo e eles na hora que eles ensinar ele deve se sentir super bem, né penso eu porque, né. é super interessante.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da Professora 4 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom você acredita que a comunicação ela é importante para aprendizagem?	É porque tem professor que sabe muito, mas não sabe comunicar nada não sabe ensinar nada porque... Às vezes pode ter mestrado pode ter faculdade não sei de onde, mas você vê que na sala de aula ele não muda estratégia para ensinar ele não se comunica com os alunos. Eu falo comigo mesmo porque eu era mais brava mais rígida eu não tinha, eu tinha muito afastamento com o aluno sabe assim não deixava muito chegar, hoje não, sabe hoje assim eu tive que mudar o meu jeito pra eles quererem aprender matemática e eles quererem aprender o que eu tenho pra ensinar entendeu? Então ao mesmo tempo que eu sou brava e gosto de respeito eu interajo com eles eu dou risada a gente brinca a gente conversa, então eu vejo assim que aqui tem professor que sabe muito e tem professores	Comunicação e aprendizagem estão relacionados	Explicar porque acredita que é importante o professor ter uma boa relação com os alunos	Começa dizendo que uma formação maior do professor não implica em um melhor ensino, pois é necessário que os professores estejam dispostos a mudarem as estratégias de ensino de acordo com o público a que se direciona. Diz ainda que “não tem comunicação não tem aprendizagem”, portanto é necessário que o professor tenha um bom relacionamento com os alunos, pois aqueles que o professor coloca para fora da sala de aula não aprendem.

	excelentes só que o quê acontece muitas vezes, eles não conseguem... eles não tem um relacionamento bom com a sala, aí já perdeu 50% dá chance de eles aprenderem. Tem... não muda estratégia quer sempre dar a mesma aula do mesmo jeito com a mesma coisa. Às vezes para aquela classe não é daquele jeito tem que mudar para outra classe serve para essa classe não serve né, então por exemplo tem classe que se você ficar sentada conversando tal e tem classe tu tem que ficar no fundo e, tem classe que tem que ficar no meio e tem classe tem que ficar andando e se você senta já então... Você tem que ver qual estratégia melhor que faz com que eles aprendam, mas tem professor que por sua vez não tá interessado e mudar nada. A meu jeito é esse os alunos que tem que se adaptar, aí o que que acontece não tem comunicação não tem aprendizagem, dá problema de comportamento dá problema que o professor está estressado, sai cansado, sai nervoso porque ele não conseguiu chegar no aluno. Aí a gente tenta às vezes falar alguma coisa, mas às vezes não aceita que a gente fala, então também eu também não sei tudo eu sei a experiência que eu tenho dentro da sala de aula que eu estou ainda né, mas tem professor que não aceita e acha que ele tá certo e, aí põe aluno pra fora porque não consegue então põe 3, 4, 5 vezes para fora em cada aula pra tentar dar aula só com os que ficam aí esses que saem não aprendi nada porque fica pra fora então a situação difícil então se não tem comunicação, uma			
--	---	--	--	--

	comunicação como que... ele não vai ter aprendizagem nenhuma né, Então aí fica difícil...			
E você acha que essa comunicação auxilia na aprendizagem de qualquer conteúdo até dos conteúdos curriculares, de qualquer conteúdo curricular como por exemplo no conteúdo de ciências?	é por exemplo eu não dou... Eu não me sinto... Eu dei aula de ciências um pouco e depois... E eu dei aula de ciência acho que um ano. Nossa eu não gostei. Aí depois eu dei aula de física vai vendo no cefan para Magistério, mas como eu não sou formada em física mais eu tenho um pouco na grade. Aí eu pedir autorização para dirigente porque não tinha professor de física na época aí eu dei aula de física 1 ano no Magistério e era terrível porque eles vinham perguntar as coisas pra mim e eu não sabia responder direito então por exemplo não adianta você dar alguma coisa que você não gosta e pra dar aula de ciências você tem que saber muito... Eu acho assim tem que saber muita coisa da vida, muita coisa assim do mundo, ler muito, é.... Tem que comunicar muito com os alunos e com outras matérias também, mas eu não sei acho que tem algumas que, que é mais assim sabe? Português mesmo.. Então... Ah eu acho que todas matemática no fim eu achava que não mas agora é.... Com essas avaliações que estão sendo feitas né eu falei aí meu Deus como eu vou fazer para eles gostarem. Hoje eu fico feliz porque eles me recebem na porta me beijam, tudo, imagina que eu achava aluno que chegava me beijar. Então hoje eles me beijam e passou a mão no meu cabelo, eles querem chegar perto da gente, né? Então hoje eu me abrir mais assim com eles pra eles poder gostar da hora que eu chego e não ficar torcendo o nariz fazendo cara feia...	A dificuldade em se ensinar Ciências	Mostrar que embora tenha tentado ensinar Ciências é bastante difícil	Inicia dizendo que embora seja habilitada para dar aulas de Ciências, a gestora não conseguiu pela dificuldade do conteúdo e pelos questionamentos dos alunos para quem ministrou as aulas, então terminar dizendo que é necessário ter bastante conhecimento para se ensinar Ciências e que as questões colocadas pelos alunos exigem atualização constante.

	Então eu tive que fazer isso agora, ciências se você não conversa não sabe das coisas que nem por exemplo quando eu dei aula de física no Magistério eu não tinha tido namorado ainda imagina aí as meninas e perguntavam cada coisa cabeluda que eu falei agora eu só sei teoria tô perdida. Aquelas moças me perguntavam cada coisa elas eram mais velhas do que eu, fazendo Magistério eu peguei e falei assim minha nossa e agora que eu não sei nada disso então eu sabia as coisas e falava e conversava com elas tudo porque tinha aula teórica de manhã e à tarde tinha aula assim era como se fosse uma oficina né então a gente conversava mais e tal aí eu conversava com elas explicava as coisas que eu sabia, mas, então se você tenho uma vivência maior... Eu vejo a Professora de ciências que é minha amiga de manhã e as Professoras de ciências aquilo gente... Sabe como é gostoso de ter Cultura... Então como é gostoso eles verem que a Professora sabe a Professora ler ela se interessa, uma leitura, o aluno vai perguntar uma coisa atual e a Professora sabe explicar né, sabe explicar porque tem leitura que nem é minha amiga Professora de manhã que dá aula comigo nossa ela lê jornal ela lê revistas ela procura na internet ela pesquisa muito então os alunos perguntam as coisas pra ela e ela sabe responder sabe? Ela conversa naturalmente. Explica as coisas naturalmente não deixa aula ficar... Assim... Chata e muito menos assim... não ter falta de respeito quando explica alguma coisa sobre sexualidade ou			
--	--	--	--	--

	uma coisa assim, não tudo tratado como muito normal, com muito respeito com todas as coisas, quer dizer isso não é para qualquer um não tem gente que não consegue, eu não consegui dar aula de ciências Eu já vi que já não é do meu jeito, não, porque eu posso dar aula de ciências porque ciências com habilitação em matemática então eu dou aula de matemática para o ensino médio e ciências e matemática para o fundamental, mas daí eu aí não deu certo não tanto que eu passei no concurso de matemática.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da Professora 4 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pesquisadora	Professora 4	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Agora só para terminar, é que meu trabalho é no ensino de ciências. Como é a ciência para você como você vê a ciência. A sua relação com os conhecimentos científicos? Fala um pouco disso pra mim	Olha... Eu acho que... Eu gosto muito dessa parte assim de coisa nova tudo eu acho bonita assim essas mudanças tudo. Só que por exemplo, quando eu falo... Quando eu penso em ciências eu penso assim em parte de Tecnologia essas coisas eu já não sou muito ligada nisso. É assim nessa parte eu sou um pouco antiga tanto que nas minhas aulas também eu tô tentando mudar um pouco, porque não adianta os alunos são modernos e tem que mudar né, mas eu não tenho nada muito... De coisa moderna... Assim nada de mexer em computador, não sei mexer em Facebook, eu não sei nada dessas coisas eu tenho e-mail por que é o meu marido quem fez, Facebook porque ele fez também, mas eu entro eu não sei como é que mexe com aquilo como é que manda nada. Outro dia que eu fui saber que a bolinha verde	Relação superficial com a Ciência	Explicar porque não consegue se atualizar sobre os assuntos científicos contemporâneos	Inicia dizendo que gosta muito de se atualizar, mas que tem dificuldades por falta de tempo e que utiliza estratégias na sala de aula, como sugerir que os alunos tragam artigos de divulgação científica, para tentar se manter atualizada. Enfim, para a gestora, para se saber Ciência é necessária uma constante atualização.

	é que a pessoa tá. Então essas coisas eu não sei então eu ligo, eu ligo eu me viro, mas eu peno, coisa que às vezes uma pessoa vai em 10 minutos eu demoro uma hora e a parte de ciências é assim se você não tem leitura e hoje a minha vida tá muito difícil eu não consigo mais ler uma revista sabe fazer alguma coisa assim. Apesar de que... Nossa... Nós temos um trato eu com meus alunos, eu tenho uma sala que eu sou conselheira daquela sala por exemplo, então que a gente faz todo mês eles têm que me dar, tem mês que é, eu falo tema e tem mês que eles é que sugerem o tema. E tem mês que o tema é livre então eles têm que trazer uma atualidade pra mim, tem mês que a coisa científica, entendeu? Uma coisa científica? daí, eles tem que trazer ou jornal ou revista, aí eles tem que ler e comentar aí eles me dão pra eu ver como é que é a parte escrita e tudo, aí eles falam mas mesmo de matemática mas aí o que que a gente faz a gente faz uma roda da conversa aí eu falo assim bom aí eu leio passo olho assim em algumas coisas às vezes eu leio só o título só para saber o que é que é aí então eles sabem eles querem que eu leia tudo, aí eu falo assim quem trouxe aquela reportagem que fala sobre uma coisa de parte científica lá de como é que fala parte humana lá de embrião de não sei o quê aí eles falam então é um jeito de todo mundo ficar sabendo e todo mundo fica sabendo a reportagem. Essa semana apareceu o menino com uma reportagem da internet: namorado desesperado porque a namorada terminou com ele corta o pênis. a reportagem da			
--	--	--	--	--

	internet da onde tirou de tudo, aí eu peguei e falei assim ,aí ele queria me pegar Professora você viu a reportagem do menino eu falei assim eu vi, e falei pro menino contar pra gente como é que é porque eu não sei né nossa como que faz e ele falou assim não Professora saber como é que é o pênis é um músculo então ele falou assim vai vendo aula de matemática sai assunto tem uma que gosta de robótica todas as reportagens dele quando ele vê ele traz robótica, então eu falo o que você trouxe da robótica aí o que que você trouxe não Professora tem uma robótica o robô do seio aqui jeito então cada um gosta de esporte aí ele traz reportagem de esporte aí no começo eu direcionava para um assunto do mês por exemplo quando veio Papa no Brasil agora todo mundo vai ter que fazer reportagem sobre a visita do Papa quando foi a coisa de esporte lá no Rio de Janeiro agora todo mundo vai trazer aquele assunto lá então jeito que eu também fico sabendo das coisas porque às vezes como eu não tenho tempo eu fico sabendo porque eles trazem e a gente conversa sobre aquilo todo mundo fica sabendo de um assunto e tudo aí eu falo essa semana hoje vocês vão trazer sobre um assunto científico tem que ser alguma coisa voltada para ciências algo científico uma descoberta alguma coisa aí eles trazem entendeu então é uma maneira e, você percebe que você essa parte de ciências. Esse aspecto científico assim dá... Vida que tem no jornal, que tem em revista você vai usar para sua vida né, hoje tem aquela revista na minha época não tinha			
--	---	--	--	--

	hoje tem aquela revista que chama cálculo e até tinha uma que eu tava lendo é uma revista cálculo essa revista... Essa revista tenha lá (pega revista), cálculo matemática todos ela fala que dá de planetas aí outro dia tava falando assim porque... Como que eu calculo porque que a matemática alguns acham difícil né. Então mostra sim a matemática dentro da ciências né dentro da física e tudo então eles estão procurando fazer mais artigos científicos e artigos de matemática que possa colocar matemática e as Ciências dentro duma... a matemática e ciências dentro da vida dos alunos para eles conseguirem saber mais né, porque tem aluno que você vê você conversa e eles não tem contato com nada não tem contado com uma revista, nada, então quer dizer assim tem muito que não gostam de trazer que nem agora no último do mês de novembro agora eu falei é a última do mês de novembro quem trouxe em dia todo o ano inteiro está livre no mês de novembro então eles ficaram super felizes aí quem trouxe em dia então aí tem uma meia dúzia que não tem nada em dia, então vocês vão ter que trazer as de Novembro também aí eles trazem aí eles gostam muito sobre o procurar em jornal os que têm acesso à internet procura na internet vê lá uma coisa imprimir e tem que ler e escrever então é um jeito que a gente pode ter que fazer com que eles sem interesse em ler né ainda mais que eles têm que ler e comenta rescrever alguma coisa e depois contar né para os colegas o que que leram então é um jeito de fazer			
--	--	--	--	--

	então por exemplo a ciência está ligado a tudo né está ligado a tudo tanto matemática física química igual um professor de química já que ensina a química do dia a dia, com uma pasta de dente ele fala um monte de coisa só com a pasta de dente com sabonete e dá aula de um monte de coisa de um alimento da mistura de alimento que vira o bolo ou uma coisa então tentar chegar o mais próximo né do aluno para que ele tem interesse então aí essa parte científica é muito importante eu sinto de estar assim um pouco afastada eu tento estar mais atualizada Mas não é fácil mas hoje eles são tão avançados que a gente quero ver você tem uma dúvida Pergunta para o aluno e ele te responde às vezes ele responde, mas eu tenho uma dúvida quero saber alguma coisa que aconteceu ou eles sabem muito mais fácil que a gente eles tem dificuldade para escrever às vezes eles têm dificuldade na matemática mas é mais rápido pra outras coisas, Até pra procurar uma coisa informação né então toda essa parte aí ele tem que levar em conta em consideração.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

APÊNDICE I - Enquadramento dos enunciados da Professora 5, separados por assunto

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da Professora 5 sobre a interação social na instituição.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas
--------------	--------------	-----------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como que você vê a interação social aqui dentro da escola, entre os alunos entre os funcionários e entre os professores?	A relação social?	-	-	-
A interação social entre as pessoas	É extremamente fragmentada. Ela é extremamente celetista, fragmentada o que prejudica muito o andamento da escola. Com os alunos eu acho que é uma falta de respeito, algumas coisas que acontecem aqui. Em relação aos funcionários, principalmente aos funcionários da limpeza, porque eu acho que todo mundo tem que trabalhar dentro de uma Unidade Escolar em equipe realmente, então existe muito desrespeito.	O desrespeito na interação social da escola	Mostrar as características da relação da gestão com os outros funcionários	Inicia dizendo que a interação é fragmentada e que alguns funcionários não são respeitados.
Porque você disse fragmentada?	Fragmentada porque ela já acontece sendo fragmentada pelo corpo gestor, né? Fazendo parte do corpo gestor eu acho que faz os dois ou três meses ou um pouco mais, vamos dizer assim que depois do segundo semestre desse ano de 2013, é que eu passei a realmente fazer valer algumas coisas dentro do corpo gestor, porque eu não tinha nem comunicação.	A fragmentação já se inicia na gestão	Mostrar a fonte da fragmentação	Diz que o corpo gestor já é fragmentado e que sua posição como gestora é pouco considerada.
Não tinha conversa?	Não, e não tem, né? E aqui a gente tem que andar muito pisando em ovos. Seria uma fala principalmente no corpo gestor você tem que saber ouvir e não falar e quando falar, falar na hora certa é do jeito certo. Às vezes você tem que mudar o termo para falar para outra pessoa, sabe? Porque eu poderia... Existe muita maldade, muita fofoca, muita conversa atrapalhando e eu com a vice por exemplo, acha do segundo semestre pra cá é que nós passamos a ter	O exercício de sua função	Explicar a dificuldade de trabalhar com seus pares na instituição	Inicia falando da dificuldade de se expressar com seus pares e depois ressalta a necessidade de muita prudência para lidar com as situações relacionadas aos outros profissionais da escola

	uma conversa em que ela passou a confiar em mim entendeu? Porque até então nós não conversávamos. Aí eu passei a observar mais os problemas que ela tem os problemas pessoais os problemas profissionais e eu tive que ter um outro olhar para eu poder chegar até ela e até então é assim é um labirinto, então num relacionamento existe muita falsidade de relacionamento único momento que eu me sinto exatamente feliz é com os alunos. Esses sim eu recebo carinho deles o respeito deles, eu acho que são difíceis os alunos que não gostam de mim aqui na escola. Eu acho que o que mantém a minha presença na escola são os alunos.			
E com seus pares você não sente esse retorno?	Não, eu não sinto mesmo com o corpo docente eu não sinto. Eu sinto eles muitas vezes desmotivados, mas eu tentei ergue-los. Acho que eu até consegui em alguns momentos. Eu tô sempre valorizando o trabalho deles sempre tentando valorizar eles como pessoas como profissionais Por que é desgastante entendeu? É muito desgastante aqui é um ambiente não sei por que existe muita disputa aqui desnecessária. Nós temos um funcionário mesmo que ninguém quer ficar perto dele, aí eles tratam ele mal e ele sobe e fica aqui na minha sala, ele conversa comigo, tudo aí ele sai daqui melhor, então eu preciso desse profissional e tudo que eu peço para ele, ele faz entendeu então eu acho que é recíproca a pessoa tem que poder... Elas têm que dar valor pra ela também ter valor para o outro não interessa o que ele faz ou como ele faz ele tá fazendo né e muitas vezes não existe aquela assim ajuda de melhora.	A dificuldade no exercício da função	Exemplifica porque tem dificuldade no exercício da função	Inicia dizendo que o próprio corpo docente é desmotivado e que existem disputas desnecessárias no ambiente de trabalho, inclusive com demérito de um funcionário.
E você tem esse apoio?	Nem todos eu gostaria de ter mais, mas tem uma parte que apoia porque eles viram resultado.	Apoio docente	Falar sobre o apoio docente	A gestora diz que o apoio docente é pequeno

Mas antes de ser implantado isso não teve um acordo? Essa ideia é sua e foi implantada? Como foi o processo?	Foi uma sugestão de alguns professores.	-	-	-
Ah, sim alguns professores sugeriram então?	Aí eu fui fazer uma pesquisa sobre e aí eu vi que era bom e que podia dar certo. E que é escola é uma célula de pesquisa né. Ela é assim... Aqui você pode fazer a análise de todos os sentidos que você quiser e você pode proporcionar mudanças assim consideráveis e eu observei isso e eu vi que era bom e vou continuar mesmo com a resistência quem vai ter que mudar a prática do professor. a prática tradicionalista não serve não encaixa nesse tipo de perfil de prática pedagógica que nós estamos tentando implantar eu estou tentando implantar né trabalhar ao lado da criatividade do aluno. Isso assim com os projetos que estou tentando inserir porque eles são muito resistentes porque dá trabalho, projeto dá trabalho é isso que eu quero, vê-los trabalhar. Só que eles gostam depois. Nossa foi legal Foi bom então é assim. Então eles não querem...	Implantação de um projeto	Mostrar o apoio de parte do corpo docente	A gestora comenta sobre o pequeno apoio que recebe na mudança estrutural nas salas de aula que realizou, embora a ideia inicial tenha sido de alguns docentes, nem todos a apoiam, porque ela divide as classes entre salas com alunos considerados calmos e salas com alunos mais agitados

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da Professora 5 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que papel o que você acha que desempenha dentro dessa interação dentro da escola? Qual o seu papel nessa interação?	Olha eu percebi que até eu consigo retirar alguns estigmas até. De professores que eu não conversava com outro de criar algumas estratégias, até mesmo de comportamento da minha colega de trabalho houve uma mudança. Como papel eu acho que de... é... de fazer uma ponte de relação entre as pessoas talvez	O Papel desempenhado na relação é diferente da função	Explicar sua atuação como aquela que faz a ligação entre as pessoas que trabalham na instituição	Inicia dizendo que cria estratégias para melhorar o relacionamento com seus pares e com os professores e que isso a ajuda nos relacionamentos com todos, mas diz que a escola não tem unidade e por isso fica mais difícil trabalhar.

	acho que seria isso eu acho que nem estou na função de coordenadora acho que é minha função aqui realmente talvez seja essa de assistente social (risos) e mais de fazer, em fazer as pessoas assim porque eu vim de uma escola pequena e de algumas escolas que nós sentávamos numa mesa e nós brincávamos e todos trabalhavam e um ajudava o outro e fazíamos comidas de juntos e isso era bom eu sinto falta dessa relação é claro que como uma equipe grande como a daqui é muito mais difícil mas eu posso conseguir não quer dizer que é impossível difícil é uma coisa impossível é outra. Então, eu penso que isso pode acontecer e que vai ser muito bom para escola quando a escola for realmente uma Unidade Escolar. Aqui não é uma Unidade Escolar ela está fragmentada, e todos reclamam muito disso só que eu que os mesmo que reclamam às vezes não faz nada para mudar, então eu não sei até que ponto eu sirvo pra poder ajudar na relação entre as pessoas aqui então eu não sei como qual que é minha função talvez de assistente social ou de ouvir as pessoas né porque aqui ninguém ouve ninguém, aqui todo mundo só fala reclama muito, brigas discutir e eu ouço muito eu acho que isso é bom, né?			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da Professora 5 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional

Você acha então que esse processo hierárquico tem algo a ver com essa dificuldade no relacionamento entre os pares?	Eu acho que a maior dificuldade entre os pares é a pessoa que tem mais autoridade dentro do corpo gestor né, que ela é inconstante. E ela não apoia o corpo gestor. Então se existe uma opinião e uma atitude dos outros, ela não dá o respaldo. E aí todo mundo fica né e como, ninguém tem segurança para trabalhar, então você não tem uma segurança que é a última palavra tem que vir ou tem que ser a dela e ponto, não existe uma, vamos fazer um acordo, ou porque eu respeito toda a sabedoria que ela tem né eu respeito todas sabedoria dela eu respeito todo os anos e todo esse tempo de trabalho que ela tem a experiência de vida dela só que será que 40 anos de vida ou de experiência foram positivas? (fala interrompida) Então é foram positivas e como foram... Nós temos um alunado diferente hoje. Nós estamos fora... esses dias mesmo eu ainda comentei com ela (diretora), eu falei assim olha o alunado era diferente a equipe docente era diferente nós estamos lidando com pessoas com outra visão então era mais fácil trabalhar... (fala interrompida) então é eram outras cabeças outras necessidades a escola tinha outra prática de ensino outras metodologias não existia a implementação de currículo assistir uma série de novidades que existem hoje então era muito mais fácil, então ela também tem essa dificuldade de trabalhar com essa nova com tudo novo que cada dia, cada ano que passa nós vamos recebendo outros alunos com mais dificuldades mais... Sabe? Até o pessoal falou pra ela... acho que foi na reunião agora do Conselho... que eu falei assim pra ela olha presta atenção que nós estamos recebendo alunos para o 6o ano como uma mudança é uma mudança	Dificuldades da gestão	Exemplificar que seu trabalho dá resultado se trabalhado com empenho	Inicia dizendo que a diretora não tem uma atuação muito democrática e que as decisões são autoritárias e que as práticas desejadas por ela são ultrapassadas. Depois ressalta que a gestora está tentando desenvolver estratégias que contemplem melhor os novos alunos e, assim auxiliar na aprendizagem daqueles que se interessam em aprender e ajudar aqueles que tem um comportamento mais agitado na sala de aula.
--	--	-------------------------------	---	---

	positiva, porque está existindo sim um trabalho da educação infantil e eu não tô falando isso pra florear nem nada e nem pra mérito de ninguém ou mesmo mérito meu ou nosso, mas presta atenção, nós recebíamos muito mais alunos sem saber ler e escrever do que hoje e o que é feito para esse aluno tem sido feita alguma coisa sabe. Houve um trabalho, e eu quero fazer mais profundo ainda em relação a isso porque não adianta o que tinha que era o seguinte o aluno não sabe ler e escrever não é problema nosso é problema do Ensino... da escola de que ele veio... o aluno não sabe matemática não é problema nosso é da escola que ele veio, não é problema nosso sim porque ele vai permanecer aqui e não sabemos quanto tempo então esse é o problema vamos tomar uma atitude. esse ano ele é meu aluno ele vai sair daqui melhor e eu tive casos em que aconteceu isso na onde o professor trabalhou voluntariamente alfabetizou aluno né, em um outro horário e o pai do aluno veio aqui agradecer que ele viu que o menino estava lendo uma revista pra ele, e falou que nunca nenhuma escola tinha feito isso e que ele pedia para o pai comprar uma revista que ele gostava de ler revista, foi ótimo, poxa, manda uma revista pra ele não tem problema, mas ele tem que ler livro não ele tem que ler ele tem que ler o que ele gosta não interessa o que ele vai ter o momento que ele vai querer ler livro um aluno que era excluído da sala de aula. Ele tem problemas tem ele tem dificuldade tem né, já outro aluno que nós não fizemos esse trabalho ele continuou sem aprender sem ler e sem escrever, ele é pré-silábico. Aí agora no final do bimestre que eu pedi pra e para ele ler e ele veio ler com vergonha, quer			
--	--	--	--	--

	dizer é um menino inteligente. Ah esse menino dá trabalho ele é burro, porque ele é do período da tarde ninguém gosta do período da tarde ele é excluído porque ele vem lá da Fazenda lá do não sei o quê. A ninguém ajuda ninguém olha a mãe não tem ninguém e não é assim tá na escola o problema da escola, nós que temos que ter responsabilidade de formar os cidadãos aqui de dá algum... potencial para eles saírem dessa vida que eles se encontram alienada porque o menino quer ler mas ele não vai aprender sozinho não vai, não adianta. E ele não é um super dotado para aprender sozinho ele já demonstrou isso entendeu? então é assim eu tenho tido depoimentos de pais aqui que foi assim dos dois anos da coordenação houve mudança, sabe que paz que só quer falar comigo avó que só quer falar comigo às vezes eu fico super lotada de coisas para fazer sabe eu falo caramba, mas de novo essa mulher me liga mas, eu dou atenção pra ela então ela veio aqui e falou pra mim olha Professora eu faço questão de falar pra você porque eu tenho muitos problemas na minha vida e você foi a única pessoa que me ouviu e que me ajudou então eu aconselhei ela a levar o filho para passar por um tratamento por um psicólogo o psiquiatra foi no neuro os professores detestavam o moleque, né e agora todo mundo tá elogiando quer dizer depois do segundo semestre esse menino com tratamento ele mudou e ele é inteligente ele mudou o perfil dele ele mudou completamente tudo porque então eu vou largar o moleque lá fazendo bagunça e se matando nem eu sei que eu tô percebendo que ele tem problemas que eu posso ajudar na medida do possível, a gente encaminha. Essa é a função			
--	---	--	--	--

	da escola. Essa é a função social da escola, não abandonar o aluno e tachar ele de bandido de marginal. É lógico que a gente tem aqui também alguns resultados que não cresceram, Mas por que que não cresce, porque eu também não tenho muito respaldo, você tá entendendo eu não posso tomar a atitude agora a gente tá formando aquela salas que eu sei que o ano que vem todo mundo vai reclamar só que as avaliações estão mostrando pra mim que eu estou certa então quando o professor fala pra mim não vou mudar por que não adianta eu falar não eu provo pra você por A mais B que nós fizemos, que o resultado é positivo, só que eles tem que entender uma coisa que uma sala onde eu tenho mais facilidade de trabalhar vamos colocar assim e a outra eu tenho lá eu só tenho os alunos indisciplinados não é assim eu tenho que ter uma prática de ensino diferente que eles vão aprender eles têm o tempo diferente do outro só que eu também tenho que garantir o aprendizado do outro eu não posso... eu nunca mais vou ver mãe aqui falando assim a minha filha sair da escola com dor de cabeça porque a sala é muito barulhenta, eu não ouvi mais isso depois que nós fizemos a mudança, Então os barulhentos e ficam todos fazendo barulhos juntos então deixa ele fazendo barulho e vamos trabalhar o barulho deles. Vamos levar eles para uma atividade diferente. Vamos fazer uma proposta diferente porque aí o barulho deles vai somar e aquele que é mais quieto e mais tranquilo ele também tem o direito de aprender. Vamos colocar eles com essas igualdades e você trabalhar e ter resultado não adianta não adianta eu sei que eu tenho resistência,			
--	---	--	--	--

	mas o que eu tenho o que as avaliações estão me mostrando é que eu estou certa Estou no caminho certo pode ser que tem alguns pontos que, mas eu preciso do apoio do corpo docente.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da Professora 5 as questões sobre os alunos Surdos e a intérprete de Libras.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Porque você acha que eles (Surdos) são folgados. Em alguns momentos?	Porque eles (Surdos) se sentem com algumas regalias por exemplo eu tenho professor intérprete na sala entendeu? E é só meu então eu pego e dou para ele fazer o quê não é para ele fazer o que é para eu fazer aí eu acho ele folgados quando dizem para sala de recursos eu falo você é um folgado dava muito bem para você ter feito isso em sala de aula e dava. Ou eles querem... E certas vezes eu percebo eles querendo tirar vantagem né, porque eles são surdos né, pode eu falo pode parar você aqui não tem nada não você é igualzinho os outros para mim então eu faço essas colocações né, e chamo atenção deles igual dos outros porque aí eu acho que é uma inclusão apesar de às vezes eu também falar às vezes pera aí isso aí talvez ele tenha uma outra visão né, mas na hora eu já falei aí já foi né. Então eu também tenho medo cara porque algo novo pra mim também mas eu já melhorei bastante eu era pior com eles.	A presença do intérprete é algo a mais para o Surdo	Mostrar que o tratamento com os Surdos deve ser igual à dos ouvintes	Começa dizendo que os Surdos têm regalias desnecessárias e que eles transparecem, ao ter um intérprete com eles, que isso é algo a se enaltecer. Assim a gestora acredita que é preciso colocar mais limites para que o comportamento deles não seja comprometido com excesso de condescendência.

E você acha que as outras pessoas também têm essa atitude aqui na escola mais condescendente como esses alunos?	Tem sim tem sim. Muitas sim por exemplo pega os alunos surdos só eles e fazem atividade só eles só com eles. Cadê a inclusão? E muitas vezes tiram os alunos da sala de aula e daquele aprendizado pra fazer determinadas coisas e depois aquela aula vai fazer falta para ele, então primeiro tem que... E eles gostam de sair da aula porque ali eles tem que ter uma certa conduta né, tem que respeitar o professor os colegas e tem que ficar ali sentados tem alguns que toda hora que ir beber água né, e ficar nos corredores, então eles querem tirar uma vantagem e alguns fingem que não tô escutando e os outros que têm um aparelho eles tiram e guardam na hora que eles não querem ouvir olha só que legal um dia eu falei assim pra ele olha que bonito né? Você não quer ouvir e fazer assim, não quero ouvir tire guarda e pronto. tem um menino que que faz isso toda hora ele tira o aparelho e ele está aqui desde ensino fundamental (agora está no EM), ele deu muito trabalho, um dia eu fiquei muito brava com ele porque ele surta né, além dele ser surdo ele tem outras questões familiares e tinha uns tapumes e o telhado estava cedendo, tenho os tapumes lá embaixo e esse menino foi lá e derrubou tudo e ele é pequenininho no chute e os alunos da	Comportamento dos alunos Surdos	Exemplificar como os surdos são tratados com condescendência na escola	Ela inicia dizendo que os alunos Surdos são muito requisitados para saírem da sala de aula e fazerem atividades extra sala e que isso prejudica seu aprendizado. Além disso o fato dele ser surdo facilita que seja mais agitado e tome atitudes mais intempestivas, porém não é punido como os outros alunos ouvintes, inclusive chegam atrasados para a aula com frequência, tanto a aula regular quanto a aula na sala de recursos e quanto levam bronca eles desligam seu aparelho de audição ou mesmo não olham para a gestora, o que os impede de entender em que está sendo cobrado.
--	--	--	---	--

	tarde entrando, e ele não respeitava a intérprete dele ele não respeitava ela falava com ele e ele nem ligava ele virava as costas ele brigava com ela sabe aonde eu peguei ele nesse dia que ele chutou, agora você vai arrumar do jeitinho que estava aqui e sozinho porque você é pequeno para desmanchar você também com o seu tamanho ninguém vai te ajudar não. Você se vira eu quero isso aqui... aí eu acho depois eu saí não sei se ele conseguiu arrumar sozinho você se vira que eu quero ver isso arrumado então eu tive muitos, muitos problemas com ele sabe de indisciplina que ele era o único rebelde o pai dele ficou aqui tempo conversando comigo falou que ele era assim em casa e ele é folgado, ele é um dos que eu falo que é folgado, ele chega atrasado na sala de recursos, ele entra hora que ele quer eu falei aqui não se você chegou atrasado pode ir embora você tem horário a cumprir ou então ele vem assim fora de hora não, agora é hora aula do outro você tem que respeitar, então não é porque ele tem uma diferença que ele pode usar isso pra ele se beneficiar então ele é dos que têm muito. Quando eu chego perto dele ele e falo ele afina porque nesse dia eu fiquei muito brava com ele, porque eu falei pra ele assim, eu vou chamar a polícia você está depredando a escola.			
--	--	--	--	--

	O que é isso, mas eu fiquei e ele fugia, outro menino também surdo fugia, entendeu então tem sim eles se sentem talvez tem que ter alguns cuidados, mas eu acho que a gente tem que tratar eles como os outros né, e ele sentem que eles podem, e a diretora ela acha que eles precisam de mimos e eu não dou mimos não, pra ele se eles não merecem tanto é que um dia um dos meninos surdos vem me abraçar e eu falei não, não quero seu abraço, só depois que você mudar o seu jeito de trabalhar e, parar de ficar falando besteira para as meninas lá embaixo. Essas meninas vieram reclamar eu não lembro o sinal que é uma besteira, pois elas vieram reclamar aí eu falei assim, não senhor você tem que respeitar todo mundo. Que negócio é esse de ficar andando por aí fazendo esse sinal e, acho que só pela minha expressão creio que ele também entendeu o que eu falei. Faça uma cara de brava que ele fica assim ele abaixa e fica quietinho, é porque ele sabe que ele tá errado né?			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da Professora 5 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas
--------------	--------------	-----------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom com relação aos alunos surdos agora. Quais as interações que existem entre os professores os funcionários e os alunos surdos aqui na escola?	Eu acho que houve uma... Apesar do coral que eu tenho as minhas... algumas restrições sobre ele não sobre o coral em si mas sobre como ele é utilizado eu não gosto eu acho que não é utilizado de uma forma harmoniosa vamos dizer assim, mas é usado de uma maneira para algo, para a ascensão de algumas pessoas e eu não gosto disso né, mas eu percebo que houve melhoras, até eu mesma, eu não me relacionava muito bem e eu tinha aluno surdos e eu não sabia o que o quê que eu ia fazer. Ninguém me falou como que eu vou trabalhar quando eu dava aula. Só que eles sempre me entenderam e eu sempre cobrei muito deles iguais porque eu acho que que eles tinham que eu acho e ainda tenho essa fala que eles tem que se esforçar mais, porque a língua portuguesa é o segundo idioma deles só que como eu vou cobrar se eu não sei Libras, então aí a responsabilidade também é diferente né mas eu acredito que existe uma grande harmonia nesta questão, existe um grande respeito os alunos ajudam uns aos outros colaboram eles querem aprender libras, os alunos oralistas querem aprender libras, aí as vezes eu estava brigando com um aluno falando, e ele falou assim para de falar brava com ele, ele não ouve, ele não ouve, mas ele me entende e ele entendia mesmo, porque ele se colocava no lugar dele, ele sabia que eu estava brava então eles têm um respeito muito grande comigo, os surdos mesmo porque às vezes em alguns momentos, eu sou dura com eles, porque eu acho que eles têm atitudes que não é bacana sabe de vez em quando eu falo que eles são muito folgados (risos). São muito folgados Para de ser	Boa relação com os Surdos na escola	Mostrar que embora existam contratempos, a relação com os alunos Surdos na escola é positiva	Começa falando do coral de Libras e que este tem sido utilizado com um destaque exagerado por alguns membros da gestão, sendo assim um elemento de promoção pessoal e institucional. A gestora também comenta que embora não tenha sido treinada para lidar com os alunos Surdos, a relação é positiva, pois ela se esforça para trata-los como iguais, inclusive nas punições.

	folgado, então eu acho que é bacana.			
--	--------------------------------------	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da Professora 5 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom, Professora e você poderia comentar alguma ação que a escola realiza para que os alunos, ou mesmo os funcionários, ou os professores aprendam a língua de sinais?	A eles fazem um curso né de Libras que foi muito mal administrado. É que na verdade foi um projeto do professor da sala de recursos. Eu acho que é isso com os alunos é o coral né?	Curso oferecido na escola	Mostra que existe alguma ação da escola para que se aprenda Libras	Ela comenta sobre o curso de Libras oferecido aos professores por um aluno do ensino médio, mas que foi mal administrado, pois somente os professores do ensino médio tiveram acesso a ele. E para os alunos ela cita o coral como um momento de aprendizado da língua de sinais.
Mas teve alguma reivindicação dos alunos para aprender libras?	Não que eu saiba não. Eles vêm procurar porque eles gostam e, quando eles têm o colega que é surdo daí eles sentem vontade de se comunicar com ele, então eles, uns querem, então eles vão aprendendo com ele mesmo e a intérprete vai ajudando, eu acho que é daí que nasce a vontade de é daí que misturou os oralistas com os surdos no coral por essa vontade deles.	Vontade de aprender dos alunos ouvintes	Mostrar que existe um desejo de aprender Libras por parte dos alunos ouvintes	Ela diz que não houve uma reivindicação dos alunos para aprender Libras e tudo foi mais natural, pois os alunos ouvintes queriam se comunicar com os colegas Surdos e, por isso a vontade de ensinar do aluno Surdo e do intérprete, culminando na inserção de alunos ouvintes no coral de Libras.
Mas eles nunca vieram aqui até você pra conversar alguma coisa perguntar e dizer que queriam fazer um curso e se a escola não oferecia?	Não já vieram sim alguns alunos, mas aí teve um curso que era o próprio aluno que estava ensinando, porém ele não teve muita responsabilidade tanto é que eu fiquei brava com ele, porque ele começou a trabalhar e não deu a satisfação que tinha muitos alunos do sexto ano e sétimo ano que ficavam aqui na escola depois do período de aula para o curso e eles ficavam aí perdidos procurando. Então eu acho que faltou uma orientação e faltou uma pessoa com mais responsabilidade agora que tem um aluno com mais responsabilidade penso eu que ele teve até um certificado de Libras. Ele falou que vai implantar o curso no ano que vem que ele vai ensinar.	Falta de organização para continuidade do curso de Libras	Explicar porque o curso de Libras foi interrompido	Começa dizendo que os alunos já manifestaram interesse em aprender Libras e que o curso oferecido era frequentado por muitos alunos, inclusive alguns das primeiras séries do ensino fundamental, mas que não houve uma sistematização ou uma organização mais responsável para dar continuidade ao curso e que espera que ele possa ter continuidade no ano posterior.

Mas como surgiu esse curso? Foi o próprio aluno que quis dar o curso?	Não foi um projeto do professor da sala de recursos que passou para a coordenação a sugestão, porque ele não quis oferecer e ele mesmo não quis aparecer e colocou o nome da coordenação e aí surgiu? Foi ele que começou a história.	Projeto do curso	Explicar que o curso foi idealizado por professor	O curso de Libras foi idealizado pelo professor da sala de recursos, mas ele repassou a responsabilidade para a coordenação do ensino médio.
Ah tá, entendi, bom, agora gostaria que você falasse um pouquinho qual a importância da língua de sinais para comunicação dos alunos surdos com você?	A é muito importante porque muitas vezes eu quero conversar com ele, se eu não sei, as vezes eu tento alguns sinais, mas eu tenho muita dificuldade, pois meus dedos são duros né, (risos) aí eu só, eu sempre pego alguém para, pois eu tenho essa comodidade né, pra mim seria ótimo, eu preciso fazer alguma coisa voltada para isso né, mas eu me ocupo com outras coisas e, eu não fiz então, eu acho que é importante, porque afinal de contas eu tenho alunos tenho que trabalhar com eles e muitas vezes eu tenho que sair procurando alguém, porque eu tenho que me comunicar com eles e aí como é que faz já aconteceu né, já teve vezes que eu ia a lousa para escrever para ele o que eu queria...	A dificuldade em se aprender Libras	Explicar sua dificuldade em aprender Libras	Inicia dizendo que a Libras é muito importante e que as vezes ao tentar alguns sinais percebe que sua dificuldade está na gesticulação das mãos e também não encontra tempo para realizar o curso de Libras.

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da Professora 5 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você acredita que a comunicação auxilia na aprendizagem dentro da escola?	Eu acredito efetivamente que isso acontece.	-	-	-
Porque você acha isso?	Porque a comunicação é a base de tudo, de todos os relacionamentos, sem ela a troca de... a comunicação ela propicia o aprendizado, comunicação no âmbito geral da palavra.	Importância da comunicação	Explicar a importância da comunicação	A comunicação é a base dos relacionamentos e propicia o aprendizado
O que você entende por comunicação então? Pra você	Pra mim o que é comunicação é tudo o que agrega informação, informações e trocas de	O que é comunicação	Explicar a comunicação	Comunicação é um aglomerado de informações adquiridas na

o que é comunicação?	experiências, de vivências tudo pra mim isso é comunicação.			experiência e nas vivências
E se isso acontece dentro da escola a criança aprende mais como é que é?	Se isso acontece dentro da escola com certeza porque você vai poder motivar a criança ela vai por exemplo, vamos ver... O que aconteceu aqui na escola se a criança ela vai participar de alguma atividade das Olimpíadas de Matemática então houve uma comunicação, houve uma informação o professor direcionou foram colocados os informativos os folders na escola depois eles visualizaram os resultados quem passou então isso é um tipo de comunicação e que eles acompanham eles querem saber eles entram no site, além de ter um grande banco de questões dentro do site da... Dessa... OBMEP, que tem banco de dados de questões para o professor trabalhar não só em prol da Olimpíadas, mas para o conhecimento do aluno questões bem interessantes eles mandam pra nós também informativos algumas sugestões de atividades bem diversificadas e atualizadas. Então eu acho que isso, eu acho não... isso soma muito, muito mesmo.	Comunicação e aprendizagem tem relação	Exemplificar como a comunicação auxilia a aprendizagem	A comunicação motiva a criança e dá exemplo da OBMEP, que tem diversos tipos de divulgação da informação que estimulam os professores e alunos a estudarem matemática
E você acha que acontece bastante dentro da escola?	Eu acho que falta dentro da escola, falta porque eu não sei bem porquê, eu não sei o porquê que as pessoas acham que quando elas vão dividir algo parece que está tirando ou arrancando algo que era só dela, aí isso aqui ó é um texto que eu tenho lá desde 1960 que minha mãe me deu, mas será que não vai estragar então a pessoa tem alguns apegos, sabe que eu acho que é o fim Então como que vai né. Então eu acho que não acontece.	Falta comunicação na escola	Mostrar que falta troca de informações na escola	Começa dizendo que falta comunicação na escola porque as pessoas temem trocar informações.

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da Professora 5 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pesquisadora	Professora 5	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom, agora para ficar mais focado dentro do projeto Já que minha pós-graduação é sobre educação para a ciência. Você acha que a comunicação	Bom, claro que sim. Até eu sugeri mas não quiseram fazer porque ia dar muito trabalho, eu queria encerrar o ano com chave de ouro com algo que fosse... Nossa que legal que eu visse os pais, em	Comunicação e feira de Ciências	Mostrar que existe um esforço para estimular a divulgação científica	Inicia dizendo que quer estimular a realização de uma feira de Ciências, mas é difícil, pois exige a participação da escola toda, porém muitos não estão dispostos a

auxilia para aprender ciências?	que houvesse a comunidade né. Que seria a feira de ciências. Imagina o quanto que eles não teriam de informações né. Eu já fiz isso em outras escolas e foi um fechamento perfeito com chave de ouro, mas não aconteceu porque quando se fala de algo que vai envolver toda a escola fica complicado, porque como eu falei ela é segmentada, então ela é uma coisa que vai trabalhar só com ensino fundamental, aí eu tenho um bloqueio né. Que toda vez que eu rompo e que eu vou, eu enfrento vou em cima e fala não eu vou fazer é um desgaste muito grande pra mim e esse ano eu me desgastei demais, mas o ano que vem eu falei que vai ter feira de ciências ou uma feira cultural né, mas eu quero isso eu quero é diferente né. Eu vou fazer, ou com os alunos somente, se o corpo docente não estiver disposto, mas a gente sempre encontra alguns que põe a mão na massa, sempre encontra porque eles veem eu fazendo sozinha, ah não deixa eu ajudar sabe. Então é assim igual você entra no meio da mata você vai desbravando, quando você pensa que não tem, tem um monte de gente catando uma coisinha de lado e aí vai e tem que ser, tem que ter um cara pra a puxar fila, porque senão não cresce.			contribuir. Encerra dizendo que sempre tem que ter alguém que estimule e puxe a fila.
Bom agora o que você poderia me falar sobre ciências. Pra você como é a ciência? Quando eu falo ciência o que você imagina?	Alquimia uma mistura de coisas mudando transformações. Novas descobertas. Eu acho que seria transformação a palavra chave pra mim ciência e transformação.	Ciência é transformação	Associar Ciência como mudança	Fala que Ciência lhe lembra transformar algo.
E como você se relaciona com esses conhecimentos científicos?	Aí eu me relaciono bem eu adoro transformar (risos). Eu acho que a transformação é ela traz é... Eu costumo dizer que toda mudança né, que não deixa de ter uma transformação para haver as mudanças, ela sempre	Ciência traz conforto	Mostrar que seu relacionamento com a Ciência é positivo	Inicia falando que adora transformar e que as mudanças trazem algo novo e que essas resultam em conforto.

	está com foco em algo novo né, em algo novo em algo atual e isso vai sempre trazer um certo conforto para as pessoas e um conforto no sentido amplo mesmo da palavra.			
E você adquire esses conhecimentos por leituras como é que é esse acesso aos conhecimentos?	O acesso aos conhecimentos, bom eu vou atrás de cursos e de leituras e de conversar com pessoas que tem bastante amigos trabalhando em outros campos, aliás as pessoas perguntam porque que é que eu ainda estou aqui (risos), Porque que eu ainda estou aqui? Eu não sei eu acho que talvez eu fiquei acomodada em algumas circunstâncias e também por causa da família mas é... Não deve ser por acaso, se e eu tivesse em um outro ambiente né, eu não estaria talvez ajudando algumas pessoas que eu estou hoje, mas voltando ao conhecimento, eu acho que é isso eu vou conversando pesquisando, lendo revistas quando eu quero saber sobre algo que eu percebo que eu tenho dificuldade eu vou buscar, eu vou buscar pessoas que vou trocar ideias, vou conversar com pesquisadores que eu acho que é uma pessoa que está sempre muito focada na pesquisa e que eu acho que é algo que tem que ter nas escolas. Eu acho que tem que ter mesmo, que é como nós conversamos com a escola ela é o maior campo de pesquisa. É aqui que está todos os problemas e onde podemos buscar as soluções porque se não tiver problema não precisa buscar nada, não é?	A aquisição de conhecimentos se dá de forma variada	Explicar como adquire os conhecimentos	Realiza cursos e faz leituras diversas, além de conversar com pessoas que trabalham em campos diferenciados, inclusive da universidade.

Fonte: a autora

APÊNDICE J - Enquadramento dos enunciados da Professor 6, separados por assunto

Quadro 5.1 – Classificação das respostas do professor 6 a primeira questão sobre a interação social na instituição.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Eu gostaria que você dissesse como você vê essa interação social entre os alunos e os professores e entre os funcionários aqui na escola?	Então eu acho assim, que a interação aqui é bem mais difícil, pois eu acredito assim que, você fala no geral né? Ou só dos alunos que tem...	-	-	-
Isso no geral, e todo mundo com todos.	Eu acho bem complicado assim eu acho que não se faz muito para que isso venha ocorrer de uma forma mais tranquila entendeu, então por mais que se reconheça o problema. Eu acho que eu não vejo ações voltadas para esse, para amenizar esse tipo de relação que é importante dentro da escola.	Interação difícil na escola	Mostrar a dificuldade em interação na escola	A interação é bem complicada e não existem ações para melhorar a situação
Como seria uma relação tranquila?	Eu acho assim onde os professores e os alunos... Nem eles sabem quais são os papéis que são definidos dentro de um processo escolar ou acadêmico e que eles entendam dentro desse processo que existe uma... Como que se fala não é função mas tipo assim uma ação que tem que ser desempenhada tanto pelo professor quanto pelo aluno sabe eu acho assim que é muito equivocado essa... Os comportamentos assim que eu vejo tanto de um lado como de outro.	A necessidade de uma sistematização da unidade escolar	Explicar o motivo da necessidade de uma organização na unidade escolar	Inicia dizendo que os professores e alunos deveriam saber quais são seus papéis e a gestão deveria elaborar ações para que esses papéis fossem compreendidos
Entre aluno e professor você quer dizer?	Isso	-	-	-
E entre os professores dos seus colegas de trabalho?	Se tem uma interação?	-	-	-
É. Como é essa interação?	Essa interação é aqui eu acho que essa interação é só aqui. Assim na escola só a nível profissional.	Interação estritamente profissional	-	-
Mas existe essa troca de experiência, ou outras coisas do tipo?	Poderia existir mais poderia ter mais	-	-	-

Você acha que tem pouco?	Ah tem pouco tem muito pouco.	-	-	-
E com os funcionários que trabalham aqui na escola? Como você enxerga essa relação? Com aqueles que não são professores, por exemplo pessoal da secretaria?	Então também eu acho que a distância é até maior. Eu acho que a distância é bem maior. Se você não se esforçar para se aproximar não ocorre. Se tiver eu não percebo.	Pouca aproximação entre a equipe escolar	Mostrar que há pouca interação	Comenta que as interações são estritamente profissionais e que é mantido uma distância entre todos.

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas do professor 6 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professora 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então você acha que você tem um papel dentro disso tudo dentro dessa interação? Você gostaria de explicar alguma coisa sobre isso?	Sim eu tenho sim você fala assim da responsabilidade disso?	-	-	-
Assim que você cumpre algum papel. Se esse papel... Bom, qual é o seu papel dentro de isso?	Não, então assim, na interação e eu procuro ter o máximo de interação possível. Não tenho êxito na maioria das tentativas de interação, mas é porque eu acho as pessoas muito fechadas E como eu vim de fora a muito pouco tempo, entendeu não há... Eu não encontrei a escola aberta... Eu não encontrei... Pelo contrário assim, se eu te descrever o primeiro dia de aula aqui você vai desacorçoar.	Tentativas frustradas de interação	Mostrar que ele realiza tentativas de aproximação	A busca por uma maior interação que são não recíprocas da equipe escolar
Você quer contar um pouco	Não, não, eu não quero contar, foi muito traumático então não me receberam mesmo assim não acontece só comigo eu percebo, eu percebi com outros professores que eram novos que a sensação é a mesma, né... Que os professores daqui eles se fecham e não se abrem e não perguntou nem o nome e não falo e não te perguntou nada ao ponto até de vierem me perguntar o que eu fazia aqui, né, então pra você ver... Vai fazer três anos	Não há interação entre os pares	Exemplificar a inexistência de interação	Alguns profissionais são fechados e não interagem, tanto que até não sabiam qual era a função do professor 6 na escola

	que eu estou aqui. São professores que eu cruzo no corredor todos os dias. Que eu entro na sala deles.			
Então essa interação não existe? Não tem essa interação entre você e os professores e entre você e os alunos?	É muito complexo. É muito difícil. Teve até tem, mas é assim como eu disse, eu tenho que forçar essa relação. É uma interação produzida assim não é uma interação automática ou uma interação que seja espontânea, sabe?	A interação é forçada por necessidade profissional	-	-
O seu papel é bem maior do que só ficar nessa sala, não é?	Exatamente e eu acho assim que se fosse realmente o ambiente de inclusão não precisaria ser assim qualquer pessoa falaria com eles (Surdos), desde o diretor até a faxineira poderia falar com eles, usar a forma de comunicação que eles utilizam e assim não é uma, eu acho assim, bom é um tempo atrás as coisas eram muito mais inacessíveis e hoje não, hoje não se tem a desculpa de não saber de um texto sobre autismo por exemplo ou sobre surdez até, então hoje não tem essa questão é muito mais fácil você conseguir nem eu lembro que quando sair da faculdade os professores falavam assim mas como? Daí eu tinha que buscar em livros leituras para poder indicar hoje é muito mais fácil né, e ainda existe o mesmo problema e, aí a gente pergunta assim tipo é falta de recurso e de estudo ou isso é mais falta de intenção ou falta de vontade ou falta de interesse de certos profissionais para poder trabalhar então eu acho que precisa sim de mais incentivo pra tornar-se realmente...	A interação com os Surdos deveria ser maior	Expor a realidade do ambiente escolar que tem pouca disposição de interagir com os Surdos	O professor comenta que a interação com os Surdos deveria ser maior e que os demais componentes da equipe escolar deveriam se interessar em aprender a língua de sinais para poder se comunicar com os Surdos, pois existe uma facilidade grande de acesso aos recursos que possibilitam essa interação, portanto configura mais uma questão de falta de interesse do que realmente problemas de interação.
Você acha que está melhor hoje pela tua experiência?	Eu acho que aumentou a visibilidade. Na verdade só a visibilidade é que ficou melhor, só a visibilidade, mas eu não acho que tenha assim melhorado por tantas melhoras eu acho que poderia ter mais porque assim pelos recursos que a gente tem	A função na interação é confundida com altruísmo	Mostrar que apesar dos recursos disponíveis a educação de Surdos ainda é entendida como filantropia	Inicia dizendo que a visibilidade da educação de Surdos aumentou, mas que essa não foi suficiente para modificar as ações e condutas com relação a abordagem com os Surdos, pois muitos ainda entendem que o trabalho

	pelo trabalho que a gente faz tudo assim não só aqui, mas também em outras escolas e no nível geral, mas assim se tivesse em ações fora da sala de recursos entendeu que as ações não ficassem somente aqui na sala de recursos e, fossem mais além assim os outros espaços da escola a gente tá tentando fazer isso, mas só que é uma questão que não é assim tão fácil como a gente pensaria. A legislação é o que menos dá resultado, porque assim às vezes até professores que trabalham na área não tem conhecimento da legislação então fica meio complicado e outra coisa o que acontece não só aqui mas em vários outros lugares eu acho que aqui é bem menos até do que em outros lugares, mas o lado da filantropia eu acho assim que a gente não trabalha com deficiência porque nós temos uma alma muito boa né, então assim tipo assim eu vou pro céu nem se depender disso eu vou, mas como que eu vou saber ,então né eu faço o meu trabalho não estou aqui fazendo caridade. Não é um trabalho voluntário. Então a gente tem que deixar isso bem claro a gente vê outros profissionais aí confundindo a nossa situação, a nossa função de profissional para Madre Teresa de Calcutá então. Não funciona assim né. É bem por aí, mas eu acho assim que existe a intenção de se tornar um ambiente de inclusão bem isso existe, mas uma efetivação eu não acredito que tenha não, eu acredito que possa vir a ter. eu acredito mesmo assim, mas aqui nesse contexto eu não vejo isso.			que se realiza com Surdos trata-se de humanitarismo
--	--	--	--	---

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas do professor 6 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

	Resposta	Enquadramento das respostas
--	----------	-----------------------------

Pergunta da pesquisadora	Professor 6	Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Entendi então você acaba sendo forçado a fazer isso... Por causa do seu aluno?	Isso acabo sendo forçado... E acaba ficando chato, entendeu? Então eu fico aqui só na sala de recursos.	Atuação coagida para agir em prol do aluno Surdo	-	-
E você vai sempre pedir alguma coisa para o aluno?	Eu vou lá pra falar ou então aí é que você acaba pedindo um mínimo você acaba querendo o mínimo.	Cumprimento das atribuições	-	Solicitação obrigatória do cumprimento das atribuições para atendimento dos alunos Surdos
Eles vem então até você?	Não eles não vêm. Só se precisa assim de alguma coisa para o curso deles assim, de um estágio para curso aí ele vem. Ah eu posso fazer estágio aí com você. Daí eles perguntam como funciona a sala de recursos. Aí quando eu explico eles dizem então não é aqui (risos). É bem por aí então você vê que aquela coisa, que eles nem sabem como funciona a sala, não sabe para que eu estou aqui, para matar o tempo, acho que eles pensam. É bem complicado assim, eu acho assim que das escolas que eu já trabalhei essa aqui é a mais difícil. Tem um mínimo de interação. E eu trabalhei em outras escolas em escolas em situações muito mais precárias assim do que essa, onde eu não era tão difícil.	Não sabem para quê serve a sala de recursos	Explicar o comportamento dos outros professores com relação a sala de recursos	Inicia dizendo que os professores só o procuram se necessitam de algo relacionado a algum curso de especialização que estejam realizando e quando chegam perguntam o que é feito ali, mostrando que pouco sabem sobre a função da sala de recursos na escola.
E nem essa situação da escola ser no centro da cidade...	Sim é confortável centro, mas só que assim os alunos você vê eles não são daqui do centro, eles são se eles são de fora, então parece que não existe uma, uma consciência de que escola faz parte da comunidade deles essa impressão que eu tenho, sabe que ele vende uniforme, mas que eles não têm obrigação de cuidar da escola, porque a escola é longe da casa deles, né, então acaba não tendo clientela né. Não tem identificação	Alunos não se identificam com a escola	Explicar a função da escola	Começa dizendo que por ter uma localização central e a maioria dos alunos serem de outras comunidades, há uma disparidade entre os alunos que não se identificam com a escola.

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas do professor 6 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então quando você lida com os alunos? Por exemplo o que aprendeu em biologia? Então no caso dos alunos que estão aprendendo biologia? E os conceitos na Biologia que são abstratos também precisam de uma certa... e não tem como você falar assim ele tem esse formato aqui, por exemplo no conceito de comunidade em ecologia né, ou por exemplo ecossistema, bioma. Como você acha que poderia lidar com a aprendizagem desses conceitos?	É como eu digo, pra você é passar o conhecimento, pra você passar por exemplo você vai começar uma aula né, geralmente professor começa levantando os conhecimentos prévios dos alunos né, então os alunos ouvintes e eles vão ter conhecimentos prévios e o mínimo de informações via auditiva. E os surdos eles precisam de pré-requisitos que geralmente eles não têm, então se você conversar com um interlocutor por exemplo ele vai te falar um pouco mais claro do que eu estou te dizendo porque assim de repente ele vai falar da segunda guerra mundial, mas eles não vão entender porque segunda e aí Mundial porque todo o mundo, o mundo inteiro participou. Eles generalizam isso entendeu? E aí você precisa ir lá atrás e aí você busca construir pré-requisitos e buscar informações que favoreçam entendimento daquilo que o professor está falando naquela hora entendeu? Então assim, eu acho que dá pra você ter, sabe ele sabe, deles adquirirem esses conceitos de comunidade, global, de ciência e tudo mais, mas só que você vai ter que assim buscar os conhecimentos que eles precisam ter pra chegar naquele conceito que você quer.	A atuação dos intérpretes na construção de pré-requisitos	Explicar como a intérprete interage com o aluno Surdo para que ele consiga compreender os conceitos	Inicia contando que todos precisamos de pré-conceitos para poder compreender um conceito e que os ouvintes adquirem essas informações por via auditiva, porém no caso dos Surdos quem vai oferecer esses conhecimentos prévios é o intérprete.

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas do professor 6 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional

E quando você fala... Eu queria que você falasse um pouquinho até por conta da sua posição com professor da sala de recursos essa relação que existe entre os professores e funcionários com os alunos surdos? Como você vê isso? Entre os professores e funcionários e os alunos surdos?	Então eu acho assim que do tempo que já tem aqui, que os alunos já frequentam aqui, existe uma aceitação entendeu? Mas eu acredito, que é mais uma interação do que uma inclusão, né? Porque primeiro colocaram os alunos, então são os alunos que têm que se adaptar ao meio isso é bem complicado pra gente trabalhar. A gente trabalha com interação não trabalha com inclusão, eu acredito assim eu vejo dessa forma. Eu vejo que inclusão é você preparar o ambiente é você tornar o ambiente mais acessível, possível para o surdo ou cego ou pro cadeirante e tudo mais as outras deficiências, então não, a pessoa chega e ter que se adaptar ao ambiente é muito mais complicado, então eu acredito que essa realidade que a nossa realidade é essa, né. O aluno ele não tem um espaço para ele que assim efetivamente. Ele tem períodos de situações sabe quando o coral de surdos vai cantar aí tem aquele período que aparece o surdo, que ele destaca. Aí no dia dos surdos vai e acontece coloca cartaz do dia do surdo, e eu acho isso um problema.	A inclusão do Surdo ainda não existe	Explicar porque entende que ainda se está na integração e não na inclusão	Inicia dizendo que existe uma aceitação dos alunos Surdos na escola e que o que ocorre na escola é mais uma integração do que inclusão, pois o indivíduo que teve que se adaptar ao meio e não este a ele. O aluno Surdo não tem espaço efetivo para interação, somente nos dias festivos em que há apresentação do coral de Libras e no Dia do Surdo.
E no cotidiano? Tudo bem que eu acho que a gente nem espera um destaque, mas... Como é o cotidiano? Como é essa relação dos professores com surdos?	É boa até. É boa eu acredito que é boa mas assim, o aluno ele tem que se esforçar bem mais do que ele é para alcançar o mínimo do conhecimento da sala e atingir um nível satisfatório de entendimento das coisas que poderia ser facilitado por algumas ações principalmente pelo professor, porque existem algumas ações que são possíveis de serem feitas, mas só que não se está aberto pra isso.	O esforço do aluno Surdo tem que ser maior	Explicar a relação do Surdo com os professores	Embora a interação com os professores seja aceitável, o aluno Surdo precisa se esforçar mais para alcançar um nível satisfatório de aprendizado, o que poderia ser facilitado por atividades realizadas pelo professor
E entre os alunos? E daí os alunos ouvintes e os alunos surdos? Como é isso?	Aí é tranquilo, aí pra mim eu acho eu vejo com tranquilidade sabe, assim eles se dão bem. Nossa	Boa relação entre os alunos	-	-

	se dão muito bem até mais do que deveriam.	ouvintes e Surdos		
Você se surpreendeu com isso?	Sim, eu assim. Pensando bem não, não me surpreendi não assim eu acho que é até esperado né? Mas assim eu me surpreendi com algumas pessoas, com alguns novinhos que são aqueles que dão mais trabalho sabe e principalmente nessa parte da manhã que não deste ano, mas no ano passado eu percebia que aqueles alunos que davam mais trabalho era um aqueles alunos que se se aproximavam mais dos surdos e das pessoas que precisam sabe dos cadeirantes para ajudar ou para ser amigo mesmo entendeu? E aí a gente sempre tinha que conversar, porque tinha um aluno que eu conversava muito com ele sobre o relacionamento que ele tinha de amizade né. Outra pessoa que dava muito problema e a gente tava com medo de influência, mas é assim não chegou a ter problemas maiores não, mas assim eu achei bem eu me surpreendi, eu me surpreendi com isso sabe aqueles alunos que eram mais estigmatizados ele se aproximavam mais dos surdos. Agora não agora eu já vejo com mais tranquilidade assim que eu acho que a aproximação é algo assim bem natural bem tranquilo.	As amizades entre alunos Surdos e ouvintes	Explicar como vê as relações entre Surdos e ouvintes	Inicia dizendo que ficou dividido diante da surpresa de perceber que os alunos ouvintes mais agitados e que recebiam maior atenção por serem indisciplinados eram os que mais se relacionavam com os Surdos, mas que isso não gerou grandes problemas.
Porque também muitas vezes os alunos surdos estão com o colega a muito tempo?	Isso é ou eles acompanham mais eles na sala também	-	-	-
Está ótimo então você poderia comentar alguma das ações que a escola desenvolve para que os alunos aprendam a língua de sinais?	Eu não tenho conhecimento de nenhuma na verdade já teve iniciativa de oferecer aos alunos um curso de libras ministrado por outro aluno surdo, só que não foi levado adiante esse tipo de ação, mas só isso	Sem ações para incentivo da Libras	Mostrar que não há ações	Não conhece ações que promovam a aprendizagem da língua de sinais, exceto por uma, curso ministrado por aluno Surdo, que não foi levado adiante.

	que eu tive notícia até então.			
--	--------------------------------	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta do professor 6 com relação a importância da Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E você acha que é importante essa língua? Que importância você daria para comunicação dos surdos com você?	Porque assim, ó a língua de sinais não são todos os surdos que utilizam né. Depende do surdo e se ele ver a necessidade de ou a gente percebe que ele tenha necessidade de o que ele não tem adaptação ao aparelho ou, não tem adaptação ao treinamento com fonoaudiólogo, não teve acompanhamento adequado, então é acaba fazendo o uso da Libras, como forma de comunicação que é uma comunicação eficaz, é uma comunicação que surge um efeito muito positivo dentro da aprendizagem. Daí isso já é bem claro pra gente. Então assim, quando o aluno precisa da língua de sinais e ele não tem domínio é muito mais complicado pra gente entendeu. Ele não tem domínio assim eu não estou falando domínio total, mas assim ele não se comunica mesmo ele não tem iniciativa aí a gente precisa partir disso daí pra ele chegar ao nível considerado satisfatório né. Eu já tenho alunos eu tenho alunos que estão em aquisição de libras. Eles estão em aquisição ainda porque no começo ele não sabem se comunicar ou às vezes eles chegam com alguns sinais que são indicativos, que são sinais domésticos que eles mesmos inventam né, ou eles apontam, ou senão aí no caso começam, daí no começo eles começam a soletrar primeiro a gente começa com alfabeto e ele começa a soletrar só que eles soletram um só pra gente ou eles se comunicam em sinais só pra gente. Aí uma coisa positiva daqui da escola é assim que tem muitos (Surdo), tem bastante surdo na mesma escola então isso é positivo, porque assim, o surdo ele aprende muito mais a língua com a interação né? Quando você vai falar uma língua você precisa falar né? E	A Libras proporciona entendimento do mundo	Explicar porque alguns alunos Surdos precisam da Libras para dar significado as palavras	Inicia dizendo que os deficientes auditivos nem sempre necessitam de Libras, pois podem ter uma boa adaptação com o aparelho auditivo e com o treinamento fonoaudiológico e não precisarem aprender a língua de sinais. No entanto, para aqueles que são Surdos, a Libras é uma ferramenta de comunicação bastante eficiente, mas muitas vezes é preciso ensinar o alunos Surdos, pois esses não tem domínio dessa língua e, muitas vezes, utilizam sinais caseiros para se comunicar, neste ponto, o fato de se ter muitos Surdos na escola auxilia, pois a língua precisa de interação para ser apreendida e incorporada ao cotidiano do aluno.

	aí a Libras é a mesma coisa então o fato de ter uma escola ou um lugar em que eles se reúnam é importante isso. Daí eu vejo como um sendo um aspecto positivo aí o que acontece quando eles começam a interagir com outros surdos. Daí eles passam dessa fase que é a vergonha e acabam usando a Libras e vendo o que é uma coisa que eles vão entendendo cada vez mais o mundo e cada vez mais as coisas que estão ao redor E que as pessoas que sabem Libras vão entendendo eles cada vez mais, aí eles vão usando, aí deslancha assim, mas é... E aí dali porque assim a gente partir do conhecimento da língua portuguesa a gente parte da língua né? Ele precisa estabelecer um significado e a Libras, ela traz isso esse significado das coisas e a gente busca é o significado é numa base e a base é a linguística, então ele tendo a Libras é muito mais fácil que ele compreenda a língua portuguesa.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas do professor 6 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E você acha então que essa comunicação é importante para a aprendizagem?	Sim, realmente. Porque assim ali na comunicação, ele vai estruturar o pensamento também né. Ele vai estudar o pensamento ele vai, ele vai ter conceito de abstração das coisas, ele vai ter o entendimento maior do mundo, porque geralmente o surdo ele tem um conhecimento daquilo que ele, ele vive né, então quando a gente começa a falar ou começa a apresentar algum assunto sobre por exemplo a vida das baleias e que as baleias são animais de 30 metros. Eles ficam assustados porque tá é algo diferente entendeu? É assim a gente costuma dizer que o surdo ele aprende pela percepção visual então tem muita coisa que é de conhecimento de todo o	A Libras como instrumento efetivo de comunicação	Explicar como a Libras auxilia na comunicação	Inicia dizendo que na comunicação o aluno estrutura o pensamento e consegue abstrair conceitos, conseguindo um maior entendimento do mundo e, como o Surdo tem maior percepção visual, pois a via auditiva está prejudicada, faz-se necessário uma maior utilização da Libras para explicar os conceitos abstratos, pois como o estímulo é mais visual, sua resposta fica restrita ao uso da língua de sinais e ao que pode visualizar.

	mundo que a gente tem via auditiva e que o surdo não tem, nem igual a gente tem o feedback auditivo, mas é importante que ele amplie cada vez mais esse conhecimento entendeu? E a Libras ela facilita isso, facilita os conceitos, a significação e aquisição de conceitos para os outros participarem.			
De todos os conteúdos?	Eu acredito que sim, lógico que tem um conhecimento que é mais difícil que o outro, mas...	-	-	-
E se a gente falar de Ciências assim por exemplo?	É Ciências eu acho fácil pelo menos, eu acho fácil eu acho mais complicado você explicar os conhecimentos de filosofia, por exemplo, porque a filosofia ela é muito subjetiva né? Então, em algumas situações, em alguns termos então, assim pra você explicar eu vejo assim, que algumas histórias, por exemplo, história geral, assim também, eles ficam meio surpresos em relação ao massacre dos judeus, por exemplo, eles ficam indignados, porque não faz parte da índole do conceito de pessoas que ele tem ou, que eles conhecem, então uma pessoa que foi tão mal quanto Hitler, por exemplo, então assim algumas coisas que você vai falando eles assustam eles perguntam: Porque? Pra quê? E fica naquilo né? Depois eles vão entendendo, porque é assim né, todo o processo, mas é bem interessante assim, quando você percebe que desde pequeno a gente tem um bombardeio de assuntos e de informações auditivas e, eles não têm isso então tem coisas que a gente vai passar pra eles que a gente acha que é óbvio, mas não é a gente tem que explicar conceitos de sexualidade, por exemplo, conceitos e interação social e de relacionamentos e de formação de social e	Conceitos sociais são mais difíceis para os Surdos	Explicar porque acredita que os conceitos históricos são mais difíceis dos Surdos assimilarem	Começa dizendo que explicar Ciências para Surdos é mais fácil que explicar filosofia ou história, pois alguns conceitos sociais e históricos como o Holocausto de judeus são mais difíceis para os Surdos entenderem por eles não terem contato com essa situação.

	cultural também, sabe é bem importante a gente passar isso pra eles porque eles não tem isso.			
Você acha então que a ciência é um pouco mais fácil porque ela não tem tanta abstração ela tem um pouco mais de concreto, então quando sai para abstração que é um pouco mais complicado.	Isso, não que eles não têm a capacidade eles têm plena capacidade de abstração viu, mas assim eu acho que pelos modelos, porque para a abstração tem que ter um conceito pré-definido para eu poder estabelecer outro né, então assim, é um pouco mais pontual, essa coisa então não é impossível não, eles fazem. Antigamente se falava assim, não eles não conseguem entender questões abstratas é mentira, eles conseguem, hoje está mais claro isso.	Surdos tem plena capacidade de abstrair	Mostrar a dificuldade de abstração dos Surdos	Os Surdos tem habilidade completa para a abstração, eles necessitam apenas que se estabeleça pré-requisitos para sua aprendizagem

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas do professor 6 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 6	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Se eu perguntar pra você como você vê a ciência? Como é a ciência pra você?	Ah tá você fala do conceito de ciência?	-	-	-
Não, eu não falo do conceito de ciência. O que eu quero entender é o que significa a ciência para você? Quando eu falo ciência o que você entende?	eu?	-	-	-
É o que você pensa? Do que você lembra?	Ah tá bom é o seguinte. Ciência a ciência. É que antes você tinha falado ciências eu pensei a matéria ciências, mas ciência pra mim é conhecimento.	Ciência é conhecimento	Explicar o que é Ciência	Separa o conceito de Ciência da disciplina Ciências e resume Ciência como sinônimo de conhecimento
Mas é um conhecimento diferente como é o conhecimento científico? Ele tem alguma especificidade ou não tem? O que você acha?	Então quando fala assim ciência eu vejo no sentido muito mais global e a ciência sendo assim o conhecimento mesmo. o conhecimento das coisas assim. No sentido muito mais complicado eu acho. Na minha opinião assim.	Ciência é conhecimento complicado	-	-

Fonte: a autora

APÊNDICE K - Enquadramento dos enunciados da Professor 7, separados por assunto

Quadro 5.1 – Classificação das respostas do professor 7 a primeira questão sobre a interação social na instituição.

	Resposta	Enquadramento das respostas
--	----------	-----------------------------

Pergunta da pesquisadora	Professor 7	Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como você vê a interação social entre alunos professores e funcionários aqui dentro da escola?	Com relação a professores e alunos, eu percebo que a interação é tranquila, nós temos uma boa interação na questão de respeito de um modo geral, embora tem algumas exceções, mas de modo geral eu percebo que entre professor aluno há respeito, há uma boa relação. Agora em relação à equipe escolar eu não fico contente com a relação aqui entre os funcionários e os professores da gestão, porque assim como é uma escola grande, eu percebo assim que não tem ou melhor as pessoas não se conhecem e não assim, uma informação aqui é muito complicado né. Você tem problemas de comunicação nessa escola, problemas sérios de comunicação então a gente não fica sabendo de eventos, a gente não fica sabendo, por exemplo, o teatro a gente fica sabendo assim, as vezes em cima da hora, não há uma organização ou um calendário previamente elaborado pra falar, olha nós vamos ter atividade então, convida os alunos da sala de recursos que não são dessa escola, então nós não temos esse tipo de coisa, tá a gente não tem uma organização em relação à carga horária, aos horários de atividades, se vai ter atividade, ou não convocação olha às vezes a gente tem uma convocação, que vem da diretoria que a gente tem, o que a gente sabe só em cima da hora as vezes nem soube, e perde a convocação então assim tem muito problema de comunicação devido a escola ser grande, a gente faz um monte de coisa e muitas vezes a	Interação entre os profissionais da escola é deficitária	Explicar porque a interação entre os profissionais da escola não ocorre de uma forma confiável	Inicia contando que há uma boa relação entre professores e alunos, principalmente quanto ao respeito. No entanto a relação entre a equipe escolar é desorganizada, pois pelo tamanho da escola seria necessário uma maior sistematização e coordenação das funções e responsabilidades de cada um, pois muitas vezes os compromissos oficiais deixam de ser atendidos a contento por falta de um gerenciamento logístico eficiente

	gente não faz nada. Quer dizer, um monte de gente faz um monte de coisa, mas acaba não fazendo o que era pra fazer e não faz o que foi lhe colocado como encargo ou como função então, não faz, então fica complicado, então é muito difícil, porque às vezes eu percebo assim que acaba ninguém conseguindo fazer seu trabalho direito, por isso então a interação não é legal eu fico assim muito mal, pois eu já briguei duas vezes na secretaria essa semana, ontem eu já falei alto. Você estava ontem, e hoje fui falar alto na secretaria não tinha como eu não falar alto daquele jeito eu não fiz nada, porque eu liguei aqui na escola pra perguntar se eles precisavam de auxílio pra fazer a folha pra mandar pra diretoria. Não era nem minha função fazer isso primeiro a folha era pra o coordenador pedagógico ou a própria secretaria ou a própria direção elaborar uma folha com todos os alunos especiais da escola. Isso foi solicitado por ofício essa folha tinha que estar pronta dia 4, embora nossos relatórios estivessem marcados para o dia 4 o meu ainda não estava e da outra Professora também não estava embora os relatórios tivessem prontos, mas ainda precisava ser elaborado um texto corrido coeso para mandar para o promotor ou qualquer texto não pode ser qualquer texto tem que ser um texto que traga noções gerais, não só informações do bimestre que a gente só tinha do bimestre, então a gente tinha que elaborar um texto coletivo embora a gente já tivesse os relatórios mais ou menos encaminhados a gente não tinha aquela folha			
--	---	--	--	--

	pronta. O que que eu fiz eu poderia muito bem ter ido na convocação, porque eu estava convocado e ter ido embora depois da convocação, porque estava convocado, portanto não teria que vir trabalhar poderia ter ido embora pra casa depois de ter terminado a convocação, então a convocação acabou cedo assim um pouco antes do horário que se esperava terminasse e eu ainda fiz uma coisa, que eu não devia ter feito o que é ligado aqui na escola pra perguntar, eu queria saber sobre a folha de ofício se já está pronta se não estiver, estou indo aí na escola para ajudar, eu preciso ir pra ajudar a fazer essa folha e colocar as informações dos alunos? Porque eu sei que é porque é difícil pra quem não é da educação especial, fica aparecendo um monte de informações e não sabia lembra, então falei eu vou ajudar né. A moça que atendeu que foi incumbido de fazer e que não era nem a função dela também, pois ela foi incumbida de fazer que nem é secretária, é agente escolar e está na secretaria, olha só ela falou assim, não tá tudo bem, tá tudo ok está tudo certo, já está no malote pra levar pra diretoria. Fiquei tranquilo e daí eu fui pra casa, chego aqui na escola, o que acontece no outro dia? Eu chego na escola no meio da tarde a hora que eu tô indo embora. Tava levando outro documento pra mandar os relatórios lá na secretaria, já quando eu chego na secretaria e os meus relatórios estão fora da ordem, está faltando relatório dentro da minha pasta, pois os relatórios que estavam aqui em ordem, eu fiz uma folha pra você ver eu fiz uma			
--	---	--	--	--

	folha com os nomes dos alunos e com o ra e com a data de nascimento dos alunos que estivesse em ordem alfabética e eu cheguei lá faltavam três relatórios na minha pasta. Cadê meus relatórios eu pensei aí, eu fui procurar estava misturado com outro professor e os dos professores estavam em um pacote e os meus estavam em outro pacote, porque que misturaram, porque que pegaram. E aí está escrito assim está faltando o plano individual do aluno está faltando o relatório do outro professor na verdade era porque a do outro professor estava abaixo, da folha do plano e o meu plano estava abaixo do meu relatório, ou seja, só aconteceu da ordem não estar igual por que o outro professor entregou primeiro então a ordem não estava legal, mas estavam todos os documentos lá, então estão falando que tá faltando documento e nem chegaram a se dar o trabalho de fazer uma procura com as folhas abrir a folha e olhar se está faltando mesmo aí você fica irritado né? Porque primeiro vem e fala que está faltando você desce lá pra ver o que tá faltando com certeza, porque não tá faltando nada porque eu fiz um negócio e aí você fica irritado, porque já tinha sido o melhor você pensava que já tinha sido enviado. Está na secretaria ainda para enviar eles nem sabem se estava pronto você tá entendendo ficam dizendo que não estava pronto, então é muito difícil é muito complicado ,mas é verdade tava ali ninguém tinha culpa de nada a questão é que você fica, não tem como você ficar isento da situação você fica lá na situação você fica bravo,			
--	---	--	--	--

	porque você tá vendo que o negócio tá aí e de uma certa forma acaba se refletindo no seu trabalho, porque não é só escola que leva quem tá trabalhando na escola, os profissionais.			
E você acha porque que tudo isso acontece? Só porque a escola é grande?	Não é só porque é grande, eu vejo que as pessoas não fazem o papel delas, não que eu cumpra o meu papel assim plenamente, porque eu também não faço e pode perguntar pra qualquer pessoa ninguém faz o papel plenamente dentro da escola, dentro desse sistema educacional, porque não dá não dá pra fazer tudo o que se espera que a gente faça. Até porque não tem condições de trabalho para talvez se tivesse condições de trabalho, aí não precisava nem falar a questão do salário que isso é outra coisa, se eu tivesse condições de trabalho aí sim, mas a gente não tem condições de trabalho adequadas pra isso, então se tivesse a gente ia conseguir fazer muita coisa agora em relação qual foi a pergunta agora que você fez?	As condições de trabalho não são favoráveis	Expor as condições precárias de trabalho na escola	A desorganização não ocorre somente porque a escola é grande, mas também porque as condições de trabalho são insatisfatórias.
Porque tudo isso acontece?	Ah tá porque acontece. Eu percebo que as pessoas não fazem o papel delas e não há diálogo entre elas, essas pessoas não há sabem assim não tem distribuição por funções. Não se exige, por que então se você distribuiu então cobre de quem foi dada a função, a função	As funções dos profissionais não são muito bem distribuídas	Explicar porque os profissionais não cumprem seu papel	Inicia dizendo que as pessoas não cumprem suas funções e que há pouco ou nenhum diálogo entre os pares. A gestão não parece exigir a efetivação das atividades atribuídas e os profissionais acabam realizando encargos que não os competem.

	que é dele não a função que não é dele, professor não tem a função por exemplo de chegar aqui e mexer em nada e professor não tem essa função e o professor de sala de recurso não tem que ficar mexendo em nada de professor então não tem que ficar preenchendo diário ele pode até auxiliar em alguma coisa, mas é um auxiliar no atendimento ao aluno. Entregar relatório, acompanhar o aluno com o professor e, ficar lá junto, ajudar o professor a fazer o plano individual, mas isso a gente não faz, então a gente não faz isso e, faz coisa que são secundárias, então o problema é o desvio de função, o problema de comunicação e esse problema de interação mesmo de não entender o papel do outro e, de desrespeitar o papel do outro é um conjunto de coisas não é uma coisa só.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas do professor 7 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E qual é o seu papel dentro dessa interação social? Qual é o seu papel o que você pode dizer com relação a isso?	Embora tenha legislação e tudo mais eu entendo meu papel como de mediação. A mediação da educação especial nessa escola, a educação especial é a modalidade de ensino, então ela está presente na escola, mas ela não é um serviço à parte, ela vem para apoiar e trabalhar com essa escola inclusiva, mas ela só vai ser inclusiva se ela tiver a educação especial atuante não é isso aqui. A educação especial, que está brincando de educação especial, é atuante e aí ela vai servir, que é esse o papel de mediação entre o canal dos profissionais que são	A mediação entre professores e alunos Surdos	Expor a função real do professor de sala de recursos	Inicia dizendo que embora a legislação indique outras funções, a principal atribuição do professor da sala de recursos é a mediação entre os profissionais da escola, os alunos Surdos, os alunos ouvintes e os pais dos alunos buscando uma escola mais inclusiva.

	suporte pedagógico para os professores que está tudo diretamente nos bons alunos e com os professores de outras escolas, caso não for da escola e com os pais e os alunos, essa mediação entre os três, pais, suporte pedagógico e professores/profissionais trabalhando junto pela educação especial.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas do professor 7 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você está a dois anos na escola. Você viu alguma mudança do ano passado pra esse?	Eu não percebo uma mudança em relação a minha postura eu estou observando que eu tô sentindo a escola e tô buscando alguns caminhos para melhorar eu percebo de mim mesmo. Agora em relação a escola e eu percebo que cada vez eu vejo mais problemas aqui na escola. É porque antes eu via menos problemas e quanto mais tempo você fica você começa a ver mais problemas e não é porque você está colocando ou procurando problema é porque você vê que tá óbvio, tá assim na cara, mas o que tem que tentar buscar melhorias né, porque eu tenho um monte de coisas para ser melhoradas em mim, então eu primeiro penso em mim então é difícil assim você cobrar das pessoas ou da instituição uma coisa que você também não consegue fazer ou faz mais ou menos né.	As mudanças são sempre necessárias	Expor a necessidade de se buscar sempre melhorias	Inicia dizendo que faz-se necessário melhorias em sua própria postura como profissional e que sempre busca caminhos para melhorar, por isso sua visão da escola se modifica constantemente e hoje enxerga problemas que antes não via na escola, mas a necessidade de aperfeiçoamento é contínua.

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas do professor 7 as questões sobre os alunos surdos e a intérprete de Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
A relação dos professores com os alunos surdos	Então eu observo que já se está mais familiarizado essa interação, por que	O limitado diálogo entre os	Expor a restrição de comunicação existente com	Inicia dizendo que a escola já está mais familiarizada com os Surdos, inclusive

é interessante por conta dessa grande quantidade de alunos surdos?	tem mais surdos que é boa. Aí muitos funcionários não sabem se comunicar com surdos, inclusive nossa coordenação pedagógica não conversa com os alunos surdos em língua de sinais, a nossa direção tanto a vice quanta a própria diretora, também não conversam em língua de sinais, ou seja, todos os profissionais que atuam indiretamente que não seja um professor da sala de recursos ou interlocutores ou intérpretes eles não sabem os sinais somente os intérpretes ou os professores da sala de recurso, os professores especialistas, que vão ter conhecimento da língua de sinais	profissionais da escola e os alunos Surdos	os alunos Surdos na escola	pelo número significativo de alunos Surdos na escola. No entanto, poucos são os profissionais que se comunicam ou interagem com eles (Surdos), pois não sabem Libras, portanto a conversação fica restrita aos intérpretes e aos professores especialistas da sala de recursos.
--	--	--	----------------------------	---

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas do professor 7 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Que relações que existem aí mais especificamente entre professores e funcionários e os alunos surdos. Como você vê essa relação?	Aqui nessa escola eu percebo mesmo que de forma tímida os alunos aqui tem uma certa liberdade aqui nessa escola, porque é uma escola que tem mais surdos, não é porque é uma escola que é um exemplo de escola de surdos, porque às vezes dá impressão que é uma escola modelo, mas não é, porque escola não é modelo, todo lugar tem problema se a gente vê que tem alguns problemas aqui que não deveriam estar existindo, porquê tem problemas que já são resolvidos em outros outras escolas já há séculos já né, então tem problemas na escola aqui que eu percebo que já poderiam ter sido resolvidos, por exemplo a questão de comunicação e de informação para todo mundo, é simples é fácil é só pegar o e-mail,	A participação dos Surdos e a falta de comunicação na escola	Expor a certa emancipação dos Surdos na escola e a deficitária troca de informações dentro da escola	Percebe uma sutil autonomia dos alunos Surdos na escola, mas como a escola apresenta problemas de diálogo e interação, essa emancipação fica prejudicada, pois os profissionais não conseguem repassar informações que poderiam auxiliar na busca de uma escola mais inclusiva.

	é só pegar uma página de uma rede social e qualquer coisa pode ser impresso, ou pode ser, é só isso é uma pessoa só que fique pelo menos responsável uma pessoa só, já não tem agente escolar que está fazendo outra função, essa pessoa poderia então estar responsável pela divulgação de informações na escola, tem que ter uma pessoa pra isso não pode ser todo mundo fazendo tudo, não dá todo mundo fazendo tudo, ninguém faz direito.			
Dos alunos ouvintes e os alunos surdos como você vê essa interação?	De um modo geral eu vejo que a interação é melhor aí em relação por exemplo se fosse com os funcionários ou com os professores. A interação com os alunos mesmo ouvintes e surdos a interação é mais tranquila. Nós temos vários alunos surdos aqui e, ou melhor, alunos ouvintes, perdão, que falam em Libras e tal e que já conversam em sinais e já tem um certo domínio dos sinais pra conversar e entender o surdo. Acho que essa interação é melhor até por causa do coral de libras nem tão não só do coral, mas esses momentos de interação a gente vê no corredor a gente vê em outros momentos, por exemplo, no recreio a gente vê os alunos saindo na hora da saída conversando em língua de sinais, ouvintes, então nós temos não é muito grande não é o número assim tão significativo, mas por exemplo, a gente percebe que há, e que alguns alunos se destacam e alguns alunos têm vontade de saber sobre a língua. Acho que a questão do preconceito acaba sendo assim com esses alunos, tendo o contato, começa assim a diminuir esse	A positiva relação entre alunos ouvintes e alunos Surdos	Comentar sobre a relação entre os alunos Surdos e os alunos ouvintes que sabem Libras	A interação entre alunos ouvintes e alunos Surdos é notória, pois alguns alunos ouvintes já compreendem e utilizam a Libras para interagir com os Surdos

	preconceito essa ideia de que o surdo não interage, que o surdo é nervoso, ou que o surdo não se desenvolve e tal. Isso não tem nada a ver isso o surdo é inteligente o surdo aprende.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta do professor 7 com relação a importância da Libras.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Com relação à escola, que ações você acha que a escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais, você poderia citar algumas ações?	Olha tem ações que a escola realiza eu não sei até que ponto isso é efetivo e de que forma tá sendo conduzida ou que forma vai ser melhor de fazer mas existe. Nós temos um aluno surdo que dá aula de libras para os alunos, para os alunos ouvintes da escola e dá aula para os professores de quarta-feira no ATPC, então nós temos esse aluno surdo que dá aula, mas eu não sei como ele está agora com relação a isso, porque ele começou a trabalhar, mas ele estava dando aula para os outros alunos ouvintes e para os professores, de Libras, mas eu não sei quanto é efetivo isso. Por quê, porque quando ele ensina libras ele ensina numa perspectiva de vocabulário e não se aprende língua de sinais ensinando vocabulário na verdade não se aprende língua só ensinando vocabulário você aprende língua em situações comunicativas reais, em situações comunicativas assim significativas que a gente aprende a língua usando essa língua, daí você tá aprendendo. o que ele precisava, ele precisava de um espaço com os professores especialistas e intérpretes para auxiliá-lo em como ele pode estar trabalhando com este curso, porque ele não é, ele não tem formação na área de educação. Ele é um menino do ensino médio, mas precisava de orientação e quem deveria estar olhando para isso, não só para a educação especial que é a mediação, como eu disse então, quem deveria estar olhando para isso é a coordenação pedagógica, que está vendo o trabalho efetivo com os seus professores. Você	A escola tem ações que ainda são esporádicas e desordenadas	Explicar as ações e porque elas não funcionam como o esperado	Inicia dizendo que a escola tem ações, mas questiona se elas são efetivas e bem orientadas, pois as aulas de Libras oferecidas aos alunos ouvintes e professores por um aluno Surdo do ensino médio, não foi sistematizada de uma forma adequada, inclusive porque o aluno não se reuniu com os profissionais envolvidos na educação especial da instituição (intérpretes e professores da sala de recursos) para discutir as técnicas que utilizaria, portanto sua prática apresenta dificuldades de assimilação das particularidades da língua de sinais. Além disso, o tempo e momento disponibilizado aos profissionais para aprender a língua não é o ideal, pois as aulas ocorrem apenas no ATPC do ensino médio. Quanto ao coral de Libras, esse parece ter se tornado mais um elemento de divulgação da presença de Surdos na escola, do que um momento de aprendizagem para

	está entendendo? Então tudo bem, agora existe, acontece, mas como isso se desenvolve? Eu acho que é muito tímido o resultado não dá, ou seja, não dá o resultado que se espera, por que, porque o curso não é tão adequado. E aí o aluno vai trabalhar e acaba deixando aquilo que já tinha começado, e não são todos os professores que participam do curso porque é só nos ATPCs do ensino médio. E a Professora coordenadora do ensino médio que está fazendo no ATPC dela. Ah, mas está aberto para os outros coordenadores, para os outros professores, está aberto até porque a porta está aberta, mas só até o horário tal, porque a partir de outro momento não está mais, porque como que o professor vai, se ele está em aula ou, se ele está no outro ATPC ou, se ele não vai vir naquele dia, ele vai sair de outra escola pra ele vir aqui, então quer dizer que uma ação mais ou menos é só pra dizer que está tendo e pra falar mais tarde que está tendo o que teve. E o que observo aqui, eu observo que o coral de um modo geral hoje, eu acho lindo eu fiquei maravilhado, até porque eu já vi outras vezes, eu acho que tem que ter o coral, eu entendo que inclusão não é o coral. O coral deve existir, quer dizer é uma atividade, mas não pode ser a única ou melhor dizendo nós temos que ter essas ações, mas conjuntamente com essas ações a gente tem que fazer com que o aluno evoluísse em sala de aula, se o aluno não está evoluindo no aprendizado grande coisa ter um coral e mostrar para o governador do Estado de São Paulo, porque eles vão lá para apresentar. Eles vão apresentar para o governador. E aí? Grande coisa? E o aluno tá aprendendo efetivamente Será que eu estou tendo uma política educacional inclusiva da escola?			todos os participantes.
Ok, bom ainda dentro dessa ideia da língua e do aprendizado da língua. Você acha que é importante a língua de sinais na comunicação	Sem língua de sinais o surdo não se desenvolve, porque é a língua primeira dele. Não há possível desenvolvimento pleno, porque se você for pensar no desenvolvimento num sentido mais a dar um desenvolvimento de quê desenvolvimento você está falando o desenvolvimento	A grande importância da Libras no desenvolvimento do aluno Surdo	Explicar a relevância da Libras no desenvolvimento do aluno Surdo.	Sem a língua de sinais não há desenvolvimento do aluno Surdo, porque sua compreensão do mundo depende de sua interação com o mesmo, assim a

entre você e o aluno surdo?	no sentido pleno, linguístico, cognitivo do aluno se desenvolver em todos os aspectos sociais de visão de mundo, você não tem isso no surdo sem a língua de sinais, então se ele está na escola e ele só fala a língua de sinais e não tem língua oral e a língua que ele vai ter acesso ao mundo, então se não tem língua de sinais, esquece o desenvolvimento do surdo pleno, nem mais ou menos, porque o desenvolvimento vai ser muito pequeno e se houver o desenvolvimento, se é que pode ser chamada de desenvolvimento, mas se for chamar é de uma forma muito tímida, eu digo muito sutil a gente não percebe essa evolução do aluno porque não tem desenvolvimento.			Libras é a ferramenta de comunicação que auxilia o Surdo a perceber e a assimilar o seu entorno e a interagir com as pessoas a sua volta, portanto sem a língua de sinais o desenvolvimento do Surdo é muito tênue.
-----------------------------	--	--	--	---

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas do professor 7 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E na comunicação com você? Você acha que ela mais do que auxiliar, falando sobre aprendizagem. Você acha que a comunicação auxilia na aprendizagem?	E aí primeiro então a questão emocional quer dizer o aluno ele já entra para aprendizagem, já se dispõe a aprendizagem de forma diferente, emocionalmente de forma, ah sei lá, psíquica, não sei, mas a postura desse aluno pra essa aprendizagem é diferente de quem não tem língua e vai querer ensinar pra ele, porque mesmo que que ele sinta que a pessoa está disposta a ensiná-lo quem tem língua parece que ele fala, opa, estou no lugar certo, nem tão a língua importante, para isso primeiro emocional, segundo reflete-se de forma significativa na aprendizagem, significativamente na aprendizagem, porque mesmo você não tendo o pleno domínio da língua de sinais, você começa a descobrir como o aluno pensa o aluno usuário da língua e, você começa a usar os recursos que ele dá de notícia da língua, ele dá informações de como	A aprendizagem do aluno Surdo depende da Libras	Explicar como ocorre o processo de aprendizagem do aluno Surdo utilizando a Libras	Inicia dizendo que a aprendizagem do aluno tem questões emocionais que envolvem notar o empenho do professor que lhe ensina utilizando a sua língua natural (a Libras) e que a identificação com o meio auxilia numa aprendizagem mais significativa, pois quando se compreende a língua de sinais consegue entender também a forma de pensamento do aluno Surdo que utiliza os mesmos recursos que os alunos ouvintes, mas só que em outra língua, por isso a importância de um trabalho conjunto entre o professor especialista na disciplina da sala regular e o professor especialista em educação especial da sala de recursos, pois o aprendizado do aluno Surdo só ocorre com o uso da língua de sinais.

	ele pensa naquela língua, que ele usa e, aí você pensa nossa eu não falo língua de sinais como primeira língua, mas entende como o aluno, por exemplo, pensa, ele pensa quando ele vai somar ou quando ele vai, por exemplo, fazer subtração e ele vai ter que partir do número 7, para chegar no 11, ele pensa assim igual ouvinte na verdade, mas ele pensa assim em outra língua ele faz 7, 8, 9, 10 chegou no 11 (faz sinais com as mãos), ele faz o mesmo caminho a diferença é que ele está usando a outra língua, uma outra modalidade de língua, então assim o desenvolvimento é pleno ele tem condições como qualquer ouvinte desde que ele tenha acesso a língua. E aí claro, o professor precisa ter também, porque é muito difícil, você vai interagir com o aluno, mas você não tem o domínio pleno e se você também tiver dificuldade em relação aos conceitos, por isso trabalho conjunto começa na sala de recursos e o professor da sala regular, porque o professor da sala regular especialista na disciplina, que ele dá e o professor da sala de recursos não é formado em todas as áreas, ele tem no mínimo ou pedagogia ou uma psicopedagogia ou uma formação aí mas é do nível da educação especial, ele não tem em português, letras, matemática, história, geografia ele não tem essas formações então matemática tem alguns conceitos que eu não sei, que tem exercício que eu não sei, tem formas que eu não sei e, eu tenho que pedir auxílio pra poder trazer isso para libras para explicar por exemplo, aí a língua de sinais é importante, mas também com outros elementos que influenciam né, mas que sem ela não dá			
--	---	--	--	--

Então na aprendizagem de todos os conteúdos curriculares a comunicação é muito importante?	A língua de sinais da conta de trabalhar com meu aluno em todas as coisas se o aluno tiver a língua, ele e o profissional levando o conteúdo, ele entende.	-	-	A língua de sinais consegue pode ser utilizada em qualquer momento
E para ciências? Quando a gente fala de ciências? A aprendizagem de ciências é facilitada quando há uso da comunicação em Libras?	Ah com certeza, primeiro que assim as pessoas geralmente reclamam que na área de ciências biológicas ou outra coisa não tem sinal ou sinais específicos, porque são o melhor não é só nessas áreas e outras áreas também, mas que não tem sinais específicos. a língua de sinais ela é uma língua que já existe desde quando tem surdo aqui no Brasil, que é a língua brasileira de sinais, mas é uma língua relativamente nova no sentido de a pouco tempo, os surdos tem alcançado os níveis mais altos acadêmicos, ou seja, a gente não tinha surdos, por exemplo, fazendo mestrado e doutorado há um tempo atrás, então hoje nós temos surdos usuários da língua de sinais é isso, nós temos 7 doutores surdos que até mandaram uma carta para o Ministério da Educação, os 7 primeiros doutores surdos usuários da língua de sinais de universidades federais, 5 são só do Rio de Janeiro, uma da universidade federal de santa maria, são sete professores surdos, ou não sei se todos usam a língua de sinais, mas eu sei que alguns tem língua de sinais e eles são usuários de língua de sinais como primeira língua, olha só, olha só, que alcançaram o nível de doutorado, e que são professores adjuntos da universidade. Então nesse caso, a gente percebe que a língua de sinais ela é relativamente nova no sentido de alcançar esses níveis, então tem muitos sinais das várias áreas que as vezes não estudaram aquelas áreas ainda que nós não temos sinais	A língua de sinais tem a versatilidade de abranger todos os conteúdos	Explicar porque a Libras pode abranger todas as disciplinas mesmo sem sinais para todos os conceitos	Inicia dizendo que muitos profissionais da áreas específicas reclamam que não há sinais para conceitos específicos, mas que mesmo a língua de sinais sendo uma língua que existe a bastante tempo, são poucos os Surdos que alcançaram altos níveis de instrução (como doutorado) e, portanto para alguns conceitos a Libras é uma língua nova e os novos sinais precisam ser discutidos pela comunidade surda antes de serem incorporados a língua, porém o uso de classificadores em Libras consegue explicar muitos conceitos cujos sinais ainda não forma incorporados a língua.

	específicos na área disponível em matemática, por exemplo, então esses vocabulários precisam ser elaborados precisa ser pensados na comunidade surda, porque não é só com surdo que a gente elabora sinais e com a comunidade surda, então quando as comunidades surdas do Brasil começam a usar esses sinais e sinais se tornam da língua. E aí precisa elaborar os vocabulários específicos na ciências biológicas especificamente, mesmo sem sinais o surdo da conta de compreender a maioria ou, praticamente todos os conceitos em língua de sinais desde que a gente use os classificadores e, uma estrutura de língua de sinais e não de português feito com as mãos, porque as pessoas se equivocam, tem gente que tem uma formação limitada na língua de sinais e acha que língua de sinais é português feito com as mãos, frase por frase, palavra por palavra e, não é assim a língua de sinais tem uma estrutura própria. Se nós usarmos essa estrutura da forma que o surdo pensa essa língua então de fato a gente tem condições de aprender na área de micro-organismos ou aprender coisas mais específicas como a composição de uma célula. Nossa mas será que tem como a gente ensinar isso para o surdo? Tem.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas do professor 7 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pergunta da pesquisadora	Resposta Professor 7	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então assim, qual o seu conceito de ciência? Você pode falar um pouquinho de como você entende ciência?	O que é Ciência. Eu entendo assim que a ciência seria um campo construído pelo conhecimento humano é um campo de atuação, que tenta buscar respostas para algumas coisas, mas de forma mais organizada então	Ciência como um campo de construção humana	Expor sua opinião sobre a ciência	Inicia dizendo que a Ciência é um domínio de construção do conhecimento humano que tenta realizar essa estruturação de uma maneira mais organizada, sempre

	a ciência de um modo geral traz para nós informações do que a gente já construiu, pesquisa novas coisas e, rebate questões que já estão consolidadas e que não é bem assim, será que está realmente consolidada. Então eu acho que é um campo do conhecimento humano ou construído pelo ser humano com o intuito de trazer para nós benefícios e evolução da vida nesse sentido.			buscando refazer discussões para o aumento do conhecimento humano sobre a vida.
E que relação você tem com esses conhecimentos científicos?	Bom eu entendo que assim sem conhecimento científico, se a gente trabalha assim de forma muito empírica muito no senso comum, então a gente não consegue êxito ou resultados efetivos eu acho que a gente precisa estar em parceria é aquela questão da teoria com a prática, o que as pessoas falam que a teoria na prática não funciona não é bem assim não, é teoria e prática. Eu entendo que a teoria é importante para se consolidar entender, o que está sendo dito por alguém pra ver se realmente aquilo não tem razão de ser em algumas coisas e pode ser que aquilo não funcione para alguns, algumas pessoas ou para algumas estratégias mais ou menos tem em cima quando alguém fala olha essas estratégias, e essas estratégias funcionam, porque foi constatado em pesquisa que os alunos evoluíram dessa forma a gente precisa considerar porque não é qualquer coisa, foi feito por meio de uma pesquisa sistemática foi uma coisa organizada né, não foi então eu entendo assim, pensar que eu preciso ler mais eu preciso estudar mais eu preciso saber mais, o que estão se falando sobre educação especial, porque senão meu trabalho vai ficar muito tímido e eu provavelmente talvez eu não consiga atingir o objetivo, porque um dos objetivos da escola também é trabalhar com a ciência e trazer para os alunos esse conhecimento que a ciência produziu.	A ciência auxilia em um trabalho mais sistematizado e eficiente	Expor que o conhecimento científico é importante para a elaboração de atividades mais efetivas	Inicia dizendo que o conhecimento científico auxilia na produção de atividades mais produtivas e também a realizar estratégias mais eficientes, pois as pesquisas tem a função de auxiliar no cotidiano das pessoas.

Fonte: a autora

APÊNDICE L - Enquadramento dos enunciados da Intérprete 1, separados por assunto

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da intérprete 1 sobre a interação social na instituição.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como você vê essa interação social aqui dentro da escola entre os alunos entre os funcionários e entre os professores? Como você vê toda essa interação? Como é essa interação para você? Como você sente isso?	Hoje eu vejo como algo bem normal eu não achava que isso poderia existir. Foi aqui que eu vi essa coisa mais normal	A interação social como algo trivial	Expor a interação social como algo usual	A interação social dentro da escola está dentro da normalidade, ou seja, os Surdos e ouvintes estão se convivendo bem.
Normal em que sentido?	No sentido de ouvir falar assim de interação do surdo com ouvinte, mas eu não via isso na prática não sei se é porque nesse serviço voluntário o que eu fazia levava a gente muito ao surdo então existia numa escala pequena em grupos, mas numa escala maior eu vejo aqui.	A interação entre Surdos e ouvintes	Explicar porque a interação dentro da escola é vista com surpresa	Ela disse que já havia ouvido falar da interação entre Surdos e ouvintes, mas que não conseguiu enxergar isso em uma dimensão maior do que um pequeno grupo, portanto na escola ela encontrou algo maior.
Então você não conseguia imaginar que isso pudesse existir. Daí quando você veio pra cá você viu?	Isso porque aqui são adultos, crianças, jovens e várias pessoas diferentes interagindo. As crianças aceitam eu vejo a interação eles tentam se comunicar mesmo sem saber Libras de um jeito ou de outro as crianças aceitam e essa interação existe entre os alunos.	A interação entre Surdos e ouvintes é corriqueira	Explicar o que se vê na escola	Na escola existem pessoas de diferentes idades interagindo e aceitando o Surdo, mesmo sem conseguir se comunicar com ele.
Dos professores e os Funcionários?	Também sim eu vejo eles tentam.			O professores tentam se comunicar com os Surdos, talvez sem o uso da Libras
Você chega a ver isso no refeitório também?	Assim normal. Até parece que eles se entendem. Eu acho que eles se entendem. Mesmo sem saber libras de um jeito ou de outro tentam se comunicar. Eu achei bacana eu achei legal isso.	A comunicação precária entre profissionais da educação da escola e os alunos Surdos	Expor seu olhar sobre a interação na escola	Explica que, embora não usem a mesma língua, há uma tentativa de estabelecer a comunicação mesmo que precária entre os professores e os alunos surdos e que acredita ser interessante isso.

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da intérprete 1 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E que papel você acha que você desempenha nessa interação? Qual o seu papel?	Eu acho que importante. Eu acho porque é como uma colega me falou isso esses dias. As nossas mãos falam por eles. Nós somos a ligação, da fala deles para outras pessoas. Então o que eles falam realmente é o que nós passamos para outras pessoas, porque eles tentam se entender com outras pessoas, mas o real o que eles falam é o que nós passamos, a interpretação é o que nós passamos para outras pessoas. Então eu acho que esse papel é importante. Nós não falamos, nós não podemos usar as nossas palavras, mas temos que usar as palavras deles. Não é a minha opinião é opinião deles, então eu acho que é muito importante isso.	O papel do intérprete na escola	Explicar como é a atuação do intérprete dentro da escola	Acredita que a contribuição do intérprete é importante dentro a da escola, pois eles são a ligação dos Surdos com aqueles não usam Libras, traduzindo o que eles dizem para o português, pois sem essa interpretação não há um real entendimento do que Surdo diz ao ouvinte e vice-versa
E você vê isso em todos os lugares? Aqui na escola e fora da sala de aula também?	Quanto ao intérprete sim	-	-	-
Isso estou falando do seu papel como você se enxerga nisso?	Eu vejo isso até lá fora, fora da sala de aula, porque quanto ao intérprete, quanto ao meu papel, quanto ao papel de nós intérpretes, é nossa obrigação então isso tem que acontecer na sala de aula e fora, então falando de mim, eu quando eu estou fora da escola se eu vejo um surdo eu procuro passar o que ele está falando, tanto que já aconteceu de estar dentro de um ônibus ou em uma lanchonete ou ver um acidente e saber que é um surdo que ele está passando por aquilo por aquela dificuldade eu procuro socorrê-lo e transmitir o que ele está falando e já aconteceu de pessoas dizerem, mas como você sabe o que ele está falando quem me garante que é isso daí eu falo bom é o que ele	A importância da existência de um intérprete próximo ao Surdo.	Explicar qual é a importância de intérprete na vida de um Surdo	Enxerga como um compromisso sua atuação como intérprete de Surdos, inclusive fora do ambiente escolar, pois auxilia os Surdos traduzindo suas palavras da Libras para o português.

	está dizendo não sou eu que estou dizendo é ele aí a pessoa realmente acredita, porque não tem como eu falar o que eu estou falando, o que eu estou sentindo, porque não sou eu que estou sentindo quem está sentindo é ele, é a situação em que ele está passando não sou eu. Uma vez aconteceu de um menino que estava andando de bicicleta e perdeu o freio e bateu de frente com um muro e na hora do apavoramento ninguém sabia o que fazia e, eu não sabia que o menino era surdo eu saí correndo e ele começou a se agitar e todo mundo achou que era porque ele batido a cabeça no muro. Daí eu gritei chama o resgate e quando o resgate chegou eu já estava de frente com o menino e segurei e perguntei o que estava acontecendo e ele só mexia com as mãos aí na hora eu peguei o que estava acontecendo e, daí eu sinalizei para ele e ele me explicou falando que a bicicleta perdeu o freio e nisso o resgate chegou eu expliquei para o resgate o que estava acontecendo, que a bicicleta perdeu o freio e tal e, aí o rapaz falou também, e como que você sabe eu falei assim, porque ele é surdo e ele me explicou, mas o menino quebrou todos os dentes da boca, então como que você sabe, que ele está falando isso eu falei assim ,porque ele é surdo e não sou eu que estou dizendo isso é ele, porque ele quebrou todos os dentes e não tem como te falar, daí o rapaz olhou pra mim e falou assim é realmente o que ele está sentindo é dor olha para o rosto dele. Daí o rapaz olhou pra mim e falou é realmente, então eu estou te explicando porque, eu não posso te falar da dor dele, eu estou te falando, porque é ele que está sentindo a dor e como é que eu vou te explicar a dor se ele que sente, então se eu estou te falando é porque a dor não é			
--	---	--	--	--

	minha a dor é dele, então ele está me explicando o que está acontecendo, por isso eu sei, então é ele quem está me dizendo então ficou claro e aí o rapaz me falou é realmente você está interpretando o que ele está dizendo, porque realmente então naquela hora eu vi a importância do meu trabalho, porque ali naquela hora ninguém sabe o que fazer, mas como foi na porta da minha casa eu fiquei tanto que depois eu fui na casa da mãe dele e expliquei o que estava acontecendo, aí a mãe dele agradeceu e depois eu fui lá para saber dele o que tinha acontecido depois de todo o acontecido. Eles foram na minha casa e me explicaram e falaram olha realmente aconteceu assim e assim e me explicaram a situação e ele morava a duas quadras da minha casa. Aí ficamos conhecidos. A explicação pra mim tudo o que tinha acontecido que ele colocou aparelho e teve que fazer uma reconstrução do maxilar. Ai foi horrível foi forte.			
--	---	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da intérprete 1 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você já falou um pouco disso, mas vamos tentar separar a relação entre professor funcionário e aluno surdo, como você vê essa relação entre os professores e funcionários e os alunos surdos? Qual a sua visão de intérprete?	Eu vejo uma relação. Fica um pouco difícil, geralmente eles chamam a gente. E a primeira coisa que eles fazem. Socorro ele sai correndo atrás do primeiro que aparece. A gente está passando no corredor e eles chamam e já pega um de nós. Qualquer um de nós que estiver passando no corredor e for interlocutor, eles seguram e levam até o surdo.	A atuação é requisitada a todo momento	Explicar como sua presença é solicitada a todos momentos	A relação entre professores e funcionários da escola é difícil e a demanda pela presença do intérprete é bastante grande, pois são poucos os que utilizam a Libras na escola.

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da intérprete 1 as questões sobre os alunos surdos e a docente intérprete de Libras.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas
--------------	--------------	-----------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então os professores se o surdo vem conversar com eles ele já pedem ajuda pra vocês?	Então dependendo do caso, se eles conseguirem se comunicar, ou explicar o que estiver acontecendo rápido eles na hora corrigem e fazem alguma coisa, mas se for algo realmente mais complexo ou alguma coisa referente a uma prova ou, algo que aconteceu e eles não sabem alguma coisa importante, vamos dizer assim aí ele chama um de nós mesmo. Na hora eles já chamam e a gente já resolve. Aí as vezes não era algo tão sério, mas como eles não sabiam daí a gente já explica e acaba ali mesmo.	A intérprete de Libras tem uma age em diversos momentos	Expor a situação de trabalho da intérprete	Algumas vezes o professor tenta resolver a situação com o Surdo sozinho, mas na maior parte das vezes é necessário a presença da intérprete, principalmente em situações complexas, como provas ou exercícios, porém como a comunicação é precária entre professor e Surdo, as vezes a circunstância era séria apenas na aparência.
E até mesmo na sala de aula?	Com certeza dentro da sala de aula isso acontece, porque às vezes o aluno ele, porque a responsabilidade é do professor numa sala de aula não nossa, a nossa responsabilidade é traduzir, interpretar o que está acontecendo. Então a responsabilidade pela aula é do professor, ele é o responsável, o aluno é dele, nós não temos essa responsabilidade, Então o que acontece, temos que passar para o professor, mas tem certas coisas que nós temos que interferir então tem coisas que às vezes parece ser um problemão e depois que a gente vê não é.	Na sala de aula, o intérprete só interpreta	Explicar a atuação do intérprete dentro da sala de aula.	Dentro da sala de aula, o responsável pela sala é do professor regente da disciplina e o aluno é dele, portanto, a atuação do intérprete deve ser de interpretar a aula que está ocorrendo, no entanto muitas vezes o intérprete é obrigado a interferir para auxiliar o Surdo.
E você sente que o professor trabalha em conjunto com você para tentar preparar alguma aula, ou para fazer alguma aula diferenciada? Existe algum professor que pediu isso a você? Aquele que você acredita, cuja disciplina use os materiais diferenciados para os alunos surdos?	Olha eu posso citar duas assim bem específicas, porque acontece comigo é a Professora de geografia. Ela é bem prática. Ela é bem clara ela fala pra mim, eu vou falar sobre isso, isso, isso eu vou explicar sobre isso e a de português também ela chega explica e depois ela continua o assunto, então essas duas são assim bem claras, mas no meu caso a minha aluna ela tem um déficit de atenção, então eu estou mais ali por isso, porque ela ouve um pouco, mas eu	A atuação do intérprete não fica restrita a interpretar	Expor a sua própria situação em sala de aula.	Exemplifica a situação de duas Professoras, cujas atuações são em conjunto com a intérprete, inclusive trocando ideias. No entanto, explica que a aluna que acompanha tem déficit de atenção e necessita de uma atuação mais próxima da própria intérprete, obrigando-a a agir de um modo mais firme para que esta não perca a concentração.

	tenho que ficar pegando no pé, porque ela se distrai e ela se dispersa muito rapidamente. Então o meu caso com ela mais é esse. Agora ela gosta muito de se distrair então eu tenho que ficar pegando no pé dela, mas por isso, mas ela é, ela não ouve de um ouvido e tem uma perca do outro ouvido.			
Então essa é uma das suas funções lá dentro que é interpretar né? Mas a relação com conteúdo pertence ao professor certo que tem que saber tudo. E você falou desse auxílio para poder ajudar as Professoras. E entre os alunos ouvintes e os alunos surdos como você vê essa relação?	Então é bem normal. Eles não dão muito trabalho. Eles fazem muito barulho, mas a sala é deles né.	A atuação fica restrita a aluna Surda que atende		Embora os alunos ouvintes façam desordem na sala, a intérprete tenta não interferir.

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da intérprete 1 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
E você acha que eles interagem bastante?	Interagem. Eles procuram brincar conversar, mas assim daquele jeito quase nenhum sinal, mas eles vêm falar comigo e falam com a aluna e assim vai passando e vão tentando.	A interação entre alunos Surdos e ouvintes	Expor como ocorre a interação	Existe uma interação entre os alunos, mas essa parece ser pouco produtiva, embora os alunos tentem utilizar alguns sinais sugeridos pela intérprete
E você vê no intervalo o que acontece?	Eles brincam normal. Cutucam e puxam, bem normal.	-	-	Brincadeiras espontâneas e despretensiosas entre os alunos

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da intérprete 1 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você poderia comentar algumas das ações que a escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais?	Tem um aluno surdo que uma vez por semana, ele ensina os outros alunos, então tem uma sala é uma hora por semana ele ensina os outros alunos. Os alunos que aceitam.	Curso de Libras oferecido aos alunos	Expor como é o curso oferecido	Explica que um aluno Surdo oferece o curso de uma hora por semana.

Como isso aconteceu você lembra?	Foi avisado na sala de aula e esses alunos foram aparecendo. E com isso eles foram aprendendo agora tá um pouco parado isso, por que esse aluno que tá ensinando, o que que aconteceu. Ele começou a trabalhar, então deu uma parada e agora chegando ao final do ano, mas a ideia da escola é continuar e talvez no ano que vem dar continuidade a esse projeto.	Ação de escola	Explicar como surgir o curso	Houve um aviso nas salas de aulas com respeito ao curso de Libras que seria oferecido por um aluno Surdos aos alunos que quisessem comparecer, porém o aluno conseguiu um emprego e não deu continuidade ao curso, porém a intérprete acredita que a escola tem anseio de continuar esse projeto.
Ok, se eu perguntar para você qual a importância que a língua de sinais tem na comunicação dos alunos surdos com você o que você poderia falar?	A importância para o aluno surdo?	-	-	-
Isso da língua de sinais na comunicação com você?	É grande viu, porque quando o aluno surdo não sabe a Libras, a nossa... Nós temos a obrigação de ensiná-lo, a gente tem que ensinar Libras para ele, porque ele vai ter que interagir no mundo e se ele não souber Libras ele também vai ficar perdido no mundo, porque a Libras é língua brasileira de sinais em qualquer lugar ele vai poder se comunicar com outras pessoas, porque essa língua vai ser usada em todo Brasil, então onde ele chegar ele encontra uma plaquinha ou ir encontrar um outro intérprete ou, outra pessoa ele vai saber se comunicar, então importância é essa. Então se ele não souber se comunicar em Libras ele não vai se comunicar com outra pessoa também em outro lugar, então a importância é essa se ele não souber a nossa capacitação é ensiná-lo. E se ele souber ele vai saber se comunicar comigo e com outro intérprete qualquer de qualquer outro lugar também.	Importância da Libras na comunicação	Explicar a importância da Libras na comunicação do Surdo	Diz ser importante porque se um Surdo não sabe Libras a interação deles com o mundo será muito pequena, pois não poderá se comunicar com outro Surdo e nem como outro intérprete, ou mesmo compreender os sinais expostos em locais públicos.

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da intérprete 1 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas
--------------	--------------	-----------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você acredita então que a comunicação dentro da escola auxilia na aprendizagem?	Muito totalmente, por que vai auxiliar tanto dentro como fora da escola	A comunicação é importante em diversas situações	Expor o quanto é importante a comunicação	Acredita que a comunicação ajuda na aprendizagem, tanto dentro como fora da escola
Então você acha que a gente aprende se comunicando?	Sim, a gente só aprende se comunicando, ou melhor a maior parte é se comunicando. Eu aprendi Libras com surdos e fui fazer no centrinho só para ter o certificado porque a minha aprendizagem foi com os surdos	A comunicação e a aprendizagem estão intimamente relacionadas	Explicar qual a relação entre aprendizagem e comunicação	Acredita que só se aprende se comunicando, pois ela aprendeu Libras com Surdos e só depois foi fazer curso somente para obter certificação.
Você acha que na aprendizagem de qualquer disciplina de qualquer conteúdo?	Eu estou começando a aprender que sim. Eu tô aprendendo dentro da sala de aula.	A comunicação auxilia em qualquer aprendizagem	Expor sua experiência	Diz que começa a verificar que a aprendizagem de qualquer conteúdo precisa de comunicação
E com relação à aprendizagem de ciências? O que você tem a me falar? O que você vê nas aulas de ciências? A comunicação e a importância na aprendizagem de ciências?	Eu tô aprendendo bastante ciências. Eu acho muito importante de verdade. A Professora de ciências é muito boa faz tempo que estou fora da escola eu estou voltando agora é o que eu te falei eu era esteticista, estou dentro da escola agora e, agora também na faculdade, então muita coisa eu estou relembrando agora. E a Professora de ciências na sala em que eu estou, ela ensina muito bem eu falo que só não aprende quem não quer, porque ela explica muito bem e eu pego muito no pé dessa menina que eu sou intérprete. Ciências hoje ela anda com várias coisas né, com a medicina mesmo nessa parte do professor eu acho que é Ciências hoje ela está ligada a quase tudo né.	A própria intérprete diz estar aprendendo Ciências	Expor sua experiência com a intérprete	Relata que aprende bastante Ciências e que mesmo ela tendo estado fora da sala de aula por um tempo, acredita que a Professora de Ciências ensina muito bem. Ela diz que exige bastante da aluna que acompanha e que as Ciências ela está em muitas áreas, inclusive a medicina.

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da intérprete 1 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pesquisadora	Intérprete 1	Enquadramento das respostas
---------------------	---------------------	------------------------------------

		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Fala um pouco que relação você tem com esses conhecimentos científicos?	Bom, eu antes da estética, porque a estética também tem um pouco de ciências né. Eu, porque eu tenho sabe um pouco de biologia, eu tenho que saber um pouco como eu mexo com a estética, eu tenho que saber o que vai no produto a parte de química, o tipo de pele então várias coisas, mas hoje também a parte das ciências ela mexe com a parte de estudos, de onde nós viemos para onde nós vamos, quem nós somos, então as ciências vai muito de onde veio não sei no ser humano, então isso também muito me interessa a ciência ela não é muito ajustável ou a pessoa acredita na criação ou na evolução, então eu sou a favor da criação e a ciência é a favor da evolução. Então esse contraste ele me atrai. mas eu não acredito na evolução, eu sou a favor da criação, mas eu acho interessante isso de saber desse prós e contras do pensamento das pessoas.	O conhecimento científico utilizado em diversos locais	Expor sua experiência com a Ciência	Inicia dizendo que antes de ser intérprete é esteticista e que nesta profissão ela necessita compreender alguns conceitos de biologia e química, mas dentro da escola ela percebeu que a Ciência ela discute outros conceitos como a origem da vida e a evolução dos seres vivos, sendo que esses conceitos contradizem aquilo em que ela acredita, pois para ela a teoria criacionista está mais correta, porém comenta que a acredita ser interessante essa discussão entre os conceitos.

Fonte: a autora

APÊNDICE M - Enquadramento dos enunciados da Intérprete 2, separados por assunto

Quadro 5.1 – Classificação das respostas da intérprete 2 sobre a interação social na instituição.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como você vê a interação social entre os alunos os professores e os funcionários aqui na escola?	Com os alunos a interação, eu vejo que é maior né, assim, os alunos ouvintes eles tentam se aproximar né. Os surdos como aqui têm uma comunidade surda mesmo na escola, eles se sentem mais à vontade. Alguns professores ainda mantém uma certa distância não tem tanto contato assim com os alunos, mas também já tem sido quebrado isso daí, a maioria tenta se comunicar tenta se aproximar deles e os funcionários também quando eles tem alguma dúvida e eles sempre perguntam e procuram a gente (docentes interlocutores) né. Nós somos intérpretes pra ter esse contato como os surdos.	A interação social de forma habitual	Explicar como ocorre a interação social na escola	A docente relata que a interação com os alunos Surdos acontece em sua maior parte entre os alunos ouvintes, pois como existe uma pequena comunidade surda na escola, os alunos conseguem interagir com maior facilidade. Alguns professores ainda apresentam dificuldade em interagir com os alunos Surdos, mas essa situação tem se modificado aos poucos e quando precisam se comunicar com os alunos Surdos, os funcionários e professores recorrem aos intérpretes presentes na escola.

Fonte: a autora

Quadro 5.2 – Classificação das respostas da intérprete 2 a questão sobre sua participação na interação social da escola.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Você já falou um pouco, mas é somente para especificar. Que papel você acha que você desempenha nessa interação?	Eu vejo como mediação mesmo, porque eu vejo que o intérprete não pode criar uma dependência no aluno surdo né, então o Surdo pode falar que só quando o intérprete está presente que essa interação vai acontecer, eu vejo de uma forma diferente, pois eu acho que a gente precisa mediar, mas também criando situações pra ele ter essa autonomia em procurar o professor, procurar os colegas no momento em que ele quiser perguntar alguma coisa ou tirar alguma dúvida né, independente da presença do intérprete.	O papel do intérprete é mediar	Explicar como entende o papel do intérprete	A docente diz que o seu papel na escola é de mediar a interação entre o aluno Surdo e o restante da comunidade escolar e que se faz necessário para buscar uma autonomia do aluno Surdo, diminuindo a dependência do intérprete.

	Pra ele não ficar assim, não se sentir preso, não se sentir dependente mesmo de mim né, enquanto profissional.			
Então seria mais uma mediadora, mas tem que deixar ele Livre.	É criar outras situações pra ele ter mais liberdade, pra ele chamar o professor, quando ele quer tirar alguma dúvida fazer brincadeiras com os colegas nessas situações do dia a dia mesmo.	A autonomia do aluno Surdo	Expor sua opinião com relação a autonomia do aluno Surdo	Dentro da função do intérprete estaria o compromisso de criar situações com maior liberdade para que o Surdo possa agir como deseja.
E você vê isso acontecendo aqui na escola?	Acontece, como eu falei vem melhorando ao longo do tempo, mas hoje esse aluno que eu acompanho, no começo ele era uma criança assim bem fechada reservada e, agora ele já está se soltando mais né, então ele brinca com os colegas, alguns colegas que aprenderam sinais. Eu já vi uma interação acontecendo assim, também no momento de trabalho em grupo que ele teve que soletrar uma palavra e o colega entendeu e escreveu então, assim eles acabam se ajudando né, sem que eu precisasse interferir, mas porque houve essa aproximação assim, né então eu acho que isso é importante, porque mesmo no dia em que eu não puder estar ali perto ou precisar faltar eu sei que tenho os colegas que vão sentar então ali onde eu costumo sentar assim, próximo a dele e falou não pode deixar que eu ajudo. E aí eles acabam tentando ajudar de alguma forma.	A maior independência já ocorre.	Descrever situações de maior liberdade do aluno Surdo	Ela relata que os Surdos têm tido um comportamento mais ativo dentro da comunidade escolar e que alguns alunos ouvintes tem aprendido a língua de sinais, pelo menos os sinais das letras, sendo possível a compreensão por soletração e, também alguns alunos ouvintes da sala de aula tem se disposto a auxiliar em trabalhos em grupo o aluno Surdo.
Olha que legal isso, eu vi um pouco disso dele tentando conversar	Às vezes eu falo igual nesse momento, vai eu preciso sair para ter alguma reunião ou algo assim e ele já falou, não, pode ir que eu vou ajudar eu ajudo ele. E assim vamos.	-	-	-

Fonte: a autora

Quadro 5.3 – Classificação das respostas da intérprete 2 as questões sobre sua atuação como profissional na escola.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então vocês são bastante requisitados pra que essa interação realmente aconteça? Você acha que são importantes pra isso?	Bastante requisitados, creio que sejamos importantes sim, porque a gente acaba mediando esta comunicação. Algumas pessoas aprenderam alguns sinais básicos, mas às vezes eles querem falar alguma coisa na direção ou até mesmo na cantina na merenda né e a gente acaba mediando essa interação	O papel do intérprete	Explicar o papel do intérprete	Ela relata que os intérpretes são bastante requisitados na escola e que a mediação ocorre em diversos momentos, principalmente quando o Surdo precisa fazer um pedido na direção ou até mesmo na cantina.
Mas é sempre isso? Às vezes acontece sem a interferência de vocês?	Isso. Às vezes sim, eles tentam se comunicar. E aí as vezes perguntam ou pedem ajuda para algum amigo ou pra quem estiver mais próximo do aluno.	As tentativas dos Surdos	Exemplificar as tentativas do Surdo	Os surdos até tentam se comunicar, porém necessitam sempre de ajuda de alguém que conhece a Libras, seja o intérprete ou o colega.

Fonte: a autora

Quadro 5.4 – Classificação das respostas da intérprete 2 as questões sobre os alunos surdos e a docente intérprete de Libras.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Então acaba interagindo apenas com o aluno que você atende? Ele interage com os outros surdos também?	Isso é assim mesmo.	A interação do Surdo	Resumir o assunto	Relata brevemente que sua interação com os Surdos na escola se resume ao aluno Surdo que atende.

Fonte: a autora

Quadro 5.5 – Classificação das respostas da intérprete 2 as questões sobre a participação dos alunos Surdos na escola.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom agora só para especificar como você vê essa relação entre os professores e funcionários da escola e os alunos surdos?	Eu acho que melhorou muito como eu já falei os professores procuram conhecer também a Libras, a língua de sinais, procuram se comunicar com eles, então hoje em dia os alunos têm mais espaço na escola pra essa interação. É mais no começo foi mais difícil né, até aceitar e te entender e até ver a inclusão de uma forma diferente, então eu acho que hoje em dia melhorou muito.	A interação com os Surdos é mais habitual	Expor qual o tipo de interação entre Surdos e profissionais da educação na escola.	Ela relata que a interação melhorou se comparada com os momentos anteriores e que os professores procuram conhecer a Libras e os alunos Surdos tem mais oportunidades de participação na escola

Mas você fala em relação a essa escola? Você está aqui na escola quanto tempo?	Eu estou há um ano e meio mais ou menos, eu comecei o ano passado.	-	-	-
E do ano passado pra esse, você já viu uma diferença?	Eu acho que a cada ano assim vem crescendo, vem aumentando, mas assim melhorando, porque tem as atividades culturais e esse ano também começou a atividade do teatro, também foi uma atividade diferente que eles nunca tinham feito. E aí isso acabou promovendo a interação com as Professoras da sala de leitura que também ainda não tinha quando aconteceu. Então esse ano foi um ano que eles tiveram assim essa oportunidade de estar nos ensaios ali elas explicando, elas mostrando pra eles o que precisava fazer em alguns momentos a gente precisava interferir e, noutros ela ia fazendo gestos de alguma forma para que eles vissem e entendessem, né. Então isso acabou, conforme vai passando os anos, vai aumentando né, eles vão ganhando mais espaço.	As atividades extraclasse na escola	Explicar quais as atividades extraclasse auxiliaram o Surdo a se tornar mais ativo na escola	Ela relata que está a escola a um ano e meio na escola e ela vê uma maior interação com os alunos Surdos na escola e, ela acredita que talvez seja pelas atividades extraclasse que são realizadas, principalmente pelo teatro que exigiu um maior contato com as Professoras do projeto sala de leitura.
E agora você já falou mas tem algum outro exemplo que você queira dar sobre essa interação entre os alunos ouvintes e surdos em termos de intervalo que você tenha visto o mesmo na merenda alguma situação?	Ele acabou assim, tendo muitos laços e, assim de amizade e aí eles brincam na hora do intervalo até às vezes brincadeiras que as vezes são ofensiva aí, ele pede desculpas se vem reclamar e falou olha hoje ele fez isso daí ele vai pedir desculpas sabe se tiver alguma situação de conflito eles comentam também a ele, hoje ele dividiu o lanche comigo esse tipo de interação acontece.	A interação entre os alunos é notável	Expor sua observação a respeito do contato do aluno Surdo com os ouvintes	Ela relata que o aluno que ela auxilia na interpretação criou diversos laços de amizade e que nessa interação ele aprende as regras de convivência com seus colegas.

Fonte: a autora

Quadro 5.6 – Classificação da resposta da intérprete 2 com relação a importância da Libras e as ações realizadas pela escola para o aprendizado da língua.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Além do coral e do teatro tem alguma outra ação que você acha que a escola realiza para que os alunos aprendam a língua de sinais?	Então não sei se ainda está acontecendo, mas tinha aula de Libras com o aluno surdo do Ensino Médio, mas ele começou a trabalhar então eu não sei se ele continua dando essas aulas ele dava na terça-feira à tarde para os alunos e de quarta-feira durante o ATPC para os professores, ele estava ensinando Libras em dois horários. Então aí acabava dando acesso aos outros também para aprender a Libras.	Curso de Libras na escola	Explicar como era o curso de Libras	A docente relata que não tem muitas informações sobre o curso de Libras que era oferecido por um aluno do Ensino Médio aos alunos ouvintes e aos professores, mas esse curso parece ter se encerrado, porque o aluno não está mais comparecendo por compromissos profissionais fora da escola.
E os alunos aprendendo com outro aluno né?	Isso.	-	-	-
Você acha que essa iniciativa foi dos alunos mesmo?	É, esse aluno ele é mais maduro, assim ele já tem uma vivência diferente dos outros alunos Surdos, então ele é muito assim como eu posso falar, ele se dispôs a ensinar ele acha importante ele gosta, ele tem essa didática como professor Surdo, então ele que quis ensinar e achou importante e, achou que ele poderia estar fazendo isso, mas como ele começou a trabalhar e os horários dele não são fixos né, cada semana muda a escala. Então eu não sei se ele continuou.	Curso de Libras na escola	Explicar como se iniciou o curso	Ela relata que o curso de Libras foi uma iniciativa do próprio aluno Surdo do ensino médio e que este tem uma certa desenvoltura para lecionar.

Fonte: a autora

Quadro 5.7 – Classificação das respostas da intérprete 2 sobre a relevância da comunicação e a aprendizagem.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Bom, só para deixar mais claro, você poderia falar qual a importância que a língua de sinais tem para comunicação dos alunos surdos com você?	Então, a língua de sinais é a primeira língua da pessoa surda né, então assim é uma língua que precisa ser respeitada, é uma língua que já foi reconhecida, então é a forma que eles se sentem melhor, se sentem mais à vontade para se comunicar, ou para se expressar bem, então é importante por isso porque	A importância de o Surdo aprender a Libras	Explicar a importância da Libras para o Surdo	A docente relata que a língua de sinais é a primeira língua para o Surdo e que sua importância deve ser reconhecida, pois através dela os Surdos conseguem se expressar de uma melhor forma e que, no caso do aluno que acompanha, a Libras o auxiliou a se exprimir de uma forma a ser entendido

	o oralismo, ele não dá conta de passar tudo isso e, toda essa informação, então eles tem o domínio da Libras, tem alguns alunos que no caso desse aluno mais novo, que ele não tem o domínio tão grande quanto os outros, mas o fato de ele estar aqui na escola onde tem outros surdos também fez com que ele crescesse e o vocabulário dele também melhorasse. Porque ele chegou assim aqui com a Libras difícil, ele não gostava de fazer soletração em alguma atividade que precisasse, ele não gostava muito de sinalizar ele tinha vergonha. E hoje não, assim eu vejo que o contato com os outros surdos e ali comigo também ele já ampliou o vocabulário e já está conseguindo se expressar melhor, porque a língua de sinais permite isso né.			pelos outros Surdos presentes na escola. Outro fato que ela descreve é que o aluno que acompanha se sentia constrangido em usar a língua de sinais, mas que com o tempo e o uso juntamente com ela e os colegas também Surdos perdeu o embaraço e ampliou seu vocabulário.
E você acha então que a comunicação é importante para aprendizagem?	É, é muito importante, porque pela... E se comunicando que ele vai passar realmente se ele entendeu o que ele aprendeu. E vai buscar os questionamentos tirar as dúvidas que ele tem tudo através da comunicação. Se ele não conseguir se comunicar podia passar batido isso ali, as informações, então a comunicação é importante, é fundamental.	Importância da comunicação	Expor sua opinião sobre a importância da comunicação.	Ela entende que a comunicação proporciona informar ao outro o que compreendeu do que foi dito a ele, além de realizar questionamentos que busquem uma melhor percepção do diálogo.
Agora só compreendendo mais. Você acha que essa comunicação é importante para todas as disciplinas, até das ciências, você acha?	Sim para todas. também para ciências, porque em ciências eu posso relatar uma experiência que o professor fez a do feijão né, a de plantar o feijão, então eles foram no laboratório foi uma coisa que eles viram e, eles tinham que relatar o que eles estavam vendo se mudou a cor se cresceu e se morreu, então cada aula que eles iam, eles iam relatando por escrito e também falando o que eles estavam vendo de mudança e ele também fez isso através da Libras né,	Exemplo de comunicação na sala de aula	Exemplificar uma aula em que a comunicação foi importante	A docente acredita que a comunicação foi importante para todas as disciplinas e relata uma situação na aula de Ciências em que o diálogo foi importante para a discussão das diversas possibilidades de respostas ao problema ocorrido concretamente.

	então o professor perguntava para ver o que ele achava, se está igual se a cor mudou e, ele ia explicando que tinha que colocar água depois ,quando morreu o porquê morreu então todas essas informações foram passadas e ele pode ver ali né, no concreto e discutir com os colegas na sala, né. A comunicação aí também foi muito importante por coletar o ponto de vista de cada um o que cada um estava vendo na sua experiência.			
E você acha então que os professores eles fazem metodologias diferenciadas por conta de ter um aluno surdo na sala?	Também, e não só pela questão do aluno Surdo, porque estava sendo uma estratégia assim que favorece todos os outros alunos, né do uso de imagem assim, mas é principalmente pelo aluno surdo, porque a gente está sempre pedindo né e dependendo do assunto traz uma foto uma imagem uma figura né, que possa explicar melhor pra ele poder visualizar né, então eu acho que eles têm se esforçado sim e se empenhado para isso.	As motivações das estratégias de ensino	Expor sua opinião sobre a justificativa de diferentes estratégias de ensino	Ela relata que as diferentes estratégias de ensino são utilizadas principalmente por conta das solicitações feitas pelos intérpretes, para proporcionar um melhor entendimento ao aluno Surdo.
Você observa essa interação entre professor com você, nessa troca de informações. Olha como eu posso fazer para trabalhar isso? Você percebe?	Sim eu percebo, alguns comentam, ah eu vou dar prova e eu vou trabalhar daí ela fala os tópicos que vão ser avaliados. E como eu posso fazer para ele, o que você acha tem algum material que eu posso trazer para ajudar. Isso é ainda não são todos os professores.	As trocas de informações entre intérpretes e professores	Relatar como ocorre a troca de informações	Ela relata que nem todos os professores pedem sugestões para suas aulas, mas alguns o fazem.
Você poderia citar quais são as disciplinas?	É uma das disciplinas assim, que eu mais encontro esse apoio, e ela vem assim falando diretamente com ele. As ciências também que tem muitas coisas que ela desenha na lousa então ele olha ele fala e ele está observando ali também aquela imagem. Português também já aconteceu também uma produção de texto a Professora trouxe as gravuras então não tinha nada escrito eram só as imagens pra ele	Disciplinas que mais se atentam ao aluno Surdo	Ressaltar a importância de se refletir sobre a presença do Surdo na sala de aula	Ela relata que a disciplina de Ciências parece ter características que auxiliam o aluno Surdo a acompanhar de uma maneira mais tranquila a aula, por conta da Professora utilizar bastante desenhos feitos na lousa e também a disciplina de Português que se preocupa em eventualmente trazer imagens para auxiliar na produção de textos.

	produzir o texto e dar sequência ao que estava acontecendo naquelas imagens. E aí ele conseguiu fazer, porque se for só ali o texto em português já é mais complicado, porque aí eu tenho que explicar passar toda a ideia primeiro né. E na hora da produção é mais difícil assim de ele organizar as ideias fica mais complicado.			
--	--	--	--	--

Fonte: a autora

Quadro 5.8 – Classificação das respostas da intérprete 2 sobre sua relação com os conhecimentos científicos.

Pesquisadora	Intérprete 2	Enquadramento das respostas		
		Unidade temática	Propriedade funcional	Plano composicional
Como é a ciência é para você? Que relação você tem com os conhecimentos científicos?	A ciência, então na minha época de escola assim falando eu acho que ainda era passado de uma forma mais básica sim, eu vejo que hoje é a tecnologia ou outros meios que os professores têm assim de estar passando de uma forma mais gostosa mais prazerosa, porque aí os alunos podem fazer pesquisas na internet. Tem muitos vídeos que às vezes o professor pode usar ao longo da aula, então eles podem visualizar em casa também esses vídeos, que falam sobre poluição, a poluição da água do solo, os ciclos da vegetação, porque antes como não tinham esses recursos, às vezes tinha o texto, mas o professor não conseguia mostrar né pra gente assim, eu acho que vai da didática do professor também né, porque aqui tem a praça a Professora ela leva os alunos lá para ver para observar a vegetação para observar o solo então sempre partindo para uma coisa mais concreta entendeu? Tirando, saindo da sala de aula e eu acho que fica mais prazeroso também eles aprendem mais fácil.	Ciência como disciplina	Explicar seu entendimento sobre Ciência	Ela relata que atualmente os professores tem mais recursos para tornar a aula de Ciências interessante, mas que tudo depende do professor e como ele lida com os recursos, pois mesmo um espaço externo pode tornar a aula mais atrativa e prazerosa.

Fonte: a autora